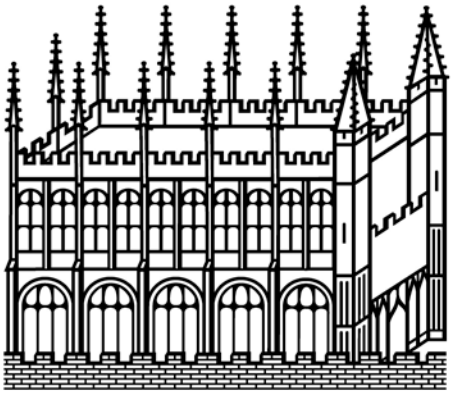


Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

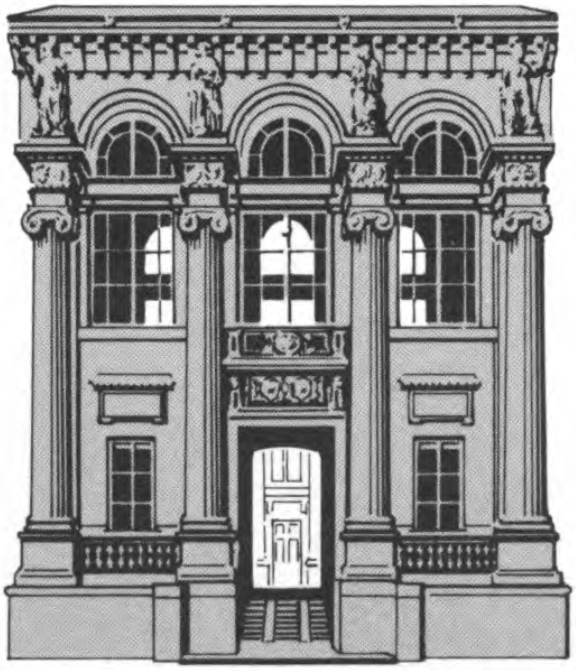
This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.

TAYLOR
INSTITUTION
LIBRARY



ST. GILES · OXFORD
REP. LAT. 4979

Maria Isa-

bel Moreira

do Valle

1909.

A baroneza de Amor

ROMANCE

POR

Joaquim Manuel de Macedo

Publicado em folhetins

POR

"O PRIMEIRO DE JANEIRO"

VOLUME I

PORTO—1907

TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
- 1 FEB 1985
OF OXFORD
LIBRARY

PRIMEIRA PARTE

O DESPENHO

I

Desasisada

Em uma noite de abril de 1872 o teatro de S. Pedro de Alcantara estava em festa de caridade a beneficio de estimada instituição de caridade. Não havia cadeira nem banco de plateia em vaga, e os camarotes occupados todos ostentavam principalmente nas duas primeiras ordens, as mais bellas e mais ricas representantes da elegancia e do luxo da cidade do Rio de Janeiro.

A formosura ou a lindeza de muitas senhoras, o primor das «toilettes», aquelle certo enlevo de reunião numerosa; mas quasi toda de amigos e conhecidos, e o sentimento da beneficencia davam realce e alegria á festa, embora pouco interesse excitasse a comedia que se representava.

Pouco a pouco, porém, esse contentamento suave e geral começou a indiciar-se perturbado por impressões menos agradaveis e á similhança do mar bonançoso e sereno que passa a encrespar suas ondas, a assembleia principiou a tomar-se de desgostoso reparo, que cada vez mais se foi propagando.

Logo no segundo entre-acto, diversos grupos de espectadores das cadeiras e da plateia conversavam, fitando todos o mesmo ponto, para onde tambem frequentes convergiam os binoculos que de alguns camarotes se lançavam.

O objectivo de tantos observadores era um cama

rote de primeira ordem, e dos mais proximos á scena, no qual se achavam a baroneza de Amorotahy e o conselheiro Adeodato de Barros que a acompanhava.

Como uma e outro pertenciam á alta sociedade da capital, e n'ella brilhavam por sua grande riqueza, e pelo ostentoso luxo do seu tratamento, quasi todos os conheciam e declinavam seus nomes.

O barão de Amorotahy ainda não tinha chegado ao teatro.

Uma senhora póde sem a menor inconveniencia apparecer em publico e ainda em reuniões, trazendo por cavalheiro bom amigo da confiança de sua familia ou de seu marido; além disso a baroneza era muito joven, não contava por certo mais de vinte e dous a vinte e cinco annos, e o conselheiro Adeodato não tinha menos de sessenta, embora com apuros de elegancia e com laboriosos artificios procurasse dissimular os vestigios de dous lustros já caídos sobre a marca de meio seculo.

Mas era pena!

A baroneza annullava o direito da compania innocente do amigo de confiança, e despedaçava a egide da desproporção da idade, que podia affigural-a neta do velho, que se sentava a seu lado.

Alegre e sem leve apparencia de preoccupação da ausencia do marido, espansiva e descuidosa, como menina collegial travessa que em hora de recreio abusa do somno ou do desmazelo da directora, essa joven senhora casada ousava indiscreta e garrida dar em face do publico, sem respeito ao publico e sem apreço de sua reputação, o espectaculo do galanteio mais franco e em todo caso tristemente inopportuno com o vaidoso conselheiro.

Era licito julgal-a possessa da mais desgraçada paixão, ou infrene namoradeira de peor gosto.

Apuravam-se ambos em mutuos requebros, o conselheiro, e ella, o velho e a joven, o avô e a neta possiveis pela differença de idade; mas para aggravação do repreensivel procedimento nem havia ao

menos da parte da baroneza aquella dissimulação temerosa em que ainda se annuncia o pudor a estremecer, nem aquelle vexame da senhora apaixonada que mal se defende, e que todavia não se manifesta rendida: pelo contrario estouvada e impavida era ella a mais audaciosa; porque ás vezes chegava a indicar-se provocadora.

No escandalo d'esse namoro ostentoso negrejava a sombra de um pensamento adultero.

A baroneza exhibia o frio testimunho de que nem era casta, nem sabia ser cauta.

Tão triste offensa do dever, e tanto olvido da circunspecção excitavam reparo e murmurações.

A's dez horas da noite uma senhora já idosa, de presença respeitavel e de fisionomia e modos que annunciavam doçura e bondade, entrou no camarote da baroneza, e passados breves minutos de conversação, pediu amigo favor que fez saír por momentos o conselheiro Adeodato de Barros.

O pedido fôra apenas pretexto com o fim de apartar o galanteador da baroneza, e a sós com esta a nobre senhora, tendo o sorriso nos labios para dissimular a natureza da sua confidencia, fallou-lhe brandamente e em voz baixa, e como a dizer-lhe um segredo innocente e brincão.

As faces da baroneza abrazaram-se em fogo involuntariamente acendido.

A digna e circunspeta senhora, notando a commoção traiçoeira, murmurou immediatamente quasi ao ouvido da joven inconsiderada:

—Cuidado, menina! muitos olhos estão reparando em ti.

A baroneza dominou-se de subito: sua fronte que se ia encrespando, alisou-se logo; seus olhos radiaram, e imprudente, sem ao menos lembrar que podia ser ouvida pelas senhoras e pelos cavalheiros dos camarotes contiguos, disse em voz natural e bem distinta:

—Reparam, minha tia?... tanto melhor: é que mereço attenção.

A tia da baroneza abaixou os olhos, e logo depois, querendo entreter conversação para disfarçar seu proprio desgosto, perguntou em tom não mais abafado:

—Achas toleravel a comedia?

A joven senhora respondeu com insistente indiscrição:

—A comedia? ah! sim: não penso que seja má; porque nos intervallos dos actos tem-me parecido muito interessante.

—Tu gracejas sempre; disse a tia, fingindo rir.

O conselheiro Adeodato entrou, e deu conta da incumbencia que cumprira.

A nobre senhora que evidentemente acabava de perder seu tempo e seus cuidados, não se demorou em retirar-se.

Nos camarotes contiguos ao da baroneza tinham-se ouvido as palavras imprudentes que esta dissera em resposta á sua tia; os observadores mais proximos haviam podido notar a visita da respeitavel senhora, a saida do conselheiro, a immediata observação feita em voz baixa, e o acendimento de flammas nas faces da incontinente namorada.

Tudo isso teria passado desapercebidamente em outras quaesquer circunstancias; mas então nada escapou ao publico revoltado pela inconveniencia do galanteio ostentoso da senhora casada.

Tornára-se patente que a baroneza tinha recebido de sua tia sollicito aviso da geral observação que provocava a sua garridice indecorosa e denunciadora de amor inconfessavel.

E tambem fôra egualmente notado aquelle repentino e vivo enrubecer das faces que annunciára o pudor em desperto e revolta.

Houvera portanto advertencia amiga e reconhecimento da culpa manifestado no acendimento do pejo.

Não era pois de esperar que a baroneza desprezasse a advertencia e sopitasse o pejo alvoroçado.

Mas o namoro immodesto e expansivo continuou logo como antes a insultar o decoro publico.

Para os maldizentes abria-se pasto á diffamação, em cujos dentes era despedaçada a reputação da desasisada senhora.

Entre os murmuradores apenas algum mais generoso fazia sobresair a contradicção de dois sentimentos oppostos e incompativeis, o pudor em flammas ardentes, e a immediata e não dissimulada namoração que envergonhára.

Em todo o caso não havia consideração que pudesse attenuar a indignidade do procedimento da baroneza.

O publico escandalisado punia-a com severas censuras que em todo teatro se faziam e com a distincção terrivel e confundidora que resultava da fixidade incessante dos olhos de numerosos espectadores.

Mas, cousa incrivel, a baroneza, quando mais se excedia no assanho do namoramento, voltava quasi sempre o rosto, e a brincar com seu riquissimo leque, olhava para os camarotes fronteiros e para a plateia, como a actriz de mau gosto e sem escola, que procura verificar o effeito que acaba de produzir na scena que representa.

Dir-se-ia que a baroneza namorava tambem para o publico, ou tomando o testimunho do publico.

Era demais.

II

Ameaça de face

A murmuração rosnava em todo o teatro como enfesado cão que ameaça o imprudente que o provoca.

Infelizmente não era caso novo e nunca visto o aviltamento de uma senhora casada e ainda mesmo da melhor sociedade pela postergação sempre condemnavel de seus mais santos deveres; rara po-

rém e extraordinaria se mostrava tanta impudencia na ostentação publica de criminoso amor.

Ninguem defendia a baroneza de Amorotahy; como era porém natural divergiam alguns dos juizos que sobre ella se faziam.

As senhoras em geral simulavam desculpal-a, fallando aos homens; mas de modo a comprometel-a ainda mais pela futilidade das desculpas: o que diziam umas ás outras seja segredo, pois que em segredo conversavam: basta saber que a baroneza era joven, e bella, sabidamente rica, de distinta elegancia, e primor na sociedade aristocratica do Rio de Janeiro.

Mas, excepção entre as outras, uma senhora joven tambem como era a baroneza, casada e rica igualmente como ella, ou mais reflectida que as outras, ou egoista pelo empenho de instinctiva lição, ao ver o marido severo e carrancudo fitar pela quinta vez o binoculo no camarote escandaloso, perguntou-lhe:

—Então? que é que notas?...

—Sempre a mesma petulancia!...

—Mas que vês?...

—Ora! a baroneza e o conselheiro Adeodato a namorarem-se indecentemente!...

—Só isso?...

—Achas pouco? querias mais?...

—Creio, que não vês tudo.

—Deveras?... toma pois o binoculo, e examina se ali ha ainda mais que ver.

A senhora recebeu o binoculo, fitou-o no camarote da baroneza, e depois de breve inspecção, voltou-se para o marido e observou-lhe:

—Bem dizia eu que não vias tudo.

—Pois ainda ha mais?... que viste melhor do que eu?...

—Meu amigo, vi a ausencia do barão, o abandono do marido.

E eram então onze horas da noite, e o barão de Amorotahy ainda não se tinha mostrado no teatro.

O que em doce e habil apreciação a senhora vira notavelmente no que não se via, e devêra ver-se no camarote da baroneza, turbou um pouco o severo marido que, depondo o binoculo em uma cadeira, disse:

—Póde ser que tenhas visto bem; mas ainda assim é indecoroso.

—E'; convenho; mas... quem sabe? poderia talvez não tel-o sido.

Emquanto a discreta senhora por ventura dissimulava, em observação attenuante de grave culpa, um preceito ao proprio esposo, na plateia superior e defronte do camarote da baroneza era esta cruelmente abocanhada em conversação que não se comedia e que chegava aos ouvidos dos que mais proximos estavam.

Eram dois os murmuradores.

—O que mais me espanta, dizia um d'elles, é a escolha desgraçada! A tal baroneza, joven e bonita como é, bem podera ter acertado com outro melhor parcel,para naufragio da sua honra: não lhe perdôo a preferencia dada ao velho.

—Ah,meu caro! Está confessando que chegou ha ,o dias da sua provincia; observou o outro, que a homem de meia idade, mas trajando com exa;rado requinte de tafularia.

—Porque?... perguntou o provinciano.

—Porque o feliz velho é apenas herdeiro de naufragios.

—Oh! Então, aquella senhora...

—Aposto que não sabe como ella se chama?

— Estou ouvindo-o dar-lhe o titulo de baroneza.

—Sim; é a *baroneza de Amor*.

—Pois tambem o amor tem baronezas?

—Bem vê que esse titulo obriga, e que ella sabe desempenhal-o. Em honra da verdade,informo-o que a baroneza é actriz consummada em todos os papeis: já representou admiravelmente o simbolo da virtude; quando, porém, mais ferviam os applausos

do publico, de repente arrancou o véo que trazia, e mostrou-se inexcedivel, desempenhando os doces devaneios de Venus.

—E o barão seu esposo?...

—Que pergunta! N'estes casos é sempre de pessimo gosto lembrar o marido.

—Mas a sociedade?...

—Ri, murmura, morde; finge porém que não vê; e faz muito bem; porque quando um um marido é miope e não usa de oculos, é sandice metterem-se estranhos a pedir-lhe que apure a vista.

—Assim, a immoralidade aggrava-se, e póde ser que com a suspeita de infame tolerancia se calumnie a mais nobre, embora immerecida confiança.

—Sr. provinciano, não me falle do barão, de quem sou amigo...

—Amigo!... Então aqui na côrte os amigos são d'este gosto?... Creio que volto para a minha provincia no primeiro vapor.

O mordaz informador pôz-se a rir e depois disse:

—Não comprehende que me vexa, fallando-me do barão?... Que hei de pensar d'elle?... Asseguro-lhe que a baroneza tem a audacia da franca ostentação nos seus amores, e que tomou por divisa — *varietas delectat*. Em menos de um anno e com revoltante notoriedade, o conselheiro Adeodato é o seu quinto ou sexto amante não dissimulado.

Um militar que estava sentado logo adeante do garrulo detractor, erguendo-se com ligeiro movimento, encarou o maldizente fallador; se porém ia protestar, não o pôde fazer; porque companheiro ou amigo, o cavalheiro que se achava ao seu lado immediatamente travou-lhe do braço e fel-o sentar-se.

A baroneza, como se instinctivamente se sentisse diffamada pelo informador do provinciano, tinha-o observado por vezes com passageiro olhar e habilissimo disfarce: e então ou, por acaso, ou curiosa attenção que aliás se reconheeerá bem explicavel, tambem fixára os olhos no militar, que de sua parte fre-

quentemente a contemplava, ora perplexo, ora embebecido.

O taful e o provinciano, on não tendo notado na instantanea attitude que tomára o militar, a quem o amigo forçára a aquietar-se, ou não dando importancia ao desagrado impertinente do estranho entremettido, continuaram a conversar sem interrupção, nem comedimento.

O segundo disséra logo:

—Cinco ou seis amantes em menos de um anno! D'esse modo a baroneza é tentação que obriga o peccado e se apressa em deixar o peccador antes de vêlo arrependido!

—E colhe outra vantagem: quando o marido póde começar a ter ciumes de um, reconhece-a inverosimilhança da sua suspeita, principiando a desconfiar de outro namoro.

—Pois meu amigo, com toda a iugenuidade que trago da minha provincia, quer-me parecer que se todos os amores da baroneza tém sido, como esse que estamos vendo, bem podem elles denunciar estouvamento e indiscrição muito censuraveis; mas o extremo aviltamento, não.

—Porque?

—A senhora que se degrada por indigno impulso sensual, que o senhor attribue á baroneza, esconde as suas vergonhosas faltas ainda muito mais do que aquella que se perde por paixão.

—E o que se passa n'aquelle camarote?... Veja, veja agora mesmo!

—Sim; vejo uma moça estouvada que evidentemente se diverte demasiado, pondo em fogo um velho que caiu no ridiculo de requestal-a e de quem ella zomba sem piedade.

O taful respondeu com malevola insistencia:

—Digo-lhe que a baroneza é amante do conselheiro Adeodato!

O provinciano sorriu-se.

—De que ri?

—Vejo-o tão conhecedor dos amores, e tão gro-

TAYLOR INST. OXFORD

nunciado censor d'aquella bonita senhora, que tive uma idéa que me fez rir.

—E qual foi?...

—Que apesar de toda a sua elegancia e donaire, o senhor foi um pretendente infeliz, e está despeitado...

Provavelmente o provinciano acertára no juizo que enunciára; porque o taful, como se lhe tivessem magoado ferida ainda aberta, córou fortemente; e, mal contido em seu resentimento, respondeu desapontado, desabrido e sem abaixar a voz:

—Que lembrança!... Eu desdenho o que é facil a todos; pois não ha pretendente infeliz com aquella baroneza *traviata*.

A tão grosseiro insulto o militar levantou-se rapido, e voltando-se para traz, estendeu ameaçadoramente o braço direito para o diffamador, e com a mão espalmada quasi a tocar-lhe a face, disse furioso:

—Se repetir a injuria infame que proferiu, dar-lhe-ei aqui mesmo uma bofetada!

O amigo do militar poz-se diante d'elle, dizendo a meia voz:

—Capitão, que imprudencia!

O miseravel taful já tinha recuado alguns passos, distanciando-se da mão terrivel que o ameaçava.

O capitão, ainda a fulminal-o com os olhos, respondeu ao companheiro:

—Qual imprudencia!... Não quero que este pintalegrete continue a insultar impunemente uma senhora.

A intervenção de alguns espectadores pôz termo á efemera, mas desagradavel scena; todavia demonstrou-lhe no teatro, como sempre acontece em taes casos, um vivo movimento de curiosidade; e a noticia do que se passára, propagando-se logo com as exagerações do costume, comprometteu ainda mais a baroneza.

Representava-se emfim o ultimo acto da comedia, quando o barão de Amorotahy se apresentou no

camarote de sua esposa, que o recebeu com indifferença apenas polida.

Terminado o espectaculo, a baroneza, levantando-se, entregou ao marido o binoculo de que se servira; e ao tomar o manto voltou-se do fundo do camarote, e ainda lançou celeres olhos sobre o militar. Logo depois saiu, aceitando o braço do conselheiro Adeodato.

O barão seguiu atraz, brincando com o binoculo entre as mãos; e, cantarolando baixinho uma arieta de Offemback, da opera então mais em voga no Alcacar ou no Teatro Lirico Francez.

III

O capitão Avante

Antes do seu arrebatado impulso, da insolita provocação com que castigára o garrulo detractor da baroneza, o militar que trazia galões de capitão, já era objecto de attentas observações de muitos espectadores e da propria senhora, de quem logo depois tomára a defesa; muito mais porém o foi de quantos podiam vel-o, em seguida ao movimento excitado por sua censuravel, mas generosa e ousada acção.

Essa curiosa distinção era natural e quasi que obrigada.

Adivinhava-se no garbo, na viveza dos modos, nas expansões do viço, da força vital que se manifestam nos gestos, nas attitudes, no vigor translucido emfim, que o capitão era ou devia ser joven; em sua face, porém, muito difficil seria calcular-lhe a idade.

A guerra tinha-lhe condecorado demasiadamente o rosto, que, desfigurado pelos retalhos de golpes recebidos, honrava e legitimava a enchente de condecorações que cobriam o peito da sua farda.

No peito, trazia a chapa de official da Rosa, os habitos da mesma Ordem, da de Cristo e do Cruzeiro, as medalhas da guerra do Paraguay, do Meri-

to e Bravura, e mais duas, lembradoras de inclitos feitos em grandes batalhas.

No rosto, o capitão apresentava cicatrizes gloriosas, mas afeiadoras: uma, de um golpe que descera da fronte até a maçã da face esquerda, deixando-lhe sensivelmente entortadas as palpebras do olho correspondente, por milagre escapado á cegueira; outra, de um gilvaz na face direita; uma terceira, verticalmente estendida pelo meio dos labios, como se fôra o dedo da modestia impondo o mais eloquente silencio á fama das proezas do heroe: além das tres grandes cicatrizes, o terço superior de menos na orelha esquerda, e ainda um ou outro vestigio de golpes pouco profundos.

O rosto desfigurado brilhava, em harmonia com o peito cheio de medalhas glorificadoras.

Teria sido um rosto hediondo ou pelo menos repulsivo, se não se ostentasse magnifico no soldado guerreador.

O que afeiava o joven, aformoseava o soldado, sublimando-o pelas provas vivas de bravura que ainda mais esplenderiam, se o capitão se mostrasse despido de farda e de camisa, porque elle tinha ainda tres cicatrizes no peito e nem uma só nas costas.

Tinha sido sempre ferido pela frente, e d'isso se ufanava.

O capitão chamava-se Brazilio de Amoreira; filho do benemerito bahiano que se illustrára na guerra da Independencia da patria, e que então (como tantos outros fizeram em caprichos e demasias de entusiasmo) trocára o nome portuguez da familia da qual provinha pelo de uma arvore do proprio paiz.

Brazilio de Amoreira, exaltado por natureza e ainda mais pelas lições e exemplo de seu pai, mostrou-se desde os quinze annos de excellente indole, mas de animo ardente e impetuoso.

Tendo desejado ser medico, foi nos cursos de humanidades e depois no primeiro anno da escola de medicina da Bahia um pouco vadio nas aulas, admirador de Byron, romanesco, fervoroso patriota, nota-

bilidade incorrigivel em todas as ruidosas travessuras de estudantes, dedicado aos amigos, generoso, muitas vezes turbulento; e, sempre que teve occasiões de o provar, tão valente como temerario.

Tinha coração angelico e genio endemoinhado.

Brazilio de Amoreira contava dezoito annos de edade e ia matricular-se no segundo anno do curso medico em 1865, quando se publicou o decreto, convocando os «voluntarios da patria» para a guerra do Paraguay.

Electrisado pelo chamamento do dever e da gloria, o estudante escreveu ao pai a seguinte e brevissima carta:

«Meu pai; a patria chama ás armas seus filhos: devo partir para a guerra como voluntario, e só espero a sua benção e a de minha mãi, para que tambem Deus me abençôe.»

A resposta do pai foi pronta e digna:

«Meu filho! Parte já para a guerra, abençoado por teu pai e por tua mãi; e cumpre, até ao sacrificio da vida, o teu dever de brazileiro, para que tambem Deus te abençôe.»

O veterano da independencia não mentira ao heroico civismo da sua mocidade.

O filho não podia mentir á gloria e á lição do pai.

Brazilio de Amoreira alistou-se logo com o honroso e brilhante posto de «soldado raso», voluntario da patria.

Em attenção aos seus estudos já feitos, e á sua conhecida valentia, o presidente da provincia quiz dar-lhe, e offereceu-lhe as dragonas de alferes. Brazilio, porém, respondeu:

—Só terei as dragonas conquistadas na campanha.

Embarcou, cantando em alta voz o hinno da in-

dependencia, como em iguaes casos os francezes cantam a «Marselheza».

Desde o principio até o fim d'essa horrivel guerra de cinco annos, Brazilio de Amoreira distinguiu-se esplendidamente, expondo-se á morte, e provocando-a em todas as pelejas, de modo que a sua vida parecia um milagre da fortuna, em favor á maior audacia.

Quando entrava em fogo, a sua bravura mudava-se em frenesi.

Ao primeiro tiro tomava-se de entusiasmo vulcanico; e a bradar sempre, de continuo, «Avante! avante!», arrojava-se como um leão enfurecido; e com certeza sempre na frente, de ordinario indisciplinado, mas incorrigivelmente lançando-se adiante dos companheiros nos ataques e nas cargas á baioneta, foi muitas vezes ferido sem que nunca deixasse de gritar «Avante!».

Em guerra tão longa, e tendo entrado em quasi todos os combates e batalhas, Brazilio de Amoreira nem uma só vez foi tocado pelas balas; mas, em compensação, as baionetas, as espadas e as lanças inimigas retalharam-lhe o rosto e o peito.

Logo no primeiro anno da guerra perdeu Brazilio de Amoreira os seus nomes de baptismo e de familia, porque soldados e officiaes puzeram-lhe a alcunha honorifica do seu brado electrisador nas pelejas, e ninguem mais o conheceu, nem o tratou senão pelo «Avante».

Realisando o que assegurára ao presidente da sua provincia, quando se tinha alistado voluntario da patria, conquistou as dragonas na campanha; embora promovido com o seu verdadeiro nome, soldados, officiaes e até os generaes o foram sempre chamando o sargento «Avante», depois o alferes, depois o tenente e, emfim, o capitão «Avante».

E cada um d'esses postos lembrava uma admiravel proeza.

Nos acampamentos e fóra dos combates o «Avante» era folgasão e optimo companheiro, com tanto

que não o offendessem, nem excitassem o seu genio colerico.

Conservou e desenvolveu durante a guerra todos os defeitos correspondentes ás suas melhores qualidades; não houve, porém, experiencia nem trabalhos que gastassem, e menos ainda destruissem a ingenuidade, a franqueza ás vezes rude, e a exemplar lealdade do seu caracter.

A farda augmentou-lhe a presunção de valentia e os melindres do ponto de honra.

A exaltação patriotica e o justo pique de menor estima votada aos brazileiros, e de certo empenho em obscurecer o seu merecimento e intrepidez, acenderam-lhe no animo um sentimento pouco generoso, mas vehemente: o capitão Avante tomou-se de ogerisa com os argentinos: escrevendo ao pai, dizia-lhe ás vezes nas suas cartas: «Os *gringos* são peores do que os paraguayos».

Para o capitão Avante, o *gringo* era o peor dos homens; mas, preciso é dizel-o, n'esse preconceito mesquinho tinha elle a desculpa da desforra.

Em cinco annos de campanhas o Avante só descançou nos dias em que foi obrigado a ficar nos hospitaes, quando os seus ferimentos eram mais graves.

Indomavel, intrepido e temerario batalhador, cobrira-se de gloria; mas as armas brancas do inimigo, o ardor do sol e a vida asperrima das campanhas tinham-lhe deixado marcas indeleveis: partira da Bahia joven, de assetinado, claro, e bello rosto; a tez crestára-se-lhe; a face ficara deformada, e a sua juventude perdera o matiz, e já não era a flôr dos annos viçosos.

Terminada a guerra, o capitão Avante, de volta á patria, pouco se demorou na capital do imperio; e, depois de ter feito uma entrada triunfal com o seu batalhão na cidade de S. Salvador da Bahia, foi logo abraçar seus pais.

O velho patriota beijou as gloriosas cicatrizes do filho, e chorou de alegria, contando e examinando

as medalhas e condecorações que lhe ornavam o peito.

Em 1872 o capitão Avante voltou ao Rio de Janeiro, e desembarcando, foi hospedar-se na casa do dr. Olimpio, seu comprovinciano, medico que servira na guerra, e com quem intimamente se relacionára.

E no mesmo dia de sua chegada á côrte, indo com o dr. Olimpio ao teatro, ali se revelou tal qual era, arrebatado, cavalheiroso e brigão, arvorando-se em defensor de uma senhora a quem não conhecia, e querendo castigar e insultando publicamente o difamador que a detractava.

IV

A charada

A despeito de todos os esforços do dr. Olimpio, o brioso capitão Avante insistiu em demorar-se á porta do teatro, e ali ficou até ver sair o ultimo espectador.

O homem a quem elle injuriára tão desabridamente, e que estava no seu direito, ou tinha o dever de exigir uma satisfação, debalde se fez esperar.

A porta do teatro fechou-se emfim.

—Agora podemos retirar-nos, disse o capitão; o petulante fallador parece «gringo».

Meia hora depois, os dois amigos tomavam chá n'uma excellente sala de casa de homem solteiro.

Estavam sós: o dr. Olimpio tinha despedido o creado.

—Ah, capitão Avante! disse-lhe o doutor; logo na primeira noite quizeste celebrisar-te aqui!

—Eu não quiz celebrisar-me; encontrei porém um homem serpente, que estava a pedir que lhe esmigalhassem a cabeça.

—E que tinhas tu que ver com a baroneza?

—Eu? Nada: faria o que fiz, e estava prestes a

adiantar como adiantaria uma bofetada, em defesa e honra de outra qualquer senhora, por mais humilde e pobre que fosse.

—Cuidado, Avante! olha que te chamarão Dom Quixote!

—Doutor! disse o capitão; que me chamem o que quizerem; mas não está em mim... Não posso tolerar que á minha vista se ultraje uma creança ou uma senhora, sem ter protector presente.

—E ainda mais quando a senhora fôr bonita, como a baroneza: que dizes, capitão?...

—Sim; a baroneza pareceu-me formosa; mas queres saber?... Lembras-te d'aquellas noites em que no acampamento levavamos a improvisar e a decifrar charadas?...

—Se me lembro!

—Pois creio que a baroneza é uma charada que me deste para decifrar.

—Eu?... Mas repara que, se ella é charada, parece incompleta; porque o informador que te fez prorromper n'um impetuoso insulto, negou-lhe *conceito*.

—E tu? Conheces a baroneza; vi que a cumprimentaste: tambem lhe negas *conceito*?...

—Meu Avante, creio que adivinhaste: aquella senhora é uma charada, que ainda não se decifrou.

—Ainda bem que estamos de accordo! Lembra-te, doutor?... Lá na campanha, no fervor da peleja o official, o commandante, o soldado valente sentia-se ferido, doia-lhe o golpe; mas, bradando—«A'vante!»—como eu bradava, despedia raios de entusiasmo dos olhos e ao mesmo tempo passava-lhe ás veves pela fronte a ruga encrespada pela dôr da ferida. No meio do seu namoro com o velho eu vi essas rugas na bella fronte da baroneza. Doutor! A' charada.

—Supponhamol-o.

—Eu quero decifral-a.

—Capitão!... Vamos dormir?...

—Não tenho sómno, nem permitto que o tenhas

—Oh, lá!... Querem vêr que o meu Avante se apaixonou pela baroneza!

—Não; por ora ao menos ainda não. Estou porém muito curioso por saber o que ella é.

Conheço-a ha dois annos e ainda não posso dizel-o.

—Porque?

—Porque não a compreendo.

—Devéras, não é esposa recatada?

—Foi e muito.

—Se foi, segue-se que não o é.

—Capitão, não protesto contra a tua logica.

—Com mil «gringos!»... Em tal caso não é charada.

—E'.

—Doutor!

—Acabaste de a vêr entreter publico namoro com o tal conselheiro Adeodato: não é pois uma senhora recatada.

—Convenho n'isso; a minha pergunta, porém, tinha outro sentido.

—E é ahi que realmente está a charada.

—Olimpio, disse Avante, peço-te que me digas o que sabes.

—Pois bem: escuta, e verás que tenho razões para não compreender a *baroneza de Amor*, como tu não a compreendeste.

—E' verdade que lhe chamam assim?

—Todos.

—E' tão bonita, como é feio; observou o capitão.

Os dous amigos acenderam cigarros e o doutor começou a fallar.

—De volta do Paraguay, vi pela primeira vez ha dous annos, e muitas vezes encontrei depois nas sociedades, a *baroneza de Amor*. Era então bonita, como ainda o é, de parecer docemente melancolico, e de admiravel recato no seu comportamento. Ouvi frequentemente apontarem-na com prototipo da vir-

tude, e tanto mais que o barão era conhecidamente esposo adultero e de não pouco dissoluta vida.

—Primeira sillaba da charada, disse o capitão.

—A baroneza sabia desde muito dos desatinos do marido; via-se por elle abandonada, na mais ampla liberdade, nos bailes, nos teatros, e na propria casa. A sua virtude, porém, refulgia isenta da mais livre suspeita.

—Anjo e martir!—exclamou o capitão, cujo cigarro se apagára, sem que elle désse por isso.

—Mas de repente a recatada transformou-se em garrida e namoradeira; não houve periodo de transição, nem graus de decadencia. A baroneza metamorfoseou-se em uma noite de baile ostentando-se leviana, desasisada, como ha pouco no teatro.

—Tinha n'essa noite, e antes de sair para o baile, brigado seriamente com o barão, que é por força ingrato e desleal, como um «gringo»; disse o capitão, torcendo o bigode.

—O resto, Avante, é a lamentavel historia de dez mezes ou um anno denunciadores da vida mais equivoca e desastrada.

—Como então?

—N'esse periodo, relativamente tão curto, a opinião das sociedades frequentadas pela baroneza, e a censura publica dão a esta senhora, não cinco ou seis como ouvimos no teatro, mas quatro amantes plenamente favorecidos.

—Quatro! Quasi egualas a informação do pintalegrete, doutor?

—Sim; porque o segundo, por muitos denunciado, e o menos ostentoso d'esses quatro amantes, fui eu.

—Tu!... oh!... tu! ..

—Sim! eu tinha acatado, rendido cultos á virtude da baroneza; mas, ao vel-a abatendo-se, e prestando-se á requestas menos pudicas, eu que me sentia captivo da sua gentileza e do seu bello espirito, fiz-lhe uma côrte affectuosa; e bem depressa fortemente correspondido com um ardor que zombava do reca-

ro publico, animei-me, esperei, e endoudeci, esperando tudo!

—E avançaste, bradando «Avante!»—como eu bradava lá na guerra, malvado doutor?

—Palavra de honra, capitão, essa mulher deu-me tudo quanto podia dar-me, com ousadia compromettedora, em face dos homens, nas sociedades, nos bailes, nos teatros, flôres de seus ramilhetes, sorrisos quasi lascivos dos seus labios, flammas ardentes dos seus olhos, conversações ternas e intimas. Eu, porém, não era o amante feliz que a murmuração proclamava.

—Mas, por fim...

—Por fim, Avante, n'um dia de erupção vulcanica, animado, como que autorisado por tão manifesto rendimento, caí de joelhos a seus pés, e não sei bem como lhe falei e o que lhe disse.

—E a *baroneza de Amor?*

Sorriu-se tristemente e respondeu:

—Perdeu tanto tempo! Hoje é tarde, porque desde hontem que mudei de amor.

—Petulancia ou zombaria!

—Quiz beijar-lhe as mãos; ella negou-m'as e levantando-se, disse-me: «Não tenho o direito de me julgar offendida; e, por isso, doutor, peço-lhe que continue a vir apertar-me a mão; mas sómente como simples e bom amigo.

—Que mulher!

—Logo depois os murmuradores deixaram-me em paz lastimavel, e occuparam-se com o terceiro amante da baroneza.

—Quem foi?

—Um diplomata de celebridade erotica.

—E esse? Feliz?

—Muitos o acreditam.

—E tu?

—Que posso eu pensar? Sei apenas de mim, e juro que não tive a felicidade que me attribuiram.

—E o conselheiro Adeodato?

—Dizem-no amante da baroneza: effectivamente é seu namorado, ha dois mezes.

—Doutor! A baroneza sabe que atassalham a sua reputação, e que lhe dão amantes em todo o ponto aditados.

—Sabe-o: no tempo das minhas vãs esperanças, eu disse-lh'o aconselhando-lhe prudencia.

—E ella?

—Turbou-se com evidente confusão e dôr por breves momentos; mas immediatamente riu-se com indicação de despreso ou de sinistra colera.

—E não se corrigiu? E' notavel!

—Sabe que já fiz mais: como prova de amizade, communiquei-lhe ha poucos dias os horriveis juizos que se faziam das suas relações com o conselheiro.

—E ella?...

—Disse-me, torcendo as mãos com magoadora força e com as faces em devorantes flammas: «Eu quando amo, não dissimulo; o senhor bem o sabe; deixe que me flagellem!...»

—E o marido da *baroneza de Amor?*

—Creio, ou devo crer que é o unico homem que n'esta cidade ignora o que mais por sua honra lhe cumpria saber; isso porém, é explicavel; porque, já t'o disse, o barão occupa-se muito de mulheres; mas a mulher de quem menos se occupa é da propria esposa.

O capitão Avante acendeu outro cigarro, fumou-o todo, absorvendo-se em reflexões, e por fim perguntou:

—Doutor! Ainda amas a baroneza?

—Não; estou perfeitamente curado d'essa paixão infeliz.

—Mas continuas a ser seu amigo?

—Muito, e cultivo, com innocente encanto, a amizade d'essa bonita, espirituosa e excellente senhora.

—Doutor, visto que não amas, e és amigo da baroneza, quero que me apresentes a ella.

—Nada mais facil, capitão; que empenho, porém, é o teu?

—Simpatisei com a baroneza, e apesar, ou talvez pelo proprio descomedido mal que ouvi dizer d'ella, interessei-me pela victima da detracção. N'uma palavra: tomei gosto ás charadas lá no campo da guerra; ora a baroneza afigura-se-me uma charada, e desejo decifral-a.

—Dentro de tres dias serás apresentado á *baroneza de Amor*, meu Avante.

—Obrigado, Olimpio.

—Bem: agora consentes que eu vá dormir?

—Sim; porque tambem me apraz ir sonhar.

—Com os olhos da baroneza que apanhaste por vezes fitos em ti? perguntou o doutor Olimpio, sorrindo e já a retirar-se.

O Avante compreendeu a malicia do sorriso do amigo e disse sem se mostrar agastado:

—Exatamente: quero sonhar com aquelles bellos olhos que por vezes se fitaram no meu afeiado rosto. Quem sabe?... Póde ser que, não direi o bom gosto, mas o capricho feminil da baroneza ache mais que apreciar nas minhas cicatrizes de soldado vencedor, do que no lindo e liso semblant de um certo medico, que perdeu o seu tempo a adoral-a, e acabou reconhecendo-se mistificado.

O dr. Olimpio desatou a rir.

Na manhã do dia seguinte estavam os dois amigos á mesa do almoço, quando o criado apresentou ao doutor Olimpio uma carta, que acabava de ser entregue.

Recebendo e examinando o envoltorio da carta, o doutor exclamou:

—Oh!... é da *baroneza de Amor!*... traz o sinete das suas armas... e a lettra é-me conhecida...

E abriu a carta, leu-a para si, e exclamou alegremente:

—Capitão Avante! não te apresentarei á baroneza!...

—Porque?...

—Porque, ditoso mortal, é ella que se quer apresentar-se a si mesma!

—Como é isso?

—Escuta.

E o doutor Olimpio leu a carta.

«Doutor; desejo e devo conhecer o militar, capitão, creio eu, que a seu lado e como amigo evidentemente intimo se sentava hontem no teatro: quero que m'o apresente: por capricho de moça, que quando almeja, se revolta, esperando mais do que é preciso, previno-o, de que não me ha-de apresentar o seu amigo ámanhã, exactamente porque é de minha vontade, e da sua obediencia affectuosa que m'o apresente hoje.

Baroneza de Amorotahy.»

V

Borboleta e Baroneza

Irene era filha de um opulento capitalista da cidade do Rio de Janeiro.

No pittoresco bairro das Laranjeiras muitos ainda se lembram da linda menina, borboleta infatigavel, que brincava com as flores dorico jardim da chacara de seu pai.

De manhã antes dos ardores do sol, á tarde logo que se annunciava o crepusculo, soltava-se a borboleta que correndo traquinas e á colher e á espalhar punhados de flores, cansava a criada que mal podia seguil-a; e atormentava o jardineiro com as suas impunes devastações.

Alberto Xavier e sua esposa D. Catarina adoravam a filha com tanto maior estremecimento, que era ella o fructo que lhes restava de seu santo amor: cinco outros filhinhos tinham-lhes fugido ainda na infancia, batendo as azas para o ceu.

Sob os olhos e immediata vigilancia de seus paes Irene cresceu, recebendo a mais zelosa educação. Aos quinze annos fallava correctamente o fran-

cez e conhecia um pouco as respectivas litteraturas além da portugueza; era pianista de algum merecimento, cantava excellentemente, dispondo de voz agradavel; desenhava como simples amadora, mas revelando admiravel talento.

Melhor que isso, o coração de Irene tinha sido ainda mais cultivado, do que o seu espirito. Tão amorosa como prudente a mãi soubera ensinar sem indicar que ensinava todos os preceitos de moral pura á querida filha, e com a proficiencia instinctiva do amor materno que não é cego, estudou, esmerilhou todas as qualidades e disposições felizes, e todos os defeitos do seu caracter para desenvolver aquellas e corrigir estes; ao mesmo tempo que o pai, completando o sabio sistema, velava como sentinella á porta da casa para impedir o contacto e as relações que poderiam ser nocivas á educação da menina.

No entanto Irene continuava a instruir-se e adiantar-se no estudo das sciencias naturaes: os amigos da familia diziam, gracejando, que Alberto queria ter uma filha sabia.

Mas nem Alberto notava, nem sua esposa via, nem os amigos lhes diziam, que faltava uma pedra á base do monumento.

Irene não tivera nem professor, nem estudos da religião santa que aliás lhe tinham dado no baptismo. A sua mãi ensinára-lhe na infancia o signal da Cruz, depois as principaes orações, e rudissimas e incompletas noções da religião catolica, e nada mais; porque tambem nada mais podia.

E a menina, balda de conhecimentos religiosos, esclarecidos e fortes, absorvendo o seu espirito exclusivamente na leitura e estudo de poetas e de historiadores filosofos de diversas escolas e religiões achou-se sem o pensar, e sem n'isso reflectir, catolica, porque a tinham feito ser, observadora do culto externo por costume, e pelo doce e attractivo encanto do exemplo de sua mãi; mas sem a flamma e sem a força da fé verdadeira e profunda que dá a graça a paciencia na maior adversidade, a palma do

triunfo no martirio, e a serenidade e a esperança na morte.

Com essa educacão solicitamente dlrigida; imperfeita, porém, em ponto essencial, e que aliás poderia ser facílmente illuminada em quem só aprendera preceitos de sã moral e de virtudes, Irene foi aos dezeseis annos apresentada por seus pais á sociedade, que a recebeu ufana e applaudidora do tesouro que lhe traziam.

Sem que fosse formosa, a filha de Alberto era incontestavelmente bonita.

Tinha finos e magnificos cabellos castanho-escuros; fronte elevada, espaçosa e lisa; supercilios levemente arqueados, um pouco demasiado espessos e quasi unidos; olhos pretos, bellos e do feitio de amendoas; rosto oval, faces firmes, mas sem a doce serenidade que completa a belleza; nariz como que modelado pela Minerva de Fidias; labios delgados, sem exageração; dentes lindissimos; orelhas ligeiramente separadas da cabeça, moveis e delgadas.

A sua tez branca apenas indicava o matiz de suave pallidez.

Alta de estatura, esbelta e graciosa, tinha sobretudo maravilhoso collo, e mãos delicadissimas que faziam perdoar os braços menos grossos do que deviam ser.

A cintura muito fina ainda mais ostentava as fórmas e contornos do corpo admiravel, que a tornavam encantadora com a boniteza de seu rosto, que sómente não attingira o bello pela desharmonia de algumas feições.

Sem indicar predominancia absoluta, a constituição nervosa parecia sensivel na joven donzella.

Tão rica de dotes fisicos, Irene mostrava-se ainda mais interessante e enlevadora pelo seu feliz caracter.

Boa e affavel, sem pretenções de attrair; modesta, sem vexame; conversando com lucida intelligencia, sem pedantismo; pura, sem fingimentos de infantil innocencia, e no seu olhar, em todas as suas

acções, e em todo o seu proceder tão candida, e de tão virginal pudor, que obrigava louvores e admiração.

Além de tantos merecimentos, possuia outra condição que não era menos deslumbradora; a grande riqueza de seus pais.

Cercada de adoradores, Irene manteve-se indiffente e isenta de amorosa affeição quasi dois annos.

Ninguem pôde em tanto tempo vel-a mostrar preferencia por cavalheiro algum; e ainda menos suspeital-a de tolerancia a namorada côrte.

A sociedade turificadora, inebriante de lisonjas, eloquente a falar de amor, a sentil-o, a fingil-o, e a conspirar d'esse modo contra a pudicicia, rendeu-se maravilhada ante a pureza da filha de Alberto; e, enlevada ou confundida, não soube advinhar que já tinha inoculado o seu veneno no animo da donzella.

Irene, respirando mergulhada n'aquella atmosfera de subtis e embriagadores perfumes; abismada em elogios da sua bellesa e do seu espirito; sciente do effeito que produzia, arrastando após o seu carro triunfal cem ou mais captivos desattendidos e desenganados; desvanecida do mal dissimulado orgulho que inspirava a seus pais, abriu pouco a pouco, cada vez mais, e em fim, plena e immensamente, o coração á vaidade, que é a mais commum, a mais facil, a mais perigosa, e quasi sempre a mais fatal paixão que se apodera da mulher.

A vaidade é a ficção do maior poder, e a realidade da maior fraquesa da mulher.

Sem deixar de ser pudica, já, porém, só pelo imperio da educação, conservando no seu trato e nos modos a modestia que a realçava tanto, Irene convenceu-se de que era formosa, irresistivel por seus encantos e destinada a soberana felicitadora do homem de sua escolha.

Presumida assim em seu intimo julgar de si mesma e tomando por sincero conceito a falla arti

ficiosa da lisonja, e a falsidade da adulação, reputou-se a primeira entre as mais bellas senhoras da sociedade que frequentava.

E já foi muito que não ostentasse, e que ao contrario tivesse a força de dissimular a convicção de sua offuscadora e superior bellesa.

Aos dezoito annos, emfim, amou.

Depois de prolongada residencia em Montevideu em cuja praça fôra liquidar contas e negocios da importante casa commercial que no Rio de Janeiro herdára de seu pai, voltando de novo á patria, o barão de Amorotahy pressuroso buscou as festas, os bailes, a sociedade emfim que tanto frequentára na cidade do seu berço, de sua familia, e de suas estimadas relações.

Quasi logo viu Irene, e logo que a viu, amou-a.

O barão tinha trinta e dous annos, alta estatura, bonito rosto, cuja tez era branca e fina.

Apenas produziam menos grata impressão os seus olhos pardos e langorosos, e seus labios um pouco grossos, de leve arqueados para baixo, como a—procurar a terra, onde se resolvem grosseiros os instinctos e os gosos materiaes.

Usava bigode e barba á *Cavaignac*; tinha bellas mãos aristocraticas e pés proporcionados.

Elegante no trajar, distanciava-se do taful pelos modos affaveis, mas com certa indicação de gravidade, e ás vezes de melancolia, ou de abstracção.

Superficial e limitadamente instruido, era comtudo de distincta e perfeita cortezia, e tão intelligente como espirituoso na conversação.

Bastante rico, tinha-se retirado do commercio, e por isso fôra a Montevideu liquidar os negocios de sua casa.

Em vida de seu pai, e por avultado e patriotico donativo feito em seu nome ao Estado, recebera o titulo de barão de Amorotahy.

Foi este o homem que conseguiu vencer a isenção de Irene e merecer o seu primeiro amor.

Alberto tinha sido amigo do pai do barão e conhecera este desde menino.

O amor de Irene foi abençoado.

Ninguem houve que não applaudisse a escolha de Irene, e o bem inspirado amor do barão.

Em breve se effectuou o casamento auspicioso e resplendente de fulgurosas esperanças da mais ditosa união.

Amor, virtude, bellos dotes de intelligencia e de coração, riqueza immensa, posição social elevada, tudo, tudo assegurava um futuro de suavidade, de encanto e de completa dita aos noivos.

No festivo dia da benção nupcial, á tarde, e quando sairam do portão da chacara de Alberto os carros que conduziam para a igreja de «Nossa Senhora da Gloria» os noivos e seus parentes e amigos,—um velho e antigo morador do bairro das Laranjeiras, vendo-os passar, disse á mulher e á familia que curiosas tinham corrido ás janellas da casa:

—Lá vão elles casar-se aos pés de Nossa Senhora da Gloria! Deus os abençoe, e principalmente á menina!... Lembras-te da *borboleta*, Joanna?... Lá vai a borboleta tomar o titulo de baroneza!... e digam que não ha felicidades n'este mundo!... Lá vai ella, lá vão elles á *gloria!*...

—E Deus seja por ella que é tão boa e caridosa; disse Joanna.

—Pois quê!... duvidas ainda?...

—Eu não. Pelo contrario; mas ás vezes as apparencias enganam muito!... Isto não é duvidar, é sómente modo de dizer, Francisco; mas eu creio que ella ha-de ser feliz: Deus o permitta!...

Uma hora depois, Irene era baroneza de Amorothy.

VI

Mortalha no meio das flôres

Um anno de noivado, em união santa e de inexcedivel felicidade.

A baroneza de Amorotahy era a idolatria de seu marido; o barão, o doce enlevo de sua esposa.

Acabaram o anno de seu noivado, como se apenas o tivessem começado.

Offereciam aos contempladores de sua dita o quadro do amor suave e puro das almas candidas, como aurora brilhante em céo branco e sereno.

Foi então, n'esses dias risonhos e felizes, ao admirar a esposa presa em laços de flôres, tão amorosa e tão casta, modesta ainda como era Irene em solteira, e sempre não cuidadosa; mas tão naturalmente pudica que nem mesmo a maledicencia ousava conjecturar um momento de indiscrição em que ella animasse, sorrindo, a côrte levemente suspeita de algum cavalheiro, foi então que alguns, dando por menos eufonico o nome do titulo nobiliario, ou achando-o facilmente prestavel á lisongeadora abreviatura, começaram a chamar-lhe a *baroneza do Amor*, em vez de baroneza de *Amor-otahy*.

A abreviatura agradou: as amigas da baroneza nunca mais a trataram de outro modo.

A principio a joven esposa julgou dever mostrar-se contrariada e protestou; vendo, porém, que protestava debalde, uma noite em reunião familiar, ouvindo chamarem-lhe *baroneza de Amor*, disse, córando docemente e olhando para o marido:

—Ouves, Carlos?

Carlos era o nome baptismal do barão.

—Ouves Carlos?... eu já não posso revoltar-me contra essa abreviatura confundidora: tu és o culpado de me chamarem *baroneza de Amor*.

—Como?...

—Porque foi o teu *amor* que me fez *baroneza*.

D'essa noite em diante ficou geralmente adoptada a abreviatura.

Ao marido tratavam-o por barão de Amorotahy; á esposa, por *baroneza de Amor*.

Que importancia real poderia ter essa differença no tratamento?

Determinára-a a estima, o merecido culto que

se rendiam ás graças, ás virtudes, e á ternura conjugal da baroneza: fôra talvez de mau gosto, trazia resaibos d'aquella sociedade pedantesca que Molière fulminou em uma de suas melhores comedias; mas, excepto isso, a abreviatura era innocente e conferida por generoso sentimento.

A baroneza, cuja dissimulada vaidade não podia exceder-se mais, tendo-se exaltado pelo seu casamento, e pela adoração que lhe tributava o esposo, acabou por aprazer-se, e ufanar-se do singular e blandicioso tratamento.

Entretanto, ás vezes reflectia sem querer, e instinctivamente se melancolisava, pensando na insignificante differença do nome titular.

Um dia e a sós com a baroneza, o esposo interrogou-a brandamente sobre a causa d'esse triste scismar.

—Uma puerilidade, disse ella.

—E qual?

—Chamam-me *baroneza de Amor*, e isso desgosta-me.

—Porque, meu bom anjo?

—Porque, em nome, separaram-me de ti.

Se te chamassem tambem *barão de Amor,* assim gostaria; mas... cortaram-me pelo meio o nome do nosso titulo! Fizeram mal!... A's vezes afigura-se-me a ideia do divorcio n'essa quebra maldita do nome Amor-otahy.

—Criança!

—Eu disse que era uma puerilidade!... mas porque me haviam de arrancar o teu nome inteiro, completo, titular ou não que me importa? Mas que é teu e portanto todo meu! Não quero isso!...

O barão viu duas brilhantes lagrimas pendentes dos longos cilios da amada esposa e foi sorvel-as voluptuoso, beijando-lhe os ternos olhos.

—E's a *baroneza de Amor!*... toda meu amor!... exclamou elle.

E beijou-lhe os labios, e o seio, como lhe tinha beijado os olhos.

E o scismar, e a melancolia da baroneza trocaram-se em brando inebriamento, quasi dormido entre os braços do apaixonado e queridissimo esposo.

Quando ella, vencendo a languidez, se desatou dos braços do barão, perguntou-lhe este:

—Scismas ainda, Irene?...

A baroneza respondeu, sorrindo, mas desviando os olhos e córando de leve:

—Se eu dér em scismar muitas vezes, o culpado és tu.

Além de um anno, mais seis mezes tinham decorrido assim em dias jocundos e em cadeias de flôres. De subito desfechou-se o golpe de cruel infortunio.

A morte de D. Catarina, fulminada instantaneamente por uma apoplexia cerebral, lançou em afflicção a familia.

Immensa e profunda foi a dôr da baroneza; ella porém tinha por si a juventude, o amor do esposo, a esperança, o futuro para a fazer ainda sorrir á vida.

Não assim Alberto Xavier: mais forte, mais resignado que a filha, fechára os olhos da esposa, e vira sair o seu cadaver para o cemiterio.

E' certo que então as lagrimas lhe corriam por entre as rugas do rosto moreno, como fios d'agua a descerem pelas estrias de uma rocha; o velho, porém, não se abateu até á consternação.

Todavia, semanas foram volvendo, e Alberto, que tanta força de animo ostentára, mergulhado em sombria tristeza, pouco a pouco foi caindo n'aquelle abatimento indicador da pena que gasta a vida.

Os medicos aconselharam-lhe alguns mezes de residencia fóra da côrte e em localidade recommendavel pelo clima.

A estação era a do calor ardente.

D. Margarida, senhora viuva e irmã de Alberto, propôz-se leval-o para uma chacara que possuia em Teresopolis.

O irmão conveio em ir.

A baroneza, preoccupada com o estado de seu pai, desejou acompanhal-o.

O barão, ouvindo o que ella lhe propunha, pareceu reflectir por breves momentos e perguntou logo depois:

—Queres separar-te de mim, Irene?

—Ah, não! quero ir, levando-te comigo.

O marido conteve apenas um movimento de contrariedade ou de impaciencia, e observou com voz meiga:

—Mas, bem o sabes, consideravelmente interessado, como me acho, em importante empreza industrial e sendo um de seus directores...

—Eu maldisse d'ella!—E' a minha primeira rival, —observou a baroneza.

O barão sorriu-se e respondeu:

—Não haverá jámais rival de Irene.

—E Teresopolis fica ali... a algumas horas só distante da côrte, acrescentou a piedosa filha.

E chegando-se ao marido, levantou-se nas pontas dos pés, pôz-lhe as mãos nos hombros, deu-lhe um beijo nos labios, e murmurou enfeitiçadoramente:

—Concede-me uma semana, Carlos!

—Dou-te um mez, minha Irene!... respondeu o barão, abraçando-a.

VII

O delirio do moribundo

O velho Alberto deixára a cidade, soffrendo além da sua invencivel melancolia, ligeiros accessos febris e fenomenos biliosos que aliás não pareciam graves.

Nos primeiros dias o clima saluberrimo de Theresopolis fez desapparecer a febre e melhorar o estado geral do doente.

Mas a melancolia não abrandou.

Alberto tinha amado em sua esposa a mais suave, delicada e santa das senhoras; havia-a adorado ainda mais do que á filha, identificára com a d'ella a sua vida; e, perdendo a companheira, a amiga, a consorte de trinta e cinco annos, vendo morta a sua querida velha, socia de risos e de lagrimas, não procurou, mas desejou e esperou tambem morrer em breve.

Quando os seus melhores amigos tomaram as argolas do caixão funebre e foram saindo com a defunta, ouviram todos e ninguem compreendeu, não o grito consternado, mas a voz soluçante, profunda e convicta de Alberto que disse simplesmente:

—Até logo, Catarina!

O clima de Theresopolis não pôde curar a saudade, o santo amor ferido mortalmente no coração d'aquelle velho, extremosissimo marido.

Na segunda semana de residencia em Theresopolis pronunciaram-se de novo os fenomenos biliosos e voltou a febre, pouco forte, mas quasi continua e consumidora.

Infelizmente coincidiu com esse facto a chegada de cartas que reclamavam a presença urgente do barão na directoria da empreza industrial, ameaçada de prejuisos desastrosos.

A baroneza respeitou os deveres do esposo responsavel por interesses e capitaes que não eram só d'elle.

O barão partiu para a côrte, promettendo voltar no fim de oito ou dez dias; mas cinco apenas eram passados, quando teve de acudir ao annuncio da morte que ameaçava o seu bom e honrado sogro.

Chegou horas antes da agonia do velho, que desde o dia antecedente, caido em extremo abatimento e apenas balbuciando palavras em vago delirio, ao ver o genro que lhe tomava e apertava as mãos, abriu os olhos, encarou-o, pareceu medil-o de alto a baixo, e disse:

—Não sei quem és... desconheço-te.

E não falou mais: tinha perdido a voz. Antes, porém, de expirar, pareceu recobrar a razão; porque a custo moveu o braço e, com a mão aberta, lançou a benção sobre a cabeça da filha, que chorava de joelhos e debruçada á beira do seu leito de morte.

Duas dôres supremas e successivas tinham posto em martirio o coração da baroneza; dois lutos sem interrupção cobriram de crepes o seu corpo e a sua vida.

Logo após esses grandes golpes que parecem arrancar profundas raizes arraigadas no coração, o homem, e muito mais que o homem a mulher que tem o seu maior encanto e o seu maior tormento no apuro e nas delicadezas da sensibilidade, de ordinario deixa-se prostrar n'aquelle estado de alheiação que se assemelha á estupidez.

Então a indifferença é completa e só pouco a pouco a afflicção vai desmaiando em magoa, e activando-se os sentidos como que supurisados, recuperam o seu imperio, a consciencia e a razão.

Depois da morte de seu pai, ficára assim durante cêrca de um mez, a baroneza.

O barão era homem e não era filho de Alberto para se abandonar a tanto excesso de dôr; além d'isso, tinha obrigações a cumprir que tambem naturalmente deviam distrail-o.

Satisfeito o praso do encerrado enôjo, e sem duvida urgido pelos cuidados da sua empreza industrial, mostrou-se muito menos assiduo ao lado da esposa, que felizmente não indicava impressionar-se pelas suas longas tarefas longe de casa.

A baroneza via o marido voltar depois de horas longas de ausencia, e, affectuoso, acaricial-a, sem que de leve se mostrasse abalada pelo isolamento em que elle a deixava em seus dias de acerbo penar.

Ao contrario a presença, a voz, os afagos do esposo, não conseguindo fazel-a sorrir, ao menos evi-

dentemente reacendiam-lhe no rosto a chamma da vida, e nos olhos a do amor.

Mas, no meio d'esses passageiros lenitivos de terna consolação, vinha ainda a lembrança recente da agonia e da morte do pai affligir o coração da extremosa filha.

Havia então e sempre na baroneza sobretudo uma ideia, uma recordação predominante, que desagradava ao barão, e quasi que o fazia turbar.

Ella dizia innocentemente ao marido:

—Carlos! Carlos!... elle desconheceu-te, coitado!

E, ao impulso de novo accesso de dôr, a baroneza fitava os olhos no rosto do esposo e repetia, convulsa e chorando, as ultimas palavras do delirio do moribundo:

—«Não sei quem és!... desconheço-te! . .»

VIII

O baile sinistro

A baroneza acabara emfim por consolar-se.

Consolam-se as mãis, quanto mais as filhas; e ella então que era esposa, joven e amada.

Entretanto, a vida não lhe sorria como d'antes.

A morte roubara-lhe os seus pais; e a exclusiva dedicação do marido ao culto do seu amor tinha experimentado uma alteração sensivel.

A baroneza, apesar de vaidosa era reflectida, e compreendera, justificando o esposo, que a ociosidade e a negligencia não se desculpam no proprio homem rico; porque o trabalho é lei de Deus, direito da sociedade, e dever que honorifica.

E o barão sabia fazer-se perdoar as demoradas horas que diariamente roubava á esposa e que esta, já impressionada e saudosa, contava com os olhos no seu relogio.

Sempre sollicito e apaixonado, adivinhava os d sejos e os caprichos da sua Irene para immediat

mente os satisfazer; estremoso e ardente exaltava-se no seu amor, e ainda mais amante do que marido, sem calculo talvez, transportava em sua cega vaidade a baroneza, adorando-a, e inebriando-a voluptuoso.

A joven esposa dormia o somno da confiança; mas o barão despertou-a, abusando demasiado.

Pouco e pouco foi exagerando as suas ausencias, e além das manhãs que destinava aos negocios da extraordinaria empreza industrial, de que tão occupado se dizia, usurpava boa parte de quasi todas as noites áquella a quem devia tanta ternura, como exemplar fidelidade.

A baroneza, diante do seu espelho, julgava-se ainda mais bella do que aos dezoito annos; e, muito ferventemente adorada pelo marido, rejeitou como absurda a primeira suspeita de offensa ao seu amor.

A vaidade ainda lhe conservou a cegueira.

Em todo o caso, resentida da quebra de seu antigo e absoluto poder, pensou que o barão muito habituado ao luxo e á ostentação, aos bailes, aos espectaculos, e ás festas, fatigando-se das privações impostas pelo severo luto, que ella teimava em guardar, procurava o recurso de outras distracções.

A baroneza alliviou o luto, e annunciou o seu reapparecimento nas brilhantes reuniões da sociedade elegante.

Na noite do primeiro baile, recordando todos os seus fulgentes e deslumbradores triunfos interrompidos alguns mezes, apurou os cuidados e os primores da sua rica e maravilhosa *toilette*.

Almejava e contava que [illegible] como uma nova e inopinada revelação [illegible] offuscadora de todas as outras, e al[illegible] do barão.

Ella tinha em si um plano [illegible] nas prelibações da victoria; sabia de antemão quaes os refens que tomaria ao marido, de novo absolutamente escravisado.

A vaidosa entrou na sala do baile; ufanou-se, ouvindo o susurro de admiração que excitava; e foi

sentar-se, perfeitamente convencida de que ainda, como d'antes, empunhava ali o sceptro de rainha.

Mas, dentro em pouco começou a sentir uma nuvem embaciando-lhe o horisonte de flores e de corôas triunfaes.

A mulher, instinctivamente. procura o verdadeiro testimunho do effeito que produz, e do graú superior de formosura e de elegancia, a que attinge, não nos louvores e applausos dos homens, mas na expressão do olhar, e no modo de não olhar das outras senhoras.

Irene, solteira, e baroneza casada fôra sempre a mesma em apparente modestia, em doce affabilidade para com todas as senhoras habituaes frequentadoras da sociedade aristocratica, e de todo isenta da mais ligeira, ou apenas imaginavel intriga morosa.

Não devia ter nem rivaes,nem inimigas; tinha-as porém, e não ignorava que as tinha numerosas.

Menos bella do que muitas, Irene, por bonita e engraçada, rutilára com a perspectiva da riqueza de seus paes: era uma noiva de ouro e com os seus dotes pessoaes, e com o primor da sua educação, tomára a palma que Paris déra a Venus.

Casada, a baroneza conservou essa palma pelo prestigio do passado, pela sua exuberante elegancia temperada por esclarecida virtude.

Entre as senhoras ha um crime que não se perdôa, é o crime da superioridade acclamada, e feliz.

Irene primeiro, a baroneza depois tinha sentido que a julgavam superior, e que a invejavam feliz na expressão do olhar, e no modo com que fingiam não a olhar muitas das outras senhoras.

Entrando na sala do baile, depois de oito mezes de ausencia, a *baroneza de Amor* desvaneceu-se com a sensação que recebera no susurro lisongeiro, simpatico e espontaneo dos homens.

O susurro fôra como que um himno dos vassalos a saudar a volta da princeza soberana.

Mas falteva-lhe ainda a sancção involuntaria da

sua superioridade feliz, lida nos olhos e sublimada na fingida negação do olhar das senhoras.

A baroneza habil e dissimuladamente consultou o tribunal supremo.

Todas as senhoras, as amigas, as rivaes, as invejosas e as indifferentes a olhavam, como avidamente curiosas: nenhuma se afigurava simular desattenção: de algumas fulgiam os olhos como em fervor maligno; de outras chegava-lhe o olhar mavioso de estima, rociando-a porém com indisivel expressão de piedade.

Não era isso o que esperava a baroneza: não lhe faltára na inspecção dos olhos feminis a certeza da impressão dos seus encantos, e do primor da sua *toilette;* mas evidentemente negavam-lhe o condão de seu imperio invejado, e da additada primazia, que obrigavam a confusão e a inveja d'aquellas que menos generosas e nobres não lhe perdoavam a superioridade.

Objecto das vistas prescrutadoras e quasi impertinentes de todas, a vaidosa baroneza sentira-se contrariada por indicações de interesse de mais, e de inveja de menos.

Desgostosa e apprehensiva, soube todavia conter-se e dissimular a sua subita inquietação; observou, porem, cuidadosa quanto se passava e podia referir-se a ella.

Em breve e quando ainda se lisongeava do movimento simpatico e admirador que produzira a sua entrada no baile, chegaram-lhe aos ouvidos palavras soltas á meia voz e de passagem, perto d'ella proferidas por duas senhoras casadas que, casualmente ou não, a tinham considerado em rapido volver de olhos.

—Coitada! disse uma.

—Tão bonita! E' pena!... tinha dito logo depois a outra senhora.

De quem falavam? Que pretendiam indicar? Porque diziam isso, passando diante d'ella. e parecendo ou fingindo abafar a voz?

Urdira-se alguma conspiração feminina para perturbal-a, aturdil-a, e abater-lhe o animo?

A baroneza reagiu com a potente energia, de que sómente é capaz uma mulher em revolta de orgulho; recolheu quasi ostentosa, mas sem quebra do pudor, os impressões mudas, porém eloquentes, e as turificações cortezes e respeitosas, com que os cavalheiros mais distintos prodigamente pagaram o tributo devido á sua belleza; teve momentos de espirituosa ledice; abundou em sorrisos de intima dita; resplendeu expansivamente feliz; e saiu do baile ufana, jubilosa, como o heroe que vai repousar sobre os louros de brilhante victoria.

Na carruagem, o barão dirigiu-lhe por vezes lisonjeiros comprimentos; ella, porém, reclinada e parecendo caída em abatimento de fadiga, não o attendeu; tinha o espirito exclusivamente occupado com o olhar das senhoras e das palavras soltas e de sentido ainda obscuro, mas sinistro, que ás duas ouvira; e foi por isso indifferente ou alheia aos louvores do marido.

Chegando a casa, o barão acompanhou-a até á porta da sala do toucador, e beijando-lhe a mão, commovido e vanglorioso, disse-lhe:

—Minha Irene! Tu foste, como eras sempre, a rainha do baile!

A baroneza respondeu tristemente:

—Não, Carlos; creio que hoje me quebraram o sceptro.

—Como?

—Não sei; mas hei-do sabel-o.

IX

A luz infernal

A *baroneza de Amor* sentia, emfim, incendiar-lhe o coração a primeira suspeita da infidelidade do esposo, e ideiava traças para chegar ao esclarecimen

O genio do mal veio trazer-lhe a certeza do seu infortunio, poupando-a a indagações que a encheriam de vexame.

Logo depois do seu casamento, a baroneza teve de entreter frequentes relações com Amalia de Villares, cuja familia tinha sido muito amiga dos pais do barão: a intimidade com essa senhora não lhe sorrira; mas teve de condescender com o empenho do marido.

Amalia era dois annos menos moça que a baroneza e talvez mais bonita que ella: tinha os cabellos castanho-claros, lindos olhos azues e humidos, bello rosto docemente arredondado, faces brancas e de leve coradas, labios um pouco grossos mas formando em suavissima arqueação a mais formosa bocca, cujo sorriso era de endemoninhado encanto: para que não faltasse um senão a esse feiticeiro semblante, o nariz dobrava-se, inclinando-se sobre o labio superior mais de que convinha a quem só talvez por isso escapára de ser bella.

Menos alta que a baroneza Amalia, era quasi tão bem feita e tão graciosa como ella.

Casada, mas esposa infeliz, não sabia recommendar-se por zeloso recato: os indulgentes apenas explicavam as suas leviandades pelo desgosto e resentimento do desamor, e do menospreso com que a maltratava o esposo, extravagante e devasso: os juizes severos não a reputavam simplesmente leviana, chegando a attribuir-lhe lamentaveis fraquezas, pelo menos conjecturaes.

Era em todo o caso senhora de reputação equivoca.

Embora se fingisse amiga da *baroneza de Amor*, Amalia de Villares, tendo-se por muito mais formosa, não podia tolerar a primasia, que conferiam geralmente áquella que, além de bonita, era exemplar de honestidade, e sentia-se ferida e como castigada pelos elogios que ouvia á esposa tão amorosa, como casta.

A felicidade conjugal da baroneza ainda mais ati-

çava a inveja de Amalia de Villares que tão despresada por seu marido vivia.

Companheira alegrona e infallivel nos bailes e nas festas, ella quasi de todo esquecera a invejada rival nos tristes mezes, em que esta se mergulhára em duplice e pesado luto; mas, ao vel-a de novo com fulgurante reentrada na sociedade, correu pressurosa e impellida pelo demonio da inveja a desfechar-lhe certeiro e terrivel golpe.

Apressou-se e correu, porque estava certa de poder toldar o céo sereno da vida da baroneza, e talvez de abater em precoce murchidão a mocidade e os encantos de quem até então muito ditosa, devia mais fortemente sentir as afflicções de inesperado e cruel infortunio.

Amalia de Villares foi visitar a baroneza logo no dia seguinte ao baile sinistro.

Após abraços e beijos, amabilidades e lisonjas, a linda perversa provocou naturalmente a ruminação do baile, e no meio da lembrança de futeis episodios, e dos assuntos que tinham predominado nas conversações, adiantou, como ao acaso e innocentemente, a primeira palavra insidiosa, fina, penetrante e pungente, como a ponta de um punhal.

Ouvindo clara insinuação ás infidelidades e á perfidia do seu esposo, a baroneza estremeceu e alvoroçou-se vivamente.

—Ah! não sabias? exclamou com ar de arrependida a intrigante.

E pareceu querer guardar um triste silencio, e reservas já impossiveis.

Houve então alguns minutos de fremente exigencia de revelações, e de hipocrita resistencia que pouco a pouco se deixou vencer.

A invejosa afigurou-se emfim violentada pela amisade; mas ainda astuta, em vez de expôr, como denunciante, obrigou perguntas para sómente responder, como urgida informante.

Eis em breves palavras o que em longo e tor-

mentoso dialogo Amalia de Villares referiu á *baroneza de Amor*.

Pouco depois da morte de sua sogra, começára o barão a prevaricar como esposo, frequentando a casa de uma mulher, celebridade impudica: lançado na ladeira escorregadia do vicio, não parou e vivia esbanjando a riqueza em conquistas de outras iguaes libertinas; parecendo impellido por involuntaria e impetuosa exigencia da sensualidade, a principio empenhára-se em esconder o seu desregramento; por ultimo, já pelo escandalo offendia a moral publica.

A baroneza escutou convulsa, ardendo em ciume e raiva, a historia da perversão de seu marido; escutou-a, odiando a denunciante, e logo provocando-a a falar mais, e a dizer-lhe tudo; e quando tudo já tinha ouvido, a temer que ainda incompleta houvesse ficado a envenenada denuncia, disse excitando com uma injuria, a falsa amiga:

—D. Villares... tu mentes!

—Minto!—exclamou Amalia.

—Tenho meu marido por homem honesto.

E accrescentou, falando com os dentes quasi cerrados:

—E' a inveja que o calumnia!

Amalia de Villares riu-se malignamente, e levantando-se, respondeu:

—Ah! se eu pudésse tambem pensar assim! baroneza de Amor! Esquece o que me obrigaste a referir... Fui indiscreta e má, adeus!

A baroneza, em pé, tomando e apertando com força as mãos de Amalia, exclamou com ancia:

—Não pódes deixar-me! Eu quero provas da infidelidade do barão!

D. Villares não respondeu, e a pobre victima desatou a chorar.

—Baroneza! Baroneza!

—Eu quero provas!... repetiu esta.

Amalia não teve piedade e murmurou:

—Infelizmente é tão facil!...

—Facil!... disse a baroneza, enxugando as lagrimas e fitando a sua algoz com um olhar desvairado.

—Sim... hoje mesmo, se o exiges.

—Hoje mesmo?!

—Se dura ainda a ligação ou o capricho da ultima quinzena, a actual amante do barão é uma actriz do teatro lirico francez.

—Do Alçazar... franceza do Alcazar!... balbuciou em meia voz e como que a morder as palavras a esposa traida.

—Conforme o annuncio dos diarios de hoje, Mlle..., não me lembra o seu nome, representa na primeira comedia, que é de um só acto.

—E então?

—A's nove horas da noite, pouco antes, ou pouco depois, ella sairá do teatro, e provavelmente...

—O que?...

—O barão de Amorotahy estará á porta para recebel-a, e leval-a comsigo.

A baroneza deixou-se cair na cadeira, ou sentou-se com iroso movimento, e fechou os olhos.

Palpitou-lhe violentamente o coração.

Amalia de Villares continuou, dizendo:

—Se absolutamente o queres, hoje ás oito horas da noite tornarei aqui, e no meu carro iremos juntas ver com os nossos proprios olhos, se o que dizem é verdade ou calumnia; se eu minto, ou, boa amiga, se te abro os olhos.

A baroneza parecera concentrar-se e reflectir tanto quanto lh'o permittia a dôr dilacerante.

A virtude e a educação reagiam contra a violenta explosão do ciume e da colera.

Amalia de Villares perguntou:

—Queres?

A victima respondeu:

—Não quero.

E estendendo o braço e offerecendo a mão á falsa amiga, disse-lhe:

—Fizeste-me mal, D. Villares; deixa-me só: preciso chorar em liberdade.

Amalia de Villares retirou-se, certa de haver deixado bastante veneno no coração da fulgurosa *baroneza de Amor*.

A's oito horas da noite d'esse dia de angustias a baroneza, toda em luto e coberta de um veu negro e denso, saiu só no seu carro, e foi apear-se na praça de S. Francisco de Paula, seguindo a pé e como em passeio pela rua do Ouvidor.

Chegando á esquina da rua depois chamada de Uruguayana, a nobre e infeliz esposa tomou por ella, e a passos vagarosos, indo e voltando por defronte do teatro lirico francez, teve de prolongar por mais de meia hora a sua imprudente espreita.

Abrasada em vergonha e confundida em vexames, mas possessa do demonio do ciume, resistiu e assoberbou impudicos gracejos e insultuosos louvores que lhe dirigiam homens licenciosos, confundindo-a com as mulheres perdidas, ao vel-a só e tantas vezes a ir e vir por ali.

Emfim, estacou de subito furiosa e desorientada, reconhecendo o barão que fôra postar-se a uma das portas do teatro.

Alguns minutos a arrastarem-se morosos, como horas de horrivel dôr, e logo surgindo á porta uma mulher de modos desenvoltos, que o barão quasi abraçou, recebendo-a, e a quem impudente levou comsigo, rompendo por entre a gente que sahia do teatro.

A baroneza ficára immovel, e como fulminada; momentos depois uma vertigem felizmente ligeira fel-a apoiar-se á parede.

Um caixeiro insolente perguntou-lhe:

—O amante logrou-te, menina?...

A nobre senhora estremeceu, e ao desperto e supremo esforço do recato, retirou-se primeiro vagarosa, e logo cada vez mais accelerada.

O barão de Amorotahy, recolhendo-se á meia noite, foi achar a esposa na sua sala de toucador,

vestida de luto (como ella tinha saido poucas horas antes) sentada, tendo na face a côr de marmore, nas mãos o gelo da morte, nos labios o rir da demencia, e nos olhos o fulgor e ás vezes o pasmo do delirio.

—Minha Irene!... exclamou elle, tomando-lhe e apertando-lhe as mãos; que è isso? que tens?

A baroneza respondeu com voz tremula e abafada:

—E' meu pai que eu vejo. E' meu pai, a quem ouço proferindo na agonia a sentença terrivel!

O barão, realmente commovido e assustado pelos soffrimentos evidentes da esposa, inclinou-se para beijal-a.

—Não me toque, disse ella com alteração de voz; deixei que me apertasse as mãos, para que as sentisse enr egeladas, como tenho o coração.

Julgando-a delirante, o barão teimou em querer afagal-a, e dobrando-se, estendeu os braços para a prender em amoroso amplexo.

A baroneza repulsou-o com força, e em pé, fitando-o com um olhar de flammas vulcanicas, e com os labios resequidos e convulsos, disse-lhe, repetiu-lhe meio rouca, com voz nervosa e a tremer na pronuncia, sinistra na expressão fisionomica, as palavras de seu pai moribundo:

—Não sei quem és!... desconheço-te!...

O barão recuou dous passos, e logo depois caiu; mas debalde caiu de joelhos aos da esposa traida.

X

O martirio secreto

O barão de Amorotahy era victima de uma falsa educação que, sendo bem dirigida e activamente alimentada, poderia ter corrigido; creado, porém, na riqueza, na ociosidade e n'aquelle fatal abandono que provém do amor cego dos pais, tornára-se escravo dos seus depravados sentimentos.

Apaixonado por Irene e tendo-a desposado, amou-a como podia amal-a nas condições do seu caracter; amou-a, porém, com inverosimil mas verdadeira fidelidade quasi dous annos.

Irene, honesta e pudica, ufanava-se do amor delicado e cheio de poeticos enlevos, que acreditava ter inspirado ao barão; e nunca pensára e envergonhar-se-ia se soubesse que devia sómente á natureza e a dons que ignorava a constancia e a ternura do marido.

O barão achára em Irene uma esposa innocentemente apropriada ao seu caracter; tinha por ella arrebatada paixão, e ainda no meio do seu subsequente desenfreamento, era Irene a mulher que elle preferia.

A *baroneza de Amor*, esposa apaixonada e casta, era sem calculo, sem consciencia a mulher abençoada, que inebriava o esposo.

Ella tinha em si, e sem o pensar, o condão do dominio do marido, se acaso o tivesse adivinhado e compreendido, e se, menos pudica e virtuosa, se quizesse humilhar, explorando esse poder, esse prestigio inconfessavel.

Ninguem póde conjecturar quanto tempo chegaria a dilatar-se a fidelidade conjugal do barão em circunstancias normaes; veio porém a morte da mãi da baroneza e tres mezes depois a de seu velho pai alterar o doce viver do marido.

A *Baroneza de Amor*, affiicta, em lagrimas, com o luto no coração, tinha sido por semanas e mezes mais anjo da saudade a chorar ajoelhada entre duas sepulturas, do que esposa apaixonada e ardente.

O barão exuberante, impiedoso, sem aquelle amor, o verdadeiro amor, que é flamma celeste ardendo na pira do coração, cansou de esperar, e procurando consolações, furtivo e temeroso foi claudicar entrando a porta facilmente aberta por chave de ouro, e por onde vertiginoso desceu até ao scio da cortezã reprovada.

O que se seguiu depois, Amalia de Villares o disera.

A ladeira era escorregadia; o barão de Amorotahy precipitou-se, desastrada e desbriosamente por ella abaixo.

Já elle se tinha abismado muito, quando em noite de impetuosa imprudencia a baroneza viu a luz infernal.

Sempre apaixonado, sempre a adorar, a preferir na esposa a amante mais cara ao seu amor sensual, o barão prostrára-se a seus pés a implorar perdão, e a jurar arrependimento.

Altiva e melindrosa, ultrajada pela perfidia, humilhada pela baixeza e pela ignominia das rivaes inconfessaveis, e sobretudo ferida em sua immensa vaidade, a baroneza empurrou, com o resentimento em furia, e com o falso despreso do ciume em insania, o marido ajoelhado, o chorando a pedir perdão.

O amor, dormido no seio da perfeita estima e da confiança, como no passado, não era mais possivel entre os dous esposos: o vicio dominante do barão, e a vaidade revolta da baroneza annullavam todos os meios de reconciliaçãe domestica e de menos acerbo viver em relações reciprocas.

A baroneza sem duvida acabaria por perdoar ao marido infiel pois que o tinha amado com extremo, e o amava muito ainda; ignorante, porém, do elemento do seu poder sobre elle, e que embora o conhecesse, jámais o teria calculadamente empregado, e muito menos o empregaria em circunstancias tão desfavoraveis e asperrimas, alheou-se do barão em resentimento e em ciume, que aliás não poderiam durar sempre.

O homem sensual, o adultero arrependido não soube acatar a justa prolongação do seu castigo, e dentro em pouco, queixando-se, maldizendo do que chamava crueldade da esposa, voltou, como em todo caso naturalmente voltaria, á sua antiga conducta.

A baroneza confrangeu-se; mas conteve-se orgulhosa, e mostrou-se na altura da sua educação, e do respeito que devia á sociedade.

Desde então houve no lar domestico entre os dois esposos convivencia apparente nunca perturbada, e secreta separação absolutamente mantida.

O desgosto da infeliz esposa era profundo; resolvida, porém, a ostentar em face do publico as exterioridades briosas que na propria casa guardava diante dos famulos, a baroneza, violentando-se, não alterou os seus habitos, e frequentou, como d'antes, os bailes, as reuniões e os teatros.

O barão, pouco e pouco e cada dia mais afundado no golfão da libertinagem, chegou emfim ao ponto de esquecer a decencia que a sua victima zelava, desapparecendo das assembleias, a que a acompanhava, e muitas vezes tarde e mal apparecendo nos saraus e nos espectaculos a que ella ia com seu prévio conhecimento.

Por mais de um anno foi assim a vida da baroneza, que aliás nunca deixou ouvir uma queixa, e resplandeceu sempre pela pureza do recato, pelo brilho da virtude, e pelas apparencias de honorifica vida conjugal.

Era de todos sabido o desordenado e escandaloso procedimento do barão de Amorotahy; ninguem admittia a hipotese de que sua esposa o ignorasse; mas por isso mesmo pronunciava-se geral a admiração e a apoteose da esposa preclarissima.

Não faltaram adoradores a explorar a opportunidade das traições e do abandono que a baroneza experimentava; nenhum porém conseguiu chegar á ousadia de uma franca declaração.

O mais atrevido, ou mais astuto de todos, um dia avançára insidioso, preconisando os encantos de quem merecia mais escravo e menos infido esposo.

A recatada senhora respondeu:

—Pouco me importa saber, se diz ou não a verdade; sei, porém, que me ultraja, quem desabona o meu marido.

Mas o que soffria abafadamente a baroneza podem dizel-o sómente as esposas honestas, amantes, traídas e martires sublimes.

Ella odiava, presumia odiar, e amava sempre o marido; e esse amor em delirios de odio, e a sua vaidade em erupções abafadas e por isso mais perigosas ameaçavam sempre a sua virtude.

A iniquidade dos principios sociaes relativos aos dois sexos ainda mais a irritava na sua dolorosa provação de torturas.

O barão, algoz, esposo adultero, tinha sobre a esposa honesta e victima, todas as vantagens da lei, dos costumes, e das tolerancias immoraes da sociedade: ella, a victima e esposa honesta, sómente podia consolar-se com a palma da magnanimidade no martirio.

Ao barão, a impunidade de todos os gosos bebidos nas fontes repugnantes e escandalosas do vicio.

A ella, pobre galé do casamento infeliz, mas com voto perpetuo de fidelidade, cuja infracção mal se repara no marido, e não se perdoa á esposa ainda mesmo menosprezada e offendida, a ella, á galé do casamento infeliz, o sacrificio forçado da mocidade.

A baroneza revoltava-se concentrada contra essa injustiça descommunal que, na união legitimada dos dois sexos, deixa o homem ser algoz impune, e obriga a mulher a ser víctima escrava, salvo o direito a recursos que a fazem córar, e de que raro se aproveita, ameaçada pela maledicencia que morde e pelo ridiculo que envergonha.

A instrucção um pouco desenvolvida, mas incompleta que recebera, aggrava os perigos da situação anomala da baroneza que, com olhos de meio-sábia, via e aprofundava irritada e violenta a inferioridade da mulher nas condições sociaes dos dois sexos.

O recato que tanto engrandecia a nobre senhora era virtude bem cultivada pela educação; não se enraizára, porém, nos preceitos luminosos e puros da

religião santa, que fortalece com a paciencia e sublima com a fé.

Ao tempo de sua cruel provação, a baroneza meio-sábia não soube voltar-se, de coração e de consciencia, para Deus.

Era facil vir o demonio tental-a.

E veiu.

XI

A tentação

Amalia de Villares passava divertidamente, apparentemente ao menos, a sua vida de esposa desamada.

Desde que se convencera de que o incorrigivel marido a deixava, abandonada a si mesma, riu e brincou muito mais que d'antes.

Se acaso se excedia algumas vezes no recreio e folguedo consoladores, o limite das consequencias do excesso observado era ponto controvertido.

A baroneza, depois das revelações da infidelidade e da perversão de seu esposo, tinha procurado evitar polidamente a indiscreta ou maligna denunciante.

Amalia, porém, não era evitavel; teimava em agradar, impunha-se pela amenidade e pela graça; e fazia escusar os seus erros por indicações de leviandade innocente.

Ainda a inveja a inspirar maldades, o genio a exigir socias de alegria, e qualquer outro sentimento menos reprovado ou mais desculpavel levaram Amalia de Villares a constranger a amisade da baroneza e a vencer-lhe a evitação resentida.

Uma noite disse ella no baile á baroneza:

—Fiz-te mal, sem intenção, porém, de o fazer. Perdoa-me.

E parecera confrangida, fallando assim.

Em outra noite murmurára-lhe ao ouvido:

—Irmãs pelo infortunio, porque não seremos as melhores amigas?

A baroneza sorrira-lhe: ella, animada, voltara logo a dizer, gracejando:

—Mas olha que eu protesto contra a fraternidade no modo de levar o infortunio; porque tu acceital-o resignada e eu não, podendo livrar-me d'elle, atormento-o, não lhe sentindo o peso.

E assim a agradar, a brincar, a repetir visitas, Amalia de Villares pouco e pouco reconquistou não a amisade, mas a benevolencia da baroneza.

Ou a inveja ainda, ou esse ruim, mas frequentemente observado sentimento, que impelle a mulher menos bem considerada ao desejo de nivelar comsigo aquella que se distingue pelo merecido respeito geral, ou emfim o caracter leviano, e talvez tudo isso a um tempo, levaram Amalia de Villares a tentar esmorecer o recato da esposa infeliz, insinuando falsos principios em ironias louças, em juizos destacados e perigosos, em conversações apparentemente banaes, mas perversoras.

Um dia chegou a casa da baroneza.

—Venho pedir-te parabens! exclamou rindo-se expansiva e alegremente.

—Porque?

—Uma afortunada noticia. O meu bom marido mudou de amante, e acaba de entregar-se á mais innocente das creaturas.

—E alegras-te por isso?

—Então? Fico com mais liberdade.

—D. Villares!

—Eu não avanço, empurram-me para a liberdade queres que não a aproveite?

—Ainda assim... erras.

—Baroneza d'Amor! não és bastante digna da abreviatura do teu nome nobiliario: és cem vezes mais sábia e mil vezes mais estupida do que eu.

A baroneza riu-se.

—Cem vezes mais sábia, continuou D. Villares porque te mantens esplendida no trono da tua virtude; e eu sou mil vezes menos estupida porque não me deixo ficar no fundo do abismo infernal de todas

as desconsolações, do suicidio da mocidade e da morte do coração.

A baroneza perguntou rindo ainda:

—Então o meu trono esplendido é ao mesmo tempo um abismo infernal?

—Que duvida! Pergunta-o a ti mesma. Minha querida, o mais bello vestido é feio pelo avesso.

—Mas o meu vestido a que aludes, não tem avesso, disse a baroneza.

—Se tem! Vestel-o pelo avesso no coração.

A baroneza suspirou, reconhecendo a verdade n'esse ultimo juizo de D. Villares.

—E o teu vestido, leviana?

—O meu? Já disse que sou mil vezes menos estupida do que tu! Desde que o meu adoravel marido me declarou inteiramente fóra da sua moda, não perdi mais o meu tempo a consultar-lhe o gosto, e, virando o vestido, ornei o avesso, e consolo-me com a elegancia d'esta «toilette» que é um pouco «négligé», mas que ao menos me faz não sentir as asperezas da adversidade.

A baroneza cravou demorado e prescrutador olhar em D. Amalia de Villares, e depois disse-lhe:

—Ou finges o que não és, ou tens esquecido o teu dever.

A leviana, ou menos digna senhora, respondeu em tom de perfeita sinceridade:

—Fingir é o que não sei; muitas vezes tenho peccado por indiscreta; por fingida, nunca. Quanto ao dever... baroneza! antes de tudo, não achas que o dever é elastico?

—Não, D. Villares; creio que o dever é o dever.

—Eis uma definição eloquentissima, que tem apenas o defeito de não ser definição.

—Define tu melhor, do que o fiz.

—Lá vai, baroneza. O dever é a obrigação elastica que se cumpre e que não se infringe, desde que não se ultrapassa o limite da elasticidade.

—Que queres dizer, doida!

—O' bella sábia! quero dizer que, lançada ao des-

preso por meu marido, assentei que era tolice suspirar por elle; e rematada loucura, morrer de pena: assim, por consoladora distracção, deixei-me, e deixo-me, namorar e acendendo amores platonicos, vou illudindo a imaginação, e divertindo-me sem offensa do dever, porque sempre paro no ponto, onde acaba a elasticidade do mesmo dever.

A baroneza encrespára de leve as suas bastas sobrancelhas, ouvindo a teoria immoral de Amalia de Villares, e, não podendo disfarçar a reprovação, observou seriamente:

—Em quem reputa elastico o dever, ás vezes se suspeita illimitada a elasticidade d'este: vê bem, D. Villares!

Amalia respondeu sem hesitar:

—Sim; eu sei que me calumniam; mas na situação em que nos deixaram á força, não ha recurso sem inconvenientes.

E, pela primeira vez colerica, exclamou:

—Sou nova e não sou feia. Porque fui indignamente desprezada?

—Tens razão.

—Porque hei de ser tão rebaixada, vendo preferidas a mim mulheres perdidas?

—E' horrivel, certamente!

Amalia de Villares parecia enfurecer-se ainda mais, quando de subito desatou a rir.

—Havia de ser bonito! disse ella logo depois; o meu querido Villares a deixar-me casada sem marido, e a multiplicar *casamentos civis* n'outra parte, e eu a chorar saudades, a resar pela sua conversão e dispondo-me a tornar-me irmã de caridade!

A baroneza interrompeu-a, dizendo-lhe:

—D. Villares, o mais prudente e digno é nem chorar saudades immerecidas, nem rir, como tu ris, de um infortunio tão grave.

—Sábia! fica no teu trono: eu não saio do meu jardim de illusões.

—E das flores d'esse jardim algumas não terão espinhos?...

—Terão; mas os espinhos ferem-me por conta e risco do meu Villares.

A baroneza estremeceu, comprehendendo a atrevida e incasta allusão.

Guardou silencio por alguns minutos, olhando como que apiedada para D. Amalia.

Por fim perguntou:

—D. Villares, nunca amaste teu marido?

—Amei-o muito! Amei-o extremosamente.

—E quando soubeste que te era traidor, ainda o amavas?

—Ainda, como nos mais bellos dias de amor! Então chorei, desatinei, quasi enlouqueci.

—E depois?

—Soffri, padeci, atormentei-me. Ah!... tu sabes!

—E depois?... E depois?...

—Consolei-me; disse, rindo dona Villares.

—Como!

—E' simples: deixei de amar meu marido.

—E como? Perguntou com ardor a baroneza, apertando fortemente as mãos de Amalia de Villares. Como pudeste deixar de o amar?

—Mais facilmente do que eu pensava.

—Facilmente?

—Sim.

—E' possivel deixar de amar o marido facilmente?

—O marido ou qualquer homem.

—Oh!—Exclamou natural e melindrosamente a baroneza; um marido não é qualquer homem.

—Pois deixa-se de amar o proprio marido.

—E como! Diz!...

—Queres ralhar comigo!

—Não! quero saber.

—O segredo está em um aforismo que me parece da escola de Hamneman.

—O gracejo é inopportuno.

—Não é gracejo; é um aforismo muito serio; é o seguinte: «um amor infeliz cura-se com outro amor!»

—Oh!

A baroneza retirou as mãos com que apertava as de Amalia de Villares.

—Não te receitei nada; apenas a instancias tuas te confiei o segredo do especifico que me curou do afflictivo amor que me atormentava.

A baroneza, incredula e com expressão fisionomica de duvida, murmurou, perguntando:

—Devéras, D. Villares, pudeste amar outro homem!?

—Que te importa?

—Diz tudo!

—Pois bem; sou franca: a principio foi um impeto de vingança.

—De vingança?

—Sim! Villares ultrajava-me com o seu desprezo, e eu pensei em vingar-me, fingindo despresal-o tambem. Namoraram-me; namorei.

—Por vingança?

—Esteril... Não me curei assim; mas depois, a começar pelo goso da vaidade turificada, cheguei, sem querer á ternura que encanta o coração. Amei; confesso-te que amei, e fiquei livre do amor que me torturava com a ingratidão do marido.

—D. Villares! E' possivel?... amar duas vezes, e aviltar-te assim?

—Aviltar-me? Amar duas vezes?... *baroneza de Amor*, fizeram-te tão sábia, que te deixaram ignorante. Contra a suspeita do aviltamento, protesto e juro que nunca passei além do extremo limite da elasticidade do dever. Namorar... amar platonicamente, sim; o erro, a fraqueza que infama, não!

—Mas amar duas vezes!

—Tambem não incorri n'esse attentado de lesa sensibilidade poetica.

—Então? Amaste ou não amaste outro homem? Explica-te!

—E' que não foram dous! Têm sido dez ou vinte amores; e sempre uns a curar os outros!

E Amalia de Villares rompeu de novo a rir.

XII

O contagio do vicio

O miasma que infecciona é impercetivel; mas nem por isso é menos fatal.

Amalia de Villares acabava de lançar no coração da esposa recatada o germen de uma paixão ruim.

De todas as ideias mais ou menos falsas, de todos os juizos e principios uns insensatos, outros immoraes que a baroneza ouvira n'essa envenenada conversação, um unico irreflectidamente radicára no seu animo: fôra o impeto da vingança, que determinára os primeiros amores platonicos de Amalia de Villares, menosprezada por seu marido.

Nos seus ciumes concentrados, mas despedaçadores a casta senhora nem uma só vez imaginára a ideia da sinistra vingança castigadora da offensa com offensa igual. Amalia de Villares toldára o céu branco da alma da baroneza, fazendo surgir n'elle esse ponto negro.

A digna esposa teve horror da ideia escandalosa e turva; a prova, porém, de que não a esquecêra, é que se horrorisava d'ella.

A baronezn era recatada e honestissima, por indole e educação e por amôr de si mesma: tinha consciencia de que lhe seria absolutamente impossivel tocar a ignominia da torpe vingança.

Mas quantos e diversos sentimentos a torturaremlhe o coração e a desatinarem o seu espirito!...

Amava o esposo com toda a violencia do odio, em que tomado de insania, se transporta embravecido o amor.

Abrazava-se em ciumes tanto mais crueis e terriveis, que ardiam abafados no seio.

Arquejava dolorosa, vendo-se contrastada, humilhada em sua vaidade de formosa pelo esposo ingrato que infiel a menospresava.

Enraivecia-se, considerando que tendo sabido manter o respeito e a decencia na vida domestica, a

dignidade e o recato mais puro em face do publico e em todo o seu proceder; conservando, apezar das afflicções profundas e dissimuladas, a sua belleza e as suas graças, o barão engolfado cada vez mais no paul do vicio, nem voltava arrependido a caír a seus pés, nem sequer ensaiava algum meio de reconciliação.

Ella não o confessaria a alguem; mas dentro em si reconhecia que desejava perdoar ao marido transviado; que, não podendo deixar de amal-o, amando-o embora com aquelle odio em que frenetico se requinta o amor, depois de mais um anno de martirio, perdidas as illusões, os sonhos poeticos da vida toda em risos e flores, receberia menos acerba e bem facil na indulgencia o barão, se elle viesse procural-a confuso, temeroso, mas almejante de ternura e de felicidade.

E o barão, solto e desenfreado, nem adivinhava o seu amor em delirios de odio, nem calculava as proporções do incendio dos seus ciumes, nem queimava leve insenso á sua vaidade; nem se arrependia; nem voltava a elle, nem parecia sensivel á sua belleza, nem se indiciava cubiçoso de enternecido perdão.

O barão de Amorotahy abandonava a esposa ás inspirações superexcitadas por sentimentos ardentes e em sua exaltação susceptiveis de excessos arriscados.

A baroneza, assim a soffrer torturas, vira sinistramente surgir no céo branco de sua alma o ponto negro da vingança.

E essa vida de angustias e de paixões violentas, m convulsão intima e sonegada, ia-se prolongando remenda.

O barão, cada dia mais desenvolto, abusava impiedoso da generosidade e da virtude da victima; e esta estava vendo o sinistro ponto negro a crescer... a causar-lhe sempre horror; mas a crescer...

A idéa fixava-se; o que horrorisava era sómente a natureza da vingança que Amalia de Villares insinuára.

Um dia a baroneza concentrou-se; estudando o estado da sua alma e do seu coração, pôde reflectir, e teve medo: pareceu-lhe que a loucura a ameaçava.

Teve medo, medo de si!

A mulher arremeda o infinito nas proporções, nos segredos, na immensidade do sentimento.

O medo operou uma singular e inesperada metamorfose.

A senhora vaidosa, a esposa do amor flammejante de odio, a baroneza, emfim, não devendo, não podendo ir directamente esmolar os afagos do seu marido, conseguiu ao menos dominar o seu orgulho; e, com apuros de *toilettes* domesticas, ostentadoras da graça das suas fórmas, com agrado mais suave no trato, e com os afagos de ternura de esposa, procurou tanto quanto lhe era licito, attrair, chamar ás doçuras conjugaes o barão.

Faltou-lhe só fallar... pedir com a voz; e o barão que já estava cego e depravado não soube vel-a a requestal-o.

Talvez que as prevenções da alheação de mais de um anno não tivessem deixado o barão apreciar os signaes da indulgencia da esposa offendida.

A baroneza quiz por força pensar assim; porque esse novo ultraje á sua vaidade, nos primeiros tormentos do desprezo, tinha tornado em densa nuvem o ponto negro.

O medo tambem augmentára na mesma proporção.

E a baroneza que não sabia voltar-se para Deus, em desespero e temerosa de desatinos, via a sua unica taboa de salvação no arrependimento e no amor do marido.

Então,—talvez já começasse a desvirtual-a a loucura que temia—desceu, abateu-se muito: a paixão, o medo, a esperança extrema, a ancia de naufraga desvendaram-lhe, ensinaram-lhe os segredos de seducção cujos tesouros possuia.

Recorreu aos dotes e encantos que outr'ora mais transportaram o marido.

Gastou uma hora a artificiar a sua «toilette» da noite; e, satisfeita da sua obra, foi sentar-se em uma ottomana na sala que separava os seus aposentos dos do barão, e por onde elle ao recolher-se necessariamente havia de passar.

Fingiu-se adormecida.

O barão chegou a casa quasi ao amanhecer, saiado e fatigado.

Entrando na sala viu a baroneza adormecida.

Aproximou-se pé ante pé, olhou, admirou a esposa.

Cançado, como estava, foi muito de manso tomar uma vela e retirou-se, cantarolando, baixinho, como era seu costume, um motivo popular de opera franceza.

Quando o barão desappareceu, a baroneza qu fingira dormir, ergueu-se furiosa, e de pé murmur terrivel e convulsa:

—Vingança!

XIII

O copo de cristal

Recolhendo ao quarto a infeliz debateu-se exasperada nas garras das paixões que em frenesi a di laceravam.

O ponto negro que se tornára em nuvem dens estendera-se em vasta e pesada negridão de tempestade, inundando todo o ceu de sua alma, e como s fôra lugubre mortalha de consciencia e da rasão.

—Vingança! repetia ella de momento a m mento.

E enfurecida e desatinada, fallando a si mesm em tom baixo, e com a voz agitada por tremor ne mor nervoso, dizia:

—Extremo insulto! Vingança extrema!...— abismo da infamia... que importa?!

E ria-se com o rir que obriga a compaixão e fa tremer.

Continuou dizendo:

—Abismo... sim... arrasto-o, porém, a elle... roubou-me tudo... deixou-me só o seu nome... com a honra que depende de mim!

E riu-se ainda mais feiamente, falando a morder as palavras:

—O seu nome!... manchal-o-ei!... ao abismo!... sim!... quero descer... quero o opprobrio!... vingança!...

E tresvariada como se falasse a muitos ouvintes presentes, rompeu com as mãos o gaze que lhe cobria o peito, e relanceando os olhos pela sala, perguntou n'um tom que seria um grito, se o não suffocasse a dor, e o não cortasse um soluço:

—Quem... me... quer?...

E caiu no leito, revolvendo-se em convulsão nervosa.

Quando, depois de meia hora de terriveis contorsões e tremores, o ataque abrandou, veio a reacção das lagrimas, afflictivo soffrimento ainda a principio, mas depois valvula aberta aos excessos da paixão.

Mas a baroneza, conseguindo emfim estancar o pranto e em seguida levantar-se do leito, apenas tinha mudado de ideia no louco empenho de vingança.

Pallida, com o rosto contraido e em mais de um ponto maguado, com os labios mordidos e tintos de sangue, abatida e mal podendo andar mas ainda com os olhos abrazados, silenciosa e profundamente triste, a baroneza passo a passo chegou-se a um pequeno armario de mogno, abriu-o, tirou d'elle uma caixinha quadrada, dentro da qual escolheu um vidro, e levando-o na mão aproximou-se da luz, e leu o letreiro.

Era *tintura de belladona*.

A victima do esposo adultero e desprezador louca ou delirante, abraçára-se á cruz da sua virtude: queria morrer honesta.

Era sacrilega, ultrajava a cruz com a tentação do suicidio; mas n'um impulso de demencia, e em

desesperado almejo de vingança, preferia vingar-se, suicidando-se casta, a vingar-se, vivendo a deshonrar o marido com a sua calculada deshonra.

Pegou na luz, dirigiu-se para a sua sala de toucador, e aproximando-se tirou da mesa quasi contigua e enriquecida de cem diversos, mimosos e admiraveis objectos de arte, de fantasia e de elegante luxo, um pequeno copo de cristal maravilhosamente lavrado; derramou n'elle a tintura de belladona, que a devia matar.

Sentou-se n'uma cadeira e com os olhos fitos no lindo copo de cristal, deixou-se ficar esperando.

Esperando o quê?

Aquelle copo de cristal, de esmerado e custoso trabalho artistico, tinha-lhe sido dado de presente pelo barão.

Era lindissimo; lembrava-lhe o ceu branco e sem nuvens da sua vida feliz; mas encerrava a morte que ella desejava.

Todas as suas faculdades, todo o seu animo estavam em desordem.

Reflectiu; teria ainda alguma esperança? quem sabe o que era, se ella mesma, a pobre martir desatinada o não sabia!?

Ouvindo o relogio annunciar onze horas da manhã, a baroneza sempre de olhos fitos no copo de cristal, tocou a campainha.

Acudiu immediatamente uma creada.

—Diz a meu marido, ao sr. barão, que passei mal a noite, que estou ainda um pouco incommodada, e por isso almoçarei mais tarde no meu quarto.

A creada saiu.

Quasi logo a baroneza ouviu signaes de que se servia o almoço.

Pouco depois reconheceu os passos do barão, que saia sem ao menos ir informar-se do estado e dos soffrimentos de sua esposa.

A baroneza gemeu dolorosamente, empunhou o copo de cristal e levou-o aos labios.

Um minuto depois ouviu o rodar da carruagem que

levava o barão, talvez para a companhia de alguma amante.

—O senhor barão acaba de sair, disse a creada, reapparecendo á porta da sala.

—E quem te recommendou este aviso? exclamou pela primeira vez arrebatada e inconveniente a esposa mil vezes offendida.

A criada fugiu.

E a baroneza, em novo e violento transporte, arrojou contra a parede o bello copo de cristal que se partiu, espalhando-se no tapete da sala a tintura de belladona

XIV

Vingança-Suicidio

Como os cataclismos que mudam a face da terra, ha profundos abalos moraes que transtornam o caracter natural do homem.

Desde o dia fatal da tentação do suicidio, operou-se no animo e no proceder da misera senhora extraordinaria e lamentavel metamorfose.

Logo no primeiro baile, a esposa infeliz, mas venerada como simbolo de recato espantou os seus admiradores, que eram todos, mostrando-se menos circunspecta nos modos, mais dispensadora de sorrisos equivocos, e susceptivel de galanteios.

Manifestou-se bastante leviana, porque ao passear com um individuo que parecia fazer-lhe a côrte, encontrou em passeio semelhante, Amalia de Villares que batendo-lhe com o leque no hombro nú e alvejante, lhe disse sorrindo:

—*Baroneza de Amor!* Vaes tomando juizo!

A baroneza respondeu docemente, fallando para o individuo com quem ia:

—O que D. Villares quer dizer é que o senhor me está endoudecendo.

Era uma provocação.

A baroneza transformara-se subitamente derecatam immodesta.

O individuo, bello e rico joven de vinte e dous annos, estudante do quinto anno de medicina e adorador de todas as mulheres bonitas, prelibou a gloria da inesperada conquista.

A baroneza não podia fazer melhor escolha para se desconceituar depressa.

Felicio de Góes, o bello estudante, não tinha reservas nem disfarces para a manifestação de um amor correspondido.

Em breve a baroneza foi por quasi todos declarada amante immodesta de Felicio de Góes.

Mas longos dias foram correndo sem que o estudante gosasse a felicidade que a diffamação jálhe attribuia: viveria assim docemente um seculo, se o não excitasse a conseguir completa felicidade a conjectura publica de que elle a tinha já merecido.

O joven estudante cultivava a poesia e lembrou-se de requerer em verso, o que não se animava a pedir em prosa.

Escreveu um canto poetico e foi lêl-o á baroneza. O poeta reclamava de joelhos o doce premio da sua ternura; e a bella e compassiva amada, levando-o nas suas azas de anjo, concedia-lhe a indisivel gloria de um beijo.

O canto poetico devia revoltar a baroneza; ella, porém, ouviu-o até o fim, e depois respondeu sorrindo tristemente:

—O senhor errou! A sua poesia foi mal inspirada: para que me deu azas?.. deu-m'as, e agora eu vôo e fujo: deixo-o no céo, a que me elevou, e volto para a terra, que é onde sómente sei amar! Adeus! o nosso amor acabou.

O dr. Olimpio veio quasi logo tomar o lisonjeiro posto que o estudante perdera; e, graças ás expansões publicas da baroneza, foi apontado como o segundo amante a que ella se rendera.

Depois do dr. Olimpio o cavalheiro... elegante diplomata e seductor de nomeada, gosou, mas só durante poucas semanas, a fama de ser o amante feliz da inconstante senhora.

Um collega e amigo do diplomata, notando a duração quasi efemera d'este amor, perguntou-lhe gracejando:

—Então v. ex.ª pediu, ou mandaram-lhe os passaportes?

O interrogado respondeu:

—Nem uma nem outra cousa: fui apenas victima de uma illusão de optica.

—Como?!

—Julguei que amava uma Venus de carne humana, e encontrei uma Venus de marmore.

Applaudiu-se a resposta generosa do diplomata; mas ninguem acreditou na rigidez marmorea da baroneza.

Por ultimo era o conselheiro Adeodato quem tomára o quarto lugar na série dos amantes da escandalosa namoradeira que tanto nodoava sua condição de senhora casada.

Rara era a voz amiga que imaginava explicações e hipoteses para defender a baroneza: quasi todos a reputavam e a declaravam esposa infiel.

Este juizo condemnador era tão verosimilmente justo, como realmente falso.

A baroneza namorava, provocadora e petulante, autorisando assim conjecturas ignominiosas; mas, inabalavel e fria, tinha sempre sarcasmo prompto, e confundidora ironia á flôr dos labios para despedir e repelir os seus apregoados amantes.

Em todo o caso a verdade era tristissima.

A baroneza que em furioso delirio projectára a vingança do ultimo opprobrio, mas que logo depois arrependida preferira a vingança do suicidio, que em seguida tambem rejeitára, despedaçando o copo que continha o veneno, estava desastradamente realisando ao mesmo tempo as duas hediondas vinganças; porque do ultimo opprobrio era por quasi todos accusada, e não podia ser mais positivo e certo o seu suicidio moral.

A misera senhora tinha abandonado ao ciume o imperio da razão, o despeito mais desabrido a fonte

de luz da consciencia; e, atirada á voragem, abismava-se e simulava achar encantos no abismo.

Não era muito que fosse mal julgada por todos, quem pelo menos durante os primeiros mezes de seu frenesi vingativo, não sabia compreender o segredo intimo de seus proprios sentimentos excessivamente alterados.

A baroneza presumia-se arrebatada pela ideia temeraria e fatal, e pelo impulso exclusivo de manchar o nome do marido ingrato e ostentosamente adultero, de deshonral-o com a sua deshonra; mas cada hora, cada noite, todas as sonhava com as revoltas do orgulho do barão; esperava, e aspirava a tempestade no lar domestico, a erupção dos ciumes, ou ao menos da dignidade ultrajada do barão.

Porque esse sonho? porque essa esperança e essa aspiração? Não o poderia dizer na situação superexcitada de seu espisito.

Mas fatal idade, ou erro descomunal, o barão de Amorotahy nem tempesteava no lar domestico, nem rugia ciumento, e nem ao menos se mostrava offendido na sua dignidade.

Esse enregelamento quasi incrivel do pundonor parecia á baroneza a expressão vivissima, extrema da indifferença e do desprezo, com que a aniquilava moralmente o homem que ella amára, e que (sem o compreender então) ainda tanto amava.

Mais furiosa ainda, a mísera e desatinada victima precipitava-se aggravando publicamente as falsas apparencias dos sacrificios do seu pudor.

Havia no procedimento e nos sentimentos da baroneza confusão de affectos, contradicções de idéas, absurdo de calculo; mas quem póde pedir logica, razão luminosa e guiadora em espirito vulcanicamente apaixonado, e em frenesi accendido pelos ciumes raivosos do coração, e pelos martirios da maior vaidade em maior tormento de rebaixado despreso?

A esposa traida, humilhada, desapreciada, deixada livre por menos preço a seus desatinos e com-

promettimentos; a mulher ferida assim em seu desvanecimento, no abandono desprezador da indifferença mais aviltante, tresloucava em revolta descomedida.

A *baroneza de Amor* era mais delirante do que peccadora.

Todavia, no frenesi de horrivel e indecente vingança, mantinha firme e indestructivel barreira, limite inexcedivel, que os seus avidos amantes, a sua propria consciencia, e Deus conheciam jámais ultrapassados.

Não obstante, os detractores da baroneza multiplicavam-se, a diffamação inventava scenas vergonhosas que nunca se tinham passado, e ella, atrevidamente despresadora tanto das justas censuras, como das calumnias, deixava correr á revelia o processo da sua deshonra, que era injusta.

A sociedade em que a baroneza vivia, e da qual tinha sido o idolo, tolerava-a pelo prestigio do seu nome, e pela sua posição e riqueza; desforrava-se porém, negando-lhe a antiga veneração.

Durante o seu proceder de esplendido recato a contrastar com a licenciosidade e com a vida opprobriosa do marido, os admiradores da sua virtude, em respeito á gravidade do infortunio, tinham esquecido o tratamento suave e lisonjeiro do tempo da felicidade, e tratavam-a simplesmente—*senhora baroneza*.

Mas, a recatada tornára-se ostensivamente namoradeira audaciosa, tinha amantes, desmerecêra o respeito do infortunio, e todos começaram a chamar-lhe perfeitamente a—*baroneza de Amor*.

A abreviatura do titulo de certo modo tornára-se alcunha de sentido equivoco.

E a *baroneza de Amor*, insolita e radiosa, mostrando-se feliz, cada vez se afundava mais na voragem.

Assoberbava tudo; talvez friamente recebida pelas senhoras honestas, susceptiveis e com rasão zelosas [illegible] intimas relações, ligou-se ás mais

levianas, de reputação menos transparente, e tomou por amiga predilecta Amalia de Villares, o seu demonio traidor.

Nos curtos intervallos dos seus amores mais suspeitos a *baroneza de Amor* era sempre a inconstante e facil namoradeira a entreter todos os galanteios e a inflammar as mais atrevidas esperanças.

Já não era uma senhora a comprometter-se; era a mulher de todo compromettida e já marcada com o ferrete da degradação moral.

Mas a sociedade que condemnava, e que entretanto continuava a conviver com a *baroneza de Amor*, e que a festejava, essa sociedade que se diz alta e aristocrata, que poderá ser moralisada mas que evidentemente não sabe moralisar, estava tomada de espanto e ignorava um segredo de indisiveis tormentos.

Espantava-se da cegueira, ou da condescendencia do barão de Amorotahy, que era ou o mais estupido ou o mais infame dos homens.

Ignorava o segredo dos soliloquios e das noites de afflictivas, de remordidas, de atrozes vigilias da *baroneza de Amor*.

O barão era realmente *quasi* infame.

A baroneza era uma tresloucada martir.

Ninguem até então se atrevera a levar de viva voz ao barão a luz, qne se suppunha que elle queria simular não sentir, nem ver.

Ninguem, com excepção de uma respeitavel senhora, tinha ousado approximar-se da *baroneza de Amor* para lhe fazer ouvir observações e conselhos.

D. Margarida, a irmã de Alberto Xavier, podia fallar á baroneza com a influencia de tia, que por ella tinha amor quasi maternal, e com a auctoridade do exemplo de esposa que fôra, e de viuva que nunca deixára de ser honestissima; era, porém, infelizmente em instrucção e pelo espirito muito inferior á sobrinha.

Vinte ou mais vezes exprobou os erros e desati-

nos da sua querida Irene, e outras tantas teve de calar-se, não convencida mas confundida por ella.

A baroneza facilmente demonstrava sempre á amorosa, um pouco rude e ingenua tia, que a esposa traída e ultrajada não tinha nas leis e na sociedade recursos que a livrassem da inferioridade dos direitos em relação ao marido, aliás deixado impune e campeando no vicio, e que portanto a revolta e a vingança se deviam desculpar na victima.

O sofisma immoral era sentido pela nobre viuva; mas a eloquencia exaltada da baroneza impunha triste silencio á senhora pouco intelligente.

Em ultimo e rigido combate, D. Margarida exclamára:

—Oh, Irene! eu não sei discutir comtigo; os factos porém, ahi estão fallando alto!

—Que dizem elles? perguntou a baroneza impaciente.

— Dizem que na tua vingança te suicidas, e que...

—Diga tudo!

—E que, dilacerando a tua reputação, nem pensas que... olvidas o nome e a memoria de teu pai.

A baroneza corou e confrangeu-se dolorosamente; mas logo depois respondeu:

—E' verdade; tem razão, minha tia.

E immediatamente perguntou:

—E ha quanto tempo é assim?

—Ah!.. ha quasi um anno!...

—Portanto, minha tia, bem vê; já estou demasiadamente desacreditada; e a regeneração é impossivel.

—Irene!

—Agora é tarde! Despenhei-me; deixe-me no fundo do abismo com a consolação da vingança.

—Infeliz, manchas-te!

—E' verdade, disse a baroneza, com um riso infernal; sei que... me... deshonro... mas vingo-me!

SEGUNDA PARTE

O quinto amante da baroneza

I

De branco e azul

A *Baroneza de Amor* esperava o dr. Olimpio que lhe devia apresentar o seu amigo capitão.

Evidentemente apurara as falsas apparencias da simplicidade em elegante e custosa *toilette* domestica. Do penteado caiam-lhe grossos caracóes de madeixas naturaes que beijando-lhe as espaduas, e descendo-lhe dos hombros para a frente, ostentavam a opulencia e a belleza dos seus cabellos. Tinha nas orelhas brincos de purissimas opalas; o pecsoço garboso, nú e sem enfeites; e o peito alvejante coberto por transparente camisinha de filó bordado a ponto inglez e com lacinhos de fita azul.

O vestido era branco de cassa finissima e com guarnições de rendas iguaes ás da camisinha; uma fita azul de setim a indicar a abreviada cintura; ligeiros ornamentos do mesmo tecido e da mesma côr e nada mais.

N'esse refinamento de faceirice, dissimulada na côr da modestia com adornos da côr do céo, a *Baroneza de Amor* estava encantadora.

Como todas as senhoras elegantes e vaidosas, possuia a arte de sentar-se de modo a avantajar as suas graças, e a produzir agradavel effeito na attitude do corpo.

Sentou-se n'um d'esses pequenos e mimosos sofás de madeira branca, maravilha de trabalho, deli-

cadeza, e gosto, como que inventados para receberem as fadas.

Descançando os pés n'um banquinho almofada do de setim branco, ensaiou uma doce reclinação sobre o fino braço do sofá para obrigar o vestido a deixar ver metade de um de seus pés, o preciso para o tornar pequenino na prisão da sua linda botina.

Dir-se-ia que se preparava para empreender a conquista de novo amante no joven e arrojado militar, que na noite antecedente vira no teatro.

Não era, porém assim.

Ella mal poderia presumir, que o capitão fosse joven: a principio notara-o sómente pela sua disforme fealdade; mais tarde commovera-se agradecida e um pouco ufana do conjecturado influxo da sua belleza, vendo-o em vulcanica ira ameaçar de face o miseravel que a estava atassalhando.

A baroneza sabia quem era o taful diffamador; já tinha notado e estava sentindo, embora não o ouvisse, as injurias e calumnias, com que elle a abocanhava quando o militar, tão seu estranho, mas que parecia contemplal-a admirado, impôz silencio ao detractor, castigando-o com aquelle movimento, que ainda não passando de ameaça, é logo extremo insulto susceptivel de ser pago com a vida do insultador.

Embora tivesse inconvenientes, ruidosos e compromettedores, o lance e audaciosa acção do militar lisonjearam muito a vaidosa senhora: era um desconhecido que para a defender e desaffrontar espontaneamente se arriscára a todas as consequencias do maior ultraje.

Não pouco por vivissima curiosidade, muito mais porém por gratidão suave e explicavel pelo encantamento da sua vaidade, levaram a baroneza a exigir do dr. Olimpio a immediata apresentação do seu tão feio como corajoso e exaltado defensor.

A infeliz senhora, profundamente agradecida ao generoso impeto d'aquelle cavalheiro, ufanosa de o ter merecido, daria metade da sua vida pela estima

d'esse homem nobre; e, conscia dos seus erros e do seu descredito, tinha medo de não poder conseguil-o.

Tinha observado que o feio e disforme capitão a procurára com os olhos e parecera fortemente impressionado com a sua belleza.

Fôra possivel que, por desatinado capricho e por calculo de escandalo, chegasse desastradamente a tomal-o por namorado e a fazel-o passar, como outros, por seu amante; mas, depois do seu violento e em todo o caso honroso proceder, depois da ameaça da bofetada, aquelle militar tornara-se um homem sagrado para o seu coração.

Em sua alma, docemente commovida, a baroneza jámais conceberia a simples hipotese de confundir no numero dos imaginarios amantes, instrumentos da sua vingança, o guapo cavalheiro que por ella se arriscara a comprometter-se se não fôra tão cobarde o homem que a insultára.

Desvanecia-se em contemplar o capitão, em admirar o seu animoso e extrenuo palladino, e não podendo glorifical-o com um amor digno d'elle e d'ella, com o amor puro que nem se esconde pelo opprobrio, nem se atormenta com os remorsos, almejava a sua estima, que aliás já era bem difficil de conquistar.

Mas a mulher, quando deseja, sabe querer.

A baroneza confrangia-se, lembrando-se da notoriedade da sua vida innegavelmente desatinada.

Tinha a certeza de que o seu cavalheiro ouviria de cem bocas e sentença da sua vergonhosa condemnação; mas nem por isso desanimou.

Compreendeu que o bom exito do seu empenho dependia principalmente das primeiras impressões que o capitão recebesse na sua visita de apresentação.

Ensinada pelo instincto feminil, amestrada pela dolorosa experiencia, a baroneza sabia que a mulher chega mais facilmente ao coração do homem, sempre pela magia da belleza, menos porém pela

ostentação do luxo e da riqueza, do que pela graça, pelo espirito, e pela modestia.

A baroneza reputava-se bella; tinha para si, que nenhuma outra senhora a excedia em graça; não admittia duvidas sobre o encanto do seu espirito; reconhecia-se emfim consummada nas antigas simulações da modestia, em que soubera disfarçar a sua desmedida e fatal vaidade.

Contando com todas essas vantagens que devia á natureza, á educação, e aos habitos da vida elegante, a baroneza preparára-se para seduzir, não o amor do coração, mas a estima da alma do seu generoso cavalheiro.

E não confiou sómente nos seus dotes pessoaes, porque não podia esquecer que o calice e as folhas mimosas muito aproveitam, ornamentando a flôr que se quer exibir.

Sabia que na senhora intelligente e habil a arte da «toilette» auxilia o calculo ou a expressão leal do sentimento; porque ás vezes parece que na côr do vestido, na escolha dos adornos, nas exagerações ou nas continencias da moda se manifesta o caracter, se abre a alma e palpita o coração da mulher.

A baroneza estudou pois a «toilette» que mais poderia convir-lhe, exprimindo o sentimento mais opposto ás paixões e ao desregramento de que a accusavam, e ao mesmo tempo fazendo realçar a sua belleza.

Foi por isso que ella preferiu o vestido branco enfeitado de azul, o vestido da côr da innocencia com adornos da côr do ceu.

II

O ramilhete de violetas

Ouvindo annunciar o dr. Olimpio e o capitão Brazilio a *baroneza de Amor* estremeceu ligeiramente e dominando-se logo, ensaiou o mais gracioso

sorriso, fitando na porta um olhar tão desejoso como suave.

Os dois amigos appareceram, e logo se curvaram cumprimentando.

A baroneza fez brando movimento com seu corpo esbelto; mas sem se levantar, disse docemente:

—Doutor! esperei muito, venham ambos depressa merecer o meu perdão.

E indicou com os olhos as cadeiras mais proximas do sofá.

Os dois approximaram-se.

O capitão Avante, deslumbrado n'aquella sala pelas luzes, pelos espelhos e pelos cristaes que as multiplicavam; e, sentindo sob os pés o rico, macio e felpudo tapete, seguira um pouco desageitado e confuso o dr. Olimpio.

O capitão trajava sobrecasaca militar e tinha o peito coberto de condecorações, de medalhas e fitas: era ostentação explicavel em quem precisava que lh desculpassem o rosto horrivelmente disforme.

Gloriando-se das suas cicatrizes, nem por isso o bravo soldado desconhecia o quanto ellas o afeavam, e por isso ao mesmo tempo que attenuava com o brilhantismo do peito a disformidade da face, desconfiava da má impressão que produzia, e, irascivel, nunca tolerava o ridiculo n'esse ponto.

A baroneza fingiu não perceber o vexame do capitão, e comquanto o dr. Olimpio se approximasse d'ella primeiro, deixou-o ser o segundo na graça de beijar-lhe a mão.

O doutor quiz cumprir o seu dever de apresentador.

—V. ex.ª, disse elle á baroneza, é a bella fada que lê nos corações; ordenou-me esta manhã a dôce honra, que hontem á noite eu tinha promettido vir procurar merecer...

—Ah!... é possivel? perguntou elia alegremente.

Em vez de responder, o dr. Olimpio acrescentou:

—Dou-me por feliz, tendo a satisfação de apresentar a v. ex.ª...

A baroneza interrompeu-o dizendo:

—Doutor!... que pretenção!... o seu amigo já hontem me foi apresentado.

E sorriu-se encantadoramente.

Olimpio enganou-se, suppondo-se mistificado; e, dirigindo-se ao amigo, perguntou:

—Capitão!... como é isto?... apresentado hontem?

O capitão sorriu-se tambem, e respondeu galantemente:

—Já não é licito duvidal-o.

—E posso eu saber, minha senhora, quem teve a honra de o apresentar a v. ex.ª?

A baroneza corou de leve e disse commovida:

—A gratidão.

O dr. Olimpio compreendeu a allusão delicada e guardou silencio.

O capitão ainda mais perturbado do que ao entrar na sala, apenas pôde murmurar:

—Ah, minha senhsra!... eu não sei!...

A baroneza, com franca expansão de nobre sentimento, procurou a mão crestada e rude do capitão, e apertando-a com ardor entre as suas, tão brancas e assetinadas, disse:

—Obrigada, obrigada!

O capitão estremecera ao contacto e ao aperto das mãos pequeninas; e quando retirava a sua, sentindo n'ella a impressão de uma lagrima caida, exclamou sem reflectir no que dizia:

—Doutor! lá na guerra era menos difficil!... Olimpio sorriu-se.

A baroneza dominára a commoção, e proseguiu dizendo:

—Adiemos a apreciação do que hontem se passou no teatro; adiemol-a sómente; porque é dever meu voltar a ella... hoje não.

—Nem ámanhã... nem em outro qualquer dia, respondeu o capitão; protesto, minha senhora, que hei-de ser indisciplinado, não me lembrando de cousa alguma que possa magoal-a.

O assunto era extremamente melindroso, e o joven militar, querendo ser obsequioso, fôra pouco habil e feliz, deixando transpirar a ideia de magoar.

A baroneza tornou a corar e disse, fitando no rosto do capitão um olhar cheio de melancolia:

—Hontem expoz-se por mim, sem me conhecer: o que então fez, bem o sei, fal-o-hia por outra qualquer senhora... no triste caso...

—Nem tanto!... perdôe-me v. ex.ª

—Pois se nem tanto, ainda muito mais me empenha um dever; e, confesso-o, impelle-me um interesse, que satisfarei forçosamente.

Até ahi, grave e triste no seu falar, a baroneza, como que obrigando mudança da conversação, mostrou-se de repente risonha, expansiva, e graciosa.

—Que inconsequencia, doutor! exclamou ella; disse-lhe ha pouco que o seu... que o nosso amigo me fôra apresentado hontem, e ainda não lhe sei o nome! E' verdade que o ouvi annunciar mas... quando entraram, eu não tinha ouvidos, tinha sómente olhos e coração.

—Brazilio de Amoreira; disse o capitão, curvando-se respeitosamente.

—Salva a alcunha, que fez esquecer-se-lhe o nome disse o dr. Olimpio.

A baroneza hesitou, receiando uma zombaria que embora innocente e permittida á amizade, seria de mau gosto n'aquella occasião.

—Doutor! murmurou o capitão.

—Senhora baroneza, embora peze á prioridade da munificente gratidão de v. ex.ª, tenho a honra de lhe apresentar o meu amigo o sr. capitão *Avante*.

—Capitão Avante!

—Durante cinco annos de guerra tremenda, com mil soldados brazileiros, em accôrdo unanime deram, conservaram e perpetuaram a gloriosa alcunha de *Avante* ao bravo dos bravos que se chamava Brazilio de Amoreira.

—Ah! exclamou a baroneza; pois tambem eu lhe chamarei o capitão *Avante!* bella, explendida e bem merecida alcunha. Sei porque.

—Sabe já?

—Desde hontem á noite, e ainda antes do suave captiveiro da gratidão.

—Oh! deveras?

A baroneza, com a instinctiva sagacidade feminil, aproveitou o ensejo para destruir a natural confiança que o capitão devia ter da impressão desagradavel que determinava a disformidade de seu rosto e disse atrevidamente:

- Eu já o tinha notado.

—Em todo o caso, agradeço-o, minha senhora respondeu o capitão, fingindo sorrir.

—E' verdade, insistiu a habil senhora; e era forçoso notal-o; porque nas cicatrizes de suas faces desfiguradas resplendem a bravura e a gloria, dando-lhe em troco da formosura perdida, o prestigio e o fulgor da heroicidade.

E acrescentou, com enfase natural ou fingida:

—Se eu fosse homem, se fosse soldado, quereria trazer da guerra esse rosto, com tanto que eu trouxesse tambem esse peito.

E apontou para as numerosas condecorações que elle ostentava no peito.

O capitão quiz falar; mas a baroneza não lh'o permittiu.

—Que iria dizer-me?—não o quero ouvir, amesquinhando-se por modestia. Consinta que lhe imponha silencio. Doutor! tem agora a palavra. Foi sem duvida na guerra companheiro do capitão Avante: peço-lhe que sem piedade o confunda, referindo-me algumas das suas proezas.

—V. ex.ª quer expôr-me a accusal-o de loucura? perguntou, rindo-se de novo, o dr. Olimpio.

—Ainda assim.

O doutor começou a narrar os feitos gloriosos do seu amigo.

A baroneza naturalmente estimaria ouvir a rela-

ção das façanhas do capitão. Pediu-a porém como pretexto e de proposito para, simulando-se toda attenta ao que diria o dr. Olimpio, se abandonar á contemplação livre, demorada e ampla do capitão Avante.

O seu pensamento, o seu empenho era ainda o mesmo: vendo de perto o capitão, reprimira, abafára perfeitamente mas em verdade sentira uma sensação quasi de repugnancia produzida pela horrivel deformação de seu rosto.

Nunça poderia amar aquelle homem; firme, porém, anhelava ganhar-lhe a estima, e planeava adiantar a conquista, patenteando os seus encantos.

Tatica já consumada, desenvolveu os recursos, os segredos da arte de agradar e de enlevar os sentidos, como se tentasse a dominação de um namorado.

O capitão Avante, desde a noite antecedente já em doce pendôr amoroso para a baroneza, e em pouco menos de meia hora captivo de expansões generosas, na conversação mantida em tom amigo e franco, ficou contemplando a elegante e gentil senhora, emquanto o dr. Olimpio descrevia mortiferos e horrorosos combates.

A baroneza ostentava habilmente a exposição da innocencia voluptuosa.

Um anno antes ella não teria ousado insinuar-se d'esse modo.

Quando o dr. Olimpio terminou a historia das temeridades marciaes do capitão Avante, este já estava endoidecido pela *baroneza de Amor*.

A allucinadora certificou-se do effeito que produzira.

Pouco importa o que mais se disse, o que mais se passou n'essa noite da apresentação do capitão Avante.

Quando os dois amigos se levantaram para se retirarem, a baroneza disse:

—Capitão Avante, considere-me sua fiel e boa

amiga: recebel-o-ei em minha casa sempre com o maior prazer; peço-lhe, porém, e se me dá o direito de exigir, exijo qne me conceda o favor de uma conferencia a sós.

—Oh, minha senhora!... e quando?... só a v. ex.ª cabe marcar o praso da honra e da felicidade, que me annuncia.

A baroneza ergueu-se, e ostentando toda a graça do seu corpo gentil, foi a um dos aparadores, tirou de um rico vaso de Sévres cheio de flôres naturaes, recentemente colhidas, um pequeno raminho de violetas ainda rescendentes, e dando-o ao capitão Avante, disse:

—Logo que estas violetas murcharem, venha á mesma hora de hoje pedir-me um ramilhete novo.

III

Avante!

—Doutor! a noite está bonita e fresca: não achas melhor que sigamos a pé?

O dr. Olimpio fez parar o carro em que com o capitão Avante voltava da casa da *baroneza de Amor*; e, despedindo o cocheiro, voltou-se para o amigo, dizendo:

—Pois sim; marchemos a pé, *como lá na guerra*; não é isso?

—Não; lá na guerra eu nunca tive medo.

—E aqui... agora?

—Começo a tel-o, doutor!

—Porque?

Em vez de responder o capitão perguntou:

—Que te pareceu a baroneza?

O dr. Olimpio sorriu e disse:

—E' a mim que cabe fazer-te esta pergunta: que te pareceu a baroneza?

Os dous amigos caminhavam então pelo caes da Gloria, e o capitão, guardando silencio, afigurava-se respirar com avidez as frescas auras que vinham do

mar, e embeber os olhos e os sentidos no panorama grandioso que ao clarão de brilhante lua se mostrava menos distincto, porém mais romanesco.

De subito o capitão parou, e mostrando-se preoccupado de impressões e de sentimento bem differentes, disse ao companheiro:

—Doutor! a nossa amisade começou no campo de uma batalha, e estreitou-se logo no hospital de sangue: lembras-te?

—Muito!

—Pois a amisade nascida em face da morte deve manter-se pura e santa em toda a nossa vida.

—Mas a que vem isto?

—Doutor! Ainda amas a baroneza? Sê franco!

Olimpio respondeu com seriedade e quasi indicando impaciencia:

—Já hontem á noite te asseverei que não.

—Basta, disse o capitão: estou livre: se eu bradar—ávante! não te serei desleal.

O dr. Olimpio commoveu-se, porque conhecia bem o caracter e o coração do amigo, que sómente dizia metade do que era capaz de fazer.

Pelo que acabava de ouvir teve a certeza de que o capitão preferiria rebentar a cabeça com um tiro de rewolver a apresentar-se seu rival.

Mas o que podia esperar o tão cruelmente desfigurado joven official, em cujo rosto não ficara nem o mais leve indicio do verdor, do matiz e da belleza de seus vinte e tres annos?

O capitão tornou quasi logo a falar, dizendo:

—Franqueza e lealdade de amigo até o fim: que devo pensar da baroneza? Conhecel-a ha muito. Ajuiza.

—Capitão, estás perdido!

—Porque?

—E' simples; porque já perdeste a cabeça.

—Como?

—A *baroneza de Amor* era uma charada que querias decifrar, e voltas de sua casa com a alma

incapaz de reflectir, e com o coração captivo da harada que não decifraste.

—Vel-o-hemos depois: agora quero que me respondas: que pensas da baroneza em relação a mim?

—Capitão, eu devo dizer-te a verdade. A principio applaudi a baroneza, julgando-a toda radiosa de gratidão pelo acto imprudente que em sua defesa commetteste.

—E depois?...

—Mas depois vi, e não me engano, a baroneza empregou todos os recursos, toda a arte de seducção dissimulada, mas sagaz e consummadissima, para te prender na rêde dos seus encantos.

—Supponhamos que sim; e então?

O dr. Olimpio hesitou.

—Exijo que digas tudo!

—Capitão Avante! és o mais bravo e o mais nobre dos homens generosos até o extremo que se desvirtua por temeridade, e por dedicação immerecida.

—Supponhamol-o ainda... mas; ias dizer *mas*...

—Sim; mas a guerra afeiou-te disformou-te como sabes.

—De accôrdo: é evidente. A baroneza reparou em mim por isso mesmo, como o confessou.

—Não creio pois que lhe inspirasse amor. Ella não podia namorar-se de ti; não te ama.

—Quantos homens feios têm sido apaixonadamente amados?

—Ai, meu Avante, Deus me livre de contrariar a esperança que depositas nas excepções da sabedoria e do entusiasmo, e nas extravagancias dos caprichos da mulher; eu porém calculo e reflicto sobre a regra geral.

—Mas porque procurou então a baroneza prender-me na rêde dos seus encantos?

—A baroneza não ama o conselheiro Adeodato; sem duvida já está muito aborrecida d'elle.

—Que queres dizer?

—Fizeste-te notado e obrigaste a falar de ti pelo teu insolito arremeço hontem no teatro; és distinto pelas noticias que vão correr das tuas temerarias proezas na guerra, distingues-te ainda pela desfiguração do teu rosto.

—Por tanto...

— E's um homem que toda a gente procurará vêr...

—Por tanto?

—A *baroneza de Amor* quer que sejas um esperançoso e mistificado successor do conselheiro Adeodato.

—Doutor!...

—Exigiste a verdade; disse-t'a.

—Mas acabas de accusar de indignidade a baroneza.

—Protesto que não; sou seu amigo; accuso-a sómente do seu triste e inexoravel sistema adoptado.

—Sempre a charada.

—Que não decifraste.

—Mas charada que hei-de em breve decifrar, disse o capitão, levando a mão ao peito.

—E quando, meu Avante?

—Quando tiverem murchado estas violetas, que conservarei sempre.

—Estarão murchas ámanhã, capitão.

—Em tal caso irei, eu só, ámanhã á noite pedir á *baroneza de Amor* outro ramilhete de violetas novas.

—E pensas que as violetas não tem espinhos, embora occultos?

O capitão riu-se, e respondeu:

—Tens falado tantas vezes na monstruosa desfiguração do meu rosto, que agora tenho o direito de dizer que não devo arrecear-me de espinhos.

—Esses espinhos ferem o coração, cravam-se n'elle!

—Melhor! E' um perigo novo, um empenho romanesco, uma batalha arriscada e terrivelmente ap-

preensiva! Estou no meu elemento: é como lá na guerra: *ávante!... ávante!...*

IV

Não

No dia seguinte o capitão Avante vendo que as suas violetas estavam murchas, foi pedir o ramilhete novo á *baroneza de Amor*.

O praso da conferencia exigida, marcado por flores, acendia a esperança no coração do inexperiente mancebo, que levou o animo resoluto a não perder, por timido, e a conseguir, por arrojado, a doce conquista que almejava.

O capitão encontrou a baroneza sósinha, na mesma sala onde o recebera na noite anterior.

Esperava-o, sem duvida.

A sua *toilette*, em vez das suaves côres da da vespera, impunha certa gravidade. Trocára a fina cassa por pesada seda, e sem que por isso denunciasse menos a gentileza das suas fórmas, como que se indiciava mais séria, e talvez um pouco triste.

Offereceu a mão ao capitão Avante que se curvou e quasi ajoelhado a beijou.

—Contava com a sua obsequiosa visita, capitão; sabia que as violetas deviam amanhecer murchas.

—E murcharam com effeito, disse o Avante, mostrando as flores que trazia e que aproximou do coração.

A baroneza fingiu não ver essa indicação de ternura, e olhando melancolica e magoada para o capitão, começou falando com voz levemente tremula:

—Pedi-lhe uma conferencia a sós; deu-m'a; foi um novo e grande favor; encetemol-a já.

O capitão curvou-se outra vez em signal de obediencia.

A baroneza disse logo:

—Ante-hontem á noite no teatro, sem me conhecer e talvez já prevenido contra mim pelo que ou-

via, e ainda mais pelo que certamente observava no meu proceder, o capitão, escutando algum grosseiro e atroz insulto que feria a minha honra, levantou-se e estendendo braço vingador ameaçou publicamente esbofetear o miseravel detractor.

A baroneza exaltára-se, lembrando-se injuriada, e interrompeu-se para respirar.

O capitão aproveitou o ensejo para dizer:

—Protesto, minha senhora, contra uma unica ideia de v. ex.ª: não me accuse de prevenções desfavoraveis a v. ex.ª! ainda nem por um instante as pude conceber. Castigue-me, se quizer, condemne-me, puna-me por um sentimento bem diverso, e de que sómente a sua formosura tem culpa!

A baroneza mostrando-se muito dolorosamente preoccupada com o assunto que absorvia todas as suas faculdades, pareceu alheia ás palavras do capitão, e continuou dizendo:

—Esqueçamos aquelle desgraçado: a chave da riqueza abre ás vezes as portas da boa sociedade a homens que não foram educados para ella: eu não quiz abater-me a olhar para um d'esses brutos carregados de ouro, e elle se vinga, atassalhando-me. Desprezemol-o.

—Conforme; disse o capitão.

A baroneza proseguiu:

—Mas, na ameaça de uma bofetada, fiquei-lhe devendo a sua mais generosa exposição a um desforço illimitado que poderia ir até á morte.

—Quem ultraja uma senhora é incapaz de bater-se com um homem.

—Seja assim; certo é, porém, que eu que desconhecida mereci tanto, com razão me arreceio de desmerecer muito, por mal julgada depois que o capitão sabe quem sou.

—Desmerecer!? exclamou o Avante.

—Desmerecer, sim. Estou falando com dolorosa franqueza; tenho interesse em fazel-o: seja franco commigo. Diga: ante-hontem que juizo fez de mim?

—Um unico, disse o capitão; julguei, que v. ex?.

era a senhora mais bella e encantadora, que tenho visto em minha vida!

A baroneza córou, simulando modesta confusão; e respondeu logo:

—Tambem uma cortezã póde ser muito formosa: não é isso que me preoccupa.

—V. ex.ª quiz ouvir o meu juizo: no teatro não pude fazer outro.

—Porque procura inutilmente illudir-me? No teatro ouviu as informações perversas que o meu desprezivel inimigo dava ao companheiro, que me era estranho; no teatro chegaram-lhe aos ouvidos murmurações contra o meu comportamento: no teatro emfim viu-me, observou-me, recebendo e animando a suspeitosa côrte, digo a palavra, o namoro do conselheiro Adeodato. Nega-o?

—Impossivel... tudo isso é verdade, minha senhora.

—E então? Que juizo fez de mim?

—Juizo?... um unico: aquelle que já tive a honra de dizer a v. ex.ª

A baroneza presentiu e prelibou o que ia ouvir, e que não contrariava o empenho que tomára; por isso sem hesitar perguntou:

—Que sentimento lhe inspirei? diga! não foi o despreso?

—O despreso!?

—Ah!... perdão! o capitão é muito nobre: mereci-lhe piedade.

A baroneza pareceu triste.

Era opportuno o ensejo. O capitão, exaltando-se, disse:

—V. ex.ª permitte, quer que eu lhe revele o sentimento que me inspirou?

—Não foi então a piedade?

—Foi o amor! foi a paixão mais ardente!

Arrebatado pela sua natureza vehemente, o capitão apertou, beijou tres vezes as mãos mimosas da mulher que adorava.

A baroneza, serena porque não amava, vaidosa

por sentir-se tão amada, complacente para melhor apreciar e gosar as expansões d'aquelle amor que não era fingido, que rompia puro, anhelante, transportado e sublime de um coração virgem, um pouco selvagem, e esplendidamente leal, contemplou com extasis o mancebo curvado diante d'ella.

Ouviu a sua apaixonada declaração; e concedeu aos seus fervidos beijos as suas mãos de branco setim.

Quando a erupção parou, a baroneza, commovida, mas circunspecta, disse suavemente:

—Meu amigo! creio no seu amor, como na luz do sol, e desvaneço-me de ter sido amada por um coração tão nobre e generoso; quer porém saber porque, sendo casada, ouvi até o fim a sua declaração tão vehemente, e só interrompida por beijos que me abrazavam as mãos?

—Porque?

—Porque assim lhe arrancava a triste confissão que teimára em negar-me.

—Como?

—Capitão!... se pelo que ouviu, e observou no teatro não tivesse admittido um conceito pouco lisonjeiro da minha honra, hesitaria muito antes de proceder, como acaba de fazer.

—Não! E' sómente a verdade. Amo-a!

Mas immediatamente murmurou temeroso:

—Minha senhora! E' possivel que eu chegasse a offendel-a!

A baroneza respondeu sorrindo:

—Tranquilise-se; não me considero offendida. Olhe: deposito uma confiança tão absoluta na sua lealdade e na pureza dos seus sentimentos, que ouso dar-lhe a prova mais arriscada para mim.

—E qual?

—O capitão ama-me; declarou-o ha pouco, solicitando fervorosamente a minha ternura. Pois bem: n'esta mesma noite, quando eu o julgar opportuno, o autorisarei a proferir a sentença das suas aspirações.

—Eu? ah, minha senhora, v. ex.ª estonteia-me com a esperança mais deslumbradora!...

A baroneza aprendera, em um anno de tresloucadas vinganças, insolitas ousadias, a que ás vezes nem faltava a immodestia do pensamento.

Atreveu-se a dizer:

—Sim! e eu não confio cega; confio com seguro conhecimento na magnanimidade do seu caracter. A *baroneza de Amor* que não póde ser sua esposa, será sua amante, se, chegado o momento que ella marcar para a sentença, o capitão lhe disser: «seja-o!»

E fallando assim, accentuára por duas vezes a palavra capitão de modo tal, que Avante presentiu condensar-se uma nuvem no bello ceu da sua esperança, e tornou-se illusorio o doce arbitrio que lhe fôra dado.

Entretanto elle esperava ancioso.

—Capitão! proseguiu a baroneza; vai ter-me por escrava do seu arbitrio: agora ouça-me ainda livre, expansiva, e interesseira. Não me interrompa; é mais do que favor; é dever seu. Ante-hontem saíu do teatro com a convicção de que eu era, apesar de casada, uma audaciosa namoradeira, e talvez com a suspeita...

—Tenho a honra de protestar o contrario...

—Amanhã e nos dias seguintes, nos teatros, nos bailes, em toda a parte, onde me mostrar, ha de ouvir de mil bocas dizendo, que peior do que namoradeira, sou esposa adultera, e, ainda mais, escandalosa pelo numero dos meus amantes!...

—Ninguem ousará dizel-o diante de mim!...

A baroneza falára tremula e córada de vergonha.

Exaltada, disse logo com ardor:

—Capitão!... é verdade que me tenho ostentado e que hei de ostentar-me namoradeira infrene e escandalosa! E' verdade que sou culpada de indignas suspeitas; é falso, porém, juro que é falso, que me baixasse jámais ás ignominias d'uma esposa adultera!

—Creio-a! Sei, minha senhora!

—Oh! Não sabe nada, não póde saber, como a minha alma se deixou dominar pela vingança. Sou a mais desgraçada das victimas, porque tenho dois algozes... *elle* e eu!

—Um só: é *elle*; disse o capitão.

—Pois bem. Escute: na minha vida horrivel, mas já agora inexoravel de calculado descredito de mim mesma, e de occulto e purissimo zelo de mim propria, ha dois segredos, que ate hoje guardei. Um, o da vingança, como o sabe minha tia e quasi mãi: o do outro, do sentimento maldito só o meu galhardo cavalheiro receberá a confissão porque desejo, que elle conheça, aprecie e julgue bem a infeliz que é mais lamentavel do que criminosa.

—Ouvil-o-ei, minha senhora, para a adorar ainda mais.

A baroneza pouco attenta ás palavras do capitão Avante, e preoccupada com o que determinára communicar-lhe, disse com nervosa excitação:

—Capitão! attenda-me. Vou contar-lhe a historia da bemaventurança do céo e dos tormentos do inferno, uma e outros experimentados na terra.

Começou então a confissão fiel e ampla da sua ventura e dos seus infortunios; descreveu, com a magia da saudade, os enlevos do seu primeiro amor, a sua inexcedivel felicidade de noiva idolatrada.

Em seguida relatou os tormentos do inferno com a exposição da perfidia do esposo e da vehemencia dos seus ciumes.

Não esqueceu, não occultou factos, nem circunstancias que a fizessem córar.

Com os olhos no chão, revelou o seu abatimento a requestar o marido infiel, a sua baixeza a tentar provocal-o, esperando-o em fingido somno; o seu desespero immediato, inspirando-lhe a ignominia por vingança e logo a vingança pelo suicidio.

Finalmente, confrangendo-se, mas sem dissimular em ponto algum a verdade, referiu o sistema de vingança que adoptára; o seu consequente desco

medimento na manifestação publica de falsos amores; e o calculado abandono do seu credito á diffamação.

Nomeou um por um os amantes que lhe attribuiam; e, confessando-se culpada, banhou-se em lagrimas e por entre soluços repetiu o juramento, que resalvava a sua honra.

O capitão escutára mudo, commovido e apaixonado, a baroneza, prestando inteira fé a todas as suas palavras.

Compreendeu a violencia das torturas que lhe tinham despedaçado o coração.

Egoista, pois que todo o amante o é, calculou em seu proveito com o despreso e com a crueldade do esposo algoz; e, vendo emfim a linda victima, desfazendo-se em pranto e em soluços, esperou alguns momentos que se embrandecesse a afflicção e depois disse:

—Minha senhora, póde haver homens que por não a ter ouvido, condemnem v. ex.ª; ha, porém, outros que ainda antes de a ouvir dariam gostosos a vida em defesa da sua innocencia; e sobre todos e tudo ha Deus que...

De face erguida a baroneza interrompeu o capitão, dizendo irosa:

—Não! Deus não me perdôa; porque eu sou culpada sob o ponto de vista moral, e porque não me arrependo de o ter sido, e hei de sel-o ainda.

O capitão fez um movimento de desagradavel impressão.

—Pois quê? perguntou a estupenda senhora; acha que já me vinguei bastante? Oh, não! Falta-me o goso da vingança!

A baroneza desnorteava-se em colerica e involuntaria reacção do animo, depois da dolorosa confissão que fizera e das lagrimas de vergonha que derramára; mas após a explosão, socegou; e, tendo por breves instantes reflectido e coordenando as suas ideias, disse:

—Capitão! Contei-lhe a minha historia, confiei-

lhe os meus mais intimos segredos, para que me avaliasse e me julgasse melhor, ou menos severo do que os outros homens. Declarei-lhe que era a isto levada por vivo interesse: o meu interesse é merecer a gloria da sua estima.

—Senhora baroneza! respondeu com ardor o mancebo; v. ex.ª confunde-me! Desejar que a estime é condemnar-me a não a amar apaixonadamente; e isso é impossivel, minha senhora!

A baroneza contava com a reincidencia da fervorosa declaração de amor, e talvez que em sua vaidade nem perdoasse o esquecimento ainda determinado pelo respeito.

—Ah! disse ella, o seu amor, capitão! E' verdade; chegamos ao momento opportuno, em que lhe cabe a autoridade de arbitro, e a mim a condição de escrava submissa.

E acrescentou imperturbavel:

—E' o capitão quem ha-de lavrar a sentença.

O capitão Avante estremeceu.

A baroneza continuou a falar.

—Em todas as confidencias que acabou de ouvir, o capitão tem uma nobre socia, a senhora que já lhe indiquei, a irmã de meu pai, tia a quem amo, como se fôsse minha mãi; a ella porém escondi um segredo, que me domina, que me tirannisa, que me desespera, que me avilta, que me domina a pesar meu! Esse segredo, capitão, o segredo da minha incrivel e vergonhosa fraqueza, vou communicar-lh'o.

Mas a nobre senhora hesitava:

—Fale! diga! Preso-me de ser um homem de honra, disse o capitão Avante com ardor.

A baroneza fitou no rosto do apaixonado mancebo o olhar mais puro e começou em voz commovente:

—Capitão! sou casada com o barão de Amorotahy!

—Bem sei. E' o seu algoz!

—E' verdade, capitão! Sou victima de meu marido! Detesto-o, aborreço-o!

—Portanto...

—E' verdade! Eis agora o meu incrivel e vergonhoso segredo!

—Qual?

—Amo perdidamente, continúo a amar com a paixão do primeiro dia o barão de Amorotahy!

O capitão Avante turbou-se e opoiou-se ás costas da cadeira, como ferido por um golpe profundo.

A baroneza tomou-lhe uma das mãos, apertou-a e disse:

—Dei-lhe toda a minha confiança: constitui-o arbitro, fiz-me escrava: é tempo de sentenciar!

O capitão fechára os olhos para não vêr a baroneza.

—Capitão, insistiu ella, porguntando com calor dos mais nobres e generosos affectos; posso, devo corresponder ao seu amor.

O capitão entreabriu os olhos e respondeu com a voz guttural e lugubre d'um homem que se mata:

Não!

V

O demonio do riso

A baroneza mal acabava de ouvir a sentença magnanima do capitão, quando um creado annunciou da porta:

—S. ex.ª a sr.ª D. Amalia de Villares.

O capitão, ainda muito abalado, não viu um gesto de contrariedade que escapou á baroneza que, immediatamente, risonha e agradavel, se adiantou para receber a amiga.

Amalia de Villares entrou jubilosa e ligeira, exclamando:

—*Baroneza de Amor,* venho tomar-te contas!

E começou por receber primeiro o abraço e o beijo de convenção.

O capitão esperava em pé.

A baroneza, levando Amalia para o sofá, cumpriu em seguida o dever da apresentação obrigada pela cortezia, limitando-se, porém, a dizer os nomes de cada um.

Amalia e o capitão cumprimentaram-se; este, com um simples signal de respeito; aquella com um subito movimento de curiosidade, ao ouvir o nome precedido da menção do posto militar.

Dominado sempre pelas prevenções da sua fealdade, o capitão mal dissimulou o enfado que lhe causava o curioso olhar d'aquella senhora.

A baroneza, lendo como em livro aberto, na alma do expansivo e ingenuo Avante, apressou-se a dizer:

—D. Villares! vens ralhar-me por não ter ido hontem lembrar-te que te envelheceste mais um anno: perdôa-me! Tive um dever sagrado a cumprir, e cumpri-o.

—Vinha sobretudo despertar-te a inveja, ostentando o meu esplendido triunfo.

—Qual?

—Felicita-me: meu marido esteve presente ao meu baile desde o principio até ao fim!

—D. Villares! disse a baroneza, indicando com os olhos o capitão.

E dirigindo-se a este, accrescentou, inventando uma desculpa de inconveniencia:

—Esta senhora está sempre a gracejar.

Amalia não se desnorteou e disse immediatamente:

—Senhor capitão, a «baroneza de Amor» fala sempre figuradamente; o que ella acabou de dizer, significa que eu digo sempre as verdades o rir.

—Ainda bem para a felicidade que v. ex.ª merece; respondeu o capitão.

—A proposito de felicidades, minha querida «baroneza de Amor!» vinha pedir-te um precioso favor, que sem duvida me poderás conceder.

—De que se trata?—sabes que dispões de mim.

—Ante-hontem estive no theatro de S. Pedro, e não pude ir abraçar-te, porque um dever sagrado—

não é assim que se diz?—me reteve toda a noite no meu camarote.

—Vingativa!

—Mas, como eu abençoei e applaudi a tua felicidade!

A baroneza mostrou-se levemente confusa.

—Não é segredo; foi publico: hontem em nossa conversamos muito sobre o facto: mereceste, como as bellas princezas da meia edade, que um paladino desconhecido, tomando a tua defeza, ferisse com uma ameaça tremenda a face do aleivoso que de longe te offendia.

—E' verdade; e glorio-me de ter tido esse defensor disse a baroneza.

—Mas parece impossivel que não procurasses immediatamente conhecel-o!

—A meu pedido, elle dignou ser-me apresentado hontem á noite.

—Ah! realmente não devias ir ao meu baile!—Pretendes porém ser zelosa avarenta de tão rico tesouro? Vinha dizer-te que ardo por ver e admirar esse galhardo cavalheiro.

A baroneza fitou um curioso olhar no rosto de D. Villares, porque já tinha adivinhado que ella reconhecera o militar que no teatro se fizera notar pelo seu generoso, mas imprudente comettimento.

—Missa senhora, disse o capitão; quasi sempre é melhor conservar as illusões creadas pela imaginação, ou por um sentimento delicado.

—N'este caso não ha desillusões possiveis; respondeu D. Amalia.

E, voltando-se para a baroneza, acrescentou:

—Peço-te que me apresentes aqui ou em minha casa ao teu denodado paladino.

A baroneza fitou de novo D. Villares; e estendendo o braço com um gracioso movimento para o joven e feio militar, disse em tom sério, mas accentuado de ufania:

—O meu nobre defensor aqui está! E' o sr. capitão Braulio de Amoreira.

—Oh!... perdão! balbuciou D. Villares, mostrando-se surpreendida.

O capitão curvou-se respeitoso e modesto.

A baroneza tornou com ironia, subtil ou habilissima reserva.

—D. Villares, não posso ter a honra de apresentar-te o sr. capitão Brasilio, porque sem o pensar já te apresentaste a elle.

Não intendendo, ou fingindo não intender o pensamento disfarçado da baroneza, D. Amalia disse ao capitão:

—Não me arrependo do que disse, pois que o sr. capitão merece a gratidão de todas as senhoras: bemdigo a coincidencia d'este encontro inesperado, e com o maior prazer lhe offereço a minha pobre, mas sincera amisade.

E arrancando a luva offereceu a mão ao capitão que lh'a beijou, deferente e agradecido.

—A noite corre-lhe propicia, pois que lhe deu uma bella e jubilosa amiga, observou com doce agrado, ou com disfarçado zelo a baroneza, dirigindo-se ao seu desenganado aspirante de amor.

—Aos olhos de v. ex.ª tenho o condão da felicidade, respondeu Avante.

D. Villares interveiu, exclamando:

—Mas eu sinto-me embaraçada com esta confusão de nomes! Acabo de saudar o capitão Brasilio, e entretanto só me falam do capitão Avante!

A baroneza acudiu immediatamente, acidulando a ironia:

—Ah, D. Villares! nem me deixas-te a consolação de te apresentar o meu defensor com a sua alcunha gloriosa!

O capitão, alheio áquellas susceptibilidades, disse innocentemente:

—O meu nome é Brazilio de Amoreira; mas, com effeito, poucos o sabem, porque... quasi todos me chamam *Avante* como lá na guerra.

—Bella alcunha!

—Qual! na guerra os soldados zombam dos peri-

gos e riem-se das privações, divertindo-se por todos os modos, dando alcunhas uns aos outros. Eu procurei ser digno da patria; todos os brazileiros o foram. Chamaram-me *Avante,* não sei bem porque... foi por gracejo; é que eu tinha o costume de gritar —avante! no ardor do combate; mas nunca me via sósinho; era simplesmente como os outros soldados brazileiros.

A conversação levada para as recordações da guerra do Paraguay, e para a narração de alguns dos mais heroicos feitos dos nossos guerreiros impavidos e benemeritos, arrefeceu emfim, e o capitão Avante, o entusiasta informador que glorificára nomes gloriosos, e nomes ignorados sem uma unica vez lembrar o seu, aproveitou o primeiro momento de mudança de assunto para se levantar, para se despedir e sair.

As duas elegantes senhoras, que se diziam amigas, ficaram sós e em plena liberdade.

—D. Villares, disse a baroneza; tu sabias bem que o meu defensor do teatro era o militar, que encontraste aqui.

—Não sabia; mas advinhei-o logo; confesso-o.

—E porque fingiste não o conhecer?

—Por gosto de artificio, e nada mais: o teu defensor é feio como uma noite de tempestade.

A baroneza não retorquiu.

—Mas pergunta puxa pergunta; disse por sua vez D. Villares; sê franca, minha linda *baroneza de Amor*; o conselheiro Adeodato está condemnado a ser o sol no occaso, substituido pelo sol nascente, o capitão Avante?

—Louca!

—Chamar-me louca não é responder.

— Para que me lembraste o conselheiro Adeodato?

—Ah! agora sim; quasi que já respondeste.

—Não! exclamou a baroneza; juro que não amo o capitão.

—Acredito; mas tambem estou certa de que não amas o conselheiro.

—D. Villares!

—Julgo-te por mim: cansada de chorar as infidelidades do teu marido, divertes-te.

—Não; vingo-me! disse a baroneza com força.

—E' o mesmo para o caso; por distracção ou por vingança, podes aceitar a côrte amorosa do capitão, como...

A baroneza interrompeu D. Villares, dizendo-lhe magoada:

—Perdoo-te porque acabaste de dizer que julgas por ti: fica, porém, sabendo que eu nunca me aviltaria ao ponto de mistificar com um falso amor o homem, a quem devo aquelle tão ousado impeto em minha defesa.

—Tens razão; respondeu a leviana, tornando-se commovida e séria; isso é digno de ti; é bello e delicado.

A baroneza olhou-a com desconfiança.

—Estás enfadada commigo? perguntou D. Amalia.

—Não; quizera, porém, que me dispensasses uma graça.

—Qual?

—Deves suppôr que tenho a consciencia de meus erros e desvarios, expondo-me a murmurações bem merecidas: é porém, pelo menos um dever de caridade, se não é tambem um dever de benevolencia não vir lembrar-m'os e rir d'elles, rindo portanto de minha desgraça, rindo-te de mim.

—Magoei-te? offendi-te? exclamou D. Villares, apertando as mãos da baroneza. Faço mal sem querer!... desculpa.

—Está tudo esquecido disse a baroneza com voz meiga, tendo sentido duas lagrimas cairem-lhe em suas mãos.

—Mas vou deixar-te, levando um remorso.

A baroneza, quasi arrependida da manifestação

do seu desgosto, abraçou D. Villares, beijou-lhe a face, e disse-lhe docemente:

—Minha linda e impertinente leviana! a tristeza não vai bem no teu rosto! Nasceste para rir! Já esqueci tudo e amo-te.

D. Villares riu-se alegre.

A *baroneza de Amor* estava longe de conhecer Amalia de Villares em toda a malignidade de seu caracter; conheci-a, porém, bastante para a não estimar nem distinguir com a sua confiança; todavia, deixava-se attrair pelo seu espirito folgasão, pelo seu genio prazenteiro, sendo certo que as relações que tinha com ella, cuja moralidade era equivoca, não pouco a prejudicavam, aggravadas pela similhança do suspeitoso ou condemnado procedimento.

—Não nasceste para rir! disse a baroneza; serias um anjo, se não fosses o demonio do riso!

D. Villares, indiscreta e precipitada, respondeu logo:

—Sendo assim, quero rir muito, fica-o sabendo.

—Como?

—Não tendo que respeitar nenhum delicado sentimento de gratidão...

—Ah! queres conquistar o capitão?

—Pelo contrario: quero ver se consigo que elle me conquiste.

Feio, como uma noite de tempestade?!

—O amor d'um homem bonito já é tão trivial... Além d'isso o capitão é evidentemente um homem endiabrado; é impossivel pois, que não me notem se eu fôr cortejada por elle. Que dizes a isto?

—Respondo-te o nome do capitão!—Avante!

—Não pões embargos?

—Basta que me conserves a sua amisade.

A baroneza acrescentou sorrindo, mas levemente contrariada, sem saber porque:

—Boa viajem, Villares!

—Se deveras o desejas, sopra-me d'aqui aur:s propicias...

—Menos isso! disse a baroneza gravemente; sei

que tenho procedido mal, mas ainda não aconselhei o mal a pessoa alguma.

—Julgas então que é um mal o amarem-me?

—Julgo, porque és casada.

—*Baroneza de Amor!* exclamou D. Villares; não te zangues outra vez; mas diz-me: qual de nós é mais doida?

—Tu, porque eu ainda tenho consciencia.

—Afinal de contas, estamos sempre de accordo! E' verdade: prescindi da consciencia, mandando-a passear com o meu bello marido pelo paraiso de Mahomet.

VI

Sem coração

Não havia ponto algum de semilhança no caracter e nos sentimentos da baroneza e de Amalia de Villares.

Os murmuradores ligavam-as pelo mesmo laço de reprovação, porque ambas pareciam amigas intimas, e porque pelo seu procedimento porfiavam em ser namoradeiras.

Mas na realidade uma era o mais vivo contraste da outra.

A amisade intima que se notava entre ambas provinha do desastrado empenho da baroneza em se comprometter com aquella amisade inconveniente; esta, porém, era tão falsa como a supposta felicidade dos amantes da vaidosa, ciumenta e revoltada esposa.

Pelo seu procedimento, a baroneza era uma doida martir que os homens poderiam apedrejar na terra, mas que havía de receber o perdão de Deus no céo.

Amalia de Villares pelo contrario, se em algum tempo fôra esposa digna, acceitára o infortunio que impozera o despreso do marido, como boa explicação para deixar de o ser e para dar expansão ao seu genio inconsiderado, isento de escrupulos, e ao seu

gosto pelo galanteio ainda o mais compromettedor.

Uma soffria profunda e occultamente, porque offendia o dever.

A outra ria-se do dever.

Uma reconhecia o mal no seu procedimento, porque tinha consciencia.

A outra mandára a sua consciencia passear com o marido que a deprezára.

Em summa: a baroneza era martir; Amalia de Villares era má.

A indiscrição com que, entrando na sala da baroneza e deante de um individuo que a não conhecia, D. Villares falára do seu baile, ridiculisando a presença do marido; a immodestia com que, tendo reconhecido o capitão Avante, provocára a sua apresentação; e, depois da retirada d'este a conversação em que ostentára o esquecimento das noções do dever, apresentam em transparencia os graves senões do seu caracter.

A baroneza sabia que Amalia de Villares era pouco mais ou menos o que mostrava ser: o demonio do riso que ria de si propria e de todos, da sociedade, e tanto do vicio como da virtude.

Tendo-a n'essa conta, a baroneza recebeu como verdadeira e positiva a declaração do seu proposito de procurar conseguir «que o capitão Avante a conquistasse», o que claramente significava que Amalia ia esforçar-se por «conquistar» o feio mancebo.

Similhante conquista se pronunciava bem facil; porque o capitão Avante solteiro, recem-chegado á capital, sem ligações amorosas, joven e ardente, nem pensaria em esquivar-se ás seducções de D. Villares que era linda, que realçava a formosura com o espirito subtil e epigramatico, e que não tinha o zelo severo das reservas da sociedade.

A baroneza ficára desagradavelmente preoccupada com o projecto inconfessavel mas sem dissimulação declarado.

Não amava, não podia amar o capitão Avante.

Por modo algum, porém, lhe podia ser indifferente vel-o sujeito á influencia menos digna, menos innocente de Amalia de Villares.

Dedicára ao capitão Avante uma justissima estima.

Em duas visitas, aliás pouco demoradas, estudara-o nas suas palavras, nos seus modos, nos seus sentimentos, nas suas qualidades e nos seus defeitos moraes; e, com a luz instintiva e quasi sempre infallivel, que sái do animo e atravessa o coração da mulher intelligente e sensivel, reconheceu que o capitão Avante possuia virtudes magnificas, o entusiasmo, o ardor até o sacrificio em impetos de generosidade, fraqueza pela exageração da credulidade, perigo imminente pelo arrebatamento das illusões, e pela exaltação da sensibilidade.

Julgou-o acertadamente nobre, dedicado, imprudente e desastrado; um homem emfim que, dominado por uma mulher, seria um anjo ou um demonio, conforme ella fosse inspiradora do bem ou impulsora do mal.

O capitão Avante, apaixonado por Amalia de Vilres, tinha tudo a perder pelo contagio da corrupção moral.

Além d'esses cuidados da estima é mais que provavel que outro sentimento influisse no espirito da baroneza.

Embora não corresponda, não possa corresponder ao amor de um homem distinto, a mulher que mereceu esse culto que lhe é sempre lisongeiro, não póde sem certa e indisivel magoa, vel-o cortejar outra.

E' uma irrecusavel exigencia de improficuo sacrificio de amor não attendido; tirannico sentimento de egoismo; insolito querer da vaidade.

Mas em todo o caso a mulher que é amada, embora não ame, dóe-se, vendo o homem que a amou corresponder ao amor de outra mulher.

Mas a baroneza tinha apagado todas as esperan-

ças que o capitão Avante concebera, declarando-lhe a sua paixão.

Não lhe era licito, não convinha ao seu brio contrariar os designios de Amalia de Villares, nem falar d'elles ao capitão Avante.

Appreensiva mas obrigada a conter-se em prudente reserva por circunspecção, cuidadosa e interessada por duplice sentimento, um confessavel, a amizade, e outro inconfessavel, o estremecimento vaidoso do egoismo de mulher amada, embora não amante, a baroneza submetteu-se ás exigencias das suas dedicadas relações com o capitão, esperando discretamente os resultados das tentativas de Amalia de Villares.

Esta pelo menos tinha o triste merecimento da franqueza nos impulsos da sua indole e nos excessos da leviandade.

Dissera com effeito a verdade, confessando que desejava ser amada pelo capitão Avante, para se singularisar e distinguir-se com os reflexos do genio endiabrado, que lhe suppunha.

Certo é que a ameaça da bofetada no teatro fizera com que muitos perguntassem quem era o arrebatado e desordeiro militar; e achando-se presentes ao espectaculo dramatico diversos officiaes que tinham estado no Paraguay, não faltaram as informações e espalhára-se a fama das proezas do capitão Avante.

Mas D. Villares, que já sabia como era disforme o rosto do capitão, e que o declarára feio como uma noite de tempestade, sem apaixonar-se, sem sentir por elle nem uma simples inclinação, recebeu comtudo impressões muito favoraveis e com as quaes estava longe de contar, observando na casa da baroneza o joven que para ella tinha o merito de ser endiabrado.

O capitão Avante, além do condão da bravura, que sempre recommenda o homem ás mulheres, era de estatura pouco mais qdc regular, bem apessoado e garboso.

Na sua conversação ganhava pela modestia, quanto perdia nos seus modos, nos primeiros momentos de communicação com pessoas apenas conhecidas.

Amalia de Villares gostára do garbo varonil e da bella figura do capitão, cuja conquista, ainda mesmo sem esses dotes, premeditára por caprichosa fantasia.

Certificada de que não tinha na baroneza uma rival a temer, como suspeitára, preparou-se para entrar em acção, calculando com a immediata visita, a que o capitão não podia faltar, depois da apresentação um pouco romanesca que ella fizera de si mesma.

E o capitão não faltou; mas poz em anciedade Amalia de Villares, fazendo-a esperar alguns dias.

O capitão Avante saira da casa da baroneza, na noite das amplas confidencias, afflictivamente contrariado pela desdita do seu amor; mas absolutamente captivo da martir que lhe abrira a sua alma e o seu coração.

Saira, levando comsigo não um remorso, mas um generoso arrependimento. Impetuoso rompera em arrebatada declaração amorosa, e a baroneza dissera-lhe depois: «se não tivesse admittido um conceito pouco lisonjeiro para a minha honra, hesitaria muito antes de proceder, como acaba de o fazer.»

O capitão reconhecia que a baroneza tivera razão de pensar assim.

A sua declaração de amor devia ter parecido um insulto.

Peor que tudo, duas noites antes elle praticára um acto espontaneo e incalculado, que no entanto excitára a gratidão mais viva da baroneza.

Duas noites depois do acto sem merito imaginou ir pedir por premio o que um homem generoso nunca ousaria implorar á mulher que se reconhecia agradecida.

O capitão Avante em sua consciencia tinha a tranquilla segurança de [illegible], confessando o seu amor, [illegible] do animo exaltado, in-

genuo, e infelizmente indomavel; mas arrependia-se do que ousára, reflectindo que todas as apparencias davam fundamento ao juizo da baroneza, e o condemnavam por tentador de abuso de um serviço prestado.

Elle, de caracter nobre, mostrára-se interesseiro e egoista!

Exagerando a importancia d'estas considerações, o capitão pensava que lhe cumpria compensar o acto que pudéra presumir-se abusivo, dedicando-se illimitada e desinteressadamente á baroneza:

Com uma susceptibilidade tão apurada, dissimulava apenas o fogo do amor: o «não» que fôra dignamente obrigado a pronunciar, sacrificando os seus proprios e vehementes anhelos e a confissão de ternura desmerecida, mas conservada ao ingrato e infiel esposo pela baroneza, tinham imposto ao apaixonado mancebo o dever de se dominar. Não estava porém em sua natureza cobrir de apparente gelo o vulcão. Tinha necessidade de uma valvula: na dedicação desinteressada podia desafogar a sua ternura.

O capitão Avante fôra pouco expansivo com o dr Olimpio.

Este, vendo-o chegar silencioso e pensativo, perguntou-lhe:

—Decifraste a charada?

—Decifraram-m'a.

—Qual é o nome?

—Martir.

—E avançaste, capitão?

—Avancei; mas tive de recuar.

—Pela primeira vez! Ah! a *baroneza de Amor* é prodigiosa.

—E'.

—E acreditas n'ella?...

—Como em minha mãi.

O capitão recolhêra-se provavelmente para não dormir.

No outro dia, ao almoço, o Avante referiu ao dr.

Olimpio o que se passára com Amalia de Villares, na casa da baroneza; e depois consultou-o.

—Entendes que fiquei devendo uma visita a essa senhora?

—A cortezia obriga; e a belleza de D. Villares convida-te a apressar a visita.

—Irei.

—Quando?

—Conheces D. Amalia?

—Sou o seu medico ha alguns mezes; mas ainda não pude medical-a porque nunca esteve doente.

—Não compreendo.

—D. Villares tem dias de excepção, em que julga achar-se gravemente affectada de não sei que molestia do coração: sou chamado, examino-a, receito á força; mas juro-lhe que é impossivel que ella soffra do coração. Da primeira vez que lh'o jurei, perguntou-me: «porque?» e eu respondi-lhe: «porque a senhora não tem coração.»

—Offendeste-a. E D. Amalia que te disse?

—Desatou a rir e depois observou alegremente: «mas, doutor, que logica é essa? asseguro-lhe tambem, que ás vezes tenho dôres de cabeça!»

—Ah! disse o capitão; quizeste dar-me informações. Obrigado; o essencial, porém, é que sejas da sua intimidade.

Quatro ou cinco dias depois, effectuou-se a visita, um pouco retardada.

Amalia de Villares, prevenida, esgotára todos os recursos do toucador para dar mais realce aos seus naturaes encantos.

Tinha premeditado constranger as demasias de seu genio folgasão e inconsiderado, affectando sensibilidade, se houvesse, como esperava, ensejo propicio para alliciar o capitão Avante.

Dentro em pouco, porém, vendo entrar com elle o dr. Olimpio, que não poderia ser illudido, e seria capaz de desilludir o amigo, mudou prontamente de plano.

De má vontade embora, D. Villares recebeu com egual amabilidade os dois visitantes.

Apenas se sentou o capitão disse:

—Minha senhora, contava com a bondade de v. ex.ª apadrinhei-me com um amigo commum, que póde responder pela minha lealdade.

D. Villares dominando o seu genio inconsiderado, em vez de responder ao capitão, voltou-se para o dr. Olimpio, e fingindo um gracioso enfado, apostrofou-o, dizendo:

—Que veiu hoje fazer aqui, senhor intruso? Amigo obsequiador deveria ter-me trazido o sr. capitão, na noite da festa dos meus annos. Apresentador cerimonioso, certamente sabia que eu dispensava o seu favor, porque sem o pensar, eu já me tinha apresentado a este nobre cavalheiro: que veiu fazer hoje aqui?

Dirigindo-se ao capitão, e accusando o dr. Olimpio que a ouvia sorrindo, continuou com encolerisada graça:

—Quer saber? O dr. Olimpio é meu medico; tem a presunção de ser um atilado observador; mas ainda não conseguiu achar o meu coração apesar das palpitações que me atormentam; e veiu hoje inopportuno verificar se de facto tenho ou não tenho coração, estudando as impressões que devo experimentar, ao receber a visita de um cavalheiro de tanto primor.

Amalia de Villares, assim indicava a conversação que devia seguir-se, estando presente o dr. Olimpio.

O capitão Avanté, cortez e intelligente, sujeitou-se á norma imposta pela senhora que estava no direito de a estabelecer.

Foi agradavel e por vezes se mostrou feliz na troca de espirituosos gracejos; mas conservou-se sempre nos limites do mais cuidadoso respeito.

Aproveitando o dr. Olimpio que não guardava as mesmas reservas, D. Villares poz em acção todos os recursos do seu espirito em vivo combate de iro-

nias e de epigramas, em que não foi rara a manifestação da sua leviandade.

Uma vez, interrompendo o seu continuo gracejar, ella perguntou ao capitão:

—Tem visto a baroneza de Amor?

—Não, minha senhora.

—Deveras? Não tornou a vel-a depois d'aquella noite, que já lá vai ha um seculo, creio eu?

—E' verdade; e agradeço a v. ex.ª essa medida do tempo, embora me dê com ella a mais justa repreensão.

Amalia de Villares sorriu encantadoramente, e depois disse:

—Isso é mau, mas consola-me: a humanidade é assim.

E voltando-se para o dr. Olimpio, perguntou:

—Doutor! ha na sua sciencia algum especifico poderoso contra a ingratidão?

—Ha um e infallivel.

—Pois peço-lhe que o applique ao seu amigo.

—Ah, minha senhora! o meu especifico mata a ingratidão, mas tambem obriga a amar.

—Tem duas virtudes preciosas; tanto melhor. Applique-o ao seu amigo!

—Nunca o appliquei, por duas razões muito consideraveis.

—Quaes?

—Em primeiro lugar, jurei não receitar para pessoa alguma esse milagroso filtro, que é infallivel em todos, mas sem acção alguma em v. ex.ª.

—Oh!

—E, segunda razão, tenho ciumes do meu especifico que mata a ingratidão, mas obriga a amar.

—E que especifico é esse, que nada póde em mim, e tudo póde nos outros? Revele o segredo!

—Ah, D. Amalia de Villares! o especifico é aquelle seu riso cheio de magias, riso metade de anjo que beatifica, metade de demonio que abraza em violentas chammas.

—Crê n'isso, doutor?

—Se creio! quizera poder condemnal-a a não rir... senão...

D. Villares não deixou o dr. Olimpio completar o seu pensamento.

Voltou-se toda para o capitão Avante, e derramando os amavios do seu riso feiticeiro e allucinador cujo condão possuia, disse-lhe com doçura:

—Já ouviu uma lisonja tão insensata?

O capitão Avante, obrigado a responder á pergunta claramente provocadora de uma falsa ou real confissão de rendimento ao encanto do seu riso captivador, fechou os olhos e murmurou com galanteria, sem qualquer indicação compromettedora:

O especifico é perigoso, mas tem um antidoto na cegueira: eu fecho os olhos para não ver.

A isenção disfarçava-se na suavidade da cortezia. Amalia de Villares quasi se mostrou resentida, recebendo do capitão menos do que evidentemeute lhe pedira.

Sabia, porém, alimentar a paciencia e teimar no artificio.

Amalia de Villares teve ainda sorrisos e expansões de contentamento.

Quando os dous se despediam para se retirar ella disse menos modestamente ao seu medico:

—Doutor! Tenho medo de o importunar demasiadamente...

—E eu pelo contrario desejo ser sempre chamado para a ver doente, como tem estado até hoje...

E, se o chamar amanhã?

—Por causa das palpitações, D. Villares?...

—Supponhamos que sim.

—Virei immediatamente, mas tratarei de procurar o coração do lado direito do seu bello peito.

Era d'aquelle lado que estivera sentado o capitão Avante.

—E se já não o encontrar ahi? perguntou a inconsiderada senhora, rindo-se e com os olhos embebidos no mancebo, a quem namorava.

—Em tal caso, respondeu o dr. no mesmo tom de zombaria, recorrerei á policia, denunciando, com um ladrão sacrilego, o meu perverso amigo o capitão Avante.

VII

Amante tornado amigo

—Porque me esqueceu durante quinze dias? perguntou a baroneza ao capitão Avante, que emfim voltára a sua casa.

—Eu não a esqueci, lembrou-me sempre, senhora baroneza.

—Ao menos mostrou não desejar vêr-me.

—Se o desejei! disse o capitão com ingenuo sentimento.

E logo acrescentou:

—Depois de a haver offendido, embora sem intenção, é indispensavel que eu me castigue.

—Em que me offendeu capitão?

Chegamos a tal ponto de confiança, que em mutua franqueza devemos pôr todas as reservas.

O mancebo guardou melancolico silencio, pensando talvez na reserva do sentimento que lhe enchia o coração.

A baroneza continuou dizendo:

—Em que me offendeu? Confessou-me o seu amor, o que em verdade me offenderia, se eu não tivesse autorisado pelo meu procedimento dez ou mais confissões de affecto similhante.

—E' isso; murmurou o capitão; crê que a julguei, como outros...

—Oh, não! quero dizer que não me considerei offendida; e se me houvesse offendido, que poderia eu exigir mais além d'aquella sentença com que nos engrandeceu a ambos depois de ouvir minha defesa?

—V. ex.ª tinha o direito de perdoar-me.

—Pois bem; vou tranquillisal-o completamente. Não ha mulher nenhuma que não saiba impedir a

tempo uma declaração de amor. Até ao dia em que me arrojei nos despenhos da minha vingança, foram não poucas as declarações que evitei com uma palavra ou com um simples gesto, annullando as tentativas, sem que eu mostrasse tel-as percebido.

O capitão olhou curioso para a baroneza.

—Antes que o manifestasse, fallando, eu tinha já presentido que era amada pelo capitão, e não o quiz impedir, confesso-o cheguei a facilitar a declaração que me fez.

—Ah! porque minha senhora, se me esperava o mais cruel, embora o mais nobre e justo desengano?

—Porque me convinha; porque me era preciso que as nossas relações, firmadas no pleno conhecimento dos nossos corações fossem nitidas, fortes pela confiança, e não incompletas pela minha hipocrisia, fingindo ignorar o seu ardente desejo de me revelar o seu amor. Fil-o reconhecer que não podia amal-o; achei no capitão o cavalheiro com que eu contava. Já vê que não me offendeu.

—Obrigado, minha senhora; agora sim; v. ex.ª sem me libertar do arrependimento da ousadia, livrou-me da tormentosa supposição da offensa.

A baroneza sorriu e perguntou com a mais doce amabilidade:

—E não reincidirá outra vez no delicto de passar quinze dias sem vir apertar-me a mão de amiga?

O capitão Avante respondeu em tom serio mas commovido:

—Minha senhora, v. ex.ª decretou uma franqueza ampla, a que devo obedecer. Eu não posso e não hei de frequentar assiduamente a casa de v. ex.ª.

—Porque? diga-o!

—No amor ha um egoismo, que nem mede os sacrificios que exige; amante apaixonado, eu maldiria das horas, que perdesse longe de v. ex.ª

A baroneza duvidou pela primeira vez dos sentimentos generosos do capitão e fitou-o perplexa.

—Mas a esperança morreu, minha senhora; admi-

ro e honro aquelle amor santo e martir que levantou o impossivel diante do meu fatalmente esmagado. Senhora baroneza; o que vou dizer não é offensa, é franqueza! Amo-a! Mas, não podendo ser amado, quero ser seu amigo dedicadissimo.

—Capitão! disse a baroneza, apertando com ardor a mão do joven militar.

—Em toda a parte e com expontaneo impulso, estarei pronto a defendel-a, a vingal-a: disponha de mim, mande, ou exija o sacrificio da minha vida; e verá, como compreendo a dedicação.

A baroneza inundou o rosto feio do capitão com um olhar radiante de gratidão profunda e de delicioso enlevo.

—Reconheço-o! disse ella.

—Mas, senhora baroneza, a minha assiduidade n'esta casa não póde convir a v. ex.ª.

—Qual a razão?

—Porque, apesar da minha feialdade, eu tambem chegaria a servir á calumnia que não poupa v. ex.ª

A baroneza fez um gesto de despreso; depois sorriu-se e perguntou:

—Tem ouvido falar muito mal de mim?

—Não tenho ouvido, mas sei que falam.

—Que importa mais uma gotta d'agua no oceano?

—Sendo eu a gotta d'agua, isso me importa muito, minha senhora.

A baroneza respondeu, triste:

—Tem razão: zéle a pureza do seu nome.

—Não se trata do meu nome, nem da minha pessoa. Quero sómente zelar o credito de v. ex.ª

—Zelar o que atirei á diffamação? Oh! depois que permitti que me dessem quatro amantes, e que o quarto fosse o conselheiro Adeodato, com sessenta ou mais annos de idade, quem é que póde salvar-me no meu naufragio?

—Procuro livral-a de um cachopo mais.

—Privando-me de um amigo?

O capitão respondeu com voz firme:

—Negando aos calumniadores o quinto amante da *baroneza de Amor*.

A baroneza, outra vez duvidosa, quasi appreensiva, observou por alguns momentos a fisionomia do capitão.

Vendo, porém, que muito pouco podia ler n'aquelle espelho d'alma, estragado por cicatrizes e gilvazes, disse em tom de firmeza igual:

—Capitão! pela ultima vez appello para a lealdade dos seus sentimentos; pela ultima vez repito que entre nós a franqueza absoluta é um dever.

O capitão esperou a pergunta que lhe ia ser feita; e a baroneza fel-a, cravando n'elle um penetrante e imperioso olhar:

—Concebeu o plano trivial, o recurso da esquivança, para me obrigar a attender, a render-me ao seu amor?

O capitão respondeu com tristeza profunda, e com voz abalada:

—Se eu a offendi, com a declaração do meu apaixonado affecto, v. ex.ª vingou-se bem cruelmente agora!

A baroneza acudiu, dizendo:

—Não avancei juizo algum; estimo-o; honro-o; mas sei que me ama: quero que me responda!

—Se v. ex.ª se achasse viuva ámanhã, eu viria pedir-lhe o seu amor, minha senhora.

—E hoje?

O capitão hesitou um instante, e respondeu:

—Hoje, se v. ex.ª me offerecesse o seu amor, eu não poderia aceital-o.

A baroneza córou.

O capitão suavisou a aspereza da resposta, explicando-a:

—Porque v. ex.ª ama seu marido, e eu adoro-a muito, e não me submetteria á hipotese de um rival no seu coração.

—Obrigada! disse a baroneza.

—V. ex.ª tinha declarado, que entre nós a fraqueza absoluta é um dever. Póde contar com o ami-

go, ainda que alguma vez elle chegue a parecer demasiado rude.

—Pois bem: porque me nega então a sua menos rara presença aqui? E' o receio de passar por meu quinto amante? Capitão, desde que eu o tratar, como eu o trato condignamente, e não, tomar, como jámais o tomaria, por ludibriado instrumento da minha vingança, desde que em publico, as nossas relações forem, como o são de facto, innocentes e honorosas, que temor é esse da calumnia?

Teme-a por mim? Eu despreso-a e d'ella me aproveito.

Teme-a por si? Sejamos o que somos um para o outro; e, sendo-o, não dando alimento a suspeitas verosimeis, e mostrando-nos amigos serios e honestos, deixe que a calumnia lhe dê por amante uma senhora, que já não tem credito a perder.

—Mas que tem o credito a regenerar; disse o capitão.

—Isso é um sonho generoso, meu amigo: n'este mundo póde haver piedade; não ha, porém, regeneração para a mulher, que se degrada; ainda sob falsas apparencias, o descredito da mulher é como o inferno de Dante: «lasciate ogni speranza!»

—E então...

O capitão ia a dirigir uma pergunta; mas interrompeu-se, hesitante.

—Compreendo bem o que pretendia perguntar-me; disse a baroneza; não posso, porém, responder-lhe: a resposta pertence exclusivamente a meu marido.

O capitão não retorquiu.

A baroneza, com insistencia feminil, voltou ao seu empenho exigente.

—Capitão, venha ver-me assiduamente, e não se arreceie do labeo, ou da suspeita de ser meu amante: fica por minha conta livral-o d'esse perigo; despenhei-me, e ainda me despenho; e, sem compromettel-o, hei de fazer que me dêm quinto, sexto, e mais amantes, como os quatro primeiros.

—Perdão, senhora baroneza! V. ex.ª não o ha de fazer.

—Porque?

—Porque v. ex.ª tem um amigo fiel e sincero que não hesita em dizer-lhe: «basta!»

A baroneza estremeceu, como uma criminosa que vê erguer-se o vulto de um severo juiz; mas em breves momentos, socegada, respondeu:

—E' muito tarde... ou muito cedo.

O capitão disse suavemente:

—Nunca é cedo nem tarde para o bem.

—Capitão!...

—Senhora baroneza; ha quinze dias que v. ex.ª me revelou todos os segredos do seu martirio e da sua vingança no empenho, como disse de merecer a minha estima.

—E então?

—Mereceu-a toda: sabe porque?

—Diga.

—Porque a julguei e julgo inculpavel na vingança pelo desvario, e adoravel no martirio pelo amor que conservou.

A baroneza quasi colerica, observou sorrindo com ironia pungente:

—E entretanto, o capitão tentou transviar a santa martir ao impulso do amor que me declarou!

—E' verdade; mas eu então só a tinha visto e ainda não tinha ouvido: a paixão amorosa é arrebatada e egoista; amei-a, confessei que a amava pelos olhos e pelo coração; mas desde qne v. ex.ª falou, estimei-a, adoro-a pelos meus ouvidos e pela minha alma.

A baroneza sentiu-se rebatida; e revoltada querendo esquivar-se á insistencia do amigo severo, disse, provocando o fervor de outro sentimento:

—Foi-lhe bem facil sujeitar o amor á rasão!

—Facil?... supponha-o embora: não me defendo porque a defeza fôra reincidencia em culposa ousadia. O facto é este: V. ex.ª fez-me lavrar a sentença justissima que fulminou o meu amor, e honrou-me

pedindo e encarecendo a minha estima. Eu não podia estimal-a sómente; adoro-a estimada, e quero que a minha amisade seja um culto dedicado a um anjo. Não posso ser amado, desejo e peço que me considere devotado, assim.

O capitão Avante era a tentação do bem e da virtude.

A baroneza dominou a colera; mas, resistindo ainda dulcificou a voz e disse:

—Ha em mim um empenho inexoravel: é a vingança a que chamou desvairada.

—Ha em v. ex.ª uma luz celeste, que santifica o seu grande infortunio; é o amor purissimo que conserva ao esposo ingrato.

—Capitão! quer que me arrependa das minhas expansões confidenciaes?

—Não, senhora baroneza; quero sómente que o amigo fiel saiba dignamente aproveitar-se d'ellas.

—Que lhe importa que haja desvario no meu proceder? Se me estimou pelo conhecimento do meu passado, livre de falsas apparencias confundidoras, deve estimar-me absolutamente a mesma agora e no futuro.

O capitão retorquiu inflexivel:

—Mas não se trata só da minha estima, senhora baroneza: trata-se principalmente do dever e da honra de v. ex.ª; e, pois que estou em obrigado tributo de ampla franqueza, peço licença para dizer que v. ex.ª inculpavel até agora, sómente porque lhe faltou um amigo que lhe mostrasse a toda a luz mais do que a inconveniencia, o grave abuso dos seus arrebatamentos vingativos, d'ora avante a desculpa desapparece; porque a minha lealdade e o mais vivo interesse de amisade me levam a repetir-lhe uma verdade e um conselho.

O capitão respirou ancioso e um pouco tremulo.

A baroneza tinha as faces e os olhos incendidos em pejo e despeito, pelo que acabava de ouvir.

—Repita! murmurou ella, tremendo tambem; quero ouvir a verdade e o conselho.

—Senhora baroneza, disse o capitão Avante; v. ex.ª tem errado muito, e é preciso que não continue a errar.

A baroneza encarou irada o homem que ousava falar-lhe assim; já nos labios tinha uma altiva resposta aniquiladora da pretenciosa autoridade do conselheiro.

Vendo, porém, o nobre e digno mancebo confrangido, meio convulso e todo em confusão, como saindo de um doloroso sacrificio, fez-lhe justiça, achou-o em sua consciencia outra vez magnanimo; e, não podendo mais impôr-lhe com orgulho o silencio, desatou a chorar.

O capitão reanimou-se ao encanto das lagrimas, essa chuva do sentimento commovido e celeste que apaga o incendio da paixão.

Deixou a baroneza chorar; e, inspirando-se nas lagrimas que via correr, nas perolas que saiam d'alma pelos olhos da bella senhora, disse enternecido:

—Volte a victima ás suas mudas torturas, a santa ao seu altar, o anjo ao ceu. Houve mezes, talvez um anno pouco importa o tempo, houve dias de delirio... No delirio não se pecca... O raio do sol que reflectiu no abismo, não se abismou, e recolheu-se puro... Esse raio do sol não deve mais reflectir no abismo... Em vez do abismo, o tormento da victima, o altar da santa, o ceu do anjo offerecem a remissão dos erros da infeliz esposa!

O capitão ia talvez continuar no mesmo tom e no mesmo sentido; mas a baroneza interrompeu-o e offerecendo-lhe a mão em despedida, disse-lhe ainda chorando e a soluçar:

—Meu amigo!... estou soffrendo muito... adeus!... até de hoje a quinze dias.

O praso assim marcado era como um testimunho de obediencia ao juizo e aos preceitos do capitão Avante.

VIII

O juiz severo

Das verdades pungentes que o capitão proferira, não havia uma só que a baroneza não tivesse já cem vezes repetido a si mesma.

Pronunciadas, porém, por aquelle homem produziram em seu animo impressão profunda, e na propria trivialidade das noções do dever que ouvira, ella reconheceu que aos olhos do capitão se afiguravam grandes os seus erros.

A baroneza compreendeu que a estima que o capitão lhe affirmava não podia ser verdadeira; era apenas o amor disfarçando-se em dedicação.

Para a estima faltava a base, e essa falta amesquinhava-a.

Similhante convicção era uma dor acerba.

Tendo perfeito conhecimento das conveniencias do decóro e do respeito que se deve ao publico, não lhe escapára a consequente exposição da sua pessoa aos reparos e á maledicencia de muitos, produzida pela penhorante mas imprudente e ruidosa desaffronta que merecera do capitão Avante no teatro.

A protecção generosa, mas indiscreta deveria prejudical-a ainda mais do que a diffamação circunscripta do detractor.

Mas desde que, vertiginosa, se lançara em voluntario e calculado despenho moral, a baroneza notára, triste e desconsolada, que muitos a calumniavam, que todos a censuravam, que não houvera um unico homem, um só dos seus antigos encomiastas, que franco, ou mesmo só compassivo, tomasse a sua defesa, e, duvidando de falsas apparencias, castigasse ao menos com um desmentido firmado nas provas de annos de preclaro bom comportamento os aleives que a feriam, e a despedaçavam, nos dias loucos do ciume em frenesi.

Até então, nem um só, nem um unico bem inspirado, ou ao menos complacente amigo, que er-

voz alta e nobremente pronunciada honrasse o explendor do seu passado, dizendo simplesmente: «é inverosimil tão subita degradação em uma senhora virtuosa.»

A baroneza tinha em despreso as timidas desculpas que, no proceder de seu marido, achavam para ella alguns amigos de seus pais.

Em sua diffamação quem queria lhe atirava a pedra impunemente; e defensor nobre e dedicado, nem um!

Mas, inesperadamente, um desconhecido, o capitão Avante que pela primeira vez e de longe a via, abalançou-se a fazer, em honra e protecção d'ella, o que nenhum de seus antigos admiradores ousára.

A baroneza sentira-se possuida de extrema gratidão; e, tomando a peito demonstrar que era digna do transportado impulso do seu protector, chamára-o a sua casa.

Contava achar n'elle um homem de animo generoso; mas logo na visita de apresentação o considerou amoroso e captivo da sua belleza.

Acertando na apreciação do caracter e do terno sentimento do capitão, a baroneza não calculára com as virtudes que faziam perdoar o estouvamento, nem previra a força d'aquelle amor que, não correspondido, contraindo-se, resurgiria transformado em illimitada dedicação amiga.

Tinha visto e considerado quatro vezes o capitão Avante.

A primeira, no teatro, parecera-lhe generoso e estouvado: não se enganára.

A segunda, em sua casa, modesto, intelligente, e apaixonado: e era verdade.

A terceira magnanimo, e elle provára-o.

A quarta, emfim, amigo leal e franco, conselheiro e juiz inflexivel, ditando o dever, e fulminando a culpa.

O capitão Avante engrandecera-se, progressivamente, na opinião da baroneza que, começando por

presal-o agradecida, passára em breve a admiral-o, pela magnanimidade, e já estava como que a temel-o pela exigente virtude.

Esse mancebo de rosto glorioso, mas horrivelmente desfigurado, manifestava a toda a luz o coração mais varonil e a alma mais bella que a baroneza tinha até então sentido e apreciado em sua vida.

Não amava o capitão; dentro de si, porém, ufanava-se de ter inspirado amor áquelle homem preclaro, grandioso pelos sentimentos, angelico pela influição do bem.

A baroneza tinha despedido amigavelmente o capitão Avante, porque em verdade angustiava-se, ouvindo-o increpal-a pela decidida teima no erro, que elle só lhe perdoava no passado, inculpavel por desvario.

Ficou sósinha, mas não se angustiou menos.

Pertinaz na vingança immodesta, desastrada, suicida, louca, a baroneza forçosamente desmerecia a estima do seu primeiro, unico, espontaneo, defensor, ardente amante transformado em santo amigo.

Recuando arrependida e voltando aos tormentos silenciosos e secretos, ella deixava em meio, incompleta, inconsequente a vingança calculada.

Voltava ao bem, marcada com a nodoa do mal; não podia ser a Magdalena purificada; apenas a julgariam esposa adultera, perdoada.

Em todo o caso, ella que se deixára acreditar descida ao fundo do abismo, sómente podia subir ao alto da rocha Tarpea.

Já não lhe era possivel voltar ás alturas do seu bello e esplendido Capitolio.

Descredito inutil! Sacrificio apparente, esteril e perdido da honra e da castidade!

A vingança tinha sido improficua, não sentida, despresada até então pelo esposo que deveria revoltar-se, reputando-se offendido e deshonrado.

A baroneza rugia dentro de si furiosa contra essa muda e como que tolerante indifferença do barão

de Amorotahy que era ainda mais escandalosa do que os seus escandalos.

Ella queria proseguir no seu frenesi até que o esposo, por infamado, emfim se revoltasse.

Queria vel-o na furia do desespero.

Queria ouvil-o praguejar, repetir-lhe os ecos da diffamação; e queria responder-lhe, resumindo todas as suas amarguras, todos os seus padecimentos do inferno, n'esta pergunta simples e concisa:—«E tu?»

Queria isto.

Mas diante da baroneza levantava-se a figura do capitão Avante grave, amigo leal, conselheiro franco, juiz severo, que lhe bradava: «Culpada!»

E ella quasi que, tinha medo da reprovação d'esse mancebo que já uma vez lhe dissera: «Tem errado muito: basta».

O amor do capitão Avante, transformando-se em amisade santa, era como um anjo a roçar suas azas candidas pelo coração da baroneza, offerecendo leval-a ao céo em voos de remissão.

Todavia, a esposa traida e menospresada não se desprendia do resentimento, nem prescindia do seu terrivel empenho, tanto mais que se a influencia do capitão dimanava de um grandioso sentimento, a vingança era impulsionada pelo frenesi do amor offendido, porque a baroneza, como o tinha confessado, continuava a amar o barão de Amorotahy.

Ficava travada a lucta entre a razão e o coração da joven senhora, esposa ciumenta e amiga entusiasta, desorientada e intelligente, desacreditada pelas apparencias de impudor, mas honesta pela virtude, pela intima reprovação da immodestia que fingia.

Como passaram os dias que deviam anteceder o praso marcado para a nova visita do capitão, só a baroneza o poderia dizer: como procedera ella durante esse tempo, o mancebo, amigo escrupuloso, provavelmente o soube; porque, sem duvida por magoado, esqueceu a noite em que devera appare-

A *baroneza de Amor* tinha com effeito proseguido na carreira dos desatinos.

E' verdade, que tendo adoecido duas semanas antes, o conselheiro Adeodato faltava para a simulação dos indecorosos amores; sobram sempre, porém, namorados a uma jovem bonita e elegante, que se presta a attendel-os.

A inconsequente senhora alvoroçou-se com a falta do capitão, na noite em que contára com elle; e, mordida pela consciencia, suppoz adivinhar o motivo d'aquella quebra de promessa.

Affligiu-se, receiando perder a mais pura das affeições; mas, tambem se revoltou contra a hipotese de um tutor a querer governal-a.

Entretanto, o capitão Avante, não tendo podido merecer o amor, conseguira sem o pensar influir poderosamente no espirito da baroneza, que por muito o estimar e admirar chegava a temel-o.

Na baroneza o coração endoudecera; mas a alma conservára-se honesta; e a alma honesta aceitára e engrandecera a influencia do defensor magnanimo e leal.

O brilhante puro irradia luz que ás vezes e momentaneamente quasi que deslumbra.

A amizade do capitão era assim.

A baroneza pertinaz no seu erro, tinha medo da luz deslumbradora; mas conhecia o valor do brilhante e almejava ardentemente conserval-o.

Mas o capitão Avante, retardatario por alguns dias, voltou emfim a casa da baroneza, acompanhado do dr. Olimpio.

A escolha da noite fôra talvez providencialmente inspirada.

A baroneza não estava só, bem que fosse pouco numerosa a companhia que a cercava.

Tinha chegado primeiro Lino de Oliveira com sua familia, que se compunha da esposa, da filha, menina de quatorze annos, e de duas cunhadas, senhoras jovens e ainda solteiras.

Viera associado Borges Nunes, mancebo gentil e

demasiado faceiro, sobrinho de Lino de Oliveira, e que muito inclinado se mostrava á mais moça das duas ultimas.

Ficava travada a lucta entre a razão e o coração da joven senhora, esposa ciumenta e amiga entusiasta, desorientada e intelligente, desacreditada pelas apparencias de impudor, mas honesta pela virtude, pela intima reprovação da immodestia que fingia.

Como passaram os dias que deviam anteceder o praso marcado para a nova visita do capitão, só a baroneza o poderia dizer; como procedera ella durante esse tempo, o mancebo, amigo escrupuloso, provavelmente o soube; porque, sem duvida por magoado, esqueceu a noite em que devera apparecer.

A *baroneza de Amor* tinha com effeito proseguido na carreira dos desatinos.

E' verdade, que tendo adoecido duas semanas antes, o conselheiro Adeodato faltava para a simulação dos indecorosos amores; sobram sempre, porém, namorados a uma joven bonita e elegante, que se presta a attendel-os.

A inconsequente senhora alvoroçou-se com a falta do capitão, na noite em que contára com elle; e, mordida pela consciencia, suppoz adivinhar o motivo d'aquella quebra de promessa.

Affligiu-se, receiando perder a mais pura das affeições; mas, tambem se revoltou contra a hipotese de um tutor a querer governal-a.

Entretanto, o capitão Avante, não tendo podido merecer o amor, conseguira sem o pensar influir poderosamente no espirito da baroneza, que por muito o estimar e admirar, chegava a temel-o.

Na baroneza o coração endoudecera; mas a alma conservara-se honesta; e a alma honesta acceitára e engrandecera a influencia do professor magnanimo e leal.

O brilhante puro irradia luz que ás vezes e momentaneamente quasi que deslumbra.

A amisade do capitão era assim.

A baroneza pertinaz no seu erro, tinha medo da

luz deslumbradora; mas conhecia o valor do brilhante e almejava ardentemente conserval-o.

Mas o capitão Avante, retardatario por alguns dias voltou emfim a casa da baroneza, acompanhado do dr. Olimpio.

A escolha da noite fôra talvez providencialmente inspirada.

A baroneza não estava só, bem que fosse pouco numerosa a companhia que a cercava.

Tinha chegado primeiro Lino de Oliveira com sua familia, que se compunha da esposa, da filha, menina de quatorze annos, e de duas cunhadas, senhoras jovens e ainda solteira.

Viera associado Borges Nunes, mancebo gentil e demasiado faceiro, sobrinho de Lino de Oliveira, e que muito inclinado se mostrava á mais moça das duas ultimas.

A menina chamava-se Candida; acabava de sair do collegio, e seus pais vinham apresental-a á baroneza, de quem era afilhada.

Lino de Oliveira, então capitalista de fortuna mais que mediocre e solida, tinha sido por muitos annos guarda-livros do pai da baroneza e conservava grande respeito á sua memoria.

Candida irradiava innocencia e bélleza: era suave e delicada nas fórmas quasi completas do corpo esbelto; o seu rosto de brando oval era branco com uns longes de roseo amanhecer nas faces, e tinha olhos pretos e grandes feitos para em seus annos de aurora exprimir encantadoramente aquella curiosidade anhelante, instintiva que começa na idade em que a santa ignorancia agonisa nos desejos de descortinar mysterios, e em imaginações innocentes que a natureza acende muito confusas ainda.

Depois da familia Oliveira entrára o conselheiro Adeodato, emfim restabelecido da molestia que o tivera de cama.

Por ultimo apparecêra Amalia de Villares, rom-

pendo logo ao chegar em suas incorrigiveis offensas á circunspecção e ao decôro:

—*Baroneza de Amor!* disse ella; ando hoje ex-officio a procurar noticias de meu marido que me fugiu ha oito dias; mas previno que não darei alviçaras.

A baroneza interrompera-a com habil disfarce; e pouco depois pediu em voz baixa a Amalia que respeitasse a presença de Candida.

D. Villares fez-se amuada e quasi logo se voltou para Borges Nunes, que foi obrigado a attendel-a.

A menina Candida foi a principio o objecto especial, quasi exclusivo dos obsequiosos cuidados e enlevos da madrinha que parecia realmente amal-a.

Pouco e pouco a conversação tornou-se geral e variada.

O conselheiro Adeodato vingando-se de tantos dias de privação do amoroso culto, com os olhos embebidos no rosto da baroneza, e contemplando-a apaixonado, não perdia ensejo de lhe dirigir finezas; e, em momentos propicios, falando-lhe quasi ao ouvido, repetia-lhe juramentos do seu amor, que deviam fazer ou córar, ou rir a joven senhora que aliás animára a paixão anacronica d'aquelle velho tornado menino.

N'um d'esses momentos, a baroneza levemente hesitante e como distraida, fingia ouvir e apenas meio risonha deixava que o conselheiro Adeodato lhe fallasse em voz baixa, quando estremeceu toda á voz do criado que annunciou:

—Suas ex.as os srs. dr. Olimpio e o capitão Brazilio.

Villares que percebera o estremecimento da baroneza, exclamou impiedosa:

—Ah!... que choque electrico! quasi que desmaiei!

A baroneza nem ouviu a maliciosa observação da falsa amiga.

IX

A afilhada da baroneza

O dr. Olimpio e o capitão entraram.

—Que teima de capitão Brazilio sem Avante! observou D. Amalia.

A baroneza acolheu amavelmente os dois recem-chegados e respondeu logo a D. Villares:

—Os meus creados não podem annunciar-me os meus amigos por qualquer appellido, ainda mesmo glorioso, como esse.

E com um elogio conciso, mas interessante, fez a devida apresentação do capitão.

Candida pareceu espantada d'aquelle homem tão feio, para quem todos tinham voltado os olhos, considerando-o com attenção manifestamente favoravel.

O capitão Avante, acanhado e confuso, não reparou na impressão desagradavel e repulsiva que produzira na menina.

A conversação reatou-se, mas em tom cerimonioso entre aquelles que pela primeira vez se encontravam com o capitão Avante.

Amalia de Villares, que não se achava n'esse caso e que não sabia reprimir-se, deixou livre Borges Nunes, e começou por dizer ao dr. Olimlpio:

—Doutor! O seu especifico não vale nada.

—Acha?

—Mas ha coisa ainda peor do que a improficuidade do especifico: é a descoberta que fiz de sermos a *baroneza de Amor* e eu as duas senhoras mais feias do Rio de Janeiro!

—Demonstre-me esse absurdo, minha senhora.

A baroneza, appreensiva, commovida, quasi temerosa, agradecia intimamente o rompimento gracejador de D. Villares e tomava tempo para reflectir.

Do mesmo modo, porém, o conselheiro Adeodato, não querendo perder tão afortunados momentos, continuou a queimar o incenso do amor.

O apaixonado velho, sem que o pensasse, pôz em afflictivo transe a sua bella e apparentemente enternecida amada.

A baroneza, impaciente e anciosa, não podendo de outra maneira esquivar-se ao perseguidor namoro do conselheiro Adeodato, distanciou-se d'elle, como por um dever de repartir agrados, e foi sentar-se mais perto das senhoras da familia Oliveira, entretendo-as em voz baixa com a narração das façanhas, actos de bravura e de temeridade do capitão Avante, na guerra do Paraguay.

Candida, sentada sempre ao lado de sua madrinha, escutava attenta e vivamente impressionada a historia dos feitos do guerreiro; e, abrindo ainda mais os seus grandes e formosos olhos pretos, deixava-os presos nos labios da eloquente narradora, e apenas, mas muitas vezes, os desviava para contemplar admirada o heroe.

A menina, exaltada, ora a tremer, ora a sorrir, agora em anciedade, logo depois radiosa, acabando de ouvir a breve historia da mais arriscada proeza, olhava para o capitão Avante, e ficava então enlevada, atentando nas cicatrizes do rosto.

A baroneza sorria-se, observando o interesse e a commoção, com que sua linda afilhada a escutava.

No entanto D. Villares tinha continuado com o dr. Olimpio o dialogo, em que o capitão Avante era o objectivo manifesto do ataque.

—Demonstrar-lhe o absurdo? dissera ella; eu nunca me lembraria de demonstrar que sou uma das duas senhoras mais feias da nossa capital.

—Mas em tal caso fica sempre sendo o que é, uma das mais formosas.

—Ah! não; porque o seu amigo Avante encarregou-se da demonstração do absurdo, e hoje não ha negal-o: a *baroneza de Amor* e eu somos horriveis!

—Protesto! acudiu o capitão; penso que me é licito accusar v. ex.ª do crime de um enorme e duplicado aleive.

—Então a descoberta é outra.

—Qualquer que seja, aceito-a de preferencia.

—E' que o senhor capitão nem tem olhos para ver, nem memoria para se lembrar.

—Antes assim fosse! respondeu elle sorrindo; ás vezes a cegueira pôde ser um bem, e a memoria um mal atormentador.

A baroneza observava de relance e attenta o capitão Avante, que lhe parecia e de facto estava melancolico, abatido, e como que tomado de magoada desconsolação.

Algumas vezes encontrara-lhe os olhos amigos, mas severos.

A baroneza confrangia-se, tinha medo, arrependia-se e continuava quasi febricitante a narração das bravuras do capitão Avante.

E Amalia de Villares continuava tambem a tomar contas ao capitão.

Exclamou a rir:

—Pois nem feias, nem cego, nem falto de memoria!... Apresentado aqui, andou quasi um mez a esconder-se em sombras de misterio sendo apenas descoberto duas vezes a binoculo no oceano de cabeças em platéas de teatro! Já pensei na hipotese de vencedor vencido, de vencedor no Paraguay vencido por paraguaya, caso de rendimento em alguma bem dançada *palomita*.

Os que ouviam Amalia de Villares, riram-se.

Ella proseguiu, dizendo ainda:

—Mas faltando a hipotese da paraguaya, fundamento vivo que seria aceitavel, salvo o peccado de mau gosto, eu em furioso empenho de explicações, abracei-me com o capricho.., O capricho é adoravel para as senhoras; mas sómente quando o capricho é d'ellas; odiei, pois, esse capricho que não era o meu, e que eu abraçara por irreflexão... e sem a paraguaya, e sem o capricho, que rejeitei por irracional, fiquei ás escuras.

Continuavam a rir; e a baroneza continuava a confranger-se, a ter medo, a arrepender-se.

E Amalia de Villares, contente do effeito que produzia, provocando o capitão, proseguiu:

—Dêem-me luz! nem paraguaya, nem capricho! Que dizem os senhores?

Ninguem respondeu.

—Capitão, como quer que o defina?

—Mariposa sem azas, nem alento, respondeu elle.

—Definição sem verdade nem clareza; subterfugio sem argucia; esplendido clarão de lua mingoante! Em penultimo recurso, appello para a sciencia medica.

—Misericordia! disse o dr. Olimpio.

—Doutor! conhece alguma molestia que possa explicar o procedimento do seu amigo?

O medico respondeu malicioso:

—Conheço minha senhora; é uma affecção nervosa, a que chamamos paralisia dos cinco sentidos.

—Não me opponho ao seu diagnostico; mas, por segurança e em ultimo recurso, irei consultar a minha cartomante. No entanto mandarei ao sr. capitão um certo Dulcámara que vende um elixir de amor.

—Ah! D. Villares! disse a baroneza em tom de amiga advertencia.

—Mas eu não obrigo o sr. capitão a comprar o elixir!

A baroneza tinha notado que o capitão, objecto d'estes gracejos provocadores disfarçava apenas a sua impaciencia; por isso acrescentou, respondendo a Amalia:

—E' que não se enviam Dulcámaras... deixa-se a quem convem procural-os.

A resposta feria a immodestia; mas D. Villares, em vez de retorquir olhou ironicamente para a baroneza, e voltando-se para o conselheiro Adeodato, perguntou-lhe:

—Sr. conselheiro, como pensa v. ex.ª?

A baroneza, confundida e receiosa, furtou-se ao evidente golpe com que Amalia de Villares a chamava a terreiro e inclinando-se toda para a menina

Candida, fez-lhe, sem reflectir, uma pergunta pouco prudente, embora a meia voz:

—Gostou de me ouvir ha pouco?

—Muito, minha madrinha, respondeu a linda menina.

—E que julga do capitão?

A baroneza, irreflectida pela perturbação que procurára disfarçar, embora houvesse fallado em tom baixo, fôra ouvida por todos, e todos concentraram os olhos no rosto da menina.

Candida, vendo que olhavam para ella córou levemente.

A baroneza arrependeu-se da pergunta que fizera.

Era, porém tarde; insistiu:

—Diga.

Candida hesitava.

Lino de Oliveira interveio,

—Dize, Candida.

—Tudo? perguntou com a mais innocente inconveniencia a menina.

A baroneza arrependeu-se ainda mais.

—Tudo, minha senhora! disse o capitão, sorrindo.

Candida fitou o capitou com todo o ardor dos seus formosos e grandes olhos pretos, e respondeu com angelica singeleza e verdade:

—Quando o sr. capitão se apresentou, pareceu-me bem feio!... mas... depois...

—Sim... mas depois... depois? .. acudiu prontamente D. Leonidia, mãi da menina.

—Oh, minha senhora, disse o Avante, deixe falar livrevente o anjo da innocencia.

Candida continuou no mesmo tom de ingenuidade e franquezr:

—Depois, ouvindo a minha madrinha contar a historia do que o sr. capitão fez na guerra onde ganhou o nome de Avante... não o achei já tão feio, como me parecera... não pude...

—Ah! e então?

—Achei-o... bonito, não; mas... nem sei bem explicar-me... Achei-o melhor do que bonito... porque o seu rosto que me pareceu feio, pareceu-me agora admiravel.

A menina calou-se, mas ficou ainda com os olhos enlevadamente embebidos nas cicatrizes e nos gilvazes do rosto do capitão como relendo ali a historia das proezas que tinha ouvido narrar.

Em passageiro sussurro de vozes commovidas pronunciára-se geral applauso ao ingenuo e franco juizo candido, como o nome da menina.

O capitão Avante, vencendo o seu delicioso enleio, levantou-se e foi beijar a mão da linda jovensinha, dizendo:

—Abençoados todos os golpes que recebi na guerra.

Candida, em vez de córar, sorriu radiosa, denunciando-se expansivamente ufana do beijo que o bravo guerreiro imprimira na sua mão branca, suave e mimosa como uma pétala de magnolia.

Decorreram apenas alguns minutos n'esta innocente manifestação de culto á heroicidade; n'este tributo de gratidão ao heroe; bastaram, porém, á baroneza para vêr e sentir o vivo e magnifico contraste do quadro assombreado da immodestia com o quadro luzente e encantador da pureza.

Amalia de Villares e Candida constituiam uma antitese estupenda aos olhos do capitão Avante—o amigo dedicado, mas juiz severo.

E, considerando essa viva antitese, a baroneza reconhecia-se quasi igual a Amalia, e, a perder de vista, muito inferior a Candida.

Diante do capitão, que era a virtude-juiz, ella se achava perto do demonio, que era Amalia de Villares, e longe do anjo que era Candida.

E, a mulher não esquece jámais a condição do merecimento fisico.

A menina que era anjo pela sua innocencia, tinha grandes e formosos olhos pretos, lindissimo rosto, e corpo esbelto e gracioso.

A baroneza, em rapida e instintiva apreciação feminil das circunstancias, e do simples episodio que incalculadamente promovera, enraivecida contra o demonio, que de perto ou por apparencias se confundia com ella, sem amar o capitão Avante, sem poder amal-o, teve zelos, quasi ciume do beijo santo depositado na mão da sua afilhada.

Teve zelos, quasi ciume da innocencia, da pureza, da formosura virginal da menina-anjo, donzella sonho de amor celeste, com quem não podia comparar-se, como a triste penumbra não póde ser comparada com a luz suavissima e poetica da aurora que desponta no céo.

Fortemente impressionada e resentida, a baroneza que via no capitão Avante o seu juiz severo, alvoroçou-se, reputando-se amesquinhada, abatida na presença do amigo, cuja estima tinha já por gloria.

Para seu maior constrangimento o conselheiro Adeodato, importuno e inconveniente, não sabia poupal-a ás indicações do terno affecto, que ella aliás tinha autorisado, e que então a rebaixavam aos olhos do capitão Avante.

A baroneza procurára por vezes, com disfarce e subtileza, manifestar o seu desgosto ao velho namorado que, ou não a compreendeu, ou insistentemente e cruel, continuou a render-lhe agrados que excitavam os remoques de D. Villares.

Contrariada, pelo conselheiro Adeodato, pungida pela falsa amiga, em anciosa exaltação de vaidade ameaçada e de brio que resurgiam exigentes ante a comparação com o esplendor da menina Candida, a baroneza revoltou-se contra o velho perseguidor, e em afflictiva situação, perdidas as delicadezas de seu bello espirito, teve uma ideia sem generosidade, designio rude que se lhe afigurou recurso unico para desmerecer menos.

Em seus transes, a vaidade prejudica sempre a intelligencia e muitas vezes o coração da mulher.

Com artificio habil, a baroneza afastou a afilhada, fazendo-a ir á sala contigua examinar um pre-

cioso album de retratos de notabilidades artisticas laureadas no mundo civilisado.

D. Villares tinha no entanto dito alegremente ao conselheiro Adeodato:

—Ainda bem que escapou da sua molestia cerebral e dos medicos: e felicite-me igualmente, porque, conforme a logica do doutor Olimpio, que é o meu medico, estou livre de soffrer essa perigosa molestia.

Olimpio respondeu desapiedado:

—Oh, minha senhora! na hipotese inadmissivel de que v. ex.ª não tivesse cabeça, eu recommendar-lhe-ia sempre cuidado; porque já tratei de um cego, que morreu de inflammação dos olhos.

Amalia de Villares não teve tempo de pagar o epigramma que lhe vibrára o dr. Olimpio, porque a baroneza disse immediatamente:

—Senhor conselheiro, a sua molestia encheu-me de appreensões crueis e chegou a suscitar-me um remorso.

—Como?

—Para meu castigo, di-lo-ei diante de todos, dando a v. ex.ª a mais plena satisfação.

—Oh, senhora baroneza! não compreendo.

—Joven, vaidosa e irreflectida, ousei durante algumas semanas, por indigno e indecoroso capricho, procurar acender no coração do sr. conselheiro o terno sentimento que me renderia cultos e adoração.

Fui a provocadora, declaro-o! Apaixonei-o, e illudi a sua paixão.

O conselheiro turbou-se; o seu rosto que estava muito pallido cobriu-se de vivo rubor.

Amalia de Villares sorria.

O capitão Avante escutava attento.

As outras pessoas presentes olhavam como que penalisadas.

A baroneza continuou a falar.

—Apaixonei-o e ainda insensata o prendia, abusando da mais repreensivel mistificação, quando o

sr. conselheiro adoeceu e esteve á morte. E então affligi-me, tive remorsos da leviandade, com que zombara de um homem venerando que fôra amigo de meus pais. Aos vinte e tres annos eu já devia ter juizo, mas procedi como uma douda e má.

—Tranquillise a sua consciencia, disse sorrindo affavelmente o conselheiro Adeodato que já se tinha acalmado.

A baroneza concluiu, dizendo:

—Confesso-me culpada; e peço perdão do meu grande abuso. Sr. conselheiro, eu não podia amal-o e provoquei-o a amar-me: fui má, estou porém arrependida perdoe-me.

Amalia de Villares, desconfiando da lealdade da confissão e do arrependimento, exclamou com accentuada ironia:

—*Baroneza de Amor*, não tem medo de causar alguma recaida?

A baroneza lançou sobre D. Villares um olhar de despreso, e respondeu, dizendo ao triste desenganado:

—Não; porque, em vez de um falso amor, desvaneço-me por conservar ao homem respeitavel e distinto uma amizade verdadeira e pura.

E offereceu a mão ao conselheiro Adeodato, que tomando-a, a beijou e disse um pouco vingativo mas com galanteria:

—Senhora baroneza! que não lhe fique n'alma o desgosto mais leve. Tenho sessenta annos; v. ex.ª em pequenina descançou muitas vezes sentada sobre os meus joelhos. Não fui mistificado, porque nunca tomei a serio o seu amor. Estimo-a muito desde a sua infancia, e os velhos por affeição e por gosto prestam-se a brinquedos, aos caprichos e até ao ludibrio das meninas, a quem viram crescer.

Eis a historia da minha paixão.

Eram onze horas da noite, e o barão de Amorotahy, chegando a casa mais cedo do que costuma-

va, entrou na sala muito opportunamente para interromper tão melindrosas explicações.

Habituado ao fino trato, e á cortezia delicada, o barão apertou com ostentosa amabilidade a mão do capitão Avante que lhe foi apresentado pela baroneza, extremando-se em dizer, que agradecia muito a esta o conhecimento pessoal, e a amisade de um cavalheiro, a quem já admirava pela gloria de seus feitos.

Quasi logo Amalia de Villares tomou conta do barão rindo, brincando com elle, e perseguindo-o com remoques.

A' meia noite levantaram-se em despedida os visitantes.

D. Villares pediu ao capitão Avante lhe désse o braço e a conduzisse ao seu carro.

Sairam.

Quando o capitão, chegando á rua, abriu a portinhola do carro, e offereceu a mão a Amalia de Villares, disse-lhe ella no seu tom costumado:

—Capitão! não tenho a innocencia da meninaCandida, nem os remorsos da *baroneza de Amor*; mas, se quizer ir vêr-me ámanhã, ou em qualquer outro dia, ha de achar-me mesmo uma *irmã de caridade*.

X

A serpente da inveja

O capitão Avante, dedicado e virtuoso nas suas honrosas relações de amisade com a «baroneza de Amor», conservava e expunha sem reserva longe d'ella e no seu viver quasi sempre afastado dos salões elegantes, os defeitos das suas qualidades, e sobre todos o modo irascivel do genio e a presunção da valentia que o levavam a incorrer em acções arrebatadas e merecedoras de justa censura, pelo excesso e pela violencia com que reagia ao primeiro recentimento da sua dignidade ou da offensa, ainda leve, á sua pessoa.

Dois factos a servir de prova.

Uma noite e já tarde, tendo saído do teatro, entrára elle n'um hotel visinho e sentando-se á mesa que estava vaga, pediu o que lhe pareceu para cear.

O capitão viera só, e na mesa fronteira da sua ceavam já dois sujeitos, um de meia idade, e outro ainda joven; ambos, porém, rudemente galhofeiros e provavelmente muito pretenciosos a engraçados, procurando excitar a curiosidade e produzir effeito.

Havia grande concorrencia no hotel; quasi todas as mesas estavam occupadas.

Dentro em pouco notou o capitão Avante que os dois inconvenientes alegrões riam e motejavam da fealdade de seu rosto.

Era zombaria que elle não perdoava; fingiu, porém, não percebel-a, até que o mais velho dos mal educados galhofadores, disse em voz alta:

—E' um mascarado fóra do carnaval.

Algumas pessoas riram.

O capitão chamou um creado do hotel, e em voz baixa pediu-lhe a conta da ceia dos galhofadores, mostrando querer obsequial-os.

Estava á paisana e não tinha armas.

Logo, porém, que recebeu a conta e pagou a despeza dos dois, levantou-se, e dirigindo-se aos provocadores, agarrou em ambos pelos cabellos, suspendeu-os assim das cadeiras, e a despeito dos esforços e da furia com que lhe responderam ao ataque violento, levou-os batendo com a cabeça de um contra a cabeça do outro até á porta, d'ahi os arrojou para a rua, e voltou, sem proferir palavra, a sentar-se á mesa, continuando a ceiar.

Ruidosa salva de applausos retumbou na sala do hotel.

O capitão Avante jogava. *Lá na guerra*, como elle costumava dizer, nem sempre se batalhava: houve mezes de cerco, de espectação estrategica apurando mais a paciencia do que os combates.

Então entre os passatempos improvisados, ás vezes ao troar do bombardeio, o peior de todos foi o jogo.

O bravo mancebo contraíra, pois, *lá na guerra* não o vicio, mas o gosto ruim do jogo.

Não se fizera jogador profissional, ou apaixonado; ficára sendo, porèm, *amador*, e amador demasiado attrahido.

Era emfim um jogador de occasião mas jogador liso, honesto, escrupuloso, e exigente de lisura e de honestidade iguaes ás suas.

Uma noite, dous camaradas *lá da guerra* levaram o capitão a uma casa de jogo similhante a muitas outras, covis nocturnos, que zombam da policia na cidade do Rio de Janeiro,

O Avante e os seus camaradas perderam todo o dinheiro que levavam e retiraram-se aborrecidos.

O capitão, porém, demorou-se pertinaz, quiz ficar e ficou sem jogar, mas observando o jogo.

Tinha suspeitado fraude e velhacaria. Sabia perder ao jogo, serena e cavalheirosamente; nunca, porém, tolerára que o roubassem impunemente.

Esperou, observando attento e silencioso, mas sem mostrar desconfiança.

Esperou, muito tempo; mas de repente lançou-se sobre o jogador suspeito, arrancou-lhe das mãos o volumoso baralho, annunciou as *sortes de lasquenet* que iriam saír, manifestou-as de facto, e bradando «ladrão!», esbofeteou o trapaceiro.

Os cumplices levantaram-se envairecidos em defeza do socio fraudulento.

Seguiu-se uma terrivel desordem; mas o capitão Avante pôz a quadrilha fóra de combate, expulsou-a da sala com uma cadeira que tomára por arma, e depois retirou-se tambem, acompanhado e applaudido por quantos tinham sido como elle, n'aquella noite, victimas do jogo aladroado.

Nos dois casos a razão estivera do lado do capitão Avante; era, porém, não menos certo que elle nem sabia domar os seus impetos de colera, nem

procurava evitar, desde que se julgava offendido desordens e brigas que recommendavam pouco o seu juizo e a gravidade do seu proceder.

Mas o capitão tinha, para o bem, o mesmo ardor vehemente que o impellia para os desforços materiaes: ao grito de «soccorro» podiam contar com elle a qualquer hora, em qualquer sitio, uma vez que aos ouvidos lhe chegasse o reclamo.

Desde que se achava na cidade do Rio de Janeiro já por duas vezes ao toque de incendio, correra impavido aos logares do perigo, e no meio dos mais destros e ousados desapparecera por entre o fumo apparecera e illuminado pelas chammas, manejando o machado, combatendo o fogo, e salvando vidas com risco da propria vida.

Com a noticia d'estes actos de coragem, de ardor e de abnegação, o conhecimento das brigas, das luctas em que rompia imprudente mas provocado, em vez de amesquinhar a boa reputação do capitão Avante, augmentava-a, tornando-o interessante e de relações desejadas.

O capitão em poucas semanas firmara o seu credito. Ninguem o tinha por desordeiro, todos o consideravam apenas inflamavel ao rebate da offensa. Reunia á força a bravura do leão a docilidade do elefante.

Quando a ira provocada não lhe enfurecia o animo, e não lhe impulsionava o braço, era sempre a generosidade o orientava.

Ninguem julgou mal d'elle: todos o desejavam para amigo.

Desconfiado sempre das repulsivas impressões do seu rosto, o capitão preferia as exclusivas relações e a intimidade com alguns dos seus camaradas *lá da guerra* ás melhores companhias e sociedades da capital.

Forçoso, porém, lhe foi sujeitar-se a exigencias obsequiadoras; e a principio relutante, depois encantado, achou-se preso nos enlevos dos circulos elegantes do Rio de Janeiro.

Ali teve elle de encontrar frequentemente entre as outras damas a baroneza, a quem teimavam em chamar de *Amor*, Amalia de Villares, leviana incorrigivel, e tambem Candida, a jovensinha de formosos olhos pretos a quem seus pais tinham apresentado nos salões da alta sociedade, e que, lembrando a narração que sua madrinha fizera, contemplava sempre com enlevada admiração o heroe, quando o encontrava nas reuniões e assembleias.

O capitão Avante sentia-se não feliz, mas docemente consolado; não feliz porque amava sem esperança; consolado, porém, porque o objecto do seu amor regenerava-se pela sua estima e pelo influxo da sua dedicação.

A «baroneza de Amor» estava surpreendendo todos por uma subita e inesperada metamorfose.

Não voltára de todo, quasi que não podia, quasi que não lhe era licito voltar, á severa e exemplar castidade que mostrára durante os primeiros tempos da sua não merecida desgraça conjugal.

Ainda vaidosa, sorria alegre á festa e ás dansas.

Ainda valsava vertiginosamente; mas a ostentação de namoros escandalosos tinha cessado. Já não havia nenhum amante suspeito, nem preferencia indiscreta de nenhum valsista, ou de galanteador em passeio.

A «baroneza de Amor», que sabia desanimar, como tinha sabido animar os namoradores solicitos, resurgia circunspecta, reflectida, isenta de paixões, mostrando apenas o empenho em gosar os encantos do baile, em agradar por bonita e elegante, o que se póde conceder a toda a joven esposa que fraca por vaidosa se faz absolver por comedida e honesta.

Sem que pudesse conseguir o perdão do recente passado tão cheio de sombras espessas, a «baroneza de Amor» estava quasi obrigando a commutação do castigo da geral censura, pela inopinada, mas patente transmutação do seu procedimento.

Que seria aquillo? Um poderoso sentimento devia influir no animo da baroneza: a reconciliação conjugal faltava, para explicar o fenomeno, porque o barão de Amorotahy mais que nunca estava apaixonado pela famosa, recem-chegada e aurea devoradora dansarina franceza do Alcazar.

O marido requintava, pois, em lesa infidelidade e em turva injuria á esposa, pela escandalosa notoriedade do adulterio.

Como poderia explicar-se a nova fase, a fase decorosa, depois da indecorosa que a «baroneza de Amor» acabava de deixar?

Os observadores curiosos e ainda mais os maliciosos debalde procuravam decifrar o enigma.

E, como castigo do passado, nenhum conjecturava, o despertar da virtude na «baroneza de Amor».

Mas não tardou muito que uma boca invejosa e má espalhasse uma mentirosa descoberta do segredo, inspirando-se em ciumenta suspeita e não hesitando ante a perversidade da calumnia.

Amalia de Villares não pudéra admittir que o capitão Avante se mostrasse tão esquivo ás suas claras e immodestas provocações, sem que tivesse o coração exclusivamente dominado por um fervoroso amor.

Partindo d'esse principio, chegou a duas conclusões: uma verdadeira e outra falsa.

Observando e estudando a inopportunidade do desengano, com que a baroneza tinha diante do capitão, confundido o conselheiro Adeodato, desconfiou que fosse aquelle o causador da despedida do *quarto amante*.

Não de todo certificada do novo amor da baroneza e ainda esperançada na conquista do capitão, tanto mais almejada quanto menos facil parecia, D. Villares esperou algumas semanas, espreitando a baroneza e o capitão.

Esperta e sagaz, dissimulando-se com a propria e natural inconsideração e leviandade, nem assim

pôde surpreender qualquer manifestação indicadora do amor de que desconfiava.

Todavia, resentindo-se cada vez mais da esquivança inexplicavel e incrivel do capitão, e notando que a esposa desbriosamente vingativa, como ella, parecia parar no despenhadeiro, em que ella não parava, e se eximia de galanteios, deu por incontestaveis as suas duas conclusões.

Uma era verdadeira: o capitão Avante amava *baroneza de Amor*.

A outra era falsa e calumniosa: a *baroneza de Amor* amava o capitão Avante.

Desde que o despeito de desdenhada e a raiva de ciumenta lhe serviram de logica, Amalia de Villares jurou a si mesma tomar uma desforra da rival afortunada.

Logo depois d'esse mudo e sinistro juramento, Amalia de Villares, no primeiro baile em que se encontrou com a baroneza, de quem tinha inveja, e com o capitão Avante, que almejava captivar, á similhança do diplomata bellicoso, que arroja o *ultimatum* precursor da guerra, avançou para a innocente rival, e falando-lhe como de passagem, perguntou:

—*Baroneza de Amor!* nitida e francamente: que te parece o capitão Avante?

A baroneza respondeu:

—Parece-me um noivo digno da menina Candida.

D. Villares riu sarcasticamente e murmurou, affastando-se:

—Eu sou inimiga das innocencias... por incredula.

Amalia de Villares nem olhou para Candida, com quem então estava falando o capitão Avante.

Um pouco mais tarde ella não pediu, tomou o braço do capitão, dizendo-lhe:

—Imponho-lhe um passeio comigo.

—A imposição glorifica-me; respondeu o capitão, obedecendo.

E seguiram ambos, passeando.

—Que lhe parece a *baroneza de Amor?* perguntou D. Villares.

—N'este momento, minha senhora, sinto-me incapaz de pensar em outra dama, que não seja v. ex.ª.

—Uma evasiva!

—Perdão, não é evasiva, é um culto devido.

—Culto de cego!

—Mas eu vejo.

—Culto de surdo!

—Mas eu ouço.

—E que tem visto e ouvido?—diga!

—Tenho visto luz que deslumbra e tenho ouvido canto que inebria.

—Então?

—A luz por deslumbrante obriga-me a fechar os olhos, e o canto por inebriante adormece-me os sentidos.

Amalia de Villares, supitando a colera, disse com ironia, mas em voz tão suave, que escondeu a ameaça:

—E' forçoso pois que eu o obrigue a abrir os olhos e a apurar melhor o ouvido? Invocarei genios sinistros para que lhe dêm a luz do raio e o estampido da tempestade. Prepare-se: ha-de ver e ouvir.

E riu-se, dizendo isto.

O capitão Avante sorriu tambem, recebendo, como um simples gracejo, as palavras innocentemente ameaçadoras da evocadora dos genios sinistros.

O passeio terminou logo.

D. Villares tinha pressa.

Em breve correu nas salas uma noticia curiosa.

Era a decifração do enigma.

O capitão Avante era o quinto amante da *baroneza de Amor.*

A calumnia partira da bocca da inveja; a maledicencia adoptou-a; e não houve quem a contestasse, porque a baroneza habituára todos a verem-na mudar de galanteador, ou de amante, como diziam.

E' verdade que nos seus modos, no seu olhar

nas suas aproximações, e em suas breves conversações no baile, a baroneza e o capitão mantinham a mais serena gravidade, e não indicavam affecto que excedesse os limites de uma estima reciproca e nobre.

Amalia de Villares, porém, tinha referido com venenosa alteração de circunstancias o caso do desengano do conselheiro Adeodato, e improvisado indicações do amor que denunciava.

A baroneza até ha pouco immodesta, passou por acclamação surda e feroz, da maledicencia á immodesta hipocrita.

Era falsa, não tinha fundamento, não apresentava nem apparencias para simples conjectura aceitavel, a pretendida descoberta do novo e disfarçado amor adultero da baroneza; mas foi adoptada como positiva e inquestionavel.

As senhoras mais graves e os homens mais sensatos voltaram o rosto, negando-se a animar a diffamação; mas intimamente disséram: «é possivel».

A baroneza, calumniada atrozmente, era victima do labéo que os malevolos e os irreflectidos propalaram como *justo e verdadeiro;* e os bons e os cordatos apenas o indicaram, não provado, mas de tristissima possibilidade.

Um anno de ostentação desbriosa deixára a *baroneza de Amor* abandonada á raiva do ciume aleivoso, aos furores da inveja e atada ao cepo de todas s desconfianças ultrajadoras da sua honra.

Depois de varios erros incompletos, mas compromettedores, voltando arrependida, ou bem inspirada, ao decôro, a baroneza deparou com a diffamação a bradar-lhe «mentira!» e com a virtude e a honestidade a murmurar «é tarde!»

E' que a pudicicia tem a sua virgindade; e a virgindade é dom que, perdido, não se regenera.

Mas a *baroneza de Amor* ainda não sabia que lhe tinha sido dado por quinto amante o capitão Avante.

A murmuração e a calumnia espalharam-se tene-

brosas e só a meia voz, estendendo-se ainda mais impunes e livres de contrariedade por isso mesmo.

Nenhum detractor ousava falar alto, porque o capitão Avante impunha respeito. Falaram, porém, todos os maldizentes em segredo e o segredo generalisado era a publicidade.

Dentro de poucos dias foi notorio na cidade do Rio de Janeiro que o capitão Avante era o quinto amante da *baroneza de Amor*.

E quando a notoriedade fervia em mal abafada murmuração; quando a baroneza já sabia, mas despresava a calumnia; quando o capitão Avante, avisado pelo dr. Olimpio, procurava debalde o inventor do infame aleive, ou ao menos um éco propalador, em quem castigasse a malvada offensa, o barão de *Amorotahy* recebeu um dia a seguinte carta anonima escripta em lettra que se procurára fingir:

«Barão!—basta de cegueira, que poderia dar testimunho de uma condescendencia infame. Sua esposa ultraja-o de mais: depois de tres amantes, talvez não indignos rivaes do marido, desceu até á velhice do seu quarto amante, o conselheiro Adeodato, e agora por fim rebaixa-o com a preferencia da disformidade: barão! a Esmeralda abraça e beija Quazimodo: a *baroneza de Amor* tomou por seu quinto amante o capitão Avante.»

TERCEIRA PARTE

VINGANÇAS

I

O marido

O barão de Amorotahy leu a carta anonima, com impaciencia visivel, mas sem manifestar na fisionomia agitação, nem colera.

Não era essa a primeira denuncia que assim recebia dos desasisados amores de sua esposa: mais de um pretendento infeliz e indigno tinha dess'arte procurado vingar-se da baroneza, e talvez que algum parente ou amigo houvesse por meio similhante prevenido o barão do seu vergonhoso infortunio.

Como que habituado a taes escriptos maldosos ou de importuno interesse por sua honra, o desbrioso marido, depois de ler a carta, examinou-a attentamente pela unica razão de lhe parecer de mulher a lettra mal dissimulada; e, convencendo-se do acerto de sua observação, em vez de queimar o bilhete denunciador, conforme aos outros fizera, guardou-o na carteira.

O barão de Amorotahy era, mas não se reputava esposo envilecido.

Sabia da baroneza muito mais do que ella o pensava, e só em um ponto menos do que lhe conviria saber.

Não fôra surpreendido, recebendo o primeiro aviso dos desatinos da esposa; já os tinha observado, e reconhecido a principio com alvoroço do seu orgulho; mas não se animára a romper em recriminações e em ciumes.

Como e para que fazel-o? Como, se o barão fôra e continuava a ser o provocador do seu tão grande infortunio?

Ninguem ignorava, que por longo tempo a baroneza se conservára admiravelmente casta, apezar da vida desordenada que elle levava; e, se por fim prevaricara, como iria o esposo tomar-lhe contas d'isso, tendo a certeza de que a victima lhe responderia com a exposição das torturas do seu passado?

Que diria o barão quando a baroneza perguntasse: «Quem foi o meu algoz? Quantos mezes vivi honesta e pura, embora afflicta, como esposa repudiada?»

E' certo que o adulterio do esposo não desculpará nunca o subsequente adulterio da esposa.

Mas com que fim, e com que proveito o barão se manifestaria ciumento e revoltado, sabedor do procedimento reprehensivel da baroneza.

A vergonha e a baixeza de estereis e repugnantes brigas domesticas não podem entrar em hipotese: o esposo só poderia pensar, explicando-se com a esposa, ou em desquite ou em reconciliação regeneradora do passado.

O escandalo do desquite tinha uma espada de dois gumes, e o barão temia.

Além d'isso, não havia facto realmente positivo que o armasse com o recurso extremo do desquite, se a baroneza o repellisse.

A reconciliação regeneradora era impossivel, porque a baroneza exigiria sem duvida a mutua fidelidade conjugal por base, e o barão não a podia dar.

Infelizmente não é novo o caso.

O esposo adultero, o homem dissoluto, ultrajado em sua honra por subsequente desregramento da esposa, não podendo zelal-a, não podendo moralisar, porque é fonte de desmoralisação,—quando não escandalisa a sociedade com ruidosos conflictos e desconcertos domesticos que se tornam publicos, submette-se a fingir cegueira, a tolerar o opprobio, simulando ignoral-o.

O barão de Amorotahy, reconhecendo-se incapaz de tornar á vida de esposo, senão casto, ao menos cauto, acceitou s sua vergonhosa posição de marido cego e surdo.

Deixando a baroneza livre, abandonada, solta em seus delirios de vingativa, soffreu tormentos horriveis nas affrontas que despedaçavam o seu vão e falsissimo orgulho, que não era mais do que ôca vaidade.

N'essa situação difficilima, artificial, escabrosa, o barão de Amorotahy, em desespero de sua condemnação, agarrou-se á afortunada consolação, abriu os olhos a uma luz, que outrem tomaria apenas por penumbra, que lhe viera trazer nobre e digna senhora, que aliás bem pudera parecer suspeita.

D. Margarida, a extremosa tia da baroneza, confiou em segredo ao barão tudo quanto ouvira á sobrinha de seus planos de vingança tresloucada em que ella de proposito se compromettia em publico, ostentando todas as apparencias de infidelidade que em sua vida particular repugnava e desmentia com todo o nobre recato antigo.

Similhante explicação deveria ser insufficiente, inaceitavel para qualquer homem honesto e brioso; mas o barão de Amorotahy applaudiu-a, adoptou-a, como fundamento de cega confiança.

O adultero como que sofismava comsigo mesmo; e fez mais: quiz tambem que se propalasse, como certa, a especie de vingança que a esposa offendida e ciumenta d'elle tomava, e em zombaria fingida, mas indigna, referiu-a a amigos seus.

Ninguem lhe prestou credito e foi d'elle que todos riram, d'elle que tambem pouco acreditava no que dizia.

O barão desceu a maior baixeza: dia e noite fóra, longe do tecto conjugal, expôz a misera esposa á espionagem da sua creada particular e dos seus lacaios.

Era o extremo do aviltamento; os espiões, porém, adoravam a baroneza, e por isso disseram d'el-

la sómente a verdade que certificava a explicação dada por D. Margarida.

O barão de Amorotahy chegou emfim a crer n'esse limite da vingança terrivel, limite material que não podia poupal-o ao ridiculo mais opprobrioso; contentou-se, porém, com elle, e quasi que o applaudiu com ufania.

Havia em tudo isso contradicções de orgulho, falsificação de sentimentos; mas o barão precisava enganar-se a si proprio, e como que aturdir a consciencia que o flagelava com o seu publico infortunio.

Acceitou pois aquella pauperrima consolação, abraçou-se com ella, e habituou-se a consideral-a não perfeita mas sufficiente segurança de sua supposta dignidade.

Que ideia fazia esse homem da honra?

Mas, como pedir noções perfeitas do dever e da honra ao dissoluto que se desenfreava na carreira do vicio.

No seu absurdo orgulho, o barão julgava bastante, quasi que agradecia a reserva e, digamol-o assim, a virtude corporal da esposa.

Elle sabia muito mais do que a baroneza o pensava, atraiçoada generosamente pela tia; não sabia, porém, que sua esposa, desprezada e delirantemente vingativa, o amava sempre com ardor invencivel.

Repellido a principio pela baroneza justamente resentida, suppondo-se depois aborrecido, odiado, morto para a baroneza vingativa, cujo amor, cuja ternura como que infinita elle atrozmente assassinara em tormentos de adultera perfidia, o barão esquecera completamente a esposa, e sob o mesmo tecto, salva a decencia das relações obrigadas do lar commum, raro convivia com ella.

Era uma vida apparentemente placida, secretamente horrivel, e talvez menos singular do que se imagina.

A nova calumnia levantada contra a baroneza não impressionaria o barão mais do que as anteriores;

veio, porém, achal-o preparado para a desprezar, porque elle estava informado da honestidade das relações de sua esposa com o capitão Avante, e era incapaz de se preoccupar com um injurioso aleive.

Proseguindo na licenciosidade, o barão encontrara Mario de Villares, o marido de D. Amalia, e não tardara em considerar o que fôra amigo de familia, por socio de libertinagem.

Se precisasse de alguem para lhe perverter ainda mais o caracter, não poderia ter feito escolha mais acertada de um mestre de corrupção.

Mario de Villares excedia muito o barão na petulancia da depravação, e no rebaixamento da ignominia.

Amalia devia-lhe não a delicadeza e o decôro, mas sim o desprezo que a deixava viver isenta da espionagem repugnante que cercava a *baroneza de Amor.*

Mas não póde haver lealdade, nem sentimento algum generoso e puro, onde reina e se cultiva o vicio e o sensualismo sem freio.

Mario de Villares acabava de roubar ao barão de Amorotahy a nova e já petulantemente celebre *alcaçarina,* por quem este, apaixonado e captivo, exagerava o preço de exclusiva e ostentosa posse.

Questão de ciume inconfessavel, de capricho de libertinos ricos, de vaidade ridicula e escandalosa?

Pouco importa; o barão tinha perdido a *alcaçarina*; Mario roubara-lh'a; e elle, vencido e ludibriado, confrangia-se colerico, a imaginar vinganças e a atormentar-se com a furia da paixão e com a vergonha da preferencia que o abatia e amesquinhava.

A carta anonima denunciadora dos amores da baroneza e do capitão Avante chegára ao barão na manhã cruel que se seguira á noite do desengano.

O marido, todo occupado com a amante roubada, não pensou na injuria feita á esposa injustamente accusada.

Mas o homem sensual e pervertido poderia ainda em taes circunstancias notar que a lettra da carta

anonima parecia de mulher; e, examinando a, chegaria a convencer-se d'isso.

Uma mulher era sempre o objectivo dos seus impulsos.

O barão guardára a carta com a ideia da mulher que a escrevera.

Concentrou-se, torturando-se em maldizer da *alcaçarina*, a odiar Mario de Villares e a forjar planos estereis de desforra sem base.

Pagar com usura a deslealdade do amigo falso era todo o seu empenho.

Daria um anno de vida para o conseguir; mas como? Rico, a *alcaçarina* preferira a chuva de ouro de Mario: vencido com armas iguaes de ouro, tudo mais era inutil.

Mario triunfava.

O barão tentou distrair-se.

Quiz dominar os tormentos da sua paixão afflictiva e violenta, e constrangendo o animo preoccupado, tirou da carteira a carta anonima, abriu-a, estudou de novo a lettra mal disfarçada e foi pensando ou dizendo entre si, a principio sem interesse e depois com ardor curioso:

—A lettra é de mulher.

Que mulher escreveu esta carta?

—Foi ou inimiga ou rival da baroneza?

—Inimiga, a baroneza deve ter muitas por inveja; é inutil procurar uma.

—Inimiga já deveria ter denunciado a baroneza com apparencias de mais provaveis fundamentos.

—Mas esta é a primeira denuncia escripta por mulher.

—A carta não é de inimiga, é de uma rival, que ama o capitão Avante.

—Que mulher, no caso de ser suspeitosa rival da baroneza, ama o capitão Avante.

Perturbado pela paixão que o torturava, mas teimoso em querer poupar-se a ella, o barão considerava assim a carta; procurava adivinhar a sua pro-

edencia; e de inducção em inducção, chegando á ultima, que era um problema a resolver, ficou refle ctindo, conjecturando.

De subito o barão estremeceu todo; teve uma feliz ideia, e murmurou, como se falasse a alguem:

—Oh!... Se fosse d'ella!

E foi indisivel o riso sinistro e infernal que se abriu nos labios do barão.

Examinou outra vez a carta; e outra vez reflectindo, esteve conjecturando.

E por fim, ainda mais radiante e satanicamente inspirado, não falou, mas disse comsigo mesmo:

—A carta é de D. Amalia de Villares.

E saiu immediatamente de casa.

II

Abismo que se abre

Era uma hora da tarde, quando o barão de Amorotahy, com a certeza de não encontrar Mario de Villares, chegou a casa d'este, no momento em que D. Amalia surgia á porta para saír.

Com effeito a carruagem estava atrelada e o creado em pé tinha a portinhola aberta.

Vendo o barão a dois passos, D. Villares esperou-o e disse-lhe risonha:

—Passa opportunamente para me offerecer a mão.

—Mas eu não passo, chego, D. Amalia.

A invejosa lembrou-se da carta anonima, que por ciume e malevolencia tinha escripto; serena, porém, como lhe convinha mostrar-se, perguntou:

—Uma visita, barão?

—Que lhe roubará meia hora de passeio e de cultos; se é possivel, peço-lhe esse sacrificio.

—Ah! o milagre da sua presença e a curiosidade do seu empenho, além do proprio desvanecimento convidam-me a dar-lhe não meia hora mas o dia todo.

E disse ao creado:

—Não saio hoje.

Amalia de Villares tomou o braço do barão e subindo para a sala de recepção, logo que entrou n'ella, perguntou:

—Desejaria falar-me em confidencia?

Desejo D. Amelia; adivinhou o meu pensamento. Isso exalta-me.

—Porque?

—Porque para ler assim na minha alma era preciso que se deixasse demorar voluntariamente n'ella.

Amalia sorriu e disse.

Para uma conversação confidencial a minha sala recommenda-se por mais discreta.

E indo abrir uma porta que dava entrada para a sala contigua, acrescentou:

—Entre e espere-me dois minutos: a sua impaciencia não me póde negar o direito de libertar-me d'este horrivel chapeu imposto pelo capricho da moda. D. Villares saiu ligeira e graciosa.

A libertação do chapeu fôra um pretexto.

A instintiva impulsão da necessidade de um breve recolhimento para reflectir sobre a inopinada visita do barão immediatamente depois do recebimento da carta anonima fôra a causa unica d'aquelle recurso improvisado pela invejosa e leviana mulher.

Mas D. Villares era incapaz de reflexão.

Não podia pensar seriamente cinco minutos a menos que se occupasse de urdir uma intriga, ou um plano de diffamação contra uma rival.

Tirando o chapeu, e corrigindo, aperfeiçoando o penteado diante do espelho, só teve a ideia de que era linda.

Só se lembrou da lisonja, que recebera do barão, e no fim de um quarto de hora pelo menos, voltou curiosa a ouvir a confidencia sem que tivesse estudado e resolvido o seu proceder: na hipotese de se tratar da denuncia calumniosa, que lhe pesava na consciencia.

O barão esperava pacientemente.

A sala onde entrára era-lhe perfeitamente conhecida, como nos tempos da sua vida de proceder honesto.

D. Amalia de Villares tinha sido a flôr mimosa de uma familia intimamente ligada á de seus pais; e o barão, já casado e ainda bom marido, escusando-lhe as leviandades, frequentava-a generoso, protegendo-a com o prestigio da amisade de sua esposa, que era então o prototipo da castidade e da virtude.

Mais tarde, o barão viveu por dever e por vangloria apenas noites e horas de excepção obrigada na sociedade elegante e nos salões aristocraticos.

Deslembrára-se de Amalia de Villares, como olvidára outras relações e amizades.

A sala particular de D. Villares era, como tantas outras de vaidosas e ricas senhoras, um primor de custosos ornatos, abismo de ouro em vasos de alto preço, em multiplicados albuns de ornamentos carissimos, em grandes espelhos cujo valor era ainda excedido pelas molduras luxuosas.

Era um salão caprichosamente enfeitado que nos tesouros que ostentatava aos olhos, e nos tapetes e na mobilia de maravilhoso gosto, obrigava a pensar que continha na sua manifestação do goso mal sentido de uma só senhora mais do que fôra preciso para alimentar cincoenta ou mais familias pobres durante um anno.

As duas salas de recepção particular da baroneza de Amor e de Amalia de Villares distinguiam entretanto notavelmente as duas senhoras: eram ambas talvez iguaes em riqueza; mas a da baroneza primava pelo gosto delicado e pelo testimunho irrecusavel do conhecimento e do apreço das bellas artes.

Ornando as suas salas, uma ostentação irreflectida e cega, dissipava tesouros; a outra sacrificáva tesouros, pagando primores de arte e a idolatria do bello.

O barão de Amorotahy, pensava ou não n'essa eloquente differença das duas salas, indicadora da

distancia immensa que separava, por seu caracter e por seus sentimentos, a baroneza de Amor e Amalia de Villares, quando esta voltou, entrando apressada, quasi a correr, e a rir de si mesma, dizendo:

—O espelho é o demonio da mulher: a tentação prendeu-me: perdoa-me a demora, barão?

—N'este momento só penso na graça da sua presença.

—Ah! E' verdade! acudiu ella já sentada no sofá e inclinando-se para o lado em que lhe ficava o barão; é verdade! mereceu-me a graça de meia hora pedida e de todo o dia concedido para... não sei que confidencia. Aqui estou... curiosa a não poder mais.

O barão demorou por instantes no rosto de Amalia um olhar fito e penetrante que poderia ser impertinente, mas não irado.

D. Villares resistiu impassivel áquelle olhar sem baixar, ou desviar o seu, e perguntou meio seria, meio ironica:

—E' assunto grave, barão?

O barão teve receio de a vêr começar a rire apressou-se a dizer:

—D. Amalia, não venho perguntar-lhe nada: venho dizer-lhe o que sei.

—Ah! isso é mais facil e commodo para mim.

—Estimarei que o seja; indispensavel, porém, n.e é partir da communicação da minha certeza.

D. Villares cada vez mais se tranquilisava, notando o olhar, e o tom com que lhe fallava o marido da baroneza de Amor.

—Então que é que sabe? perguntou.

O barão, levando a mão ao bolso e tirando o bilhete anonimo, apresentou-o a Amalia, e disse;

—Sei que foi a senhora, quem escreveu esta carta.

Córando apenas de leve, mas com uma impavidez que o barão estava longe de esperar, D. Villares respondeu sem alteração de voz:

—Fui.

Passou-se em silencio pelo menos um minuto

durante o qual o esposo offendido por ventura suffocou algum resto de dignidade.

A calumniadora denunciante, brincando com o seu leque, manejava-o, traçando linhas sobre os joelhos, como se estivesse resolvendo um problema geometrico.

Mas um minuto de espectativa e de paciencia era muito tempo para a estouvada.

—Barão! disse ella, reclinando-se languidamente no sofá; apraz-lhe que eu comece a bocejar?

—Não, D. Amalia; interessa-me muito conhecer o sentimento que a forçou a escrever-me esta carta.

—N'este caso, o mais simples é o mais racional: cumpre-lhe acreditar que o sentimento que inspirou a carta foi a amizade.

—Porque não é franca e positiva, como se mostrou ha pouco?

—E o barão que pôde chegar á certeza de que a denuncia anonima partira de mim, porque não descobriu, não adivinhou tambem o affecto ou a paixão que me impulsionou?

—Porque hesito entre duas hipoteses.

—O melhor é admittir ambas.

—Impossivel; repellem-se.

—Quer que o auxilie na escolha? Quaes são as suas hipoteses?

—Não zombe, D. Amalia? Não deve zombar em assunto de tanta delicadeza; não calcula o incendio que ateou na minha alma!

D. Villares, interpretando erradamente as palavras do barão, exclamou com fingida piedade:

—Pois só agora? Ah! não me perdôo o ter deixado de lhe escrever ha mais tempo!

E toda commiseração e condolencia apparentemente caridosa, a linda Amalia procurou e apertou com ambas as mãos a mão do marido da *baroneza de Amor*, como que a fazer-lhe mil tristes revelações.

Mas o barão, em vez de se confundir e de se alvoroçar, prendeu as duas assetinadas e pequeni-

nas mãos, levou-as aos labios e beijou-as duas vezes.

D. Villares olhou para o barão com instintiva suspeita; immediatamente, porém, recolheu o olhar indiscreto e murmurou commovida:

—Ella... talvez ainda...

O barão interrompeu-a impaciente, dizendo:

—Eu sei tudo quanto devo saber com relação á baroneza: sei o que me cumpre perdoar-lhe, e o limite que ella respeita e não ultrapassa nos seus erros a que tenho dado causa. Mas, D. Amalia, não me lembre minha esposa; não é d'ella que se trata!

—Ah! eu pensava que o objecto da confidencia era a carta que deixou de ser anonima.

—E'.

—Mas a carta só se occupa da baroneza, embora eu esteja arrependida de a haver escripto.

—Sim; eu, porém, só vim pedir-lhe a confissão leal e franca do sentimento que a obrigou a escrever uma denuncia fulminadora da sua amiga.

A palavra—amiga—feriu e devia ferir como a ponta de um punhal, o coração e a consciencia da invejosa e calumniadora rival da baroneza.

—Quer increpar-me? perguntou D. Villares com a fortaleza e a audacia que lhe dava a lisonjeira suspeita, que ella pouco antes acabara de lobrigar.

O barão respondeu, olhando-a com doçura:

—D. Amalia, a senhora é linda ainda mesmo quando se encolerisa; é porém muito mais encantadora, quando ri.

D. Villares riu-se.

—Assim! disse o barão; mas dê-me a luz que lhe pedi e que almejo.

—E' inutil; o barão já tem acesos dois archotes.

—Como?

—As suas duas hipoteses.

—Quer que lh'as indique?

—Oh!... quanto tempo perdido para chegarmos ao fim! Precisa que eu diga «quero?»... Pois bem: quero!

Pela sua inconsideração e leviana ousadia, Amalia de Villares expunha-se ou chegava a autorisar atrevimentos; e, além d'isso, o barão já atrevido por seus costumes vinha com um projecto assentado e com animo de tudo dizer.

D. Amalia, a senhora sabe tanto como eu o motivo e o fim do procedimento que ha mezes tem tido minha esposa.

—Ah! disse a terrivel Villares; trata-se portanto da baroneza!

—Não: eu quiz apenas firmar a base das minhas hipoteses. Recebendo a carta anonima e reconhecendo a sua procedencia, eu disse comigo:—ou foi muito tardio e por isso bem duvidoso o interesse da amizade que escreveu esta denuncia, ou são falsos e calumniosos, como tenho razão para os considerar, os diversos amores attribuidos á baroneza, e só é verdadeiro o que se annuncia agora.

—Supponhamos isso.

—D. Amalia, eu continuei, com os olhos na sua carta, a dizer sempre comigo:—mas quem escreveu esta carta, não o fez por ser amiga do marido ultrajado; porque muito tarde zelando a honra d'elle, o avisa do novo e quinto amante da esposa infiel, e apenas lhe fala de quatro successivos amores antecedentes, que deveriam ter sido opportunamente denunciados pelo mesmo sentimento de amizade.

—E d'ahi? perguntou D. Villares, que não pôde fugir ao raciocinio do barão.

—D'ahi, cheguei a concluir que a carta fôra inspirada pelo ciume de uma rival, ou pelo impulso vehemente do amor de um coração sensivel, e exaltado.

—Ciume e amor! disse D. Villares; mas não ha ahi duas, ha apenas uma hipotese, barão; porque o ciume é filho do amor.

—Ainda bem, que procura sofismar; mas não nega.

—Eu ainda não confessei, nem neguei; e muito

menos sofismarei: é claro que a sua logica leva longe os descobrimentos: continue.

O barão continuou:

—Escripta pelo ciume ou pelo amor exaltado, a carta só pôde, só podía ter por empenho abater a baroneza por menos digna do seu marido, ou crear embaraços á paixão em que ella pela quinta vez se compromette.

—Concludentissimo... evidente!... e por consequencia, barão?

—Por consequencia esse empenho teve forçosamente por arrojado motor um de dois sentimentos.

—Diga-os!

—D. Amalia! A senhora ama ou o supposto amante, ou o marido da baroneza.

D. Villares respondeu sem hesitar:

—Convenho em ambas as hipoteses.

E desatou a rir.

Mas, rindo como irreflectida que era, pensou no amor inesperado e por mil estimulos indecorosos do barão de Amorotahy.

Este calculadamente respirava silencioso depois de chegar ao termo das suas conclusões de logica sentimental.

Amalia provocou-o a proseguir no mesmo tom da conversação confidencial e arriscada, dizendo-lhe:

—Estou vendo que vai acabar por declarar-me sua solicitante apaixonada!

—Não, D. Amalia! respondeu o barão, fingindo-se commovido e desalentado; não! até hontem eu era sómente um infeliz desatinado e um imperdoavel cego; mas hoje que imaginei e entrevi uma indisivel felicidade, logo me achei abismado na escura noite da desesperança.

—Barão! a sua logica é mil vezes mais eloquendo que a sua retorica.

—Talvez que eu comece a não saber o que digo! mas é certo que das duas hipoteses abandonei logo a segunda; o marido da baroneza, revendo em sua memoria a imagem da autora da denuncia, reconhe

ceu que ella era lindissima e adoravel; mas essa imagem não lhe lembrou o mais leve indicio de amor, o mais passageiro signal de attenção affectuosa.

—E portanto?

—Ainda o pergunta? Estou condemnado ao martirio da primeira hipotese.

—Recorde-m'a, barão!

—D. Amalia, a senhora escreveu-me a carta anonima porque ama o capitão Avante!

Já preparada para ouvir esta conclusão fingindo-se porém surpreendida por ella, D. Villares representou perfeitamente um rapido movimento de repugnancia, e logo, rindo-se zombeteira, disse:

—Ah! barão!... que sagacidade! que dom de adivinhar!

—Nega-o, D. Amalia?

—Pelo contrario, confirmo-o; o capitão Avante é o mais precioso dos namorados e dos amantes porque traz no rosto o privilegio de não comprometter senhora alguma.

—Primeiramente isso não é negar o facto.

—Se eu já declarei que o confirmava!

—E depois é claro que não acredita em tal privilegio quem, accusando outra senhora, a julgou mais do que sensivel ao amor do capitão.

Apanhada outra vez em contradição mas lisonjeada, contente e a sonhar doudices, D. Villares á falta de plausivel resposta, teve por melhor cerrar os olhos, deixar aberto nos labios o seu sorriso enlevador, e apoiar a cabeça ás costas do sofá, levantando-a e dobrando-a quanto era preciso para ostentar todo o garbo do seu colo e toda a belleza do seu peito que sob um fino veu alvejava entre os hombros soberbos.

Amalia de Villares estava assim encantadora e voluptuosa.

O barão contemplou-a allucinado.

—Parece que o barão me fez dormir! disse emfim ella, abrindo os olhos.

—Mas acorda em face do meu martirio ainda mais aggravado!

—Qual é? Já me não lembra.

—D. Amalia! A sua carta abriu na minha alma a cratera de um vulcão.

—Accusa-me de incendiaria?

—Não zombe: incapaz de malevolencia e de aleive a sua denuncia podia ser impulsionada pelo ciume mas saiu-lhe da consciencia.

—O barão volta á logica: tanto melhor!

—Impulsionada pelo ciume; verdadeira, porém, eu vejo-a, amando o capitão Avante, e ferida pela negação do amor, que outrem lhe rouba.

—E... depois?

—Saída da sua consciencia e talvez bem fundada, eu, o esposo offendido, não posso amar minha esposa.

—Adivinha-se, barão, que está chegando á ultima consequencia, que eu ardo por ouvir.

—Sim, D. Amalia! Venho offerecer-lhe de joelhos a compensação do amor que lhe roubaram. Venho pedir-lhe de joelhos a compensação do amor, que a senhora extinguiu no meu coração.

—Que quer dizer, sr. barão? perguntou D. Villares, assumindo certa attitude grave recommendada pela exigencia d'um apparente decoro.

O barão prostrou-se aos pés da provocadora e disse com apaixonado fervor, tomando-lhe, apertando-lhe e beijando-lhe as mãos:

—Adoro-a, D. Amalia! Rendo-me seu escravo! Peço-lhe o encantamento, a dita, a gloria de permittir que a ame e de vel-a sorrir, com o seu sorriso angelico e irresistivel, aos extremos do meu amor!

D. Villares recolhendo as mãos depois de fervorosamente beijadas, respondeu ainda ironica mas sem rir:

—Barão! quero ser franca: o senhor é muito logico e eu sou muito absurda: isto dá que pensar.

—D. Amalia!

—Que quer? O seu amor chegou-me tão inopinado e é tão attractivo e deslumbrante que merece tres dias de reflexão de quem até hoje nunca reflectiu tres minutos.

—Tres dias? Oh, é muito!

—Muito, quando lhe concedo já a esperança? murmurou docemente D. Villares.

O barão tornou a apertar-lhe e a beijar-lhe as mãos.

III

O calculo no gelo

Amalia de Villares não era tão nescia que acreditasse logo na subita paixão de um homem que tantos annos a tratára sempre com agrado e amabilidade, mas sem jámais a deixar presentir uma affectuosa ternura.

Naturalmente estava convencida de que, encantadora, como se julgava, podia em qualquer tempo e por casual estimulo, ou por effeito de inesperada impressão mais reflectida, captivar o homem que depois de prolongada isenção, a tivesse emfim melhor e detidamente apreciado.

Mas o amor do barão, rompendo de repente de um facto que devia aliás inspirar-lhe justo e profundo resentimento levou-o ao extremo da declaração mais apaixonada.

Era por um lado pouco respeitoso, porque nem soubera simular-se timido em honra da senhora amada; e por outro muito suspeitoso, pelo caracter do namorado, e pelas circunstancias em que se manifestava.

A esposa adoudada não deu importancia, nem talvez attendeu á rudeza do desrespeito; tomou, porém, a peito averiguar a sinceridade ou a malicia da verdadeira ou falsa paixão de que era objecto.

Este empenho estava na sua indole, e nos seus habitos, porque ia envolvel-a em intrigas subtis.

Entretanto o amor do barão de Amorotahy abria perspectivas deslumbrantes aos olhos de Amalia de Villares.

Ella não amava o barão, nem homem algum: se houvera tempo em que tivesse sido susceptivel de sentir verdadeiro amor, á força de muito fingir, estragára de todo a sensibilidade.

Não a preocupavam os dotes agradaveis do barão, o seu bello rosto, a sua figura alta e graciosa, os seus modos attractivos, a sua elegancia e o seu donaire.

O que a exaltava e fazia arder a sua imaginação maldosa era o facto de ser o barão esposo da baroneza de Amor, de quem fôra invejosa toda a vida, e que ainda por ultimo amante ou não do capitão Avante, sem duvida fôra a causa que determinára este a offendel-a, desdenhando-a claramente.

D. Villares já tinha alimentado muito a sua inveja, concorrendo para o desatino da *baroneza de Amor*; chegaria a sacial-a, se pudesse dominar o barão e tornal-o instrumento da sua caprichosa e absoluta vontade.

Este pensamento, esta aspiração ruim apoderaram-se do animo da invejosa.

O que Amalia de Villares descobriu e reconheceu, guardou-o para si, esperando o barão, que não faltou ao terceiro dia aprazado, contando aliás nos tres o dia da sua amorosa declaração.

D. Villares contava com elle; mas logo depois de o receber disse-lhe:

—Barão, lisongeia-me o seu erro; lembro-lhe porém, que lhe pedi tres dias de reflexão; marquei a hora, em que me deixou; e asseguro-lhe que hoje contam-se apenas quarenta e oito horas e trinta e sete minutos depois do seu eclipse...

E mostrou-lhe o seu pequenino e rico relogio, cujos magnificos brilhantes quasi que não deixavam distinguir a hora marcada.

—Ah! D. Amalia, foi o amor que marcou o tempo!

—E não lhe disputarei um dia de menos: bastaram-me dois; já reflecti.

—A reflexão mette-me medo, porque é fria, e eu só aspiro chamas!

—Barão! vamos fallar do seu e talvez do nosso amor.

—Sim! do nosso, D. Amalia!

—De accôrdo, barão! Vamos conversar sobre o nosso amor, como se fallassemos, estando a tomar sorvetes?

—Que quer dizer?

—Não se alvoroce: não lhe nego que possa esperar-nos um futuro de fogo; mas por agora é indispensavel, é mesmo leal, que comecemos a entreternos sentados sobre uma camada de gelo: caso do Hecla, barão! o gelo cobrindo um vulcão.

—Não comprehendo.

—Bastar-me-ão poucas palavras para o fazer comprehender o meu pensamento.

—Passo o coração para os ouvidos, D. Amalia.

—Oh! deixe esse esbanjador no seu lugar. Vamos fazer um discurso, que bem poderá terminar com uma peroração sentimental mas de cujo exordio é excluido o coração.

—Em todo o caso escutarei ancioso.

D. Villares sempre no mesmo tom, ás vezes sarcastico, disse abanando-se levemente com o leque e sem commoção nem constrangimento:

—E' claro, barão, que o terno affecto que me veio confessar e que por ventura chegaria a merecer de mim não passariam de um suave enlevo, de um innocente amor poetico isento de consequencias que me confundiriam.

Não podia haver supposição mais improvavel; o barão, porém, respondeu prontamente:

—E' claro.

D. Villares conteve o riso.

—Tambem é claro que, sob tal condição, o amor de um homem como o barão, recommendavel, distinto por todos os titulos, e digno de todas as prefe-

rencias, enfeitiçaria a vaidade e venceria o rigor da senhora mais exigente, porém, sensivel.

—O elogio não me lisonjeia, assusta-me, D. Amalia.

—Pois bem; ainda assim, ainda supposto innocente e com o prestigio das suas qualidades, barão, o seu amor veio rebaixar-me cruelmente.

—Oh!... protesto! exclamou com ardor o barão.

—Perdoe-me, disse Amalia, por ora tenha por inopportuna qualquer explosão de affecto: preveni-o de que começariamos a conversar sentados sobre uma camada de gelo.

—Mas rebaixal-a!... eu?

—Não ha negal-o, ou sómente provas irrecusaveis, evidentes em seu futuro proceder, me convenceriam do meu erro, que aliás tem todos os fundamentos da mais barbara verdade.

—D. Amalia, assiste-me o direito não de pedir, mas de exigir que se explique.

A leviana mascarára-se com expressão fisionomica de seriedade.

—Barão! o seu amor, tornando-me rival da baroneza, não me rebaixaria pela comparação.

—Que quer dizer?

—Se eu fosse tão louca e tão vil, que todos os deveres sacrificasse á sua e á minha paixão, eu me reconheceria criminosa, justamente punida pelo meu opprobrio; ao menos porém, olhando para a minha rival vencida, julgar-me-ia ainda alta por achal-a da minha altura.

O barão quasi que se atraiçoou, deixando perceber a agitação do animo perturbado pelos avisos da consciencia; ainda, porém, se abalançou a dizer:

—E finalmente... por quem é, D. Amalia!.. poupe-me, acabando de uma vez por fazer-me comprehendel-a!

—Barão! Não foi quasi ha tres dias, que teve a graciosa bondade de vir declarar-me subitamente o seu amor inesperado e repentino?

—Foi, salvo o protesto contra o ultimo qualificativo.

—E foi quasi ha quatro dias, barão! Foi um dia antes d'aquelle em que me declarou o seu amor, que a ultima das suas predilectas do Alcaçar, pouco importa o seu nome escandalosamente celebre, uma pobre infame, como as outras, lhe fechou a porta que acabava de abrir a meu marido.

O barão empallideceu; e, confundido no primeiro momento, não soube que responder.

Amalia cravára n'elle os olhos, a desejar uma negativa, qualquer, o mais absurdo e inaceitavel principio de defesa; vendo-o, porém, enleiado e aturdido, continuou, para lhe dar tempo de socegar e orientar-se, dizendo como dolorosamente ferida:

—A minha rival não é pois a baroneza de Amor, que é da minha altura! A minha rival seria uma desgraçada mulher, que não se chama senhora; e embora fosse mil vezes mais bella do que eu, nunca chegaria a tocar o estrado, onde pisam os meus pés!

—D. Amalia! murmurou o barão, começando a voltar a si; porque desce do céo a confundir-me e a castigar-me, procurando-me ainda no paul, onde eu me afundava, e d'onde me arrancou milagrosa pela magia da sua belleza?

—Magias de belleza! Isso é facil de dizer; mas a verdadeira eloquencia e a logica evidente estão nos factos: ha quatro dias, meu marido arrebatou-lhe a amante, e um dia depois o senhor veiu declarar-me o seu ardente amor para se vingar de meu marido, empenhando-se em tornar-me sua amante!

—Reputa-me então o mais desmoralisado e o mais perverso dos homens!

E o barão, dizendo isto voltou os olhos, como que a procurar o chapeu.

D. Villares surpreendeu-lhe a intenção da retirada que não podia convir-lhe, e recorreu logo ao expediente do enternecimente doloroso.

Calculadora e fria como o gelo da camada em que se imaginára sentada, espremeu dos olhos duas la-

grimas que se demororam pendentes das faces, como gottas de orvalho em flôres branco-roseas.

D. Villares balbuciou em doce voz:

—Trocar-me por uma alcaçarina! E' demais!

O barão ao ver-lhe as lagrimas e ao ouvir-lhe estas palavras que eram um canto de sereia, ajoelhou aos pés da artificiosa Amalia de Villares, e prorompeu em juramentos e protestos do amor arrebatado.

Habil na arte de seduzir e de representar apaixonados sentimentos, o barão soube confessar com requintada simulação de indifferença e de despreso o facto vergonhoso que excitára o resentimento e a indignação de D. Villares.

Depois exclamou:

—Essa mulher foi e será a ultima das nodoas que mancham a minha vida até ha pouco desregrada! A senhora tornou-me outro, D. Amalia! A sua carta anonima foi um involuntario estimulo que me transportou a ponto de lhe manifestar o amor invencivel que ha annos tinha no coração! oh! Foi a carta anonima! Foi sua a culpa! Adoro-a.

Amalia escondeu o rosto com o leque aberto, mostrando-se agitada no respirar quasi afflictivo; mas, perfeitamente serena, escutava o que dizia o barão. Ao ouvir repetir a declaração de amor, fechou convulsiva o leque, e disse:

—Ama-me?

Mas, como que surprendida pela attitude do barão, acudiu logo:

—De joelhos! que inconveniencia! que juizo faz de mim? se algum dos meus crrados...

O barão levantou-se, dizendo:

Já não tenho responsabilidade do que pratico porque a senhora endoudeceu-me.

E sentou-se.

—Isso é commodo para quem projectou abusar; admittindo, porém, a sinceridade da desculpa, devo prevenil-o de que errou o caminho da casa dos doudos.

O barão perguntou seriamente:

—Cumpre-me intender que me despede?

Amalia respondeu, perguntando no mesmo tom:

—Ajoelhando-se a meus pés teve a ideia de poder comprometter-me?

—Oh, D. Amalia! que prevenção injusta e cruel!

—A falsa apparencia da nossa mutua ternura aproveitaria ao rival vencido por Mario de Villares.

A calculista insistia, ferindo e torturando o barão no verdadeiro ponto da sua fraqueza, que ella resolvera tomar por elemento de força.

O barão, amestrado pela experiencia defendeu-se, insistindo tambem na negativa e explorando o recurso sempre mais ou menos fructuoso da turificação da vaidade.

Amalia de Villares, como que se achasse fatigada da conversação já um pouco longa, interrompeu o mais terno e eloquente dos rasgos do seu apaixonado pretendente e disse-lhe:

—Barão! poupe-me a sua retorica! Está escripto que hoje não sairemos do gelo onde nos sentamos.

—Mas porque, D. Amalia?

—Porque tenho sempre no coração uma duvida, uma prevenção, uma ideia horrivel; a esposa de Mario de Villares trocada pela alcaçarina que Mario de Villares lhe roubou.

—Oh! que injuria me faz!

Em compensação concedo-lhe outra duvida contra mim; o direito de julgar que lhe escrevi a carta anonima por ciumes e inveja da *baroneza de Amor*, suspeitando-a feliz amante do capitão Avante, que adoro despresada.

—Juro que não creio n'isso!

—E eu digo-lhe que deve suspeital-o!

—D. Amalia!

—São duas duvidas crueis; obarão a conspirar contra Mario de Villares, meu marido; e eu a conspirar contra a *baroneza de Amor*. sua esposa! Isto é franco. Qualquer das duas duvidas tendo a evidente demonstração da verdade seria um testimunho irrecusavel de perversidade!

—Sim, por certo! disse o barão, suffocando um brado da consciencia.

E D. Villares proseguiu, dizendo:

—Mas é sómente o meu e o seu proceder de hoje em diante que poderão evidenciar a innocencia ou a malicia, a lealdade ou a traição do amor, que cada um de nós está doce e ternamente, ou hipocrita e refalsadamente confessando um ao outro!

O barão entusiasmou-se e disse com vehemencia.

—Portanto... posso esperar...

Amalia de Villares respondeu logo:

—Ama-me, barão? Sei que o diz; mas eu duvido ainda.

—Oh!...

—Eu tambem lhe digo que o amo, barão; mas convenho em que igualmente duvide ainda do meu amor.

—Não!

—Sim! sim! duvidemos ambos um do outro, barão: eu positivamente duvido da sua lealdade; siga o meu exemplo: olhe que é bom conselho.

—Porque?

—Porque a duvida é o meio mais seguro para se chegar ao conhecimento da verdade.

—Pois bem: caber-me-á a gloria de a obrigar a convencer-se do meu amor, disse o barão com ternura.

Amalia de Villares fingindo-se docemente commovida, murmurou, suspirando, com um meio-sorriso:

—Duvido ainda; deixe-me! Quero dormir... para sonhar.

E cerrou os olhos, inconsiderada e seductoramente.

O barão não hesitou em aproveitar aquella provocadora posição, e estendendo o pescoço, approximou o rosto do de Amelia para lhe roubar um beijo.

Mas D. Villares cobriu os labios com a mão, dizendo.

—Ainda é muito cedo!

IV

Vingança

Pela primeira vez Amalia de Villares quiz entreter em segredo um galanteio: resolvida a conspirar contra a baroneza e a urdir o seu maior infortunio, se não pudesse abatel-a, roubando-lhe o amor do capitão Avante, por quem a suppunha amada, convinha-lhe não alvoroçar a rival com o conhecimento das pretenções amorosas do barão e da sua calculada acquiescencia.

Mas o que era util ao plano de D. Villares, não podia quadrar ao barão, que com fingidos ardores apaixonados quiz ser ou ao menos parecer o seductor feliz da esposa d'aquelle que lhe roubára a amante.

A intriga principiava rica de compensações aviltantes, porque D. Villares não amava o barão, nem este a ella, e ambos simulavam amar-se com um designio perfido e similhante; pois que tramavam contra a esposa de um, e o marido da outra. E' claro que n'este enredo, n'este certamen de falsidades, a mulher havia de finalmente vencer o homem; a principio, porém, foi a mulher a vencida, calculando mais importante e segura victoria ulterior.

O barão de Amorotahy procurando assiduo Amalia de Villares, empenhava todos os esforços para a sacrificar; em publico não a poupava aos galanteios mais compromettedores.

D. Villares, precavida e astuta, animava as tentativas da seducção, preanunciando-se cada dia em vesperas de completo rendimento, que aliás adiava sempre, repetindo a sua premeditada defesa:

—Duvido ainda!

E sob mil pretextos, recusara-se a corresponder publicamente á côrte immodesta do seu apaixonado.

Em breve, porém, presentiu que a sua resistencia exasperava o seductor, a quem não concedia a consolação e os incentivos do namoro franco e patente, que por um lado sorria á fatuidade do barão, e por outro devia indicar arrebatamento de amor.

Amalia de Villares tinha os olhos fitos na baroneza e as mãos aferradas no barão.

O barão era a sua presa; a baroneza havia de ser a sua victima.

Teve medo de que lhe escapasse o primeiro, levando comsigo o talisman infernal do seu calculado poder contra a segunda.

D. Villares cedeu sem confessar que cedia, e affectando-se arrebatada pela paixão, entregou-se aos galanteios do barão de Amorotahy.

Todavia, sempre refalsada, ousou tentar um novo ardil, embora rude, para illudir a rival.

Por mais de uma vez cruelmente ferina, e alardeando lealdade amiga, D. Amalia tinha attribulado a baroneza, queixando-se do namoro importuno, de que era objecto, e fazendo reconhecer pelo seu comportamento a fria indifferença com que o fulminava.

A esposa offendida achava recursos na altivez para abafar e esconder a dôr, e com um riso ironico e um gesto de repugnancia respondia, escusando palavras que, a pesar seu, denunciariam tormentos intimos.

Ambas jogavam armas proprias do seu sexo: Amalia, ostentando fidelidade, deixava um punhal envenenado no coração da baroneza; esta, refulgindo altiva, rebaixava aquella com o tedio que lhe causava o embellezamento do seu esposo.

Quando, porém, forçada pelo calculo se abandonou, como captiva de amor áquelle namoro, a que

se fingira indifferente, D. Villares julgou que ainda poderia beijar a face da amiga atraiçoada.

Depois do beijo contava explorar o ardil.

Dois dias depois que em numeroso circulo de familias se manifestára sem reserva o namoro do barão e de Amalia, encontrou-se esta com a baroneza, chegando ambas ao mesmo tempo ao teatro.

Por acaso os seus camarotes eram n'essa noite contiguos.

Como de costume, nem uma nem outra fôra acompanhada pelo marido.

Ao verem-se tocando as portas dos camarotes. D. Villares avançou risonha, abrindo os braços e tentando dar-lhe um beijo; mas a baroneza recuou, negando os labios.

Amalia córou de despeito e colera; dominando-se, porém, logo, disse sentidamente:

—*Baroneza*! compreendo tudo; mas porque não me ouves antes de me maltratares?

A baroneza fez um movimento para entrar no camarote, mas estacou, notando que D. Villares mostrava querer seguil-a.

—Minha senhora, disse-lhe friamente; nem me lembraria do que suppõe que compreendo, se a minha dignidade não devesse ao publico a repulsão do seu contacto.

Franca e positiva era a injuria.

A injuriada, porém, devorou-a profundamente raivosa e respondendo resentida mas quasi apiedada para em todo o caso ensaiar o perfido estratagema.

—Perdôo-lhe, senhora baroneza, perdôo-lhe; porque ainda ingratamente mal julgada, teimarei na mais generosa astucia, que ha-de confundil-a, quando eu desenganando a tempo o perseguidor, a quem illudo, conseguir leval-o arrependido e regenerado aos pés da esposa tão longamente despresada.

A baroneza convulsionou enfurecida e não pôde falar. D. Villares errou, acrescentando antes de se retirar:

—O meu empenho era... e será esse! senhora baroneza... Espere e julgue-me depois: e, se póde... esperando, contenha injustos ciumes.

A esposa ultrajada disse com terrivel sarcasmo:

—Ciumes!? Tranquillise-se: a rivalidade não póde ser commigo: a rivalidade está lá muito em baixo, onde v. ex.ª apenas agora succede ás amantes mundanas do sr. barão.

E voltando as costas, a baroneza entrou no camarote.

O decóro acabava de ser offendido com aquelle extremo insulto saído da bocca de uma senhora de fina educação, mas a violencia da dôr e a furia do ciume tinham desorientado a baroneza.

D. Villares ficára como fulminada; mas em breve instintivamente volveu em torno um rapido olhar, observande se algum curioso testimunhára a affronta tão desabrida.

Parecendo-lhe que ao menos escapára a ouvidos indiscretos, respirou mais desopprimida e logo com o coração cheio de odio, foi sentar-se na frente do seu camarote, tendo nos labios um sorriso de anjo.

A noticia do novo amor do barão de Amorotahy já não pouco propalada ainda nem por isso tinha espantado a côrte que de diversos cavalheiros recebia a leviana Amalia de Villares.

O barão chegára ao teatro mais cedo do que costumava mostrar-se ahi ao lado de sua esposa, e tivera o mau gosto e aspero rigor de ir primeiro, com a mais cruel preferencia, render finezas á bella do camarote contiguo.

A baroneza, estava sentada de costas voltadas para D. Villares, que descançando o pulso no parapeito do camarote, brincava com o leque entre os dedos travessos e de modo que se quizesse poderia tocar com elle no braço da rival.

A baroneza soube fingir-se alheia ao que se dizia tão perto e com revoltante olvido da sua presença, ou em todo o caso ostentou um frio e soberano despreso.

A immodesta Amalia expandia-se, gosando a primeira e pungente desforra, quando se apresentaram a cumprimental-a dois elegantes jovens que pertenciam ao circulo dos seus adoradores.

O barão pouco tardou em retirar-se, indo salvar as apparencias, que aliás já não sabia zelar, mostrando-se ao publico em companhia da baroneza.

Os dois mancebos motejavam a rir com Amalia de Villares e com gracejos e insinuações mostravam alludir a uma recente e inacreditavel paixão amorosa.

A tresloucada senhora avivava o combate com a sua habitual indiscrição.

—Mas v. ex.ª faz-nos esquecer um empenho que traziamos, disse emfim um dos dois; laboramos em uma duvida que só v. ex.ª póde resolver.

—Qual é? Eu resolvo tudo.

—Quando v. ex.ª se apeou do seu carro á porta do teatro, estavamos ali cinco peccadores por maus pensamentos.

—Só cinco? Não os absorvo, porque deviam ser em maior numero.

—Mas depois que v. ex.ª passou, olhamos para o seu carro e vimos pintado em ouro na portinhoia um V maiusculo. Quizemos interpretar essa inicial, e nenhum dos cinco admittiu que o V significasse *Villares*.

—Acertaram todos.

—O primeiro, o velho coronel Pereira disse: V *vadia*.

—Errou; mas teve razão, porque é velho, e eu não me occupo com os velhos.

—O segundo fui eu e disse: V *voluvel*.

—Tambem errou; mas perdôo-lhe por generosidade e gratidão.

—O terceiro foi aqui este bello commendador que disse: V *vertigem*.

—Errou egualmente: desconfio que tomou o effeito pela causa innocente.

—O quarto foi o visconde de... que disse: V *vulcão*.

—A prova de que elle errou é que, apezar seu, não apresenta queimaduras.

—O quinto emfim, e o mais pretencioso de haver bem interpretado, aquelle que está quasi a convercer-nos do seu acerto, foi o dr. Viveiros disse: V *vencida*!

—Vencida!? Diga-lhe que nunca o serei! respondeu D. Villares, que se sabia ouvida pela baroneza.

E acrescentou logo:

—Vencida!... Vel-o-ão! Erraram todos: querem saber o que exprime essa inicial?

—Queremos.

—V quer dizer *vingança*.

E com insolente impulso da sua mão direita, Amalia de Villares tocou com o leque no braço nú da baroneza que, estremecendo, como se fosse mordida por uma serpente, ergueu-se, escapando-lhe dos dedos o lenço, que foi cair na platéa.

—Perdão, senhora baroneza. Não tive intenção de a incommodar, disse hipocritamente D. Villares, fallando para o camarote vizinho.

A baroneza nem os olhos voltou para o lado d'onde lhe viera a desculpa, e ainda de pé, mas sem volver o rosto para o barão, murmurou como se fallasse comsigo mesma:

—Caiu-me o lenço.

E tendo com argucia feminil indicado o mais profundo despreso na unica impressão que experimentára, a caida do seu lenço, tornou a sentar-se, indifferente e placida.

O barão, evidentemente perturbado, saiu do camarote, e dando alguns passos ficou parado no corredor a desvanecer o seu constragimento.

Quasi ao mesmo tempo os dous mancebos, adivinhando quebra de relações entre as duas senhoras que não podiam mais ser amigas, e, sentindo a inconveniencia do que acavava de passar-se, e d

que innocentemente tinham sido causadoras, despediram-se de D. Villares que agradavel e prasenteira os acompanhou até á porta do seu camarote.

O panno subira n'esse momento.

Continuava a representação; Amalia, porém deixou-se ficar á porta, cedendo a uma subita inspiração perversa.

Não tinha tido a intenção de fazer cair o lenço da baroneza, nem esse incidente lhe occupara o espirito; vendo, porém, o barão no corredor, esperava-o para observar a amabilidade que lhe merecia ainda, immediatamente depois da acção atrevida, ou da supposta emergencia que parecêra offender sua esposa, quando avistou um porteiro do teatro que se aproximava, trazendo o lenço caido.

A inspiração perversa luziu no mesmo instante.

O barão recebeu o lenço de que já nem se lembrava, e só então despertando das suas reflexões, voltava ao seu camarote sem reparar em D. Villares, que n'elle tinha cravado os olhos.

—Cego! disse ella a meia voz.

—Ah! Estava ahi? mnrmurou o barão, approximando-se.

—Estava... para o admirar, sem olhos pelo cuidado de um lencinho branco!

E Amalia mostrava-se ciumenta.

O barão quiz apertar-lhe as mãos e apertou-as, effectivamente, dizendo-lhe baixinho:

—Só hoje sei como a adoro!

D. Villares entregára as mãos ao barão sómente para pegar no lenço.

—Detesto-o; mas quero vêl-o! disse no mesmo tom.

E abrindo e examinando o lenço, observou quasi raivosa:

—E' similhante ao meu... Veja! o meu, porém, nunca o tornaria cego!

E mostrando-os, a perfida namoradeira, aproveitou o primeiro olhar que o barão lhe cravou no ros-

to, para trocar subtilmente os lenços, e entregou-lhe o seu, dizendo-lhe trémula e irosa:

—Ahi o tem!... leve-o á luz dos seus olhos!

E entrou no camarote, cuja porta cerrou.

O barão sorriu-se desvanecido dos ciumes de Amalia de Villares, e foi restituir o lenço á baroneza, que o recebeu maquinalmente, sem desviar os olhos do palco.

A baroneza tinha percebido o murmurinho das vozes abafadas do esposo e da perfida rival; mas não pudera ouvir o que elles diziam.

Muito tarde e sómente em casa, quando trocava a esplendida *toilette* de teatro pelas roupas de dormir, foi que a misera esposa reconheceu que lhe tinham trocado o lenço.

No primeiro momento apenas se preoccupou levemente com a possivel troca; mas logo depois de breve exame, estremeceu, e atirando para longe o lenço, exclamou indignada:

—E' de Amalia de Villares!... foi ella que o trocou!... trocou-o!

E acrescentou logo depois em voz surda, com os dentes cerrados:

—Tem um *V*... que quer dizer *vingança!*... como ella mesma affirmou!

V

Conselho terrivel

A baroneza vivia contorcendo-se em novos e secretos martirios.

Algum tempo antes e ainda nas vertigens de sua desvairada vingança, reputava-se a mais infeliz das esposas, porque se sentia esquecida, menoscabada e até nas suas fingidas traições completamente alheada pelo marido adultero, a quem, a pezar seu, amava sempre.

Começára, porém, para ella outro e differente

periodo de tormentos mil vezes mais dolorosos e crueis.

A ingratidão e a perfidia do esposo tinham-se aggravado: d'antes era longe de seus olhos, e nos turvos abismos do vicio desprezivel e condemnado que se apascentava a sua depravação; agora elle trazia para dentro dos horisontes da sociedade que ella frequentava a ostentação da mais provocadora e selvagem affronta, rendendo em sua presença publico, amoroso e deshonesto culto a uma senhora casada mas suspeita de virtude fraca.

A baroneza era pois testimunha da traição e do escandaloso insulto que em todo o caso a offendiam manifestamente e sujeitavam á triste condolencia de amigos e de estranhos que observavam o menoscabo e o desprezo de que era victima.

Como isto dóe no coração de uma mulher, só a mulher o avalia e comprehende.

Mas baroneza, perspicaz, intelligente e habituada a discernir as impressões e sentimentos da sociedade que era o seu mundo, o seu paraizo e o seu inferno, soffria ainda mais por não poder illudir-se.

Nem ao menos lhe concediam uma condolencia perfeita; nos sorrisos malignos, no olhar indiscreto e perseguidor, nas expressões fisionomicas, nas confidencias, e nos motejos dos observadores ella interpretava o juizo, a apreciação que predominavam; o barão era censurado e Amalia de Villares abocanhada sem piedade; aquelle porém ganhava desculpas, que se deduziam dos incastos amores de sua esposa!

Portanto a baroneza, victima embora, era ainda assim suppliciada pela convicção geral dos seus perjurios conjugaes!

E a esposa que ralmente não fraquejára, como pensavam, sabia que todas as apparencias a condemnavam, e exasperava-se pela impossilidade de provar a sua innocencia!

E a desconsolação, o supplicio e o desespero iam ainda além.

A baroneza, recuando tarde, mas recuando sem ter jámais caido, renegando a vindicação delirante que era o seu suicidio moral, e tornada ao proceder honesto, casto e severo que não fingia, que marcava fiel e puro a sua indole, o seu caracter, a sua educação, sentia-se mal julgada, indignamente calumniada, ferida pela acusação da hipocrisia, e rojando no chão do descredito, onde a consideravam ré de cinco adulterios, e tendo por quinto amante o capitão Avante.

Tinham já passado a febre e o delirio do tempo em que ella provocava a maledicencia e urdia artificios de insolentes amores para ultrajar o esposo que a ultrajava, e despertar-lhe os brios pela nodoa lançada em seu nome.

A voz da honra e da lealdade conseguira fazer-se ouvir pela consciencia da baroneza; a consciencia alvoroçou-a: o arrependimento dos erros passados tocou-a; a peccadora regenerava-se; mas era tarde!

A estima publica estava perdida.

A baroneza era honesta; e bem poucos acreditavam na sua honestidade.

O supplicio chegava a ser horrivel; mas a suppliciada reconhecia que retalhava e ensanguentava as mãos, colhendo os fructos da sua propria sementeira de espinhos.

Sobrava-lhe a riqueza, refulgia pelo luxo, alteava-se pelo titulo nobre, radiava nas festas; e, nos espectaculos mais ostentosos, respirava turificações de lisonjas e de adulação; mas sentia-se desgraçada, porque lhe faltava o goso supremo que já tinha tido: faltava-lhe o geral e grandioso culto á sua majestosa virtude.

A baroneza confrangia-se notando se injustamente rebaixada ás condições moraes de Amalia Villares.

Desvanecia-se de formosa; fulgurava na prima-

vera, nos mais bellos annos da vida; primava pela eduçação e pelas magias delicadas do espirito; sensivel, o seu coração era uma ardente pira de amor; padecia escrava da paixão, pelo esposo ingrato, e estava condemnada a viver em furias apparentemente odientas contra o homem a quem amava, e a arrastar-se para a velhice e para o tumulo, desamada, não compreendida, morta ainda antes de morrer, flôr preciosissima emmurchecida precocemente no deserto do despreso, coração atrofiado por esmagadora ingratidão e que em ancias baldadas ainda pedia amor.

A baroneza era martir; matir, porém, ignorada.

O orgulho e a soberba emprestavam-lhe forças para carregar com a sua cruz.

Parecia olhar com despreso a sociedade que a mordia, e que não enchergava muito abaixo de seus pés o barão e Amalia de Villares que se namoravam escandalosos.

Depois da noite do teatro, e da troca dos lenços que erradamente attribuira á cumplicidade do barão, as intimas e abafadas amarguras da baroneza começavam a exceder ao esforço artificial da vontade com que fingia uma enregelada indifferença de altiva soberana, que não abaixa os olhos.

Para a martir só poderia haver uma pobre mas suave consolação nos conselhos generosos e nos delicados sentimentos do amigo honradissimo e severo que lhe reacendera n'alma a luz do bem e do dever.

Esse mesmo recurso, porém, lhe era raras vezes concedido.

O capitão Avante, sabedor da calumnia propalada contra elle e contra a baroneza, evitava frequental a casa d'esta para negar pretextos e inducções á maledicencia.

A esposa e senhora desgraçada achava-se portanto abandonada ás suas afflictivas reflexões e em face de seu patibulo incessante.

Amigas, umas falsas, outras indiscretas, vinham ás vezes repetir-lhe aleives que ultrajavam a sua honra; vinham contar-lhe vehementes indicios, quasi provas incontestaveis das relações criminosas do barão e de Amalia de Villares; e a baroneza precisava esgotar toda a dissimulação das suas torturas para conservar a mascara da impassibilidade despresadora.

Um dia tinha ella recebido a jantar duas senhoras cada qual menos suspeita de deslealdade e de indiscrição: uma era a viscondessa de... antiga e intima amiga de sua mãi; a outra, a sua propria tia, a viuva D. Margarida.

A baroneza confiava absolutamente na amisade de ambas, e ambas depois do jantar passeavam com ella pelo jardim a fallar-lhe dos seus desgostos, da sua sorte mofina e da insisteneia cruel dos seus injustos detractores.

A baroneza, ao menos sem constrangimento, podia ora corar, ora verter lagrimas, e por vezes formular um vivo protesto.

A viscondessa mostrava-se mais franca a dizer verdades severas; D. Margarida era mais contida pela indulgencia d'um amor quasi maternal.

Nem uma, nem outra tinha poupado o barão: elle era o pervertido causador de todos os males, o marido indigno da esposa modelo, a quem desnorteára.

Mas a viscondessa responsabilisára a baroneza pelos seus desvarios, e desculpára a detratacção injusta pelas apparencias dos delictos.

Depois de doloroso e triste retrospecto do recente passado, a baroneza, arrancando dos olhos o lenço que lhe recebêra as lagrimas, perguntou irosa:

—E agora?... que lhes parece o meu marido, e que lhes pareço eu?...

—Ainda não mudei de parecer: vejo sempre o algoz e a victima, respondeu a viscondessa.

—E Amalia de Villares?

—Oh!... quem se occupa d'essa mulher?

—Não é peor que o barão e d'este nos temos occupado.

—Mas o barão é marido da senhora, de quem nos occupamos.

—Pois bem: e eu agora?... e a calumnia que, envenenada, me despedaça, senhora viscondessa! diga-o: o capitão Avante, esse nobre cavalheiro, cuja santa amisade me perturbam, tambem póde passar por meu amante?

—Não o é, sabemol-o.

—E todavia a perversidade aponta-o como o quinto amante da *baroneza de Amor!*

—Menina... disse a amorosa tia, apertando as mãos da baroneza enraivecida.

—Onde estão as apparencias que me compromettem e que ainda d'esta vez desculpariam o aleive?

—Baroneza!... tem animo para ouvir a verdade?

—Senhora viscondessa, o meu animo deve ser calculado pelas proporções da minha desgraça.

—Em tal caso ouça e não proteste: essa calumnia abominavel tem um pretexto maldito e implacavel nos errós da sua delirante paixão.

—Ah!... sim!... o passado que nunca passa!... murmurou a baroneza com desespero concentrado.

—E em uma falsa apparencia, recentemente, accrescentou a viscondessa em tom grave.

—Qual?

—Baroneza, a profunda indifferença com que finge não ver, ou despresar o amor indigno e revoltante de seu marido e de Amalia de Villares, só se explicaria pela exclusiva absorpção de outro amor que a dominasse.

—Oh!... exclamou a baroneza; que queria então que eu fizesse, senhora viscondessa?... devia eu enclausurar-me, privar-me de toda a sociedade para não ser testimunha das traições de meu marido, ou pelo contrario dar-me em ridiculo e aviltante espectaculo com a manifestação de ciumes e de scenas de inutil e indecoroso furor?

A viscondessa respondeu tristemente:

—Baroneza, cada qual póde ter a sua opinião e as suas convicções; ha, porém ideias, que não convem aconselhar, porque a sua responsabilidade vai além do maior interesse amigo.

E a viscondessa mudou de assunto.

A baroneza ficou preoccupada com a insinuação do pensamento reservado da viscondessa.

Uma hora depois a sós com a sua tia, perguntou tremula e hesitante a rude e amorosa senhora:

—Minha tia, adivinha qual era o conselho que a viscondessa não ousou dar-me?

—Adivinhei-o, sim.

—Qual era?

D. Margarida respondeu em voz baixa, e commovida:

—O desquite, minha filha.

A baroneza, convulsionada, desatou a chorar e abraçou-se com a tia.

A' noite n'esse mesmo dia o capitão Avante recebeu da baroneza uma carta que continha estas breves e unicas palavras:

—«Preciso absolutamente falar-lhe: espero-o amanhã sem falta.»

VI

O genio do mal

Amalia de Villares tinha sabido aproveitar o seu tempo.

Em pouco mais de um mez preparára no barão de Amorotahy o mais cego escravo da sua vontade dos seus caprichos; antes, porém, de firmar tão forte dominio, seu nome de senhora descera vilipendiado dos salões aristocraticos para servir de zombaria na turva casa mundanaria.

Quando recente lhe doia a perda da alcaçarina que o seu companheiro Villares lhe tomára, e já corria a notoriedade dos seus galanteios correspondidos pela esposa d'este, o barão ainda a esse tempo

muito empenhado em ultrajar o rival com revoltante desforra, embora apaixonado por D. Amalia indignadamente fizera chegar aos ouvidos deshonestos da amante do seu antigo socio de orgias a noticia exaggerada da vingança ignominiosa e completa.

O barão mandára calumniar Amalia de Villares, que sómente lhe concedia requebros de astuta namoradeira, e a abandonára ou antes atirára-a á furia canina das depravadas por officio, limitando-se a apparentar generosidade.

N'esse inqualificavel procedimento, elle tivera por fim, o que facilmente conseguiu, castigar o rival, entregando-o aos remoques grosseiros e insolentes das mulheres que, por inveja e odio que lhes inspira a consciencia do seu rebaixamento, procuram, sempre que podem, abocanhar qualquer pessoa do seu sexo que não póde deixar de as olhar sem repugnancia e despreso.

Villares, corrompido e desbrioso, mais vil e petulante que o barão, desde muito que não tinha nem em estima, nem em cuidado a reputação e o comportamento de sua esposa; muito mais, porém do que a injuria feita á sua honra, a ideia da insolita desforra, e o ridiculo d'esta despertaram em seu animo iras, que eram alheias á dignidade, e que elle disfarçou, premeditando uma desaffronta propria do seu caracter depravado.

O barão podia, pois, exultar, vendo completamente realisado o plano que ideára para se vingar de Villares, quando adivinhando quem lhe escrevera a carta anonima denunciadora do quinto amante da baroneza, resolvera fingir-se apaixonado e tentar a conquista amorosa da esposa do seu inconfessavel rival.

O barão vencera; apparentemente ao menos afigurava-se vencedor; mas, ao tempo em que por fim o victoriavam as Venus do Alcaçar, já elle allucinado e perdido se rojava escravo aos pés de Amalia de Villares.

A esposa, namoradeira habilissima, linda, espi-

rituosa até á inconveniencia, fingidamente sensivel, terna até ao artificio, era sempre absoluta dona de si mesma.

Amalia de Villares, que não amava o barão, quiz e pôde prendel-o, contel-o captivo na sua rede de amoroso fingimento e de fascinação.

Presumido e fatuo, o barão que avançára com audazes pretenções de conquistador tornára-se em breve conquistado pela ardilosa namoradeira de alta classe.

D. Villares, por conveniencia e para adiantamento dos seus planos hostis, aproveitára os incidentes occorridos na noite do teatro, em que se encontrara com a baroneza para mudar de tactica na resistencia sistematica, que oppunha ao seu apaixonado.

Esquecendo aos poucos e por fim de todo as suspeitas da rivalidado do barão com seu marido por causa da amante escandalosamente celebre, manifestou-se cada dia mais ciumenta da infeliz baroneza.

O facto de não ter sido apercebida pelo barão, quando este preoccupado levava o lenço á sua esposa, fôra para a perfida Villares o imaginado raio de luz, que lhe patenteára todo o seu infortunio.

Ella representava como actriz scenas de ciumenta afflicção, lamentando-se por se ter deixado apaixonar de um homem casado que era misero escravo da esposa infiel, e que lhe viera perturbar a paz, e a vida tranquilla, fingindo falsos amores.

Astuta e má Amalia de Villares arguia o barão pela tolerancia dos amores de sua esposa e do capitão Avante; improvisava indicios claros d'essas reações mais que suspeitas, e na supposta indifferença do marido vilipendiado achava, com absurdos raciocinios feminis, a prova da paixão em que elle ardia pela baroneza.

E as scenas representadas pela actriz provecta acabam sempre por uma expansão sublime, mas de perfidia calculada: Amalia de Villares amava perdidamente o barão, seria capaz de sacrificar por el-

la a sua honra, a sua posição na sociedade, o seu futuro, o seu nome, a sua vida; mas exigia um amor igual ao seu, ella só e sem competencia no coração do amado, a quem dedicaria todos os minutos da sua vida.

O barão mistificado defendia-se perfeita e victoriosamente.

Amalia de Villares chegára mais cedo do que esperava á certeza do absolutismo do seu poder sobre o escravisado barão de Amorotahy.

A enraivada intrigante tambem soffria: extravagante e fantastica, tinha concebido a ideia de fazer-se amar pelo capitão Avante; mas esgotára debalde todos os seus artificios, toda a provocação de galanteio.

A esquivança do joven militar em vez de apagal excitou o caprichoso desejo, a que a vaidade offendida veiu logo dar exaltação vehemente.

Suppondo a baroneza não amante mas de facto amada pelo capitão Avante, Amalia de Villares, victima do seu principal e deprimente sentimento, invejou a felicidade da rival innocente; e, devorada pela inveja, encareceu os dotes e o merecimento do homem que a adorava.

E não tendo ainda perdido de todo a esperança de prender captivo a seu carro triunfal o capitão, Amalía arreceiava-se de excitar o seu resentimento, ferindo antes de tempo com o ultimo golpe a baroneza

Era só por esta consideração que ella hesitava; no entanto ía ensaiando as proporções do seu dominio sobre o barão.

Uma noite Amalia de Villares ousou emfim arriscar de modo claro o seu recondito e tremendo designio.

O barão encontrou-se a sós com ella,

Amalia de Villares, como subjugada, murmurou a tremer:

—Pois sim... serei sua... mas... eu não quero rival

—Não a tem... não a terá jamais!

—Se a tenho!... a senhora baroneza é sua esposa e dona!

E abrindo os olhos, radiou de ciume e de colera.

—D. Amalia! disse o barão beijando-lhe as mãos.

A astuta Villares retirou as mãos com força, e levantando-se, disse exaltada:

—Saiba que ardo por ser sua amante! mas sómente o serei, quando o senhor deixar de ser esposo da baroneza!

—Ah!... que exige de mim?

Amalia de Villares, insolente, dobrou-se para o barão, e perguntou com fervor quasi delirante:

—E' capaz de separar-se da baroneza?

O barão imprimiu-lhe um ardente beijo e respondeu allucinado:

—Eu sou capaz de tudo pelo seu amor!

Amalia de Villares recuára ao beijo como offendida, e sentando-se, disse:

—Este beijo será um insulto que não perdoarei se não vier innocental-o a sua separação.

O barão pareceu voltar a si, agitando-se ao ouvir a ultima e fatal palavra de D. Villares, exclamou:

—A separação! um escandalo publico!

—Oh!... depois de tantos e publicos escandalos!...

—D. Amalia? e o pretexto?

—Em vez de pretexto, provas notorias! Não lhe sobra a ultima?

—A ultima?... eu a tenho por tão falsa como as outras.

—E' isso!... a baroneza é sempre anjo! Então para que me veiu tentar para eu, ser demonio?

O barão disse:

—Separado da baroneza já estou desde muito!... juro-o!

—Não creio!

—Oh!... exige que eu me condemne aos sarcasmos e ao escarneo de todos?

Amalia de Villares respondeu com amarga ironia:

—O meu amor não vale tanto, bem o sei, nem mesmo quando o egoismo do seu me vem propôr e pedir que eu me condemne aos sarcasmos e ao escarneo de todos.

O barão acudiu, dizendo enternecido:

—Mas eu não lhe negarei nunca sacrificio algum!

—Todavia... agora mesmo...

—D. Amalia... pois bem: a sua vontade será cumprida: eu apenas lhe rogo que me conceda algum tempo.

A implacavel Villares riu-se ainda ironicamente e respondeu:

—Dou-lhe um seculo.

O barão disse quasi constrangido mas submisso:

—Porque finge não me intender?... é impossivel que eu vá requerer uma separação fundamentando-a com as infidelidades attribuidas á baroneza até os ultimos mezes; porque eu seria um reu confesso de condescendencia ignominiosa, não me acreditando nem o mais estupido dos homens.

—Ah! pensa-o?

—Agora dão-me por ditoso rival o capitão Avante.

—Rival! exactamente.

—Oh!... D. Amalia, eu tenho a certeza de que isso é falso; mas adoro-a, e não posso amar a baroneza.

—E' pena!... a infeliz innocente...

—Não zombe. Já que a separação é a condição da minha felicidade, effectual-a-ei.

—E quando?

—Logo que eu podér apresentar um pretexto apenas aceitavel para explicar sómente um indicio vehemente.

—Promette-o sob sua palavra de honra? perguntou Amalia de Villares.

—Prometto, disse o barão.

—Pois eu lhe darei o que lhe falta.

—O que?...

—Mais do que pretexto: se não lhe dér a eviden-

cia, dar-lhe-ei uma prova conjectural irresistivel.

O barão empallideceu; mas quasi logo suffocando a commoção do vaidoso despeito, voltou aos seus ardentes transportes.

D. Villares sorriu-se endemoninhadamente e disse:

—Barão, póde crer que farei por apressar a sua separação.

VII

O conselheiro fiel

O capitão Avante commovera-se ao receber a concisa carta da baroneza de Amor, prevendo n'ella a exposição d'um grave infortunio, já pronunciado ou imminente.

A previsão era facil.

O generoso mancebo amava a baroneza com fervorosa paixão; e bem que houvesse sabido sepultar no seio o amor que não morrera, acompanhava de longe, zeloso e dedicado, a vida e a sorte da bella e infeliz senhora.

Depositario fiel e discreto dos intimos segredos da baroneza, sabia que ella continuava apaixonada do esposo ingrato e revoltantemente perfido, e portanto imaginava toda a extensão dos tormentos da victima em face do escandaloso procedimento do barão e de Amalia de Villares.

Profundamente convencido da virtude da baroneza, aliás compromettida por falsas apparencias de fraquezas que a perseguiam, o capitão Avante quasi furioso odiava e arguia a sociedade iniqua e barbara que não sabia honrar o arrependimento, e a grandiosidade da ultrajada esposa que sómente fingira errar, mas que tivera a força de nunca se abater caindo no erro.

Intelligente e prevenido elle estudára com observação reflectida o olhar, os modos, a attitude, a côrte cerimoniosa, ou amiga de cada um dos indicados

amantes da baroneza nas suas conversações, ou nos seus encontros casuaes com ella: em todos elles havia indicação de respeito, em nenhum a liberdade ou a preponderancia do dominador.

Melhor do que nenhum outro, o capitão Avante reconhecia a falsidade com que o davam por amante entretido da baroneza e por essa calumnia ajuizava das outras accusações de que ella era victima.

O que porém ainda mais o revoltava, era ver que nem mesmo o conhecimento geral e evidente da desgraça e dos martirios da misera senhora excitára em seu favor uma generosa reacção ao menos.

Ouviu muitas vezes conversações, em que o procedimento do barão era justamente censurado, como affrontoso da sociedade; mas se alguem lembrava o nome e a desdita da esposa, era em quasi todos manifesta a friesa ou a indifferença com que a reserva escondia o menoscabo.

O protesto e a defesa que partiam de alguns amigos, tinham em resposta o silencio da cortezia ou a malignidade de sorrisos crueis.

A injustiça exagerava-se; embora tremenda, a lição era eloquente.

A reputação de uma senhora deve ser como o fogo das Vestaes.

Toda a senhora está nas condições da mulher de Cesar: desde que facilita ou autorisa a suspeita, ennodoa-se.

E para lavar uma só nodoa não ha no mundo Jordão possivel.

O capitão Avante, adorando com ardor a baroneza, e tendo intima confiança na sua virtude, confrangia-se com a afflictiva certeza do amar uma senhora, que geralmente era considerada esposa infiel.

Que importava que a baroneza não o fosse, se o juizo da sociedade asseverava que ella o era?

Tão dura iniquidade revoltava o amor, e exaltava a generosidade e a dedicação do capitão Avante.

Possuido de taes sentimentos, obedeceu pressuroso ao chamamento da baroneza.

A baroneza recebeu-o com affabilidade e melancolia. A *toilette* era grave mas de irrepreensivel elegancia. O seu rosto denunciava tristesa e dôr soffridas com orgulhosa dignidade.

Sorriu-se para o mancebo, a quem fizera sentar perto d'ella, e disse-lhe:

—O capitão faz-se raro! sei porque; respeita, porém, muito mais do que devia os calumniadores.

—Não, minha senhora: eu respeito sómente a v. ex.ª e sómente por isso não procuro conhecer, e apenas despreso os calumniadores.

—Mas priva-me assim do encanto da sua amisade e com absoluta inutilidade.

E corando, com voz tremula e accentuada de despeito, acrescentou:

—Porque mesmo sem o ver e sem o ouvir, o capitão é e continuará a ser o quinto amante da *baroneza de Amor*!

—Que eu saiba o nome de alguem, que haja apenas insinuado esse atroz aleive! De amigos tenho ouvido o annuncio da calumnia, mas esses mesmos negam-me, e sabem porque o negam, o nome de um só dos desgraçados que ousam...

—E que faria? perguntou a baroneza com certa vaidade.

O capitão Avante respondeu simplesmente, mas com voz surda:

—Bem sei.

—Pois vou denunciar-lhe a fonte da calumnia! disse a baroneza enraivecida.

—Ainda bem; quero-a!

—Foi D. Amalia de Villares.

O capitão tornou-se pallido de raiva e respondeu como que abatido e confuso:

—Creio-o e já o tinha suspeitado; mas, senhora baroneza, não posso matar uma mulher.

A baroneza apertou as mãos do seu joven amigo e disse-lhe docemente:

—Obrigada! Sei bem de quanto é capaz por mim; nunca, porém, a impulso meu será levado a acto algum que possa embaciar o seu bello nome. A minha carta de hontem foi escripta com o fim preciso e unico de lhe merecer um delicado, mas indispensavel conselho.

O capitão curvou-se agradecido á confiança; guardou, porém, silencio, como quem tem a consciencia de dever e poder aconselhar.

A baroneza, embora preparada para a confidencia que ia fazer, começou commovida e um pouco anciosa.

—Meu amigo, tem-me encontrado... e visto certa mascara no rosto... vai ver-me agora sem disfarce, nem véo, nem mascara... em vez da mulher soberba, a mulher mais desgraçada!

O capitão Avante sentiu uma pungente dôr, olhando para a baroneza e observando a subita alteração de sua fisionomia abandonada ás contracções do martirio.

A baranoza não o deixou interromper.

—Não me fale, disse ella; preciso aproveitar este esforço de expansão, que é necessario, mas que tambem me atormenta muito!

Enxugou duas grossas lagrimas derramadas pelo orgulho abatido, e continuou dizendo:

—Meu amigo, confesso confesso que me custa; devo porém referir-lhe todas as humilhações, todos os transes horriveis, todas as afflicções, e o desespero que tem ennegrecido a minha vida n'estas ultimas semanas de fogo do inferno!

Falava convulsa, terrivel de colera, e ao mesmo tempo em angustias.

—Perdão, senhora baroneza! acudiu o capitão vivamente compadecido e agitado: perdão! V. ex.ª nada póde dizer-me que eu já não saiba demais.

—Impossivel!

—Oh! sei tudo, e talvez ainda mais do que v. ex.ª... sei tudo! traições. calumnias, escandalos

affrontosos, ostentações de impudor, muito mais que não digo, e que não devo ouvir de v. ex.ª!

—Mas não sabe de mim; não sabe da vida no inferno, não sabe...

—Sei tudo! nunca encontrei, nem vi a senhora baroneza de mascara no rosto; nunca se me apresentou mascarada; sei tudo, e não precisa dizer-me o que se tem passado no seu coração e na sua alma.

—Impossivel! repetiu a baroneza.

O capitão Avante, generoso até parecer inconveniente, e só no intuito de poupar dolorosas confissões á esposa infeliz, ousou dizer-lhe:

—V. ex.ª acha impossivel, porque esquece, o que não me é dado esquecer.

—O que?

—Que um dia jurei a mim mesmo suffocar o amor ardente que sentia por v. ex.ª; mas que não podia prometter, nem prometti, que não amaria com o mesmo ardor no segredo de minha alma.

A baroneza córou; a pobre e misera victima de aleives que a rebaixavam tanto, olhou desconfiada para aquelle que lhe lembrava o seu amor em situação tão cruel e susceptivel de imprudentes impetos.

O capitão fingiu não ter percebido a suspeita que devia magoal-o, e disse:

—Senhora baroneza: pois que é inutil, por muito conhecida por mim, toda a historia do seu immenso infortunio e dos inexcediveis soffrimentos, melhor me parece que v. ex.ª exponha sómente o caso, sobre o qual me reputou digno de a aconselhar.

A baroneza não hesitou: no conselho bem podia o capitão Avante atraiçoar imprudentemente sentimentos menos leaes, se acaso por elles se inspirasse.

Em breves palavras a desgraçada senhora referiu a conversação confidencial que na vespera tivera no jardim com sua tia e com a viscondessa de... e a ideia da separação que esta insinuára.

—A minha separação é a questão; disse ella concluindo:

E com os olhos cravados no rosto deformado do capitão, perguntou:

—Que me aconselha a sua amisade?

O mancebo concentrou-se; reflectiu algum tempo logo depois, levantando a cabeça, disse:

—Minha senhora, não proponha a separação.

A baroneza expandiu-se, e lançou sobre o capitão o mais radioso olhar de estima.

O amigo dedicado e fiel exaltava-se acima do amante que a adorava no segredo da alma.

O capitão Avante ainda fingiu não ver que a confiança retomava o logar, por alguns minutos usurpado pela suspeita injusta no espirito da baroneza.

Mas o conselho dado precisava de fundamentos que o nobre mancebo desejava não apresentar.

A baroneza, lisonjeada pelo conselho que era o do seu coração martir, e exaltada pela grandiosidade dos sentimentos do homem que a amava, provocou-o a falar.

—Aconselhar-me a que não proponha a minha separação, não será condemnar-me á sujeição sem termo calculavel á vida angustiosa e torturada que experimento?

—E', senhora baroneza; certamente que o é; mas em minha lealdade eu devo aconselhal-a a condemnar-se a essa vida.

—Porque?

—Não m'o pergunte.

—Exijo que fale: eu sei que me glorifico, merecendo ainda a mais rude franqueza do capitão Avante.

A baroneza tocára no bellissimo fraco do mancebo que antepunha a tudo a sua lealdade immaculada e essencialmente caracteristica.

O capitão falou, respondendo franco:

—Senhora baroneza, melhor do que eu v. ex.ª sabe e aprecia as inconveniencias da separação, que ainda quando se torna um recurso unico e imprescindivel, é sempre pelo menos mais triste e desconsolador para a mulher do que para o homem. Não

encaro o assunto sob o ponto de vista geral: sou muito ignorante para tentar fazel-o; mas, se não acatasse tanto a perpetuidade religiosa dos votos matrimoniaes, chegaria a preferir a completa liberdade do divorcio á escravidão moral, improficua e perigosa da separação.

A baroneza murmurou apenas:

—Mas em relação a mim...

—Reprovo absolutamente a separação... proposta por v. ex.ª.

—E a razão?

—Porque v. ex.ª é mal julgada por muitos.

—Por quasi todos... póde dizel-o.

—E abalançar-se-ia a comprometter-se n'um processo que sem lhe dar a liberdade, não lhe daria consolações e menos ainda a felicidade, deixando-a livre, mas tambem presa, atada ao feroz pelourinho da publica irrisão como esposa que depois de adultera provocasse o escandalo de provas judiciaes dos seus adulterios.

A baroneza soltou um profundo gemido; mas logo embravecida, com os olhos em chammas, com os dentes cerrados, e com as mãos a tremer levantadas até á altura do rosto, quiz fallar; mas só rugiu surdamente.

—E quem... me... reduziu... a isto?

—Foi um homem.

—Foi o adultero!

E bradou, como se fallasse a Deus:

—Eu não! eu não!

—Elle, porém, é um homem, e como tal não tem o direito do adulterio; mas abusa impunemente da tolerancia perversora e cumplice vergonhosa da sociedade que não perdoa os erros, nem as apparencias dos erros da mulher e não toma contas ao desenfreamento impudico do homem.

—Que é pois a mulher n'este mundo malvado?

—E' escrava, ainda mesmo quando é feliz, e uma pobre martir sem esperanças na terra, quando sabe glorificar-se pela sua honestidade.

A baroneza disse com desespero e raiva:

—Capitão! o seu juizo sobre a sorte da mulher é capaz de inspirar o vicio!

—Não, minha senhora; porque o vicio aniquila a beatificação da consciencia da virtude e do merecimento.

—Assim, pois, pelo seu conselho quer-me pobre martir; e pobre martir, como nenhuma outra senhora casada o foi tanto?

—Quero sim, senhora baroneza: porque é melhor ser martir, do que reproba.

—Mas eu sou uma e outra cousa! Veja bem!... sou até a sua amante!

O capitão Avante respondeu commovido, agitado, mas com solicita gravidade:

—A perseverança na virtude acabará por confundir e emmudecer a calumnia.

—E até lá?

—Resigne-se e espere.

—E' facil recommendal-o.

—Pois soffra, chore e attribule-se, minha senhora.

A baroneza semi-ergueu-se quasi irritada e perguntou com o rir sinistro que o desespero faz estremecer nos labios:

—Que mais?... acabe! que eu soffra, que chore, que me attribule... e finalmente... que morra!... é isso?

O capitão disse sem hesitar, mas com a mais viva commoção:

—E', minha senhora; é preferivel resignar-se e soffrer até morrer.

A baroneza teve como que um choque electrico, ouvindo aquelle estoico ensino da resignação e do soffrimento até á morte; mas, compreendendo immediatamente toda a elevação e nobreza do sentimento que o inspirára, illuminou o rosto do capitão Avante com os fulgores do seu olhar deslumbrante; e apertando-lhe fervorosamente as mãos, disse-lhe:

—Capitão!... só o senhor saberia falar-me assim; e só eu saberia ouvil-o!

E retirou as mãos, sentindo n'ellas duas lagrimas caídas dos olhos do joven interlocutor. E muda, como elle o estava pela condolencia mais terna e mais profunda, em vez de enxugar as duas lagrimas, contemplou-as, grata e embevecida, adorando-as como reliquias do amor mais puro e mais grandioso.

Pouco depois, a baroneza disse;

—Capitão! agradeço-lhe o conselho que lhe pedi, e hei-de seguil-o zelosa e absolutamente.

—Ainda bem, senhora baroneza, respondeu o capitão Avante, levantando-se.

—Já? perguntou a delicada senhora, mostrando reparar na immediata despedida.

O capitão, já em pé, disse, inclinando-se respeitoso:

—E' tempo, minha senhora; a razão do amigo já a aconselhou; mas a dedicação precisa reflectir.

E, beijando a mão lindissima que lhe foi offerecida, o capitão Avante recuou dois passos, curvou-se de novo reverentemente e saiu.

Quando desappareceu e não a podia ouvir, a baroneza murmurou docemente:

—Ha tambem anjos martires! Ali vai um anjo que me ama!

E murmurou depois:

—Conselho de amor santo! conselho de amor martyr! E' um anjo que me ama!

VIII

Desorientado

Deixando a baroneza, o capitão Avante sem proposito feito e só instinctivamente, dirigiu-se para casa com accelerados passos.

Bem que o quizesse, não lhe era ainda possivel coordenar as ideias que tumultuariamente lhe rom-

piam d'alma com o impeto que pareciam dar á marcha que levava.

Tão preoccupado ia que por pouco não esbarrou com o dr. Olimpio a breve distancia do lar commum.

—Oh, capitão! dir-se-ia que ias correndo contra o inimigo! Se viesses gritando «ávante!» a minha illusão seria completa.

—Desculpa, doutor! Vinha cego.

—Creio-o; porque estive quasi a sentir-lhe o effeito. Sempre como *lá na guerra*, tu avanças cego; mas com os olhos em fogo.

—Eu já não sei avançar, disse o capitão; e o que mais sinto, é não saber fugir.

—Historia antiga ou moderna?... que flores te espinham a vida?

—A vida?... palavra de honra, doutor, *lá na guerra* era muito melhor.

Olimpio sorriu-se maliciosamente e perguntou:

—Reduziram-te a ser como Annibal em Capua, ou como Achilles em Scyros?

—Não zombes; estou deveras penalisado e sob a influencia da mais violenta contrariedade.

—O caso agora é outro; mas não conversemos na rua; falas demasiado alto e com uma agitação inconveniente.

Os dois amigos seguiram juntos e em silencio até chegar a casa.

Um pouco menos exacerbado, o capitão Avante aproveitara o espaço e o silencio para em breve reflexão compreender que, sob a reserva do principal assunto da sua conferencia com a baroneza, lhe convinha ouvir o parecer do seu melhor amigo em relação a factos e circunstancias que este não ignorava.

O dr. Olimpio deixou por momentos o capitão sósinho na sala; e tendo enfiado o seu largo robe-de-chambre, reappareceu e disse vendo o amigo:

—Oh! ainda assim, de ponto em branco, meu Avante? Olha que não estás em dia e em ordem de marcha.

—Mas estou á minha vontade, respondeu seriamente o capitão.

O doutor conhecia bem o homem com quem convivia e cujo caracter devidamente estimava.

Viu logo que era grave a preoccupação do seu espirito e acudiu, dizendo-lhe em tom sereno e amigo:

—Ainda temos uma hora antes de jantar: que diabo tens tu, Avante?

—Tenho um desejo ardente que pódes, mas não queres satisfazer.

—Qual é?

—Peço, exijo que me digas o nome do primeiro homem, ou de algum dos homens a quem ouviste affirmar ou insinuar que eu sou o quinto amante da *baroneza de Amor*.

—Os olhos do capitão faiscavam.

O dr. Olimpio respondeu socegadamente:

—Não sei; e que o soubesse, não t'o diria.

—Porque? Se és meu amigo, correste o dever de zelar pelos meus brios e pela minha honra.

—Porque? disse Olimpio com accentuação severa: cavalleiro nobre e sem mancha! volta o rosto, e mira-te n'aquelle espelho!

O capitão voltou-se e viu reflectida a imagem terrivel do seu rosto ainda mais afeiado pelo incendio da colera ameaçadora.

—Não te quero assassino! exclamou o doutor.

O Avante riu-se com expressão quasi feroz.

O amigo instigou-o ainda mais, provocando-lhe ao mesmo tempo a raiva e a animosidade, dizendo:

—Conheço e poderia denunciar mais de um dos calumniadores; declaro-te que os conheço; mas não quero e não te direi os seus nomes. E agora?

O Avante olhou irritado para o dr. Olimpio, que o fitava com sobresenho austero; mas quasi logo cedeu ao influxo da amisade, e murmurou, como que confuso:

—Desculpa; estou um pouco exaltado.

Olimpio teve vontade de rir. Conteve-se, porém e disse:

—E' isso; adivinho que foste hoje a casa da baroneza de Amor.

—Fui, sim; ella, porém, falou-me no sentido em que acabas de me falar.

—E tu?

—Eufureço-me, porque sou a causa innocente das calumnias que actualmente acommettem e trucidam a reputação de uma nobre senhora.

—Se não fosses tu, seria outro: a baroneza está no purgatorio dos seus erros passados.

—Embora!... mas sou eu!

O dr. Olimpio disse, aventurando um leve sorriso:

—E se fosses tu realmente o involuntario inspirador de tão indigno aleive?

—Eu?... o inspirador? eu?

—Capitão, a mulher não perdôa a injuria do despreso.

—A que vem isso?

—E é de regra que a despresada procure em outra mulher a explicação da sua infelicidade.

—Não ha, porém, explicação: ha calumnia.

—Convenho; mas que mau gosto de indifferença, de esquivança descortez e tolamente rejeitadora de amaveis condescendencias? D. Amalia de Villares é tão bonita como a baroneza de Amor; ou talvez mais.

—Sim! foi d'essa aleivosa intrigante que partiu o golpe: bem o sei: mas tem por escudo o seu sexo.

—Tu offendeste-a, menospresando-a.

—Admittamol-o: mas que culpa tem do meu proceder a baroneza?

—A baroneza é a explicação do teu despreso: sem outra mulher no caso, D. Villares não comprehende que podesse deixar de ser amada.

—E escolheu...

—Com um instinto feminil que é admiravel. Confessa que ella acertou em parte; porque, se a baroneza não a tema, amal-a tu.

—E quem lh'o iria dizer, se és incapaz de atraiçoar o triste segredo, que me arrancaste?

—Capitão, a mulher offendida e ciumenta adivinha; tem uma lucidez milagrosa e raramente se engana.

—Ainda assim; a baroneza é victima d'um amor occulto que não partilha; e D. Amalia é falsaria e má.

—Quem o duvida? mas no fim de contas tu, com uma infantilidade descommunal, foste o inspirador da sua vingativa maldade.

O capitão Avante impacientou-se e perguntou rudemente:

—Querias que eu tivesse amado similhante demonio? A's vezes o homem deixa-se dominar pela paixão; mas o amor não se obriga: a tua D. Villares, embora bonita, desagradou-me por ser excessivamente garrida, e immodesta. Agora não me desagrada; aborreço-a.

—E quem te falou em amor, meu menino? D. Amalia sendo casada, não te ameaçava com ideias de casamento; bella e com a sua firmada reputação de leviana e ousada, era um attrativo invejavel, encantador, um donoso enleio de algumas semanas, a que ella, a unica compromettida, poria termo, conforme o capricho, e a volubilidade do seu costume.

—Portanto eu applaudo a minha não calculada esquivança: procedi dignamente, despresando Amalia de Villares.

—Deixa-me dizer-t'o: a consequencia é que, por excesso de sabedoria, déste em nescio.

—Nescio seria, se me rendesse ao capricho de uma mulher sem coração, nem juizo.

—Capitão!

—Digo-o e repito-o.

—E eu não quero agora contradizer-te; mas o facto é que foi a baroneza de Amor quem pagou as custas da tua austeridade, muito suspeita, por muito insolita e excepcional nos nossos costumes.

—Doutor! procuras defender D. Amalia, ou gracejar commigo para me distraires?

—Não gracejaria comtigo, vendo-te tão penalisado, e ainda menos defenderia D. Villares, assignalando-a tal qual é, namoradeira provocadora, má esposa e má mulher.

—Então pensas que realmente fui o infeliz motivador da perseguição mais injusta e furiosa?

—Foste; sem o pensar, foste: sou capaz de jural-o: se mais galante e fingidamente amoroso houvesses pago um tributo de vassalagem, a quem te pedia tão pouco e te offerecia tanto, nem o barão de Amorotahy seria tão cedo o amante de D. Villares, e nem tu o quinto amante da baroneza de Amor.

—Ainda mais essa, disse o capitão sentando-se.

O dr. Olimpio olhava-o triste e com interesse.

Poucos minutos depois, o Avante levantou a cabeça e perguntou:

—Que me cumpre fazer? Fugiria para sempre d'esta cidade, se me fosse licito deixar a baroneza abandonada aos seus algozes. Que devo fazer?

—Não podes proteger de modo algum a baroneza, sem comprometter muito mais a sua reputação, já demasiadamente abocanhada.

—Segue-se que me aconselhas...

O Avante hesitou.

O doutor disse-lhe:

—Foge, meu Avante! foge pela primeira vez!

—Egoismo!... murmurou o capitão que amava a baroneza.

—Não é; respondeu-lhe o amigo: a tua retirada deixará a maledicencia perversa sem o *quinto amante* que attribue á *baroneza de Amor*: a tua fuga é o melhor, o unico officio protector que lhe podes prestar.

O capitão levantou-se e começou a passear agitado ao longo da sala.

—Foge, meu Avante! repetiu-lhe o doutor firmemente.

O capitão, sofismando comsigo mesmo, e olhan-

do irritado para o amigo, que lhe dava o conselho mais prudente e leal, exclamou batendo fortemente com o pé:

—Diabo!... mas se eu nunca fugi!...

—Mas n'este caso fugir é a mais pura abnegação de um grande amor.

O Avante, reconhecendo-se compreendido no intimo fundamento da sua resistencia, turbou-se.

N'esse momento o creado veio annunciar que estava servido o jantar.

—Vamos! disse o doutor, levantando-se.

—Vai; eu não tenho vontade de comer, respondeu simples e positivamente o contrariado e afflicto mancebo.

O dr. Olimpio julgou inutil qualquer insistencia, e foi saindo da sala; mas ao chegar á porta voltou-se e tornou a repetir:

—Foge, meu Avante...

O capitão confundido mas com a expansão da franqueza galharda do seu caracter, encarou o amigo e disse sem baixar os olhos:

—Tens razão; mas eu não posso fugir.

IX

A logica do capitão Avante

Antes que o dr. Olimpio voltasse a insistir no seu prudente conselho, o capitão Avante deu-se pressa em o evitar, indo trancar-se na sala que occupava.

Ahi, como n'um solitario e seguro retiro, expandiu sem reservas nem pêas a sua colera felizmente esteril.

O capitão enfurecia-se tanto mais, quanto se sentia offendido e reconhecia não poder desaffrontar-se.

Pela primeira vez zombavam d'elle impunemente, calumniando-o para ultrajar a baroneza; e não lhe era licita a explosão da desaffronta.

O capitão rugia de raiva.

D. Amalia de Villares estava defendida pelo seu sexo; e o capitão não podia ir além do desprezo.

Faltava-lhe um homem a quem tivesse o direito de provocar por conhecido propalador da calumnia.

A calumnia propagava-se como a peste; a infecção parecia vir de todos os lados; elle porém procurava debalde um calumniador que não fosse mulher.

Desejando encontrar um homem para objetivo de sua ira impetuosa, esbarrava sempre não com o calumniador, mas com o causador unico de todos os infurtunios da baroneza.

Esse, porém estava a coberto da sua vingança: era homem, mas era o marido da baroneza.

O capitão não odiava; tinha porém em aversão e em profunda desestima o barão de Amorotahy.

Na violencia das paixões que o inflammavam imaginava como que um desafogo consolador, injuriando de face, punindo com affronta ignominoso o algoz perverso da esposa; mas sem ruidosa diffamação d'esta, o barão não podia ser atacado por elle.

O generoso, nobre, mas estouvado valentão ardia em brios; mas estava de braços atados e sem acção livre para se desforçar.

O capitão rugia; mas cançou, reconhecendo que não podia, não devia quebrar a jaula, onde se achava preso.

A grandeza do dever da paciencia fez-se medir pela grandeza do amor inspirado pela bella e desgraçada *baroneza de Amor*.

Quando o capitão Avante pôde pensar que convinha á reputação e ao interesse moral da baroneza o sacrificio do seu orgulho e das suas susceptibilidades ardentemente irritadas, aquietou-se, como o leão na jaula, e pouco e pouco foi serenando sob a influencia da mulher amada.

Tinha passado uma hora de agitadissimo e inconsciente passeio ao longo e em volta da sala.

Sentiu a fadiga que experimentára na guerra em algumas das suas marchas forçadas.

Deitou-se vestido como estava, pedindo ao leito descanço e somno.

Em vez, porém, de repousar, reflectiu e meditou.

Nas suas reflexões, devia ser necessariamente dominado pelas qualidades e correspondentes defeitos do seu caracter.

Ao mesmo tempo um pouco selvagem no ardor das paixões e grandioso na capacidade dos sacrificios e da abnegação; arrebatado, mas generoso e leal; credulo e imprudente, preferindo sempre o caminho mais curto para chegar ao fim determinado; inexperiente e contando muito com a força da sua vontade; franco e expansivo, ás vezes, porém, excentrico e extravagante, não era de presumir que produzisse acertados alvitres a sua meditação.

Tinha por exclusivo designio fazer o bem, ou ao menos minorar os soffrimentos e a sorte adversa da *baroneza de Amor*.

Ouvira pouco antes as observações e os juizos do dr. Olimpio, amigo fiel em quem absoluta e quasi cegamente confiava.

O capitão partiu d'ahi e foi pensando e recolhendo como certo e positivo tudo quanto pensava.

Os tormentos e afflicções da baroneza provinham de duas causas, do desprezo em que a tinha o esposo a quem amava, e do descredito e da diffamação que a trucidavam.

Era indispensavel destruir ou pelo menos abater as causas.

A baroneza era bella, espirituosa e arrebatadora.

O seu marido, inconstante e dissoluto, podia, como realmente fizera, tel-a offendido com infidelidades habituaes; mas certamente não a teria esquecido de todo, se ella, indignada com justificado motivo, não houvesse repellido os seus affectos.

Este proceder da esposa era susceptivel de excitar desgosto e resentimento; não determinaria, po-

rém, nunca o despreso, que o barão nem já dissimulava.

Similhante despreso só se podia explicar e infallivelmente se explicava pela desestima em que a baroneza tivesse caido no animo do marido suspeitoso, ou convicto dos amores attribuidos a ella.

Era, pois, essencial que o barão reconhecesse a sua injustiça, e a innocencia da esposa.

Para conseguir tanto, faltavam recursos á baroneza: pouco podiam os seus amigos, e sómente elle, o falsamente indicado quinto amante da esposa calumniada, só elle que d'esta recebera a confidencia de todos os seus segredos ainda os mais intimos, só elle estava nas condições de rehabilitar a nobre e innocente senhora no conceito de seu marido.

O capitão Avante amava apaixonadamente a baroneza.

Essa rehabilitação que imaginára possivel, talvez facil, por ventura indispensavel, daria em resultado a reconciliação e a felicidade dos dois esposos com torturas crueis do seu amor infeliz.

Elle, porém, não cogitava de si; sabia que não era amado, e com generosa resolução aspirava consolar-se, vendo rir ditosa a mulher das suas ardentes adorações.

Mas a diffamação que impiedosa e injusta flagellava a *baroneza de Amor*?

O capitão exasperava-se confrangido, lembrando os erros vertiginosos do recente passado da esposa doidamente arrojada a uma ostentosa, embora falsa, infidelidade.

Para serenar o barão, contava com o milagre das suas revelações leaes e veracissimas.

Para as suspeitas e as condemnações dos murmuradores não havia praticabilidade de perfeito desmentido; só poderia haver consenso, e indulgente reconhecimento da innocencia da baroneza, em face da sua reconciliação com o marido, e da attitude generosa, reverente e como que arrependida d'este para com ella.

Mas por um lado, o barão estava, em apparencia ao menos, perdidamente enebriado pelos encantos da sua nova amante, D. Amalia de Villares, a qual, com calculos sem duvida hostis e malevolos, conspirava contra a baroneza, propalando alcives para a comprometter e deshonrar.

Como a um só tempo conseguir essa dupla victorio, uma, distanciando o barão de D. Villares, para mais facilmente o aproximar da baroneza, e outra, desarmando as furias de D. Villares para seccar a fonte das calumnias?

O Avante raciocinou firmado nos juizos e nas observações do dr. Olimpio.

Elle era o culpado da guerra atroz que Amalia de Villares fazia á *baroneza de Amor*, suppondo-a sua rival preferida, e n'ella vingando-se da indifferença ou menospreço que confundira as suas provocações de galanteio.

A intrigante e perversa inimiga estava pois offendida no seu amor ou na sua vaidade. Mas o amor é facil em deixar-se convencer; e um e outra muito se ufanam dos seus triunfos difficeis e disputados.

D. Villares ainda aproveitava ensejos para com habeis negaças attraír a attenção e excitar a sensibilidade do seu offensor por indifferença ou menospreço; portanto, nem amava o barão, nem seria inaccessivel, antes pelo contrario mostrava-se indulgente e auspiciosa ao ingrato, arrependido da ingratidão.

Sendo assim, como logicamente devia ser, claro se tornava, que ao culpado da guerra era licito e de extrema facilidade restabelecer a paz; era evidente que se elle, capitão Avante, quizesse render-se captivo a D. Villares, esta, namoradeira sem escrupulos, arredaria de si o barão mistificado, e ufanosa da conquista do supposto amante da baroneza, não se lembraria mais de aggredir a rival vencida.

O raciocinio do capitão levado a esta consequencia pela força e inflexibilidade que elle imaginava

nos principios que ia estabelecendo, esbarrou em face do maior obstaculo.

O Avante não podia amar, e não se resignava a fingir amar D. Villares: o amor era impossivel; porque elle não o sentia.

O fingimento traiçoeiro repugnava absolutamente ao seu caracter.

D. Villares era má e intrigante; elle porém que por isso a desestimava, por isso mesmo não devia, não podia aviltar-se assimilhando-se moralmente a ella. Mas, se lhe fosse possivel similhante sacrificio, provavelmente a *baroneza de Amor* tornar-se-ia feliz, ou muito menos desgraçada.

O impulso d'esta ideia generosa lançou o capitão em novas combinações e em igual trabalho de raciocinio.

Não houve ardor de dedicação, nem subtileza de espirito que convencesse o nobre Avante de que fosse permissivel e não indigno d'elle o malicioso fingimento de amor.

No entanto, o capitão reflectiu nas condições moraes, e na reputação que gosava D. Villares: justa ou injustamente caída em descredito, não tinha mais que perder.

Reflectindo tambem no seu poder para com ella, julgou que a sua lealdade de cavalheiro ficaria illesa, e o seu sacrificio seria fecundo em resultados, desde que incensando a vaidade de D. Villares e mostrando-se adorador de seus encantos, nunca lhe promettesse, e ainda menos fingisse, e muito menos lhe jurasse amor.

O capitão Avante não pensava; mas resolvia haver-se com a namoradeira de alta classe, como, salvas decentes reservas naturalmente já tinha procedido com mulheres d'outra esfera.

Mas foi assim que elle racionou e meditou durante algumas horas de recolhimento, e de ampla liberdade na solidão do seu quarto e nas expansões do seu caracter, da sua inexperiencia e da sua excentricidade.

Abraçara-se á imaginação, acreditando prender-se á logica; tomára illusões por inconcussos principios, e d'estes seriamente tirara consequencias que, embora muito vãs, se lhe afiguraram precisas e de rigor indisputavel.

Como quer que fosse, o capitão Avante quasi tranquillo, posto que magoado pela lembrança das violencias com que ia contrastar os seus mais ternos sentimentos, adormeceu serenamente depois de haver adoptado com inabalavel proposito as duas extravagantes resoluções.

Primeira: revelar ao barão de Amorotahy os segredos da vida intima da baroneza sua esposa.

Segunda: fazer côrte galanteadora a D. Amalia de Villares sem jámais lhe declarar nem prometter amor.

X

O Selvagem e a Estrella Venus

Digno da sua alcunha bellicosa, mas denunciando-se falto de bom senso e de sagacidade, o capitão Avante, ao anoitecer do mesmo dia, foi logo apresentar-se em casa de D. Amalia Villares.

Era passar sem transição e estouvadamente da mais fria indifferença a um fervoroso rendimento; a precipitação e a impetuosidade porém rompiam da sua natureza ardente.

D. Villares agitou-se surpreendida e appreensiva ao annuncio da inopinada visita; surpreendida porque estava longe de a esperar; apreensiva porque já sabia que o capitão passára cêrca de duas horas em casa da baroneza na manhã d'esse dia.

Desconfiada, mas curiosa, recebeu com expansões de agrado o visitante a quem offereceu alegremente a mão.

—Que milagre é este? perguntou; o capitão, vindo abstracto, entrou por engano em minha casa, ou devéras lembrou-se uma vez de mim?

O Avante trazia tão determinado o seu procedimento como estudadas as suas palavras; ainda assim perturbou-se á pergunta de D. Villares.

Habil, sem calculo, nem consciencia, balbuciou algumas palavras triviaes em taes casos, mas com verdadeiro indicio de perturbação e de enleio.

Amalia de Villares lisonjeou-se pela confusão que produzira; mas ainda suspeitosa das intenções e do objecto da visita do capitão, disse-lhe, com amabilidade, e para facilitar prontas e immediatas explicações.

—Vejo que realmenie se lembrou hoje de mim! Pois bem, capitão, agradecida concedo-lhe o esquecimento passado.

—Pelo contrario, minha senhora, lembremol-o.

—Ah! convem-lhe?

—Por certo; porque venho pedir a V. ex.ª permissão para me defender e para a accusar.

—E como cada um de nós é juiz por sua vez, creio que vamos saír ambos absolvidos.

—Minha senhora, v. ex.ª deve ter-me julgado brutalmente esquivo... e descortez.

—Oh, capitão, que modestia! disse Villares com ironia.

—Como se fosse ingrato á affabilidade mais graciosa, tenho fugido da casa e da presença de v. ex.ª.

—Confessa-o?

—Sim, minha senhora; tenho fugido e cumpria-me fazel-o.

D. Villares, perplexa, mas começando a prelibar desvanecimentos, porguntou dôcemente:

—Porquê?

—Minha senhora, v. ex.ª é bella; radiosa de encantos, e sem o pensar, e sem o querer, innocente mas perigosamente excitadora de paixões violentas.

D. Villares olhou com feiticeira melancolia para o capitão, parecendo abafar um suspiro, que não abafou.

O Avante prosseguiu:

—Eu, que a vi e a admirei, sou um homem rude e ignorante, que ainda quasi creança se fez soldado e que na guerra ainda mais se embruteceu por asperos costumes. Voltei conservando na lembrança da vida, da felicidade, e do exemplo de meu pai a ideia do amor santo da esposa; mas, afóra a imaginação, além do sonho d'essa ternura santificada pela religião, eu não compreendi, não sei o que é o amor platonico, fantastico, embevecido, talvez angelico das almas poeticas; fiquei apenas puro materialista, bruto pelos instintos no que bem ou mal se chama, por ahi, amor; sou selvagem e material n'esse amor; não sou homem civilisado; não sou poeta.

O capitão excedera-se a ponto de despertar a desconfiança de D. Villares, que lhe disse sorrindo:

—Não é poeta? Mas, capitão, salva a falta de metrificação e das consoantes, juro-lhe que está fazendo versos da escola de Byron.

O Avante continuou:

—Sendo eu assim e sentindo assim, tendo porém ainda sentimentos de honra e de alguma nobreza no coração, embora grosseiro e asperrimo, ao vêl-a e admiral-a, tão formosa e arrebatadora, fugi, evitei-a, para a não offender. Eis a minha defeza.

D. Villares hesitava. Acabando de o ouvir perguntou maliciosa, mas em tom suave:

—E agora como volta a mim? Vem felizmente curado e arrependido dos instintos brutaes, ou ainda selvagem terrivel a ameaçar-me com a offensa que não se desculpa pelo amor?

—Selvagem: respondeu com eloquente concisão o Avante.

D. Villares vacillou, mas em vez de indignar-se, encarou admirada o capitão que lhe pareceu dobradamente interessante pelo ingenuo arrojo de sua natureza indomita.

De seus numerosos adoradores nunca ousára algum fallar-lhe tão insolitamente; o Avante, porém, com o seu rosto deformado e com aquella lingua-

gem grosseira, asperrima e positiva afigurou-se-lhe um verdadeiro selvagem tão incapaz de conter, como de fingir e de falsificar sentimentos.

Ufanando-se de inspirar paixões, olvidando as suspeitas de conspiração inimiga, enlevou-se com a renascente esperança de allucinar e submetter aquelle leão do deserto; e innundando-lhe o rosto com as ternuras do mais doce olhar, perguntou em tom brando:

—E o senhor... nunca amou... com aquelle amor... o unico... que imagina?...

O capitão disse mais prontamente do que convinha:

—Eu!... já... uma vez; juro, porém, que não fui amado.

D. Villares riu-se, e começou a brincar com o seu leque.

O Avante acabava de comprometter-se com o inopportuno e [illegible] juramento de não ter sido amado.

A intrigante sagaz acabava de reconhecer no selvagem o cavalheiro generoso.

—Capitão, tornou ella: lavro a sentença da sua absolvição, reconhecendo os justificados motivos do seu medo de me offender.

O Avante perguntou, corando:

—V. ex.ª tem pois a bondade de perdoar-me a impertinencia d'esta visita, para que eu me retire já, porém menos desconsolado?...

—Oh!... o capitão é devéras selvagem, pensando que tive a desgraçada e descortez ideia de o despedir; pelo contrario, ambiciono muito a sua companhia: mas é um selvagem sem arco e flexas, porque estas são as armas do deus amor, a quem não rende cultos. Póde vir, venha sempre; a sua visita ser-me-á sempre agradavel.

O capitão curvou-se, agradecendo, e ia fallar; ella porém continuou:

—Queria sair, deixando-me accusada sem jul-

gamento? agora a ré sou eu: qual é o crime que me attribue?

—O da crueldade: V. ex.ª bondosa e ir radiando agrados que encantam a todos, ha muito que me condemna ao rigor de sómente indicar que me vê para voltar com fulminante desprezo o rosto.

—Ah!... e eu que imaginava ser-lhe, não direi lisonjeira, mas commoda, procedendo assim?

—Mas o sol fulge para todos, até para os reprobos.

—O sol... se eu fosse o sol... capitão! não reflecte que o sol só se vê de dia e não de noite.

O Avante, muito occupado com o desempenho do seu difficil e escabroso papel de adorador brutal de D. Villares, nem ao menos compreendeu a allusão á sua visita á baroneza na manhã d'esse dia, e murmurou simplesmente:

—Não entendo...

—Nem eu exijo que me entenda, disse D. Villares; a luz mais dadivosa da vida d'este mundo é a doce sombra que patrocina os misterios. Capitão, tratemos do meu processo: se lhe pareci cruel, foi porque presumi que lhe convinha ter-me por estranha, ou desestimada.

—Mas é incompreensivel semelhante presunção!

—Mil vezes docemente confundida pelo reconhecimento do meu erro!... verá, como sei arrepender-me. Dizem, que tenho lindos olhos; pois bem, capitão, d'oravante ei de olhal-o assim...

E cravou no capitão os seus bellos olhos.

—Dizem que tenho no meu sorrir feiticeira graça que seduz corações; não o creio.

—Em todo o caso, d'ora em diante hei-de sorrir-lhe assim.

E sorriu-lhe com todas as enlevadoras tentações d'um demonio encantador.

O capitão, querendo escapar ao perigo de tanta magia, disse immediatamente:

—Absolvida, minha senhora; de mais a mais, por confessa seducção do juiz.

—Mas em ambas as absolvições ha um dever consequente.

—Qual?

—Para mim, o de não continuar a violentar-me, parecendo-lhe cruel; para o capitão, o de mostrar-se um pouco menos esquecido de mim.

—Oh, minha senhora! V. ex.ª enche-me de tanta vaidade, que se expõe ás mais desabridas importunações.

—Importune-me sem piedade; creia porém que não sou em excesso exigente. Olhe, capitão, eu bem sei que não sou o sol como ha pouco disse; mas se quizer supponha-me estrella.

—Ha uma que se chama Venus; disse o Avante com innocencia ou malicia.

—Essa ou outra menos brilhante, acudiu D. Villares sem se desconcertar.

—Prefiro essa.

—Convenho; mas convenhamos tambem em outro ponto.

—Que ordena v. ex.ª?

—O accordo mais commodo: de dia, ou melhor, de manhã, o capitão adorará o sol, onde elle brilha; e de noite, ou ao anoitecer, como hoje, o selvagem virá aqui ver e desejar a estrella Venus muito menos radiante de luz, e muito mais rica de misterios de amor.

O Avante turbou-se com a allusão mais claramente repetida, e não soube responder.

—Quando volta a demonstrar-me que não se esquece de mim? perguntou com doçura D. Villares.

—Sempre; murmurou o capitão.

—Prefiro um mais modesto, porém mais claro, compromisso; de hoje a tres dias, o selvagem voltará para ver a estrella Venus.

O Avante ainda confundido e perturbado balbuciou:

—Tres dias de menos na vida do selvagem!

Pouco depois despediu-se e saiu.

XI

O barão de Amorotahy e o capitão Avante

Amalia de Villares enfarecida contra a «baroneza de Amor», a quem attribuia a inspiração das ousadas declarações do capitão Avante, mas já pouco susceptivel, corrêra á janella para o vêr saír, quando se voltou, tendo reconhecido o barão, que chegava á porta de sua casa.

A invejosa e intrigante reprimiu um olhar feroz, e a tremer-lhe nos labios o rir nervoso da raiva, deixou apressada a sala.

Cinco minutos depois voltou serena, docemente risonha, contente e radiante a receber o culto apaixonado do marido da sua rival.

O barão apresentou-se não ciumento, mas levemente appreensivo.

D. Villares não esperou que elle manifestasse o pensamento, que deixava adivinhar.

—Quando o barão entrava, o capitão saia, e ao encontral-o á porta do purgatorio o meu bello peccador incontricto arreceiou-se do importuno companheiro em padecimentos, E' assim, barão?

—E': confesso-o.

—E talvez tenha razão; porque para as imaginações exaltadas, o unico rival que póde ter o bello é o horrivel.

O barão sorriu-se e perguntou:

—Que veiu porém o horrivel procurar aos pés da belleza?

—Passatempo innocente: veiu adorar-me, como estrella que sou e que sómente á noite ostenta o seu brilho.

—Ah! declarou-se seu adorador nocturno?

—Só nocturno; porque de dia adora o sol.

O barão querendo debalde evitar as allusões a sua esposa, disse, fingindo excitado zelo:

—Mas é evidente que a visita do horrivel capitão

Avante encheu de alegria, de suavidade, e de não sei que especie de exaltação a rainha do meu purgatorio!

—Positivamente exaltou-me, barão!

—Ah! D. Villares! posso perguntar porque?

—Sem duvida; e se não m'o perguntasse, dizia-lh'o eu.

—Então?

—Meu bello, querido e cego barão; quando o sublime horrivel chegou, eu já sabia que elle tinha passado esta manhã longo tempo em ternissima conferencia particular com a formosa *baroneza de Amor*.

—Na manhã de hoje? E como o soube? Quem lh'o disse?

—Eu poderia negar-lhe a procedencia das minhas informações; se, porém, me jura segredo, confiar-lhe-ei a da informação da visita de hoje.

—Juro-lhe tudo! respondeu o barão com impaciencia.

D. Villares tirou do bolso do vestido, e mostrou ao barão um bilhete datado d'esse dia, e escripto por uma senhora, visinha e supposta boa amiga da baroneza.

Não havia que duvidar; mas tambem não havía que responsabilisar a nobre senhora pelo recebimento da visita mais ou menos prolongada de um cavalheiro amigo.

O barão, desviando os olhos do bilhete, disse:

—A baroneza não está fechada no harem de um sultão, e tem amplo direito de manter e de honrar as suas innocentes e decorosas relações.

D. Villares córou ligeiramente de despeito e de ira; mas, sopitando um e outra, acudiu dizendo no tom mais brando:

—Tal e qual, como pensei! Defendi por pensamentos a senhora baroneza; porque me lembrei de mim.

—Como?

—Lembrei-me de que alguem pudesse attribuir malicia e intenções peccaminosas ás relações inno-

centes e decorosas que entretenho com o barão.

A ironia era acerba, e o barão confundido, não podendo responder, tomou uma das mãos de D. Villares e beijou-a com ardor.

—Ah! disse a cruel intrigante; quem sabe quantas vezes esta manhã o capitão Avante beijou assim com respeito e santidade a mão da baroneza!

—D. Amalia! pensemos exclusivamente em nós, murmurou o barão.

—Nem tanto: resigno-me a deixal-o embebecer-se no culto honorifico e apaixonado que lhe merece sua esposa; mas convenha tambem em que eu me lembre um pouco da terna visita que me fez o capitão.

—Para me atormentar nem repara que contrasta as suas proprias suspeitas.

—Como?

—A quem é pois que o capitão Avante ama? a D. Amalia ou á baroneza?

—Oh!... elle imita o barão, ama a ambas.

—Supponhamol-o; mas á senhora?

—Eu?... quer que lh'o diga? Eu sou reconhecida aos penhores que recolho, e o capitão deixou-me ha pouco, involuntariamente por certo, um precioso penhor que lhe assegura a minha mais profunda e enternecida gratidão.

O barão começava a turbar-se; mas, ainda submisso e paciente, perguntou sorrindo-se com artificio inhabil:

—E o misterio d'esse penhor poderá ser-me revelado?

D. Villares respondeu, sorrindo tambem, mas de modo que ainda mais agitou o barão:

—Certamente; mas eu hesito receiando confundil-o e indignal-o.

—Oh!... Agora peço... exijo... tenho o direito de exigir!

—Para que me impõe assim o dever de o esclarecer? E' verdade que me comprometti a dar-lhe

certas provas; mas o que eu lhe apresentaria agora, não é prova.

—Intendo! Exclamou o barão; sempre a baroneza! Mas quero saber!

D. Villares impacientava o barão, para exaltar-lhe o animo afim de que mais exagerada fosse a impressão da offensa, que ia denunciar com atroz calumnia.

Adoçando quanto pôde a voz, ella disse:

—Já declarei e repito que não é prova; um simples indicio tem mil explicações.

Visto que o amo, não me é possivel amar sua esposa, minha rival, delirantemente preferida.

—D. Villares, agora é preciso, é indispensavel que eu saiba...

—Barão! eu quero, hei de accusar e fazer condemnar a baroneza com evidentes provas da sua infidelidade conjugal: foi o meu compromisso: hoje deu-me o acaso, ou o descuido apenas um indicio... um indicio não me basta.

—Embora! quero conhecer o indicio.

—Ora! um simples lenço!... um lenço!... eis tudo: que demonstra um lenço?

—Que lenço é esse?... mostre-m'o!

—E' um lencinho branco desmazeladamente esquecido aqui ainda ha pouco pelo capitão Avante que passou a manhã de hoje a adorar o sol em casa do senhor barão.

—Mostre-m'o! repetiu o barão com o orgulho mais absurdo em revolta.

—Ahi o tem; disse D. Villares; é apenas um indicio vago: não lhe dê importancia.

E apresentou o lenço, que por traça malevola lhe ficára trocado pelo seu na noite do teatro, em que a *baroneza de Amor* a repulsára com decoroso e justo desprezo.

O barão abriu e examinou o lenço finissimo e rico, e empallideceu fortemente, achando n'elle bordadas as suas armas nobiliarias e por baixo d'estas as duas lettras iniciaes *B. A.*

D. Villares com os olhos fitos no rosto do esposo da sua rival, saboreava na pallidez e nas contracções que observava, os effeitos da sua nova calumnia; mas por fim disse com suavidade perversa:

—Quem sabe como chegou esse lenço ás mãos do capitão? E' apenas um indicio vago, barão! Tranquillise-se.

O barão, apertando nervosamente o lenço nas mãos, perguntou:

—Dá-m'o?

A terrivel D. Villares respondeu, sorrindo:

—Não posso: devo e hei de restituil-o ao capitão Avante, que de hoje a tres dias voltará ao anoitecer para contemplar a pobre estrella...

O barão comprehendeu a negativa e a ameaça do demonio que o tentava, e apertando na mão o lenço, disse, perguntando a tremerem-lhe os labios:

—E se antes de tres dias eu tiver proposto a separação á baroneza?

—Proposto?

—E requerido, se ella se negar a convir n'elle!

—Ah, barão! em tal caso e por amor da sua dignidade, o lencinho branco ser-lhe-á dado para entrar nas folhas do processo.

O barão concitado pelo orgulho ferido, não entregou o lenço, largou-o de mau modo no sofá, onde estava sentada D. Villares, e levantando-se, despediu-se atarantado e dizendo ao sair:

—Depois de ámanhã... eu!...

—Oh, barão! em tal caso diga—nós! exclamou D. Amalia.

E logo que o barão desappareceu, reclinou-se no sofá, cerrou os olhos, e acordada sonhou com o capitão Avante.

Deixando a casa da rival e inimiga da *baroneza de Amor*, o Avante, preoccupado e em contrastes de sentimentos, andou longo tempo sem rumo, nem direcção determinada.

Emfim parou, respirando afadigado, e ao procurar reconhecer a rua onde se achava, esclareceu-se

facilmente, vendo diante de si a casa de D. Amalia de Villares.

Estava no mesmo logar d'onde saíra.

Consultou o relogio á luz do gaz.

Eram onze e meia da noite.

Todas as casas se tinham fechado: reinava o silencio.

Tendo descançado breves minutos, pôz-se de novo em marcha.

Acabava porém de avançar, quando muito, obra de quatrocentos passos, quando ouviu um ruido que lhe pareceu suspeito, e adiantando-se mais, teve a certeza do que suspeitára.

Era uma briga, um conflicto material e violento.

O sitio offerecera-se propicio.

A rua, alargando-se em curva, tinha a um lado um extenso gradil de ferro, que fechava um grande jardim e chacara, ficando muito para o fundo distanciada a casa; e ao outro lado um muro negro e já meio arruinado, seguido de mais ou menos de trinta metros de terreno, sem muro nem edificação e semeado de arvores e de arbustos pela maior parte silvestres.

O capitão Avante approximou-se, como seguindo o seu caminho, observou, certificou-se.

Era um attentado, um infame abuso de força.

Tres homens contra um só: dos tres dois herculos pela apparencia das fórmas, e pela evidencia da acção tinham finalmente conseguido prender os braços e subjugar a victima, emquanto o terceiro sem mais receio do inimigo, descarregava fortes bengaladas.

O capitão tinha entrevisto a resistencia valente do homem que era um só contra os tres, e aproximando-se ainda pôde notar que, preso e subjugado, elle esforçava-se desesperado, rugia roucamente, mas não gritava a medo.

Tudo isto o Avante viu, em menos de um momento, porque, obedecendo aos seus impulsos naturaes, voou em soccorro do fraco.

Ao ímpeto do capitão que atacou sem perder tempo em ameaçar, o subjugado viu-se livre das mãos que o agarravam; mas caiu logo por terra.

O Avante achou-se por sua vez só contra os tres; elle, porém, arrancára a bengala ao chefe, e manejando-a com destreza e força em breve poz em fuga os miseraveis que desappareceram por entre as arvores do terreno sem muro.

Tão fraca resistencia opposta ao capitão, e por não empregarem armas de fogo, os tres aggressores indicavam uma vingança indigna, mas toda pessoal, e evidente cuidado de segredo no commettimento.

O Avante, que perseguira além das primeiras arvores os afugentados, perdendo-os de vista, voltou, e, como lhe cumpria, foi levantar a victima que baldadamente se esforçava para erguer-se; e, ao ver-lhe o rosto, exclamou surpreendido e abafando a voz:

—O senhor barão de Amorotahy!

—O barão encarou o homem que com tanta hombridade e afouteza o soccorrera, e reconhecendo-o, convulsionou todo, e pouco depois disse:

—Oh! O senhor capitão Avante!

Com incrivel energia de nervosa reacção, deu um passo para traz, guardou breve silencio e depois disse friamente:

—Obrigado.

O Avante sentiu a frieza do reconhecimento, e respondeu:

—Eu apenas fiz o que v. ex.ª teria feito em caso igual.

O barão, arrependido, baixou os olhos e tornou dizendo:

—Perdôe-me, senhor capitão... perdôe-me. Confesso-lhe que fui salvo da morte pelo homem a quem eu tinha a ideia de ir procurar ámanhã... Esta lembrança turbou-me.

—Que coincidencia, senhor barão! Trago comigo uma carta, que v. ex.ª receberia amanhã, pedindo-lhe uma entrevista confidencial.

E o Avante apresentou a carta que o barão recebeu e guardou vivamente impressionado.

O capitão disse immediatamente:

—Tratemos do que importa: senhor barão, supponha-me um desconhecido. Permitta que o acompanhe a sua casa.

—Obrigado, capitão: descançando alguns minutos, poderei poupal-o.

Mas, não podendo suster-se por mais tempo em pé, o barão dobrou os joelhos, e cairia, se o Avante não o recebesse nos braços.

—V. ex.ª está ferido?... mas... eu não sinto que haja sangue...

—Não sei... murmurou o barão; reconheço porém que debalde quizera caminhar sem apoio... soffro uma dôr fina e pungentissima aqui...

E mostrou, indicando com a mão, um ponto da columna vertebral.

—Vamos, senhor capitão, complete a sua obra, disse logo depois.

O Avante passou um braço, sustentando pelas espaduas o barão de Amorotahy, que commovido pousou a cabeça no hombro do capitão que o foi conduzindo vagarosamente e quasi carregado.

Iam ambos silenciosos; o barão contínha, suffocava sem duvida gemidos; mas devia soffrer muito.

O capitão viu á luz do gaz consideraveis contusões na testa e na face da victima.

Longa e demorada foi a marcha. Varias vezes o barão teve de se sentar para descançar e tomar alento.

Na ultima e já a poucos passos da casa, disse:

—Senhor capitão, a nobreza do seu procedimento assegura-me o mais inviolavel segredo...

—Oh! respondeu o Avante, interrompendo-o; só v. ex.ª me obrigaria a fallar, para dar testimunho da coragem e valentia, com que sem nenhumas armas resistiu a tres malfeitores.

O barão levantou-se e raivoso disse:

—Perdoaria ao infame, se ainda mesmo á trai-

ção me houvesse ferido com uma espada, ou derribado com um tiro de revólver; mas á bengalada, como se bate n'um lacaio!...

—Tem razão; a indignidade, porém, é do miseravel, do cobarde que offendeu assim, sómente depois que o senhor barão se achava agarrado por dois cumplices forçosos que impediam a resistencia. Eu vi o que se passou.

—Pois ha de ver tambem o desforço... juro-lh'o! Espero restabelecer-me, e o capitão saberá que o barão de Amorotahy em pleno dia e na rua publica retalhou com um golpe de azorrague o miseravel... antes de lhe esmagar a cabeça com os tacões das botas.

—V. ex.ª conheceu-o?

O barão apoiou-se ao capitão, abraçando-o para não caír, e disse convulso:

—O infame... o cobarde... o...

E conteve alguma extrema injuria.

Depois respondeu, concentrando a raiva:

—Conhecemol-o ambos.

—Não sou curioso; mas v. ex.ª acaba de dizer—*conhecemol-o*—e eu não quero estar em contacto com similhante indigno!

O barão olhou para o Avante, como que tocado por aquelle melindre de susceptibilidade ou de pundonor, e respondeu logo:

—Honra lhe seja feita, capitão; o senhor conhece-o; mas evita-o.

Depois pareceu reflectir; e vencendo talvez algum sentimento menos nobre, acrescentou:

—Quem sabe? Senhor capitão... devo dizer-lhe... tenha cuidado... acantele-se tambem.

O Avante sorriu-se com indicação de despreso, e amparou o barão que forcejava por se levantar.

Os dous foram seguindo até casa.

O barão, deixando o braço protector, descansou, sentando-se na soleira da sua porta.

Respirou menos ancioso, e com a cabeça entre as mãos, mostrava reflectir ou esperar.

O Avante que estava em pé diante d'elle pergun tou finalmente:

—V. ex.ª tem alguma ordem a dar-me?

O barão ergueu a fronte, cravou os olhos no rosto do Avante, estendeu o braço, apertou com ardor a mão do capitão e levantou-se firmado n'ella, dizendo commovido:

—Obrigado, para sempre! adeus!

—Senhor barão!... murmurou o Avante, vendo na sua mão a carta que pouco antes entregára.

—E' a sua carta: já não necessitamos entendernos sobre o passado.

—Necessitamos, sr. barão, respondeu o Avante gravemente mas sem acrimonia. Necessitamos, porque o meu empenho não é o de um espadachim; é o d'um homem de bem e honesto que acaba de lhe apertar a mão.

E o capitão entregou de novo a carta.

Perturbado e soffrendo agudissimas dôres, o barão póde apenas dizer:

—Seja o que fôr... agradecido. Adeus!

E atirando-se á porta, agitou tres vezes com força o batente.

O capitão Avante afastou-se discreto; mas como protector zeloso do protegido, parou a curta distancia, receiando ainda que os instrumentos de uma evidente vingança particular tivessem de longe seguido a sua victima.

A porta abriu-se e o Avante, vendo apparecer um creado, den por terminado o cumprimento do seu dever, e seguiu o seu caminho, ouvindo a voz do barão que dizia:

—Caí! dei uma queda desastrosa!... nem posso andar... leva-me... anda...

O capitão não ouviu, mas o barão, já conduzido pelo creado, acrescentou em voz baixa:

—Silencio... não quero ruido; não quero que a baroneza se incommode.

QUARTA PARTE

Purgatorio na terra

I

Amor e repulsão

Debaixo do mesmo tecto padeciam dous condemnados.

O barão de Amorotahy havia dez dias que luctava com a morte.

Das bengaladas que recebera, alguma offendendo fortemente um ponto das vertebras lombares, produzira uma lesão profunda da medulla espinal. Quasi logo se pronunciára franca e completa a paralisia dos membros inferiores, e cada vez se aggravára mais todo o apparelho de sintomas de mielite aguda.

Todavia sendo o unico a duvidar do proximo termo da sua vida, o barão angustiava-se temendo que, não vencida a paralisia, se achasse para sempre impossibilitado de tomar a vingança pessoal a que aspirava, e de voltar aos gosos da sua paixão dominadora.

Era o condemnado aos tormentos dos seus vicios.

A baroneza de Amorotahy ainda velava triste á hora em que na noite sinistra o seu esposo chegára tão maltratado a casa.

Sobresaltada pelo rumor, chamára a creada, e sciente do desastroso caso, corrêra afflicta a soccorrer o barão, vendo, diante dos proprios creados a mais dura repulsão apenas dissimulada em respeito ao decóro.

A infeliz senhora nunca se mostrou tão digna, tão merecidamente chamada *baroneza de Amor*, como n'esses dias amargurados em que a morte ameaçava o esposo.

O seu resentimento e os seus ciumes apagaram-se de subito.

Foi vinte e mais vezes por dia pedir, esmolar o seu direito de cuidados; ajoelhou-se, abraçou os pés do barão, do algoz da sua vida, embora com inaudita crueldade elle por acaso, algumas vezes a sós com ella, lhe dissesse sempre, sem olhar para ella, a mesma durissima palavra: «*Deixe-me!*» e diante do medico e dos creados *sempre* lhe repetisse friamente:— «Vá descançar; agora estou acompanhado.»

A *baroneza de Amor* era a condemnada ao tardio arrependimento dos seus erros, e aos martirios da repulsão do esposo amado.

Mas um dia ella foi duas vezes com extremos de ternura tomar o seu posto junto ao leito do barão.

Na vespera o medico tinha-lhe dito:

—Baroneza, ainda um sacrificio. O barão por um capricho explicavel na sua molestia, incommoda-se ao vel-a: appareça-lhe menos frequentemente.

A baroneza respondeu córando:

—Elle tem rasão, doutor. Eu errei tanto!...

O medico tomou-lhe a mão e beijou-lh'a commovido.

Velho amigo do pai da baroneza, e medico da casa do barão, o dr. Leoncio, chamado immediatamente na noite fatal, accudira apressado: e após minucioso exame ao doente, ouvira, simulára aceitar por verdadeira a historia da carruagem que tombára, e da queda do barão.

Tendo porém reconhecido facilmente a gravissima affecção da medulla, e prescrevendo um energico e urgente tratamento, exigira o concurso de outros medicos em conferencia.

O barão oppôz-se obstinado á exigencia do dr. Leoncio.

A novas insistencias d'este, mandou sair a esposa

e os creados, e livre de testimunhas, disse francamente, mas a tremer-lhe a voz:

—Doutor! não quero outro medico venha examinar-me e reconhecer que fui vergonhosamente espancado.

O barão cerrou os olhos, e o seu rosto tornou-se livido de colera.

O dr. Leoncio cedeu e sujeitou-se a arcar com toda a responsabilidade do tratamento do doente, que aliás logo considerou em gravissimo estado.

Além de medico era intimo amigo da familia, e lamentára a desharmonia dos dois esposos.

Tanto ao barão, como á baroneza tinha ao principio offerecido prudentes conselhos não aproveitados, e era finalmente um dos poucos que protestavam contra a difamação da esposa ciumenta.

Obrigado a uma assidua e demorada frequencia junto d'aquelle a quem supunha condemnado a uma morte proxima, velando noites inteiras e passando de dia longas horas a esgotar todos os recursos da sciencia medica, e do ensino de quasi quinquagenaria experiencia de clinica observadora e illustrada, viu constantemente a dôr, as lagrimas, as angustias, os tormentos indisiveis da esposa apaixonada pelo esposo que ainda assim a repellia desabrido.

O dr. Leoncio mal podia compreender que um homem quasi moribundo, que um esposo mil vezes e escandalosamente adultero, causador de toda a desgraça da sua união conjugal, mostrasse pela esposa que ás vezes chegava a ajoelhar-se a seus pés, desorientada victima a pedir perdão ao verdugo.

Em face da morte, o offendido perdôa.

Elle era o offensor mas com um resentimento rancoroso parecia querer misturar com os transes da agonia envenenada pelo odio os transes do mais santo amor que o ciume levára á delirante ostentação de erros graves, de acendimento de suspeitas indecorosas, mas sem provas convincentes da deshonra.

O dr. Leoncio sem poder explicar aquella ave

são inverosimil que manifestava por sua esposa o barão, em estado tão critico, e prestes a separar-se dos vivos, violentou os seus sentimentos generosos e nobres, e cumpriu o seu dever de medico, pedindo á baroneza, que fosse menos vezes excitar com a sua presença as commoções ingratas e repulsivas do marido.

A pobre martir obedeceu amargurada; em vez de se resentir desculpou as repulsas do esposo ingrato; mas, quasi banida, andava de dia e de noite, de mansinho perto do quarto onde padecia o doente amado.

Interrogava cem vezes o medico e os proprios creados; ia escutar á porta, e logo depois fugia para chorar livremente, soluçando sem ser ouvida, e, sem o pensar, fulgurava como um anjo de amor ainda dedicado e sublime nos tormentos da humilhação.

Não havia suspeição possivel de fingimento n'aquelle padecer, n'aquellas angustias da baroneza.

Na côr marmorea do seu rosto, na inflammação das palpebras, nas covas das faces, na magreza do corpo, no abatimento e murchidão das fórmas opulentas, no completo abandono dos cuidados da sua pessoa, a esposa estremecida deixava ler um testimunho mudo, mas eloquente da profunda e pungentissima dôr que lhe causava a ideia da morte de seu marido.

E no entanto, pela viuvez a baroneza ficaria livre do esposo mais ingrato, rica, joven ainda, bella, e por certo cercada de adoradores.

Mas fóra e longe da casa do barão corriam as noticias do progresso assustador da doença d'este, e do prognostico que o medico não occultava.

O doente não recebia visita alguma; a baroneza era apenas visivel para um ou outro amigo mais intimo e de exigente empenho em a ver e ouvir sobre o estado do barão.

Esses poucos e o dr. Leoncio, pagando tributo á verdade e á virtude, apregoavam a amorosa dedica-

ção, as amarguras, a paciencia angelica, a ternura, e as dilacerantes afflicções da esposa tão generosa e tão calumniada.

E em sua maxima parte os numerosos testimunhadores dos ostentosos e ousados namoros da «baroneza de Amor»,e todos os detractores que a abocanhavam, sorriam-se ouvindo o elogio da sua virtude e a descripção dos seus tormentosos soffrimentos, e murmuravam:

—Que hipocrita!

TAYLOR INST.

II

O medico e a baroneza

O dr. Leoncio revoltara-se debalde, tendo mais de uma vez ouvido a insolente accusação de hipocrisia lançada contra a baroneza de Amor: e então pensava, dizendo de si para si:

—Esta senhora certamente errou e comprometteu muito a sua reputação; mas o seu castigo é horrivel! Coitada, sacrifica-se agora tanto, que nem é imaginavel que se exija mais do seu amor e da sua virtude de esposa, em que aliás tão poucos acreditam!

Mas o dr. Leoncio não podia occupar-se muito da baroneza; os seus incessantes e principaes cuidados concentravam-se no barão.

No fim de quatorze dias de tratamento, de aggravamento da doença e do final desespero do medico, os sintomas já aterradores da mielite pareceram declinar subita e inexplicavelmente.

A febre diminuiu de intensidade, a dôr medullar pronunciou-se menos pungente e intoleravel á menor compressão.

Luzira uma inopinada bem que ainda leve esperança ao velho e habil medico que, consciencioso ou modesto, julgou o facto muito mais devido á força vital do doente e á acção poderosa da sua natureza, do que á propria e consummada sciencia do trata-

mento que prescrevera e presidira quasi sempre á cabeceira do barão.

Mas o dr. Leoncio começou ao mesmo tempo e quasi logo a impressionar-se com uma observação, que a principio se lhe afigurou contradictoria, e por fim, bem ou mal esclarecida, susceptivel e até facil de annullar a inesperada crise favoravel, e de influir fatalmente sobre a doença do barão.

A febre ardente explicára até então ao medico a agitada superexcitação nervosa que desasocegava o seu doente.

A febre, porém, arrefecera; manifestara-se, como era natural, um abatimento fisico em proporção correspondente; mas a agitação nervosa, certa preoccupação exaltada do espirito, e emfim um evidente fervor de paixões concentradas irritavam, affligiam, torturavam o barão de Amorotahy.

O dr. Leoncio tendo interrogado debalde o seu doente sobre esse fenomeno permanente e perigoso que observava, procurou decifral-o com a sua propria razão.

O observador acertára, o raciocinador errou.

Com effeito, o espirito do barão de Amorotahy ardia em paixões violentas.

A febre tinha sómente exaltadoa sua imaginação; antes, porém, da febre, a furia das paixões lançara no seu animo o veneno e o castigo.

O barão de Amorotahy lembrava com um recentimento de vão e absurdo orgulho o lenço da baroneza que elle acreditava esquecido pelo capitão Avante em casa de D. Amalia de Villares.

O favor d'aquella prenda não era prova da abjecção de que accusavam a esposa; autorisava, porém, suspeitas de exagerada condescendencia, que fazia estremecer a convicção do limite que a baroneza mantinha zelosa nas suas audaciosas conquistas de adoradores mistificados.

Não era, porém, essa id'a que mais o preoccupava.

A presença da baroneza mortificava-o, não por ciume, mas por desamor e remorso vivo.

Em face d'ella, o criminoso era elle que, perdido de paixão por D. Villares, e predisposto a repudiar a esposa, attribulava-se, vendo-a, reconhecendo-a amorosa, ternissima, anjo martir a confundil-o, a despertar-lhe a consciencia de uma ingratidão atroz com os seus extremos de amor angustiado, de santa e amplissima generosidade de offendida que, em vez de offerecer, pedia perdão.

A virtude da esposa torturava o marido infiel, que a preferiria uma adultera ostentosa, para explicar e escusar a escandalosa obediencia ás condições da rendição absoluta de D. Villares.

Outro, porém, era o affecto que mais atormentava o barão.

Ardia por se vingar de Mario de Villares, o cobarde que o mandára agarrar, para sem resistencia e sem risco lhe applicar bengaladas. Exasperava-se, sentindo-se paralitico e ameaçado de incapacidade fisica para um desforço pessoal.

E isso ainda não era tudo, e nem era a preoccupação mais afflictiva.

A ideia principal, dominante e flagelladora do barão exaltava-lhe a imaginação.

Aterrava-o a hipotese mais do que possivel do forçado sacrificio da sua paixão impetuosa por D. Amalia de Villares, bem como a perspectiva da felicidade e dos gozos tranquilos e não disputados do capitão Avante.

Nos tormentos da depravação que lhe corrompera os costumes e o caracter, e na superexcitação do seu espirito, elle não duvidava que o Avante pudesse ser ao mesmo tempo amante da baroneza e de Amalia de Villares.

A's vezes, velando longas horas da noite, o barão agitava-se ao mais leve e insignificante ruido, e escutando attento e mudo, como que procurava verificar um sinistro pensamento de infidelidade conjugal na entrada secreta do capitão Avante em

sua casa; e pouco depois, convencido da sua illusão e injusta suspeita, mais vivamente se abalava, pensando, ou dizendo comsigo: «não veio aqui, porque foi... lá.»

Assim, paixões diversas e violentas traziam em grande effervescencia o espirito do barão.

Mas o dr. Leoncio não podia adivinhar os segredos que o barão encerrava na sua alma, e empenhado a descobrir a causa d'aquelle padecer moral, combinando os factos passados com o mal contido desagrado que a presença da baroneza provocava ao doente, e com o proprio silencio obstinado d'este, ou recusa de explicações sobre ideias e sentimentos que tempesteavam no seu animo, concluiu que eram desconfianças da lealdade da esposa e um ardente ciume por fim despertado.

Nas circumstancias em que estava o doente, similhante preoccupação, invencivel e confrangente, poderia ser mais do que nociva, capaz de influir irremediavelmente sobre a doença.

O dr. Leoncio tanto mais appreensivo, quanto sorrira á primeira esperança do feliz erro do seu funebre prognostico impacientava-se temeroso, observando a permanencia d'aquelle soffrimento moral.

Tres dias depois da declinação dos sintomas aterradores, augmentou um pouco a febre, e o doente peiorou, embora não voltasse ao estado gravissimo, em que antes se achava.

O medico que hesitára até então em recorrer a um expediente que era impiedoso e violento, decidiu-se a tomal-o sem demora.

E o dr. Lencio que dias antes dissera entre si *que não era imaginavel exigir mais do amor e da dedicação da baroneza*, foi ter com ella para lhe pedir talvez o impossivel, e para lançar no seu coração de esposa martir o mais horrivel remorso.

—Baroneza, disse elle; a doença de seu esposo aggrava-se e eu cumpro um dever tristissimo, vindo dizer-lhe o que penso.

—E' que sou eu... a causa!... perguntou a no-

bre e desoladasenhora, adivinhando o pensamento do medico.

—Confesso que o supponho, respondeu elle, e em seguida expôz quanto observára e tinha chegado a concluir das suas reflexões.

A baroneza ouviu attentamente, e quando o dr. Leoncio acabou de fallar, disse com tristeza profunda:

—O doutor enganou-se; o barão não tem ciumes de mim; despreza-me.

O medico insistiu, e na insistencia apurou o valor e importancia das suas observações.

Na sua dôr immensa, a baroneza quasi que aceitou lisonjeada a duvidosa ideia do ciume do esposo; mas, logo amargurada, alvoroçou-se com a supposição de ser a causa, innocente embora, da aggravação da molestia do marido.

—Que tudo seja assim! exclamou ella; supponhamos tudo! que posso eu fazer para o salvar?

—De quem póde ter actualmente injustos ciumes o seu marido? perguntou o dr. Leoncio.

A baroneza que ainda teve lagrimas para banhar as faces abrazadas com o fogo da vergonha, respondeu com voz firme:

—Não sei a conta dos amantes, que as minhas loucuras e a malicia dos homens têm dado ao descredito da minha vida; o ultimo porém d'esses amantes que a calumnia proclama, é o capitão Avante.

—O barão sabia-o?

—Naturalmente.

—Pois é preciso, é indispensavel apagar na alma do barão, a suspeita d'esse amor que póde matal-o.

A baroneza torceu as mãos com desespero, e perguntou:

—E como?

—Não sei, imagine o meio, baroneza; mas o caso urge, porque as suspeitas do barão podem ser-lhe fataes, aggravando o seu estado, como creio que concorrem já muito para a recrudescencia dos sintomas ameaçadores do termo da sua vida.

—E sou eu então quem mata meu marido?! exclamou a baroneza, caindo n'uma cadeira, convulsionada em desespero.

—Coragem, paciencia e sacrificio até ao extremo, baroneza! disse-lhe o medico: sei que é martir, e dou pleno testimunho da sua virtude; mas cumpre-nos salvar o barão: invente um meio, imagine um expediente que lhe tranquilise o animo. Peço uma inspiração de mulher... peço...

A baroneza ergueu-se; tinha as faces abrasadas e os labios seccos e aridos.

Olhou para o medico e perguntou:

—E se o capitão Avante se propuzesse a noivo da menina Candida, minha afilhada?

—Oh! Se assim fosse!...

—Póde dizel-o ao barão.

—Mas é então verdade?

A baroneza que não podia refletir bastante no que dizia, respondeu sem hesitar:

—Farei que o seja.

E retirou-se immediatamente, como se tomada de confusão quizesse escapar aos olhos observadores do medico.

O dr. Leoncio suspirou tristemente.

Acabava de sentir no seu espirito a primeira suspeita de relações menos innocentes entre a baroneza e o capitão Avante.

III

Sim!

Radiaram novas e mais lisonjeiras esperanças.

O barão melhorava sensivel e progressivamente.

A febre cedera de todo; a exaltação do animo agitado por mudas e obumbradas cogitações, arrefecera, embora não se apagasse completamente.

O dr. Leoncio tinha para si que a noticia habilmente dada do projectado casamento do capitão Avante com a menina Candida concorrera muito

para a sua inesperada e notavel victoria medica.

O experiente e illustrado clinico não se enganava em relação á influencia da noticia, que o barão a principio recebera duvidando e que só acabou por acreditar de realisação provavel, quando o dr. Leoncio lhe assegurou que a baroneza protegia as pretensões do Avante.

O barão imaginou que no projecto d'esse casamento havia da parte da baroneza uma hostilidade feminil contra Amalia de Villares; mas julgando o capitão Avante naturalmente occupado em fazer assidua côrte á sua noiva, por isso mesmo o suppoz, senão absolutamente esquecido, ao menos esquivo, e distanciado de D. Amalia, e essa ideia mitigou o mais cruel dos seus tormentos.

Tudo ia pois a melhor, menos sómente para a infeliz baroneza de Amor, que continuava sempre a experimentar o menospreço, a enregelada indifferença e o desagrado cruel que a sua presença, já muito pouco frequente, causava ao esposo.

Tão dura e teimosa repulsão, injusta e ingrata, devia forçosamente gastar e abater a mais santa dedicação.

Demasiado, diariamente offendida, exposta assim em desamor diante dos proprios criados, a baroneza, desde que o marido se achou livre de perigo e de ameaça de morte, começou a abrir o seio ao veneno do resentimento.

Por fim encerrou-se no seu quarto e não voltou mais ao do esposo que felizmente promettia entrar em immediato periodo de convalescença.

Os dias tremendos da abnegação e dos sacrificios de dignidade do anjo de amor tão despresado estavam passados.

O anjo encolheu as azas, e não voou mais em torno do leito do marido que era a polé do seu exageradissimo martirio.

Mas o barão melhorava em progresso tão rapido que admirava ao proprio dr. Leoncio.

No fim de um mez de trabalho só incommoda

e affligia o doente a incapacidade de movimento seguro em almejada marcha.

O barão ainda não podia andar com firmeza de passos; a paralisia, porém, ia aos poucos desapparecendo.

O medico habilissimo e prudente repetia mil vezes ao barão:

— Cuidado; não se illuda com as surpreendentes melhoras da doença que hoje lhe confesso que reputei fatal: não se illuda, barão: a sua convalescença deve ser muito longa e livre de abalos moraes, principalmente do excessos fisicos e de choques materiaes; a affecção medullar persiste ainda; e a sua vida póde perigar seriamente de um momento para outro.

O barão, sorrindo, promettia tudo ao medico; mas pensando sempre em Amalia de Villares, objecto da sua paixão, e no cobarde inimigo, de quem desejava vingar-se, punha em ensaio moderado e cauteloso a firmeza ainda muito vacillante do seu andar.

A baroneza, sabendo que o esposo já podia sem apoio do criado levantar-se e dar alguns passos pelo quarto, previu qne elle não tardaria em receber amigos, talvez em breve a descer ao jardim, ou mesmo, a sair á rua, e lembrou-se do seu compromisso relativamente ao capitão Avante e á menina Candida.

Se alguma vez pudesse haver santidade no desespero, um santo desespero tinha determinado a illimitada imprudencia da noticia que a baroneza inventára, urgida pelo medico.

Convalescido o barão, era facil á triste e opprimida esposa confessar a falsidade da noticia que ella autorisára o dr. Leoncio a assegurar; mas que explicações poderia dar?

Além do barão, o dr. Leoncio não fôra prevenido da innocente mentira; pelo contrario, ouvira em tres palavras indiscretas a revelação do misterioso po-

der que garantia a realisação de similhante casamento do súbito imaginado.

A baroneza, sempre infeliz, proferira aquellas palavras n'uma violenta coacção moral, calculando sómente com a abnegação e com o affecto dedicadissimo do capitão Avante.

Uma hora depois, quando pôde refletir, comprehendeu que sob as calumniosas e infamantes accusações das suas relações amorosas com o generoso capitão, tinha provavelmente excitado suspeitas no espirito do dr. Leoncio.

Se então, passado o perigo da morte do barão, ella se negasse a realisar o casamento do capitão com a menina Candida, que pensaria o velho amigo, o dr. Leoncio?

Que ideia faria dos seus sentimentos e do seu proceder para com o Avante, que a diffamação lhe dava por amante?

A baroneza era sempre impulsionada a precipitar-se pela funesta e escabrosa ladeira a que se lançára no frenesi do ciume do esposo infidelissimo.

Mas a ideia do casamento do capitão Avante com a menina Candida não era inteiramente nova no animo da baroneza, que chegára um dia a imaginal-a, como recurso para arredar o capitão dos perigosos ardis de Amalia Villares.

Esse pensamento que não se desenvolvera em meditado plano esvaecera-se facilmente, porque, embora não amasse o capitão, ella sabia com que apurado e singular amor era profunda e secretamente adorada por elle.

O dr. Leoncio levára a esposa consternada a lembrar-se d'aquella ideia que nem chegára a ser projecto, e a arriscar-se, affirmando que a tornaria em facto.

Era tempo de satisfazer o compromisso tomado, ou de entrar em explicações difficeis, melindrosas e penosissimas com o medico.

A baroneza passava das maiores afflições para os maiores constrangimentos; mas depois de tristes

hesitações, submetteu-se ao que se lhe afigurou o seu dever.

Com facilidade conseguiu que sua tia D. Margarida se prestasse a auxilial-a, emprasando o capitão Avante para uma conferencia particular em sua casa.

No dia convencionado, a baroneza mandou levar ao barão uma carta em que D. Margarida, dizendo-se doente, pedia á sobrinha que a fosse ver, pois que as melhoras de seu marido já lhe permittiam uma hora de ausencia.

A carta era uma explicação: a baroneza saiu.

E era tempo.

O barão, apoiando-se em uma bengala, já podia andar sem soccorro alheio, embora ainda com arrastados passos.

A baroneza, anciosa e tremula, chegou a casa de sua tia, onde o capitão Avante se achava já havia alguns minutos.

Ao vêl-a o capitão não pôde conter e reprimir um movimento de surpreza.

Havia pouco mais de um mez que o barão se achava doente.

O capitão fôra duas vezes a sua casa deixar o seu bilhete de visita; mas, discreto, nem se fizera annunciar á baroneza, que depois de um mez lhe apparecia emfim emmagrecida, macilenta, com os olhos encovados e com a dôr estampada no rosto.

A baroneza sorriu-se tristemente, observando a impressão que produzira, e que o capitão não pudera dissimular.

—Aproveitemos depressa esta hora destinada á mais atrevida exigencia de mulher desgraçada, e ao maior abuso da santa dedicação do cavalheiro mais generoso.

O Avante ficou impassivel, como quem desde muito exaltado tomára por consolação do seu amor infeliz não medir a extensão de sacrificio algum em favor da baroneza.

—Acha bonita e agradavel a minha afilhada D.

Candida? perguntou rapidamente a constrangida senhora.

—Certamente.

—Julga-a capaz de felicitar o homem de quem fosse noiva e esposa?

—Julgo sim, minha senhora.

—Senhor capitão, disse a baroneza pedindo com a voz, com o olhar e com as mãos quasi postas n'um fervoroso implorar; seja desde hoje o noivo, e em breve o esposo de minha afilhada!...

O Avante estremeceu todo, e com a pallidez da morte no rosto, pois que o sangue lhe refluira para o coração, respondeu logo:

—Absolutamente não, minha senhora.

E como ferido por um golpe inesperado e profundo fez um movimento para se levantar.

A baroneza exultante, orgulhosa, quasi feliz n'esse momento de suave consolação de mulher que se reconhece amada—ella tão despresada por quem amava, tomou entre as suas as mãos do capitão, apertou-as com força, e perguntou-lhe docemente:

—Porque?

—Porque não amo, nem posso amar a sua digna afilhada...

—Mas porque?... tornou a perguntar a baroneza imprudente; mas a saborear sentimentos que lhe negavam com ingratidão cruel.

O Avante respondeu commovido:

—Porque amo outra mulher... embora...

—Embora quê?...

—Seja casada, e ame o seu marido.

D. Margarida olhou suspeitosa para o capitão e para a baroneza, que sem perturbar-se disse immediatamente:

—Nutre um amor infeliz; cure-o com outro que lhe dará a principio consolação, e logo depois encanto...

—Ainda não compreendi; nem a senhora a quem amo compreendeu até hoje que haja dous amores na vida.

A baroneza turbou-se um pouco, recebendo a allusão para ella clarissima.

O capitão Avante acrescentou, com evidente empenho de contrariar a proposta que acabava de lhe ser feita:

—V. ex.ª tem em si o exemplo: não é feliz no seu amor de esposa, dizem-n'o; mas, o seu primeiro amôr é ainda o unico; juro-o.

A baroneza, assim rebatida, esqueceu o desvanecimento feminil que de subito a enlevára; e toda occupada no seu difficil empenho, exclamou, mudando de tom;

—Porque se referiu a mim? Eu fallava-lhe de amores innocentes e puros... e estou condemnada ao desterro da innocencia e da virtude! E' exactamente este o ponto principal da conferencia que nos reune. Não m'o diga; ninguem m'o venha dizer; sei que me dilaceram a reputação; sei que me attribuem tres, dez, cem amantes, e por ultimo o capitão Avante! Para que se lembrou de mim? Não se trata de mim, quando se falla em amores santos! A minha reputação, o meu nome de esposa são como os restos de um naufragio, como o estragado e desprezivel espolio de uma desgraçada defunta.

—Quem ousa ainda hoje calumnial-a? perguntou o Avante, erguendo o rosto.

—Pouco importa saber quem é que diz, o que quasi todos dizem, respondeu a baroneza:

O que importa é que eu me resigne á humilhação, em castigo das minhas culpas; e que o capitão me escute para decidir da minha sorte, se é que eu ainda mereço ser ouvida.

A baroneza fallou com a eloquencia de exaltados sentimentos, expondo quanto se passára entre ella e o dr. Leoncio; e as circunstancias em que este lhe arrancára o desatinado compromisso.

A conferencia durou quasi duas horas.

A resistencia do capitão Avante foi tenaz e desesperada; mas, emfim, as lagrimas e as angustias da mulher estremecidamente amada despertaram-lhe na

alma o grandioso sentimento que predominava na sua natureza magnanima.

O Avante levantou-se de repente a um impeto de extrema obnegação; e, apparentemente frio, mas com as mãos agarradas ao peito da sobrecasaca militar, como se quizesse conter o coração, voltou-se para D. Margarida e disse-lhe com voz grave e solemne:

—Minha senhora; eu amo a senhora baroneza!

E logo cravando os olhos no rosto da mulher, a quem amava, disse-lhe tremulo, profundamente triste, sombrio e como succumbido:

—Minha senhora... minha senhora... amo-a!... mas...

E sentindo que o amor e o desespero lhe tolhiam a voz, o capitão Avante resumiu a grandiosidade do seu sacrificio, murmurando surdamente:

Sim!

E saiu precipitado.

. . . . . .

Quando a baroneza voltou á sua casa, já não encontrou n'ella o esposo ingrato e cruel.

O barão de Amorotahy, logo depois da sahida da baroneza, tinha mandado encher de alguma roupa duas malas de viagem e apparelhar o seu carro, no qual partira com o seu creado de confiança, sem dizer para onde e sem, ao menos por decôro, se despedir de sua esposa.

IV

A leôa ferida

A baroneza ficára por momentos estupefacta quando lhe annunciaram a subita partida de seu marido.

O barão não lhe deixára nem recado, nem explicação alguma.

Apenas recommendara a entrega da carta que escrevera ao dr. Leoncio.

Era extremo e selvagem o golpe de despreso e de aborrecimento descarregado sobre a infeliz esposa.

Mas a baroneza passou em breve da estupefacção á colera e á revolta de animo.

Durante a doença e o tratamento do barão a todos commovera ella com os cuidados, com as afflicções e os terrores, com os estremecimentos do seu amor em exaltada manifestação, e com a paciencia angelica que lhe dera forças para não resentir-se das desabridas repulsões do esposo.

A despresada vira que o medico e os creados haviam sido testimunhas do menos cabo com que o marido a aviltava como a uma criminosa odiada. Isso fôra horrivel; porém passava-se no lar domestico.

Mas o barão ainda doente, precisando d'um tratamento zeloso; tendo uma convalescença morosa, prolongada e melindrosa, fugia de sua casa sem licença, nem conselho do medico, partindo de improviso com um creado por toda companhia, deixando a esposa na ignorancia do seu destino, e privada do simples decôro d'uma ligeira ou cerimoniosa despedida verbal ou escripta.

O despreso do barão ultrapassava todos os limites, tocava a rudeza brutal e a indignidade do calculo injuriador.

Era o despreso publico e ostentoso.

Que se pensaria da baroneza já tão compromettida, vendo-se o barão ainda doente e necessitando de affectuosos disvelos, correr a procurar abrigo longe de sua casa, preferindo confiar-se ao serviço de um unico creado, a ficar tratando-se ao lado de sua esposa?

A baroneza já não se occupava com o juizo do publico.

Não pensou senão alguns minutos na sua injusta difamação que o procedimento inqualificavel do barão ia aggravar.

Que importava uma calumnia mais a quem por dez ou vinte já se achava condemnada?

Mas a ingratidão desmedida? A ingratidão levada ao crime de a atirar ás garras da aleivosia e da maledicencia envenenada?

A amorosa esposa, em transes de amargura, ajoelhára-se chorando aos pés do esposo ameaçado de morte: e o esposo ingrato e indigno do seu amor, repellira-a!

O barão de Amorotahy rejeitára os extremos do seu amor e as delicadezas da escrupulosa enfermeira.

Levára o dr. Leoncio a obrigal-a a apparecer limitadas vezes ao seu doente; e por ultimo procedera de modo que a misera esposa se submetteu ao vergonhoso extremo de se privar do direito de entrar no quarto, onde elle ao declinar da molestia sorria esperançoso á convalescença.

A paciencia angelica da baroneza gastára-se toda n'esse soffrer de desamor, de despresos, de ultrajes durante o periodo tremendo e ameaçador da vida do barão.

Depois, a baroneza, menospresada, offendida diante do medico, e na presença dos creados, concentrára-se resentida n'um triste isolamento.

Era mais que de sobra para o pundonor e dignidade da esposa brutalmente injuriada.

Mas o barão de Amorotahy fez mais: tornou publico o ignominioso despreso, em que tinha a esposa, preferindo ao seu zelo e aos seus cuidados, o auxilio e o serviço mercenario de um criado, fugindo com elle para longe do lar domestico.

O coração da baroneza abriu-se todo ao mais vivo resentimento; revoltou-se-lhe o animo. Não chorou; rugiu como uma leôa ferida e raivosa.

Não ha amor que resista á ingratidão, ao despreso e ao calculo e perverso abandono á irrisão publica.

Ainda sob as primeiras e vehementes commoções que lhe excitára a inopinada partida do esposo,

baroneza viu entrar o dr. Leoncio; e, não podendo saudal-o com a voz, apertou-lhe a mão e entregou-lhe a carta do barão.

O medico ficou surpreendido, lendo a carta.

Reflectiu breves momentos e logo depois, como quem pensasse em dar contas de si, e livrar-se de qualquer suspeita de cumplicidade no acto escandaloso do barão, quiz passar o conciso escripto ás mãos da baroneza, que se negou a recebel-o, repellindo o papel.

O dr. Leoncio leu então em voz baixa e discreta:

«Doutor: disse-me hontem que, no fim de dez ou quinze dias, me mandaria convalescer para algum lugar saudavel fóra da cidade. Senti-me hoje muito melhor, e abreviei o praso da minha convalescença no campo. Mil vezes obrigado. Até á volta.—Seu amigo—*Barão de Amorotahy.*»

A baroneza mostrou-se indifferente e como que alheia á leitura da carta.

O dr. Leoncio fixou a baroneza, e depois de curta observação em que notára o fogo do olhar, o abrasamento das faces e a contracção dos musculos labiaes, disse brandamente:

—Fugiu-me um doente; mas ficou-me outro. Baroneza, o seu marido...

A baroneza estremeceu, e voltando-lhe emfim a voz, balbuciou colerica:

—Ma...ri...do?...

—Sim, seu marido... então?

A baroneza respondeu surdamente:

—Doutor, eu sou viuva.

O medico tornou a fitar os olhos na infeliz esposa, apprehensivo e temeroso; mas dissimulando a zelosa inspecção, disse-lhe ainda:

—Está com razão magoada e resentida: o barão procedeu tão loucamente, que eu supponho-a obrigada a tolerar os meus conselhos de velho amigo e a sujeitar-se ás minhas imposições de medico.

—Acha que estou doente?... Julga-me talvez ameaçada de loucura?.. perguntou a baroneza

rindo mas sem verdadeiramente rir porque os labios se lhe convulsionavam nervosamente.

—Julgo-a muito naturalmente dominada por uma morbida excitação.

—Engana-se, doutor; doente achava-me eu; mas agora, e desde hoje estou curada.

—Baroneza!

—E' positivo, é um facto. Achava-me doente; a minha molestia... cronica... era o amor que sentia por meu marido. Doutor! juro-lhe que estou curada. Já não amo o barão de Amorotahy. Creia-me! elle ainda não morreu; mas eu ha uma hora sou viuva.

O dr. Leoncio, menos receioso de vêr caír a baroneza em uma forte crise nervosa, tornou, dizendo-lhe:

—Ainda bem que póde dispensar os serviços do medico; aceite, porém, os do amigo, baroneza.

—Sempre, doutor; disse ella tristemente.

—Dá licença que lhe peça algumas informações?

—E' inutil; mas póde fazel-o.

—Houve hoje, ou hontem alguma penosa desintelligencía, queixas, ou emfim qualquer coisa desagradavel que precedesse a partida do barão?

—Nada absolutamente.

—A baroneza foi vêr o seu marido... trocaram palavras...

—Não: o doutor sabe que a minha presença repugnava ao barão.

—E que lhe disse o barão ao partir?

—Eu não o vi saír.

—Oh! nem se despediu...

—Eu não estava em casa, quando elle saiu.

—Talvez ainda alguma suspeita...

—Nem isso, ao menos: eu tinha-o prevenido de que ia a casa de minha tia, porque lhe mandei o bilhete, em que ella me rogava que a fosse vêr.

—Ella está doente?

A baroneza perturbou-se um pouco; mas respondeu immediatamente:

—Não.

O dr. Leoncio curvou a cabeça, e pareceu como constrangido pela perturbação que notára.

A baroneza perguntou, agitando-se:

—Não quer outras informações?

—Oh, não!

—Quer, sim; e dou-lh'as completas.

—Se o pensa necessario...

—Não é do barão, é de mim que se trata agora. Doutor, fui a casa de minha tia para ter em sua preença uma conferencia indispensavel com o capitão Avante.

—Baroneza!

—E foi o sr. dr. Leoncio que me obrigou a isso.

—Eu?!

—Sim, o doutor.

E a baroneza, ainda mais expansiva e ousada na sua exaltação nervosa, referiu ao velho amigo toda a historia das suas relações com o capitão Avante, a origem d'ellas, a sua declaração de amor e a sua magnanima dedicação, desinteressada e sublime, depois de saber que nunca poderia ser amado pela esposa que embora muito despresada, continuava a amar o seu marido.

O dr. Leoncio viu imprudencias, romanesco sacrificio, cegueira de confiança na historia da baroneza.

Acreditou, porém, em tudo, observando, admirando a fervorosa eloquencia da narração fluente, rapida, ás vezes precipitada mas sempre com nexo verosimil, consequente, e sempre isenta da mais ligeira contradicção.

Finalmente a baroneza exclamou:

—Foi assim que, pela certeza do meu poder sobre o capitão, e pela confiança que eu tinha na sua abnegação pessoal para se prestar a quanto eu d'elle exigisse, a fim de felicitar a minha triste vida ou de minorar a minha desgraça, foi assim, dr. Leoncio, foi por isso que eu lhe asseverei que faria com que esse generoso mancebo desposasse a minha afilhada.

—E então?...

—A conferencia em casa de minha tia teve por objecto esse empenho, a que o doutor me obrigou para salvar a vida de meu... d'esse homem que foi meu marido.

—E o capitão Avante? perguntou, vivamente curioso, o medico.

—Resistiu, revoltou-se: vio-o em horriveis tormentos: mas, por fim, sublimena sua dedicação, curvou-se á minha vontade; e quasi sem voz pelo excesso de dôr, respondeu-me balbuciante—sim!—e fugiu desesperado, sem ao menos saudar a minha tia, nem a mim!

—Baroneza! exclamou de novo o medico; o seu infortunio é enorme; mas a estima do capitão Avante é uma consolação equivalente pela admiravel grandeza da sua virtude.

A baroneza exaltou-se ainda mais, e disse com ardor:

—E eu, doutor?... e eu?... com que direito, como pude exigir, demonio do abuso, demonio do egoismo, como impuz o sacrificio perpetuo d'aquella vida, e d'aquelle amor primoroso? E por quem?

—Baroneza! disse o dr. Leoncio, querendo conter o rugido da leôa ferida.

—Oh, não! exclamou a baroneza, levantando-se arrebatada.

—Que vai fazer?

— Vou escrever ao capitão Avante; quero vel-o hoje mesmo... immediatamente.

—E para que? perguntou o medico, levantando-se tambem.

—Para lhe dizer que as razões da minha exigencia egoista e barbara cessaram para sempre... e que...

—E que o capitão Avante está dispensado de levantar essa outra barreira diante do seu amor; acrescentou o dr. Leoncio que interrompera a baroneza.

—Doutor! exclamou ella.

—Pelo menos assim o pensará o capitão Avante.

A baroneza fez um movimento de impaciencia e de colera.

O velho amigo continuou, dizendo:

—Enfade-se embora; ouça porém a verdade: é do seu indeclinavel dever desarmar, por todos os meios as calumnias dos seus detractores e as suspeitas que amesquinham o seu credito.

—Já não tenho credito, respondeu a baroneza com rispidez.

—O casamento do capitão Avante com a sua afilhada...

—E' um sacrificio que já não tem razão de ser.

—Tem; porque n'esse casamento, o capitão reconhecerá o mais completo desengano dado ao amor que lhe tributa.

— O desengano mais completo já elle o recebeu logo depois da declaração do seu infeliz sentimento.

—Já m'o disse, e eu creio plenamente em tudo que lhe ouvi; mas o amor que não morreu com o desengano, e que se dissimula n'uma dedicação amiga, vive ainda, e sómente póde viver de sonhos embora vãos, e de esperanças ainda mesmo illusorias.

—Supponhamol-o, respondeu a baroneza: que tenho eu com os sonhos alheios?

O dr. Leoncio fitou a baroneza que resistiu impavida ao olhar prescrutador, cravado no seu rosto.

O velho amigo disse logo depois:

—A baroneza é virtuosa; porque sabe dominar-se, vencer e esmagar affectos, que em sua consciencia, por dever e por educação condemna; mas...

—Acabe...

—No fundo do seu coração sepulta dignamente um involuntario sentimento...

Fugiu pela virtude; ama, porém, o capitão Avante...

A baroneza desatou emfim a chorar, ainda irosa, mas desabafando-se da colera pela valvula do pranto.

—Acertei? perguntou o velho medico docemente.

—Oh, não!... mil vezes não!... Eu só amei um homem!... Eu só amei, eu amava meu marido!... oh!... mas o amor é á escravidão, o rebaixamento, o inferno da mulher!... o meu opprobrio proveiu d'esse sentimento aviltador! marido ou não o homem amado é o algoz, é o assassino da mulher que ama!... doutor!... eu já não tenho coração; porque já não amo. Doutor!... eu sou viuva.

Esta volta apaixonada e desabrida ao justo e enfurecido resentimento do proceder perverso e revoltante do barão agradou, enterneceu o bom amigo dr. Leoncio, que ainda interessado e solicito, aproveitando as expansões da exaltada senhora, lhe beijou as mãos commovido, e disse com subtil curiosidade:

—Mas não é do barão, do seu injustissimo marido que eu fallava.

—Como tinha fallado de amor!... respondeu, enxugando as lagrimas, a baroneza.

—Eu ousava alludir ao capitão Avante.

—Juro que não o amo; juro que nunca animei o seu amor.

—Mas tolera-o.

—Não!

—Baroneza!

—Não!... não!

—Oh!.. E' incomprehensivel, baroneza! Cada palavra sua é um raio de luz de verdade. Explique-se! Franqueza com o velho amigo. O que devo pensar do que sente, tendo a certesa de que o capitão Avante a ama extremosamente? Diga!

—Doutor!... meu amigo! Eu sou mulher e fui vaidosa. Não amo o capitão Avante; mas desvanecia-me! Ufano-me com o seu amor porque outro igual, tão puro, tão sublime e tão santo nunca mereci na terra.

—Baroneza, disse o dr. Leoncio; chego a pensar que tem fundamento a sua ufania; mas por isso mesmo peço-lhe um favor.

—Diga.

—Não escreva hoje, nem amanhã ao capitão Avante, antes de ouvir-me

—E ámanhã, doutor?

—Eu voltarei a vel-a.

—Pois bem, seja assim, mas até ámanhã sem falta.

V

A chacara escura

O barão de Amorotahy só pensava em Amalia de Villares.

Reconhecendo-me melhor, retirára de casa, porque não podia avistar-se n'ella com o objecto da sua paixão criminosa.

Dera suas ordens ao cocheiro que casualmente, ou porque fosse de menor volta a passagem, levou o carro pela rua, onde morava D. Margarida.

O barão fizera cerrar as cortinas para escapar á curiosidade, um pouco incommoda, das pessoas que o conhecessem.

Ainda assim porém não lhe foi estranha a rua por onde era levado, e instinctivamente, vendo que ia passar por diante da casa de D. Margarida, dobrou o corpo, e levando a mão á cortina, entreabriu-a de leve, e olhou.

Era o momento em que o capitão Avante saia apressado, tendo concluido a conferencia com a baroneza.

O barão fechou rapida e completamente a cortina que entreabrira, e com os dentes cerrados murmurou uma surda, mas horrivel injuria que o criado que o acompanhava felizmente não entendeu.

O esposo, no primeiro impeto de orgulho, reputando-se ultrajado, sentira um forte abalo; serenou, porém, quasi logo, com prontidão que chegaria a afigurar-se inverosimil.

O barão experimentava o prévio remorso do ultimo ultraje que preparava a sua esposa.

Escravo cego da vontade e do odio de Amalia de Villares, estava decidido a separar-se da baroneza; e em sua consciencia condemnava-se por isso, como oppressor perverso d'aquella cuja desgraça fizera.

Durante a sua doença, o amor extremoso e manifesto, os ternos cuidados da baroneza irritavam-o. Antes a queria indifferente ao seu padecer, manifestamente impiedosa, má emfim.

Aspirava apparencias, ou fundamentos que mais tarde diminuissem o acto violento e atroz que premeditava.

O lenço da baroneza que D. Villares denunciára esquecido em sua casa pelo capitão Avante não era decisivo argumento que demonstrasse a extrema condescendencia ignominiosa da esposa accusada: podia ser um imprudente, estouvado mimo da esposa que em ciumenta vingança se deixava namorar, e até provocava galanteios.

Mas finalmente o barão acabava de receber um golpe inopinado que lhepareceu um vehemente indicio da sua deshonra conjugal.

Não suspeitára da baroneza, sabendo que ella saira a visitar sua tia, lêra o bilhete que esta escrevera reclamando a visita; e sem leve conjectura de ardil e de perfidia, sómente aproveitára a ausencia da esposa para effectuar logo e precipitadamente a sua já projectada partida para o preparado retiro, afim de evitar na hora da saida possiveis e até provaveis scenas de justo resentimento, ou de expansões dolorosas do amor que estava aggravando os seus remorsos.

Partira; e levado pela rua onde estava a casa de D. Margarida, vira sair d'ella o capitão Avante.

Portanto houvera ardil e perfidia na visita da baroneza, que em sua tia achára uma cumplice.

D. Margarida era uma viuva de preclara honestidade; mas senhora muito simples e rude de quem facilmente abusaria a intelligente, instruida e habilissima baroneza, que ella amava com todas as cegueiras de um amor de mãi.

A visita da sobrinha á tia fôra um pretexto, e uma explicação falsaria: o fim tinha sido o encontro ajustado da baroneza com o capitão Avante.

E para que esse encontro dissimulado? Para que o enganára e com a mais revoltante mentira inventára uma molestia da tia, e fôra a casa d'esta passar duas horas em secreta, em misteriosa intelligencia, em intimidade com o capitão Avante?

D. Margarida era velha; os velhos têm o somno facil; e os moços sabem fazel-os dormir.

O capitão Avante mal conhecia, ou nem conhecia D. Margarida que raro e só por excepção se mostrava na sociedade; que motivo, pois, o levára a casa da simples e rude viuva, á mesma hora em que lá fôra tambem a baroneza?

Evidentemente todas as apparencias, as circunstancias, a coincidencia inexplicavel da presença dos dois suspeitados amantes á mesma hora, na mesma casa, eram indicios veementes da traição e da infidelidade da esposa do barão de Amorotahy.

Ao receber de improviso e inesperadamente a impressão terrivel do flagrante delicto da baroneza, o esposo ultrajado revoltára-se e em furia abafada fulminára a supposta adultera com um insulto que felizmente não foi ouvido.

Mas o barão serenára mais depressa do que era imaginavel n'um homem ainda mesmo de pouco brio.

O escravo louco, o ardente apaixonado de D. Amalia de Villares descobrira nas vivas e verosimeis conjecturas do seu opprobio de esposo uma escusa do seu determinado escandalo, um fundamento aceitavel para se separar da baroneza; uma desculpa illusoria ante a propria consciencia, que aliás pune sempre, zombando de illusões; uma defesa improficua contra o remorso, que aliás morde e remorde sem cessar alimentado á força pela lembrança do crime no animo do criminoso.

Mas o barão de Amorotahy só e exclusivamente se occupava de Amalia de Villares.

O barão de Amorotay tinha mandado poucos dias antes alugar, com segredo recommendado e obedecido, e preparar para receber um grande e um pouco solitario retiro em Andarahy.

O sitio ficava escondido entre dous montes; a casa perdia-se occulta no meio de um extenso e sombrio arvoredo.

Chegando ao seu abrigo, o barão recolheu-se andando fracamente, mas sem o apoio do braço do criado.

Entrando em casa o seu primeiro pensamento e cuidado foi escrever.

Traçou a seguinte, resumida e eloquente carta:

«D. Amalia:—Morro, se não a vejo: unicamente para a ver estou desde este momento, sósinho sem receiar companhia, em Andarahy, chacara conhecida pela denominação de—Escura—A escuridão pede luz—e o amor pede vida. A vida é o olhar, é a voz, é o sorrir do anjo. Quer saber quem é o anjo?... Venha perguntal-o ao—barão de Amorotahy.

O criado recebeu esta carta, e ordem para partir e entregal-a immediatamente.

Indiscreto ou malicioso, o criado perguntou com os olhos no chão:

Devo apresentar-me á sr.ª baroneza, e informal-a do bom estado do sr. barão?

—Não é preciso: a baroneza bem o sabe, disse o barão de mau modo.

O criado partiu.

O barão foi sentar-se á sombra de uma arvore frondosa; e, fatigado pela viajem, adormeceu e sonhou com Amalia de Villares.

VI

Contracto de duas infamias

O barão de Amorotahy desejava ardentemente ver Amalia de Villares; mas, apezar de conhecer

que ella era ousada, não contava com a sua condescendencia até ao ponto de vir visital-o na chacara solitaria.

O criado chegou com a resposta da formosa e estouvadissima dama.

O barão rompeu vivamente o enveloppe da carta; não achou, porém, que ler. O enveloppe continha apenas uma flor: era uma saudade.

Semilhante resposta contentaria um namorado de vinte annos de idade; inspiraria talvez um suave canto a algum estudante poeta.

O barão considerava como ridiculo o amor platonico, e imaginarios os seus gosos.

A *saudade* que Amalia de Villares lhe mandára apagou-lhe a esperança de fruir, embora por muito pouco tempo, a presença da mulher que lhe incendiava o coração.

Ainda assim, o cansaço da viagem breve e commoda, mas em todo o caso fatigante para quem estava muito fraco e tambem de certo a benefica influencia do ar puro e saudavel de Andarahy, deram ao doente, entrado em convalescença, uma noite de somno longo, doce e tranquillo, como havia mais de um mez elle não tinha dormido.

O barão acordou tarde como costumava. O despertar trouxe-lhe a tristeza.

A sua paixão perseguia-o incessantemente com a imagem de Amalia de Villares a inflamar-lhe a imaginação.

Depois de um ligeiro almoço, foi sentar-se melancolico e pensativo á beira de uma limpida corrente que cahia do alto da montanha por um leito pedregoso.

Era meio dia.

O sol brilhava ardente; mas o barão, abrigado á sombra de um grupo de arvores, sentia sómente o calor vivificante, sem experimentar a severidade dos seus raios.

Da vegetação, da briza a surrar nas folhas, e da corrente que murmurava, deseendo pelo seu leito

semeado de pequenos rochedos multiformos vi-nham-lhe doçuras que o enlevavam n'um abandono de suave melancolia.

Como querendo sonhar sem dormir, fechou os olhos, e ficou imaginando... fantasiando.

Esteve uma hora assim, com os olhos cerrados, sentindo a doce brisa e ouvindo o murmurio da corrente.

Um distinto ruido estranho arrancou-o do seu enlevo e obrigou-o a olhar.

Escapou-lhe quasi um grito; abatido quiz levantar-se mas não pôde.

Sorriu inebriado, estendeu os braços e saudou em muda eloquencia a inesperada e exultante ventura que o surpreendera.

D. Amalia de Villares acabava de mostrar-se, surgindo d'entre as arvores, como uma graciosa e romanesca apparição.

A linda e terrivel dama, invejosa e malefica, não abandonára os seus planos contra a *baroneza de Amor*.

O capitão Avante estouvadamente excitára ainda mais as suas iras feminis.

Depois da noite em que fizera a declaração do seu amor de selvagem a D. Villares, o capitão não tornára mais a casa d'ella.

Corria como certa a noticia de que o barão estava ás portas da morte, e mais tarde que, se milagrosamente escapasse, ficaria condemnado á paralisia por todo o resto da sua tristissima vida.

Morto ou paralitico o barão, desappareciam as circunstancias que tinham levado o Avante por um calculo tão original como imprudente, a ir apresentar as suas declarações amorosas a D. Amalia de Villares.

Pensando assim, o capitão esquecêra de todo a vaidosa senhora, que por muitos dias o esperou debalde.

Amalia de Villares soubera do attentado que barão soffrera e do soccorro opportuno do capitã

Acreditava que este e o barão tinham reconhecido o autor principal do crime, que além d'isso todos indicavam; não admittia porém que o Avante acreditasse que ciumes da espôsa, e desaffronta de honra offendida tivessem armado o braço de seu marido; e rejeitava ainda mais e absolutamente a hipotese de que o medo afugentasse de sua casa o capitão.

Outra devia ser a explicação do facto; e Amalia de Villares, com seu instincto feminil d'essa vez injusto e falso, viu a *baroneza de Amor* influindo sempre sobre o Avante e dirigindo o seu procedimento.

O capitão desertára ou raro apparecia nos theatros e nos salões, onde sabia que a baroneza, toda occupada com o seu esposo prostrado no leito e em risco de vida, não podia apresentar-se.

Mas D. Villares era teimosa; não recuava ante a inconveniencia, e o compromettimento de sua dignidade, quando algum empenho a impulsionava.

Um dia o capitão Avante recebeu pelo correio uma brevissima carta sem assignatura, e leu o seguinte:

«Fulge agora sem occaso o sol?... O selvagem, offuscado e perdido em abismos de luz, sacrificou esquecido o seu culto feroz á estrella da noite?...»

O Avante era em verdade até certo ponto eivado de uma selvatica aspereza.

Reconhecendo de quem lhe viera a carta indiscreta amarrotou-a e não correu aos pés da offerente vencida a reclamar a sua corôa de brutal vencedor.

Amalia de Villares mostrando uma aviltadora rendição, escrevendo aquella carta, contava com o selvagem, e preparava-se para o mistificar e escravisar, empregando o sistema, que lhe déra o dominio absoluto do barão.

Mas o capitão Avante nem respondeu á carta, nem acudiu a render-lhe culto.

Era muito; era a extrema offensa á vaidade de Amalia de Villares.

A offendida, em vez de se revoltar contra o offensor que a despresava tão asperamente, tornou-se frenetica e caprichosa; ardeu por ter a seus pés, captivo e rendido, o capitão Avante, ainda que fosse para o empurrar com o pé, depois de o contemplar ajoelhado e submettido. Duplicou, porém, o seu odio á *baroneza de Amor*, a quem julgava rival feliz e adorada.

Durante mais de um mez de torturas de vaidade, de provocação esteril, de desengano cruel, de resentimento horrivel e de furias de odio, Amalia de Villares apenas se lembrára algumas vezes do barão de Amorotahy, cuja paixão excitára, e que estava ás portas da morte.

O barão moribundo parecera-lhe uma carta inutil em jogo perdido; e salvo, mas paralitico, ficaria quasi o mesmo que morto.

O barão morto ou paralitico era em seu pensar a liberdade mais ou menos absoluta da baroneza, e a destruição dos seus planos de inveja perversa.

Mas, annunciado o provavel restabelecimento do barão, Amalia de Villares não se alegrou por elle; reanimou-se com a esperança de levar ávante seus projectos sinistros.

A retirada do barão do seio da familia, fugindo evidentemente do contacto, ou da presença da esposa exaltou ainda mais D. Villares, que logo informada d'esse facto, pensava em descobrir o retiro do convalescente, quando recebeu no bilhete demasiado exigente de sua visita a mais segura prova do seu poder dominador.

Determinando causar uma doce surpreza ao barão, mandou-lhe por unica resposta uma «saudade».

A innocente flôr era portadora de uma falsa indicação do mais terno sentimento, porque D. Amalia nunca sentira saudades do barão.

No dia seguinte a ousada senhora effectuou a visita tão almejada.

Saiu só no seu carro, como era de seu costume; fel-o seguir para Andarahy, desviando-se da estrada,

avançar para a *chacara escura*, e, apeando-se á porta da casa, soube onde podia encontrar o barão.

Sem lhe importar o juizo dos criados, apressou-se a ir surpreendel-o, executando para isso um pequeno rodeio, e mettendo-se por entre as arvores e arbustos do meio dos quaes rompeu de repente, a breve distancia do barão, fazendo um ruido leve mas sufficiente para chamar a attenção.

Amalia de Villares levava os cabellos soltos e caidos em anneis e uma calculada «toilette» branca, simples e graciosa.

Com suas mãos pequeninas defendia o vestido das aggressões dos galhos mais baixos dos arbustos, arregaçando-o um pouco.

Juntara aos seus habeis encantos a vivissima expressão do medo, da confusão, da anciedade, e do amor apaixonado.

O barão viu-a surgir assim d'entre as flôres; e, em voz, quasi desmaiado, como que em extasis, apenas pôde sorrir e estender os braços.

Amalia de Villares correu para elle, e como que n'um impulso irreflectido, pôz-lhe as mãos nos hombros, e dobrando o corpo, beijou-lhe repetidas vezes a fronte.

O convalescente, enlaçando-a pela cintura, abraçou-a com ardor.

D. Villares desprendeu-se, recuou um passo e disse:

—Barão!... eu não devia ter vindo aqui...

—Oh!... trouxe-me a vida!

—Era porém demais... mez e meio de horriveis torturas; porque não me era licito ir vêl-o... bem o sabe... a baroneza fechou-me a porta da sua casa...

—D. Amalia!... soffreu por mim... ama-me?...

—Se o amo!... barão. Não lh'o diz esta visita? Não lh'o prova esta minha imprudencia? Expuz-me ao perigo que ainda corro; mas tambem será a primeira e ultima vez.

—A ultima!?

—Sim: desejo viver para o nosso amor; não quero que me matem, como o quizeram matar.

O barão curvou tristemente a fronte, reconhecendo-se abatido, fraco e incapaz de uma protecção effectiva.

Amalia de Villares tirou do cinto um pequenino relogio de ouro cravejado de brilhantes, e disse:

—Irrevogavelmente a primeira e ultima visita que durará sómente dez minutos. E' uma hora e cincoenta minutos. A's duas horas partirei.

—Ah! então abandona-me assim?

—Barão; eu já sabia que a sua convalescença tinha começado; agora exulto, vendo-o n'um estado mais animador do que eu suppunha. Vou deixal-o tranquillo, contente, levando o coração cheio de ternas esperanças.

—Ternas esperanças? Deveras tem-n'as, e permitte que eu as tenha?... perguntou o barão, tomando as mãos de Amalia de Villares e apertando-as docemente.

—Não nos occupemos hoje d'este assunto: poderia ser-lhe nocivo.

—Então... voltará outro dia?

—Impossivel.

—Em tal caso, D. Amalia, responda á minha pergunta.

—A conversação póde fatigal-o... e eu receio...

—Fazer-me bem?... apressar o meu restabelecimento?

Amalia de Villares tinha ido visitar o barão exactamente para ver se podia intender-se com elle no sentido que mais convinha aos seus malevolos designios.

—Se fosse assim!... murmurou ella.

—Olhe que o é!?

—Mas eu não tenho nada a responder-lhe, barão!.. já lhe prometti tudo.

E abaixou a cabeça, simulando uma confusão de pejo.

O barão beijou-lhe as mãos.

—Tinha-o esquecido? perguntou Amalia levantando os olhos.

—Não; mas temia...

—Só podia temer, arrependendo-se do que tambem prometteu.

—A minha separação?

—Exactamente.

—Estou pronto a realisal-a.

Amalia de Villares conteve o seu jubilo e disse:

—Barão, sejamos francos: vou ser a causa do maior infortunio da baroneza.

—Já a repudiei claramente, vindo sem ella para esta chacara.

Amalia de Villares continuou, falando no mesmo tom de hipocrisia:

—Dóe-me isso sinceramente; tenho sido muito estouvada; mas não sou má.

—E' um anjo!

—Allucinada pelo seu amor, barão, sujeitando-me a deixar a casa de meu marido e a isolar-me da sociedade para ser sua, exclusivamente sua, tenho direito a exigir que o senhor seja tambem meu, exclusivamente meu.

—Sim! sim... exclamou o barão.

—Pois bem! disse Amalia de Villares com animação apaixonada. Seja assim.

E continuou no mesmo tom:

—Dentro de quinze ou vinte dias o barão estará de todo restabelecido, e voltando para a cidade tratará da sua separação.

—Fal-o-ei! juro-o.

—No dia em que o barão e a baroneza a tiverem formalmente effectuado, o barão escrever-me-á, annunciando o facto, e eu lhe responderei, marcando a hora em que ficará sendo senhor do meu destino.

—Oh, D. Amalia! Voarei para receber em meus braços a minha adorada, a soberana perpetua da minha vida!

—Não, não; tenho medo. O nosso primeiro e encantado asilo deve ser aqui.... na «chacara escura».

Marcada a hora, achar-me-á á sombra d'esta arvore auspiciosa.

—O seu medo é infundado, D. Amalia; mas obedecer á sua vontade é uma gloria para mim.

—Barão, acabamos de lavrar um contracto.

—E que ha-de ser irrevogavel.

—Espere; eu tinha ainda uma condição... um exigente pedido...

—Seja o que fôr, cumprirei.

—Veja bem o que diz...

—Oh, D. Amalia, dando-me tanto, dando-me o céo na terra, que poderei eu negar-lhe?

—Barão, faz hoje quarenta e tres dias que a deshoras da noite foi commetido um infame attentado contra a vida do homem mais digno e mais amado. Peço, quero que o offendido não procure vingar-se do offensor.

O barão turbou-se; de pallido que estava córou: correram-lhe gottas de suor pela fronte; flammejaram-lhe os olhos.

Amalia de Villares disse com doçura:

—Eu quero...

O barão balbuciou raivoso, a custo e como que se mordesse as palavras:

—Bengaladas...como...lacaio...

D. Amalia repetiu ainda com mais ternura!

—Mas eu quero...

O barão olhou para ella; e, vendo-lhe o olhar e o sorriso encantador, disse submetido:

—Não me vingarei

—Contracto firmado! exclamou jubilosa D. Amalia.

E logo consultando o relogio disse:

—Ah! Já duas horas e um quarto!... quinze minutos de mais! Barão ordeno-lhe que se restabeleça depressa! Adeus!

E ia a retirar-se ligeira.

—Oh, D. Amalia! assim me foge e me deixa !? clamou o barão sentidamente.

A bella maldosa, comprecndeu que fôra menos

habil actriz n'esta despedida sem lance de paixão; e, voltando-se rapidamente disse com fingido enleio:

—E' que o seu olhar confunde-me, por que é um olhar que incendia.

E sorrindo satanicamente encantadora, aproximou-se do barão; e com os seus delicados dedos de branco setim e rosa cerrou-lhe as palpebras deu-lhe na boca um voluptuoso beijo.

Quando o barão abriu os olhos viu Amalia de Villares retirando-se quasi a correr por entre os arbustos e flôres.

VII

Proposição de separação

A commoção produzida pela visita de Amalia de Villares, e o inconveniente assunto de que com tanta imprudencia ella occupára o barão, deixou a este algumas horas de abalo e de prooccupações; não aggravou, porém, como era para recear, o seu estado.

Se o homem que se escravisa a uma paixão pudessse escapar á primeira consequencia espiatoria, que é a incapacidade de reflectir sem prevenções, o barão teria reconhecido o egoismo perverso, e o mais patente desamor de D. Villares no facto de vir excitar o seu espirito e a sua tão melindrosa susceptibilidade nervosa com ideias e designios violentos sem respeito pela sua convalescença ainda precaria.

Mas o barão de Amorotahy dominado por aquelle lindo demonio que se chamava Amalia de Villares, viu na sua visita, no seu procedimento, nas suas exigencias, e provocações astutas sómente a manifestação exaltada da mais rendida ternura e de explosões de um amor arrebatado.

O barão achava na formosura, na graça de provocadores sorrisos, no olhar abrazado, na conversação animada, nos modos e na petulancia de Amalia de Villares, não o bello ideal, mas a imaginada realidade da perfeição material.

A astuta e implacavel inimiga da *baroneza de Amor* conseguira com os seus artificios alluein r o barão.

O contrato da infamia já d'antes pro[illegible], discutido e aceito, fôra como que lavrado e assignado.

O barão obrigára-se a separar-se de sua esposa, sanccionando com esse acto todas as calumnia, que laceravam a martir de amor enlouquecido.

Amalia de Villares obrigara-se a fugir do lar conjugal e a conviver com o barão.

Era enorme infamia.

Mas realmente espantava que Amalia de Villares, não amando o barão de Amoretahy, sómente por vinganca e por inveja ferez; sómente para fulminar com uma opprobriosa separação a *baroneza de Amor*, se condemnasse tambem ao despreso publico, e, e que talvez fosse ainda mais doloroso para ella, se privasse da sociedade elegante, que lhe fecharia as suas portas.

Assombrava certamente esse rancor, para satisfação do qual Amalia de Villares, a joven vaidosa, estouvada e garrida sacrificava o goso dos bailes, a enebriante atmosfera de lisonjas, os cultos de adorações, que eram mais do que a consolação, o encanto, a luz unica da sua vida, mas que a embriaguez da imaginação enchia de commoções, de vangloria, de arrebatamentos e de ufania.

Quem se julgaria capaz de sondar toda a profundeza do odio no coração d'essa mulher que, para matar moralmente a sua rival, moralmente se matava tambem.

Mas, como quer que fosse, o barão de Amorotahy recebera a promessa e o juramento da posse absoluta, exclusiva e não dissimulada de Amalia de Villares.

O seu ninho de amor escandaloso estava marcado.

Firmára-se o contrato da infamia.

Só faltava que se regenerasse completa a saude do convalescente.

A quietação do corpo, a doçura e a salubridade do clima levaram a convalescença do barão até o ponto de ao termo de seis semanas se julgar elle perfeitamente restabelecido.

Falsa era a ideia do perfeito restabelecimento.

O barão já andava desembaraçadamente, acelerando os passos: tinham-lhe voltado a robustez fisica e a côr natural do seu rosto.

Estava nutrido, e o seu corpo rehouvera todo o seu antigo garbo. Mas no ponto lesado da espinha pronunciava-se ás vezes uma dôr, como a que produz a picada profunda de uma agulha, dôr que ainda respondia á pressão feita pelos dedos do proprio barão que se observava, conforme tinha visto fazer o sr. Leoncio.

O possesso de D. Villares porém não podia por mais tempo dilatar o seu desterro de convalescente.

Passára seis semanas sem ver Amalia que apenas lhe atiçava a paixão em cartas loucas que eram mentirosos anhelos de petulante rendição condicional.

O barão impacientava-se.

Para illudir o tempo, leu, estudou no direito civil e na lei do paiz todas as disposições e todos os processos que se referiam á separação conjugal; e habilitou-se de modo a poder dispensar advogado.

Um dia occupou-se indignamente em redigir carta propondo a separação á baroneza.

Depois entreteve-se, prelibando ferventes gosos, em negociar a compra da *chacara escura*.

Facil em ceder a exigencias de preço exagerado, effectuou a transação, ficando proprietario do romanesco sitio, onde Amalia de Villares tinha de ir viver amorosamente com elle, fugindo do tecto conjugal.

Os dias arrastavam-se morosos; mas o barão consolava-se reconhecendo o progresso, embora em sua impaciencia muito lenta, da regeneração da sua saude.

A's vezes tinha horas de violento furor, lembrando que Amalia lhe impozera o sacrificio da sua desaffronta, o esquecimento de todas as ideiss de vingança que o barão tinha em mente para pagar com usura as bengaladas que recebera de Mario de Villares.

O barão vencia os impetos da sua raiva, lembrando-se de que se vingava bastante do miseravel, tomando-lhe a esposa, não repudiada, por amante ostentosa e tida e mantida por elle e com pleno conhecimento de todos.

Finalmente sentiu-se ou suppôz-se restabelecido e forte.

A crise era duplice: a separação da propria esposa; e o rapto, ou condescendente entrega da esposa de outro.

A propria esposa atira á deshonra; e a esposa de outro levada á mancebia.

Dous crimes, duas offensas ao dever, á sociedade e a Deus.

O barão considerou-se, pois, em completo ou sufficiente restabelecimento e accordando animado n'uma manhã que lhe sorriu afortunada, mandou pôr o carro e partiu para a cidade, deixando a «chacara escura», a que em breve havia de voltar com Amalia de Villares.

Tinha mandado alugar casa para sua morada provisoria na cidade; antes, porém, de se apear, foi pressuroso procurar D. Margarida.

A nobre senhora recebeu-o com a sua natural bondade, mas um pouco friamente, porque lhe doía a crueldade do abandono injurioso em que fôra deixada sua sobrinha.

O barão apenas se sentou, disse:

—Minha senhora, venho pedir-lhe dois importantes favores.

—A mim?! E quaes são elles?

—O primeiro é merecer-lhe a condescendencia de entregar pessoalmente hoje mesmo esta carta á senhora baroneza

E apresentou a carta a D. Margarida.

—Ah! perguntou esta; escreve-lhe? Então não a vai ver? Evita a sua esposa?

Em vez de responder, o barão accrescentou sem a mais leve alteração de voz:

—E o segundo favor é que v. ex.ª aconselhe a senhora baroneza a aceitar a proposta que n'essa carta lhe dirijo, de separação conjugal por consentimento mutuo.

—Separação conjugal? exclamou D. Margarida, levantando-se.

O barão levantou-se tambem, e disse glacialmente:

—Cumpre-me prevenir a v. ex.ª de que, não concordando a senhora baroneza com a separação que lhe proponho, hei-de a seu despeito effectual-a; e em tal caso não poderei poupal-a... nem poupar-me ao escandalo publico.

E, pegando no chapeu, o barão cumprimentou com cerimonioso respeito D. Margarida e saiu.

A veneranda senhora, extremosa tia da baroneza, ficou attonita, de pé, immovel e muda pela dor do golpe que recebera e pela indignação de que se tomára.

Só passados alguns minutos lhe voltaram a voz e o movimento.

A baroneza murmurou a tremerem-lhe os labios:

—Castigo de Deus!

E avançando dois passos, segurou com impeto nervoso a campainha e tocou-a fortemente.

Acudiu uma criada a correr.

—O meu carro, exclamou D. Margarida; quero sair já.

E pouco depois, vestida como estava na simplicidade do seu viver domestico, seguiu para casa da baroneza.

VIII

O capitão Avante e o barão

O capitão Avante vivia melancolico e sombrio.

Durante a doença do barão de Amorotahy fôra por duas vezes deixar em casa d'elle o seu bilhete de visita.

Soubera, porém, respeitar o doloroso sentimento da baroneza, não procurando ser por ella recebido.

O apaixonado que se dissimulava em amigo dedicadissimo penava pela privação longa da presença da formosa senhora.

Depois, no dia e hora que lhe aprazaram, foi encontrar-se com a baroneza que o fulminou, impondo-lhe o maior dos sacrificios,—o seu casamento.

O capitão Avante tornou-se desde então pesadamente sombrio.

Sabendo que no mesmo dia da conferencia com a baroneza realisára o barão, subita e insolitamente, a sua retirada para ir convalescer longe da esposa, imaginou e suppoz que a mais injusta suspeita o envolvia nos desgostos e nas tormentas conjugaes que tinham determinado aquelle facto lamentavel.

Mas, deixada pelo esposo, a baroneza encerrára-se completamente em sua casa.

O capitão Avante não devia, não ousou ir apresentar-se a ella.

Esperava e temia uma carta ou um recado a chamal-o: não lhe chegava nem uma nem outra coisa.

Se por isso se consolava, presentindo que fôra esquecido o projecto cruel do seu casamento, exasperava-o a lembrança de que a baroneza se estivesse debatendo em confrangimentos e em extremos rigores de infortunio, sem se recordar do amigo que lhe jurara uma dedicação illimitada.

O capitão Avante assimilhava-se ao homem a quem de repente faltou a luz do sol, e que, cegan

do de subito, a cada passo desnorteia no seu andar desatinado.

Guardava quasi sempre um silencio triste.

Se o dr. Olimpio, com interesse de amisade, o interrogava, ou lhe dirigia sensatas observaçõ es, elle, por unica resposta, repetia o seu costumado conceito:

—Lá na guerra era muito melhor.

Assim aborrecido, contrariado, e em tribulação continua, o Avante desejou commoções para se distrair.

Teve vontade de brigar; jogou freneticamente e sem calculo, dez noites seguidas, e ganhou sempre; imprudente, provocou conflictos, mas não achou quem brigasse com elle.

O capitão debalde procurára distrair-se: no jogo não sentira commoções; e para brigar faltara-lhe adversario; porque a todos era patente a turbação do s u espirito.

Mas finalmente um dia o Avante soube que o barão de Amorotahy acabava de chegar á cidade restabelecido e vigoroso, e que continuava a evitar a esposa, pois que alugara outra casa, excitando por isso commentarios que aggravariam o descredito da «baroneza de Amor.»

O capitão lembrou-se logo da conferencia que pedira ao barão na carta que lhe entregára na noite do attentado brutal de que o salvára.

A casa alugada pelo barão constituia uma evidente injuria feita á baroneza e era ameaça de imminente e maior affronta.

O Avante não reflectiu; resolveu. Foi immediatamente procurar o barão de Amorotahy.

No seu primeiro e excentrico plano, determinára confiar ao barão todas as confidencias que recebera da baroneza, cuja innocencia, virtude, e ardente amor do esposo assim esperava demonstrar.

Em qualquer caso, porém, e ainda em pontos de melindre resolvera negar-se, em honra da baroneza,

ás possiveis provocações do barão, realmente ou fingido ciumento.

Pelo caminho, o Avante modificou o plano antigo.

As circunstancias tinham mudado.

Havia um projecto, uma imposição de casamento que era a fria e egoista condemnação perpetua do seu amor, tão innocente como profundo.

A baroneza esquecera-o de todo havia quasi dois mezes.

Nada mais lhe sorria á vida, nem a consolação da confiança da mulher que amava.

Se o barão o provocasse, porque não acceitaria o repto!

Se mesmo sem o provocar, o barão puzesse em duvida a sua lealdade, ou de qualquer modo deixasse entrever indicios de offensa intencional, porque não o provocaria elle?

Um duello não era uma infamia, e no duello o barão havia de matal-o.

Morto, escapava do casamento, a que promettera submetter-se.

Morto, a baroneza (por fim egoista e ingrata) choral-o-ia talvez, e com certeza diria de si para si: «Morreu por mim!»

Tudo isso era talvez um pouco romanesco; muito insensato porém, e todavia era quanto, dirigindo-se para a casa do barão, tinha pensado o capitão Avante, mal inspirado por longas semanas de tribulação e desespero de amor.

A visita do Avante ao barão logo n'aquelle dia em que chegara, peccava por inopportuna; mas a conferencia que não fôra aprazada, devia parecer ou descortez por intempestiva, ou offensiva por imponente.

Todavia o barão recebeu o Avante que lhe foi annunciado, e fazendo-o sentar, disse-lhe:

—Senhor capitão, cheguei apenas ha duas horas, e ia agora mesmo saír para pagar o tributo da minha gratidão a dous homens que me salvaram a vi-

da: o primeiro é v. s.ª, o segundo o dr. Leoncio.

—O dr. Leoncio tem, creio-o bem, direitos a esse tributo: eu não. Já tive a honra de dizer a v. ex.ª que não corri em auxilio do sr. barão; acudi a um homem a quem tentavam matar.

—Mas aconteceu que fosse eu esse homem.

O Avante não estava habituado a manejos subtis e delicados de conversação, afim de crear ensejo para entrar no assunto que levava na mente.

—E' claro, sr. barão, que não tive o pessimo gosto de vir tomar um tempo precioso a v. ex.ª para me envaidecer com agradecimentos que não mereço.

A observação do Avante era impertinente ou demasiado rude.

O barão perguntou, mudando de tom, e sem affectada cortezia:

—A que veio pois o sr. capitão?

—Vim effectuar a conferencia que tive a honra de pedir a v. ex.ª em carta que lhe entreguei.

O barão alterou-se um pouco, e disse:

—E' verdade, sr. capitão; mas eu ainda não marquei a v. s.ª nem dia, nem hora para essa conferencia.

—Foi exactamente por isso, que me apressei a procurar o sr. barão hoje mesmo, compellido por uma circunstancia inesperada e muito grave.

—Que circumstancia é?

—E' o facto de v. ex.ª ter vindo morar para esta casa abandonando o lar conjugal.

—Senhor capitão!... exclamou o barão levantando-se.

O Avante deixou-se ficar sentado e acrescentou:

—Senhor barão, eu não tenho a ideia de o offender nem provocar. Trazem-me aqui sómente um espontaneo impulso de honrar a virtude, e um dever de lealdade.

—Supponhamol-o, respondeu o barão, sentando-se outra vez.

Ouvindo-o responder assim, o capitão Avante sen-

tiu um arrepio forte de colera; mas, dominando-o, sem que tivesse podido deixal-o passar desapercebido, disse:

—Senhor barão, eu préso a honra e a verdade.

—Creio, senhor capitão.

O modo por que falava o Avante revoltava o barão que, com os olhos fitos n'elle, como que a estudar-lhe na fisionomia aliás pouco expressiva as intenções que o impulsionavam, chegou a conjecturar, que de accordo ou não com a baroneza, mas informado da proposta de separação, vinha incital-o até ao extremo e contingencias d'um duello.

O barão era corajoso e valente.

Repeliu porém decididamente toda e qualquer hipotese de duello, porque sendo de exito infeliz para elle privava-o da posse de Amalia de Villares, ficando livre e impune a baroneza.

E se o resultado fosse fatal para o capitão, seriam quasi as mesmas as consequencias pela necessidade de fugir á acção das leis.

Tendo tomado esse firme proposito, o barão vendo o Avante fazer-lhe observações em tom menos respeitoso, crusou os braços e respondeu com ironia:

—Estou ás ordens de v. s.ª

—Senhor barão, disse o capitão sem hesitar, juro-lhe pela honra de minha mãi e pela de meu pai, que venho falar-lhe espontaneamente, e com absoluta ignorancia da senhora baroneza, de todo estranha a empenho que tomei.

—Ah! trata-se da senhora baroneza?

—Trata.

—O assunto assumiria sem duvida extraordinarios melindres, se eu não tivesse de prevenir a v. s.ª, que não admitto a sua intervenção nas minhas relações com a baroneza.

—Mas eu tenho o direito de exigir que me attenda porque tambem se trata um pouco de mim.

—Em relação á senhora baroneza? perguntou o barão carregando o sobr'olho.

MOR INST. CÉU

—Sim, respondeu o capitão com a fronte erguida.

A atrevida franqueza do Avante collocou o barão na extremidade inexoravel ou de se reputar ultrajado e portanto em obrigação de desaffronta, ou de ouvir pacientemente o que lhe vinha dizer, em conferencia pedida, o capitão.

—Fale, mas acabe depressa, disse elle.

—Acabarei quando acontecer, respondeu o Avante.

O barão, abafando a colera, disse fechando os olhos:

—Fale o tempo que quizer.

O capitão começou, dizendo:

—Um conflicto casual no teatro, caso que v. ex.ª e todos souberam, facilitou-me a honra de me aproximar da senhora baroneza.

O barão conservava os olhos fechados.

O Avante proseguiu no mesmo tom simples e verdadeiro:

—E porque o não direi?... Um dia, senhor barão, cedendo a um apaixonado impeto, ousei fazer uma ardente declaração de amor á senhora baroneza.

—Senhor capitão! exclamou o barão, abrindo os olhos flammejantes de ira.

O Avante observou impavido, e em tom decidido:

—Senhor barão, ouça-me pacientemente até ao fim, porque não tenho intenção de o offender; mas já agora em todo o caso hei-de ir até ao fim.

O capitão ficou a olhar para o Avante com manifesto odio.

O capitão proseguiu, dizendo:

—A senhora baroneza tinha em exagerado reconhecimento o pequeno serviço que sem a conhecer eu lhe prestára no teatro. V. ex.ª sabe isso perfeitamente.

—Adiante! disse rispido o barão.

—Como esposa honesta, repelliu, esmagou a seus pés o meu louco amor; e como senhora agradecida,

honrou-me com as intimas confidencias da sua vida de esposa infeliz, mas virtuosa, martir e amante!

O barão conservou-se immovel e mudo, concentrando a raiva no coração.

—Venho hoje atraiçoar essas confidencias, senhor barão, e começo por declarar-lhe que a senhora baroneza tem amado, e ama perdida e apaixonadamente um homem, um unico homem...

—E quem é? perguntou o barão.

—E' v. ex.ª; disse o Avante com esforço para vencer o seu constrangimento.

—Eu?!...

—Sim; é v. ex.ª que o não quer ver, nem sentir nos proprios ciumes e nos delirantes arrebatamentos da esposa apaixonada.

O barão, incredulo ou em concentração de grande ira, sorriu com ironia raivosa.

O Avante alterou-se, observando aquelle feio sorriso e perguntou com voz abalada:

—De que, ou de quem ri v. ex.ª?

—Ah! senhor capitão!... que posso eu fazer senão rir, quando me está tolhido outro recurso, como consequencia do desempenho da sua commissão!

—Commissão!

—Preciso eu dizer-lhe que é inverosimil e mal disfarçado o artificio de intervenção amiga e conciliadora em quem, desde o principio d'esta conferencia forçada me fala em tom aspero e quasi provocador?

—Póde ser que eu me tenha exeedido; mas sem proposito de o molestar, disse o capitão, reconhecendo o fundamento do reparo do barão.

—E depois, tornou este, a historia das suas relações com a baroneza é tão absurda!... esse romance de gratidão e de amante despresado a ornar-se logo amigo confidente de outro amor da amada... oh!...

E o barão, sopitando a indignação, acrescentou com ligeireza simulada:

—Senhor capitão, ponhamos termo ao que não tem senso commum.

O Avante disse em voz baixa, um pouco trémula, apparentemente abatida e submissa, e que era apenas uma extraordinaria violencia para dissimular o seu furioso despeito:

—Senhor barão, não acabei ainda... devo... quero repetir a v. ex.ª as confidencias que recebi.

—Trabalho baldado para v. s.ª, e desagradavel para mim; baldado, porque não darei credito ás suas confidencias; desagradavel, porque... poupe-me, senhor capitão, o complemento dá...

—Mas eu exijo que v. ex.ª complete!

—Exige? Comprehendo; tocamos, mas v. s.ª toca inutilmente o fim preciso da sua conferencia.

—Agora, disse o Avante, levantando-se, o offendido sou eu.

O barão por sua vez deixou-se ficar sentado, e perguntou, fingindo rir, mas com os labios apenas a tremer:

—A proposito, senhor capitão!... no dia em que me retirei da cidade para convalescer só e em tranquillo retiro no campo, houve uma ajustada, secreta e, sem duvida, innocente conferencia em casa de D. Margarida: V. S.ª póde dar-me tambem alguma noticia d'esse *acaso*?

A pergunta era indigna do barão; elle porém, já meio separado da esposa, teve a ideia de confundir o capitão que aliás respondeu altivo:

—Podia; e de modo a castigar bastante o aleive intencional de v. ex.ª; mas não quero fazel-o, porque v. ex.ª não merece saber a honra do empenho da sua virtuosa esposa!

—Capitão!

—Senhor barão! Exijo que retire as palavras que me dirigiu e que feriram a lealdade do meu caracter: v. ex.ª attribuiu-me mentiras, insensatez e indignidade! E' verdade ou não?...

—Digo-lhe sómente que n'uma noite ha tres me-

zes, o capitão Avante salvou a vida do barão de Amorotahy.

—E esse facto casual serve agora de feliz pretexto para dissimular... fraqueza...

—Supponha-o embora; respondeu o barão que se tornára impassivel.

—Singular gratidão que não me poupa a injurias e me nega uma satisfação de cavalheiro.

O barão encolheu os hombros.

O Avante mordeu os labios raivoso e disse com aspereza descomedida:

—Mais que singular! A gratidão toca o sublime, porque v. ex.ª indicou claramente que me reputa amante de sua esposa... Ora, com similhante convicção...

—E tendo perdido o direito de o matar... exclamou furioso o barão, mas sem completar a sua resposta.

O Avante sorriu-se desapiedada e provocadoramente.

O barão levantou-se com impetuoso desespero, e avançando um passo, disse:

—Senhor capitão!... conseguiu emfim...

Mas interrompeu-se.

Com os olhos fitos no Avante, immovel e soberbamente incitador, reflectiu breves instantes, recuou, sentou-se de novo, e acrescentou friamente:

—Não conseguiu: não posso matal-o, e seria puerilidade fazer-me matar.

O Avante, indignado e suppondo-se objecto de zombaria por não admittir a hipotese de tanta cobardia, teve a ideia de ameaçar de face o barão; contendo, porém, ainda o seu genio desastrado nos accessos de furor, disse com insultuosa ironia:

—Reconheço que devo pedir perdão a v. ex.ª! enganaram-me aquelles que me deram por certo o completo restabelecimento da saude de v. ex.ª.

—Porque? Diga-o impunemente.

—Porque... estou vendo... senhor barão... Isto é clarissimo... influencia do fisico sobre o m-

ral...Não é caso para se envergonhar...é doença...

O Avante torturava horrivelmente o barão que de novo enraivado perguntou, já em pé:

—Porque?... porque?...

—Porque v. ex.ª ainda não recuperou os seus brios de cavalheiro, em face d'aquelle a quem julga amante de sua mulher, e que realmente o desejou ser.

A tão grande e inexcedivel affronta o barão, cuja face se decompoz, fez um movimento, ou para se lançar sobre o capitão, ou mais, digno, para com as suas palavras provocar francamente o offerecido duello da morte, quando foi de subito suspenso pela voz do creado, que disse sem entrar na sala:

—Uma carta da senhora baroneza para o senhor barão.

—Dá cá disse o barão com viveza e estremecendo todo.

O creado approximou-se, entregou a carta e saiu.

O barão rasgou o envelloppe achou dentro a carta que escrevera á baroneza.

No fim da segunda pagina leu uma simples assignatura.

Era quanto desejava: expandiu-se, como se tivesse uma noticia feliz, e, offerecendo a carta ao Avante, disse-lhe quasi alegremente:

—Leia, senhor capitão; esta carta chegou a proposito: já não ha duello possivel entre nós, porque desde hoje nada mais tenho que ver nem com o passado, nem com o futuro da baroneza.

Com o caracter de todo rebaixado por paixões ignobeis, o barão, além de esposo verdugo, tornára-se um homem infame.

O capitão Avante afastou para traz a mão, negando-se a receber a carta sem pronunciar uma só palavra de escusa.

Já exclusivamente occupado de Amalia de Villares, o barão que ardia por se ver livre do Avante, disse com total esquecimento do brio e da dignidade:

—Senhor capitão, este papel contém a proposta de separação por consentimento mutuo que hontem dirigi á senhora baroneza e a assignatura d'ella, firmando o seu assentimento ao acto que vai realisar-se.

O Avante respondeu, levantando a voz:

—V. ex.ª esquece que proferiu palavras offensivas do meu pundonor, e que tenho sempre o direito de exigir uma satisfação de injurias pessoaes!...

—Oh! deixe-me em paz! Retiro tudo quanto me ouviu, que podesse offendel-o ou magoal-o. Retiro; não lhe basta?

—Sobra-me; disse o Avante, mostrando repugnancia e despreso; sobra-me, sim; porque estou arrependido do tempo que perdi, vindo conferenciar com um... pobre homem.

E pegando no chapeu, o capitão cobriu-se na sala, e depois saiu sem ao menos voltar os olhos para aquelle a quem debalde provocára.

O barão teve apenas consciencia de que o capitão Avante finalmente o deixára.

IX

Mistificado

O assentimento da baroneza á proposta de separação facilitava tanto quanto era possivel o triste processo.

Ainda assim alguns dias eram precisos para se ajustarem os artigos de contracto que firmassem os direitos de cada um dos esposos, prevenindo hipoteses de futuras contestações.

O barão de Amorotahy confiou tudo ao seu advogado, limitando-se a duas unicas e positivas recommendações:—dar por motivo da separação a incompatibilidade dos genios de ambos os esposos; e fazer todas as concessões em materia de divisão com absoluta separação de bens para terminar immediatamente o processo.

A apparente generosidade do barão era ainda fallaz.

A primeira recommendação não passava de um usual pretexto para poupar o escandalo para ambas as partes, porque não era imaginavel que a baroneza se prestasse a reconhecer um fundamento em qualquer allegação contra a sua honra.

A segunda fôra determinada pela confiança e impulsionada pela paixão sensual.

O barão conhecia o caracter magnanimo da esposa que verdadeiramente repudiava.

Contava que desdenharia quaesquer negociações relativas á divisão de bens; e elle que sacrificára á voracidade do voracidade do vicio quasi toda a fortuna propria, recentemente e de novo enriquecido por opulenta herança de uma tia, sua madrinha, ficaria ainda muito melhor aquinhoado, cedendo á baroneza, como tinha insinuado com certa jactancia ao advogado, toda a importancia do dote que ella lhe trouxera e toda a riqueza que herdára de seus pais.

O que, porém, impellia o barão era a ancia louca de ultimar a separação para o immediato goso da mulher que adorava.

Obrigado a obedecer ás condições irrevogaveis que lhe impuzera Amalia de Villares, não podendo ir vêl-a em sua casa e render-lhe cultos, porque ella absolutamente lh'o prohibira, o barão ardendo; em impaciencia, achou quasi distracção no que mais podia sorrir á sua paixão, occupado sempre de Amalia de Villares.

Elle já tinha em poucas semanas transformado a *chacara escura* em retiro encantador.

O jardim transformára-se. O pomar perdera o caracter de exploração economica e util á familia, e tomára fórmas pautadas pelas leis da perspectiva, sacrificada a maior utilidade á maior belleza.

Em mais de um ponto pequenas mattas de grandes arvores tornaram-se em bosques sombrios a que a arte deu enlevos e magia.

A limpida corrente foi aproveitada em improvisadas e como provisorias obras de effeito pela combinação harmonica da agua e da luz.

A casa recebeu, tanto quanto lhe podia dar o dinheiro, todo o luxo e o primor do gosto.

Havia sobretudo n'ella uma sala no segundo pavimento, uma sala de dormir, singularmente adornada: leito roseo, paineis, espelhos immensos, mil caprichosos ornamentos.

As largas janellas abriam-se ao perfume das flores que subia do jardim.

Não bastou isso ao barão de Amorotahy: a poder de ouro multiplicou encantos n'aquelle recinto.

A riqueza operou prodigios.

Todos os obstaculos estavam vencidos.

A separação exigida pela mulher apaixonadamente desejada era apenas questão de breves dias.

Surpreza transportadora! Dois dias antes do praso calculado pelo proprio barão consumou-se a separação por consentimento mutuo.

A baroneza tinha favorecido a impaciencia do seu repudiador, ostentando uma indifferença desdenhosa pela separação, e repugnancia a combinações disputadas sobre assunto de interesse material.

O barão ardeu em jubilo; o praso dado para a sua dita almejadissima chegára.

Escreveu immediatamente a D. Amalia de Villares, communicando-lhe o facto, afim de que ella, como se compromettera e ficára convencionado entre ambos, lhe marcasse a hora em que no mesmo dia abandonava a casa do marido.

A carta foi logo remettida.

O barão de Amorotahy estava certo da felicidade que ia fruir.

Calculando porém o possivel furor vingativo do esposo ultrajado, occupou-se em examinar e em pôr bem preparado o seu revólver, e foi vencendo o tempo com outros cuidados adrede attendidos para illudir a ancia da resposta esperada.

O portador da carta apenas gastára o tempo indispensavel para a ida e a volta.

Evidentemente Amalia de Villares, abrasada em paixão, responderia pronta e eloquentemente n'um conciso bilhete.

O criado trazia com effeito uma carta de Amalia de Villares.

O barão pegou na carta com ardor impetuoso. Abriu-a e começou a ler jubiloso; mas pouco e pouco e á medida que adiantava a leitura o seu rosto foi tomando a pallidez da morte. As mãos tremeram e os seus labios quasi de subito se agitaram convulsos.

A carta de Amalia de Villares dizia assim:

«Barão:—O que acaba de effectuar, o acto da sua separação fel-o um pouco por si, e muito por mim, bem sei: o que fez por si foi digno; o que fez por mim foi sublime.

«Adoro-o, barão!

«Mas não é verdade que o sublime fica muito perto do ridiculo? Ah, barão! quizera antes morrer, do que vêl-o caír das alturas do primeiro ao chão sem flôres do segundo.

«Amor como o seu, barão, só o de Hercules; eu, porém, não quero, não hei-de ser Dejanira.

«Palavra de honra que iamos fazer uma irremediavel travessura de crianças.

«Mas hontem, barão,—foi sómente hontem,—enraram-me em casa duas inspirações de sabedoria: ıma foi a minha modista a provar-me um vestido de elludo carmezim para levar ámanhã ao baile do ommendador Peres de Almeida; a outra foi um conite da viscondessa de... para um baile campestre a sua chacara.

«Ora lembrei-me de que sendo sua amante, fehariam para mim as portas da casa do commendador e do palacio da viscondessa.

«Eis a lição da sabedoria.

«Isto póde parecer-lhe frio: a mim abraza-me.

«Tenhamos juizo, barão; o que tinhamos resolvido fazer seria uma loucura.

«E' certo que póde lançar-me em rosto a minha infidelidade ao contrato que firmámos.

«Mas o contrato era leonino.

«O barão perdeu a baroneza; ficou, porém, com todos os seus direitos civis e politicos, com todos os gosos da sociedade que frequentamos.

«Eu perdia o nome de meu marido, os meus direitos de senhora casada, a sociedade cheia de encantos, a côrte de cem admiradores, o baile da viscondessa, e, ao menos por cortezia deve convir em que eu perdia tambem um pouco da tranquillidade da minha consciencia.

«O contrato era leonino.

«Entre em si hoje, como eu entrei em mim hontem.

«No entanto, guarde a certeza de que o amo, e de que não desanimo, antes aspiro a merecer e conservar o seu amor.

«Arda em paixão por mim; adoremos-nos mutuamente; é até poetico pela santidade da innocencia no amor.

«Presinto o enfado que lhe vou causar; mas console-se; dou um beijo n'esta pagina para assim lhe mandar um beijo.

«Sua e toda sua pela alma e pelo coração.—*A. de V.*

«*Post-scriptum.*—Barão, vá ver-me e morrer de amores por mim no baile da viscondessa.»

Quando o barão acabou de ler a carta de Amalia de Villares, já o seu rosto, que nos primeiros momentos tomara uma lividez cadaverica, se acendia em fogo vermelho de despeito e de colera.

Elle murmurou com os dentes cerrados e por entre os labios:

—Mys... ti... fica... dora infame!...

E furioso metteu no bolso da sobrecasaca o revólver, e saiu precipitadamente.

—S. ex.ª vai saír sem levar chapeu? -disse-lhe.

curvando-se o creado, que estava á porta da ante-sala.

O barão levou maquinalmente a mão á cabeça, voltou rapido para a sala que deixara, e pôz-se a andar ao longo d'ella a passos largos e acelerados.

Pensava que reflectia... e desatinava.

No fim de dez minutos uma dôr aguda e penetrante, no ponto já distinto das vertebras forçou-o a sentar-se no sofá, a cujo encosto se apoiou dobrando um pouco o corpo.

—Demonio! exclamou elle

X

Louco ou perverso

O barão de Amorotahy, embora quasi caído no sofá pela dôr que de novo sentira na espinha medullar, achava-se n'aquelle estado de espirito em que a furia das paixões é capaz de transviar a razão.

Relendo, a ranger os dentes, e ás vezes a rir sinistramente a carta de Amalia de Villares; perdida toda a dignidade e baixando a um excesso de ira brutal, acabou por despedaçar ás dentadas—dir-se-ia um cão hidrofobo—o papel assetinado e odoroso.

O barão recebia o merecido castigo.

Mas o procedimento de Amalia de Villares tocava o requinte da perfidia.

A carta que ella mandára era tão longa, e o criado demorára-se tão pouco em a trazer que evidentemente de antemão fôra meditada e escripta e portanto com revoltante premeditação de escarneo.

O barão, ferido pelo mais atroz desengano, enfurecia-se pensando na crueldade fria da mulher que além de se ostentar falsaria, arrojava sobre elle o ridiculo ás mãos cheias, sarcasmos sem medida, rindo com immodesto jubilo por ter conseguido a separação que abatia moralmente a baroneza, sua rival.

Contendo rugidos de féra embraveeida, e traçan-

do na mente projectos horriveis, o barão chegou a tal ponto de exaltação que as suas ideias se confundiam desordenadas, fazendo-o até receiar que se lhe perturbasse a razão.

Compreendendo que precisava de descanço e de cuidados, passou do sofá para o leito; e, não podendo conciliar o somno pelo excitamento das paixões e pela dôr da espinha que se abrandára um pouco mas que ainda o preoccupava muito, fez-se medico de si mesmo, com a experiencia do seu recente tratamento pelo dr. Leoncio.

Mandou que lhe fizessem sobre o ponto affectado da medulla applicações topicas de effeito já conhecido, e tomou internamente cloral em dóse que imprudentemente exagerou.

Mas a exageração apenas lhe dilatou o somno.

O barão dormiu onze horas.

Acordando na manhã seguinte, exultou, sentindo-se livre da dôr, que por diversas razões o affligia, e perfeitamente senhor de seus movimentos, seguro no andar, sem quebra de vigor e de forças.

Mas o somno não lhe aplacára a excitação ardentissima do animo: as paixões despertaram violentas, quando elle acordou.

A raiva ou a insania brilhava-lhe no fulgor febril do olhar, tremia-lhe no rir meio convulso dos labios seccos e gretados, e ainda na precipitação com que se vestiu sem o costumado zelo de elegancia.

O creado serviu o almoço, que elle devorou sem consciencia.

Immediatamente depois o barão, tendo-se certificado de que no bolso da sobrecasaca estava o seu revólver, pegou no chapeu e saiu.

O creado, appreensivo e temeroso ao notar a alteração da fisionomia do amo, seguiu-lhe os passos, e á porta da rua perguntou:

—V. ex.ª permitte que o acompanhe?

—Não! respondeu rispidamente o barão.

Duas vinganças, dous designios criminosos serviam na alma envenenada pelas paixões d'aquelle

homem, que para de todo se perder, gastou uma hora a preparar os meios, a munir-se dos instrumentos necessarios para os attentados que premeditava.

Ao meio dia, entrou em um tilburi, o primeiro vehiculo de praça que n'esse momento passava diante d'elle.

E disse ao conductor com voz quasi rouca:

—A' rua de,.. e depressa.

Os conductores de tilburis em geral são palradores, e era-o muito o do barão; este, porém, ás primeiras palavras que ouviu, impôz-lhe silencio, dizendo iroso:

—Não quero que me fale!

O conductor calou-se logo mas reparou no olhar abrazado do homem que levava no tilburi, e ao contacto do seu corpo sentiu um calor excessivo, anormal.

O barão de Amorotahy tinha febre.

O tilburi avançou e no fim de meia hora pouco mais ou menos entrou na rua que fôra designada.

O conductor disse ao seu homem, e como que a interrogal-o:

—E' a rua de...

—Bem sei onde vou... segue!... respondeu o barão.

Mas quasi logo viu passar em direcção opposta á do tilburi um rico e luxuoso *coupé,* tirado por dous fogosos cavallos de raça.

E dentro do *coupé,* reclinada ia a formosa, fulgente Amalia de Villares.

—Volta!... volta!... acompanha este carro!... disse com ardor o barão, convulsionado de raiva.

O conductor obedeceu; mas o seu miseravel cavallo era absolutamente incapaz de se aproximar dos dois altivos e ardidos animaes que pareciam conduzir com ufanoso fervor a bella e fascinante joven.

O barão excitava debalde o conductor do seu tilburi.

O *coupé* distanciava-se cada vez mais; e, dobran-

do uma esquina, dirigiu-se para a casa que era então exclusiva propriedade e residencia da baroneza de Amor.

O barão sentiu coar-lhe pelo corpo um arrepio geral, e disse com raiva ao conductor:

—Faz correr esse cavallo!

D'ahi a pouco um rir satanico lhe passou pelos labios.

O *coupé* tinha parado á porta da casa da baroneza, e Amalia de Villares mandou pelo trintanario entregar ao porteiro o seu bilhete de visita, no qual por baixo de seu nome escrevera maldosa as seguintes palavras: «Faz-se lembrada á ex.ma sr.a baroneza de Amor.»

Amalia de Villares em apuros de maldade, saboreando a sua vingança, insultava a nobre victima com a ostentação da sua victoria.

Mas Amalia de Villares fizera demorar o seu *coupé* cerca de quatro minutos diante da casa da baroneza.

Fatalidade ou castigo da Providencia?

O tilburi aproximára-se, e o barão, apeando-se rapido, disse ao conductor:

—Segue-nos.

E lançou-se para o *coupé* que ia de novo partir.

Abriu a portinhola, e, saltando para dentro, sentou-se ao lado de Amalia do Villares.

Ao mesmo tempo os cavallos romperam rapidamente, arrebatando o *coupé*.

Amalia soltára uma ligeira exclamação de surpreza ou de espanto; mas immediatamente murmurou com doçura:

—Barão!...

O barão respirava anciado e não respondeu.

D. Villares reparou então no olhar feroz que se fixára no seu rosto: amedrontou-se e disse tremula:

—Perdoa-me, barão?...

E como sabia, que era o demonio do riso, sorriu ainda, e acrescentou no tom o mais terno:

—Amo-o sempre... Verá!...

O barão olhou para o lado, para não ver o sorriso de Amalia de Villares; e, levando a mão a um dos bolsos da sobrecasaca, tirou d'elle um pequeno vidro cheio de liquido branco.

—Que é isso? perguntou Amalia, afastando o corpo, a tremer e julgando o barão dominado por um accesso de loucura.

Mudo, agitado, mas convulsamente expedito, o barão, endoudecido ou malvado, com a mão esquerda conteve pela maxilla o rosto de Amalia de Villares, obrigando-a a apoiar a cabeça no enconto do coupé; e, com a mão direita, manejando o vidro que abrira, lançou-lhe por tres vezes, o liquido branco sobre os labios, cujo sorrir enfeitiçava, e largando o vidro, prendeu-lhe as duas mãos mimosas, que instinctivamente acudiam aos labios.

Amalia de Villares nem pôde gritar; repugnando-lhe a impressão oleoginosa do liquido, e, imaginando-o um violento veneno, que aliás não se propinaria por similhante modo, cerrou fortemente a bôca.

Tudo isso foi obra de breves instantes.

O barão, conservando presas as mãos de D. Villares, e contendo immovel o rosto lindissimo, ficou a olhar, como se o admirasse apaixonado.

Por calculo perverso deu tempo á acção terrivel do liquido que correndo dos labios, caia em gottas sobre o alvejante e formoso peito.

E Amalia de Villares que não sentia dôr alguma, julgava-se bem defendida, cerrando sempre e com força a bôca.

Tremia de medo; não podia bradar por soccorro; e fraca, perdera toda a resistencia que oppunha á pressão da força muito superior, que a escravisava.

Sem a doçura da voz, sem o encanto do sorriso, a infeliz tinha sómente o recurso do seu olhar.

Olhava ternissima, pedindo compaixão e como que cheia de arrependimento, mas, debalde, porque o verdugo conservava-se impassivel.

O coupé continuava a correr puxado pelos cavallos fogosos.

Passados talvez dous minutos, o barão largou as mãos de Amalia de Villares.

Subitamente abriu a portinhola do coupé, atirou-se para a rua, e caiu.

Levantando-se, porém, logo, foi tomar o tilbury que vinha distanciado, dizendo ao conductor:

—Vamos!... depressa!

—Para onde?

O barão reflectiu um instante, e respondeu:

—A' praça da Constituição.

. . . . . .

Amalia de Villares, soltas as mãos, levou logo o lenço aos labios e ao peito; e, enxugando-os bem, abriu emfim a bôca e disse, como se fallasse a alguem:

—Ah!... que louco!

E quasi logo e já sem medo, murmurou meio vaidosa:

—Mas fui eu que o enlouqueci.

Respirava ainda commovida, quando reparou no vidro que o barão deixára caír e que derramára no tapete o resto do liquido.

Amalia de Villares inquietou-se, vendo no tapete uma larga mancha preta.

Não podendo observar os labios, dobrou o pescoço, curvou a cabeça, olhou e viu...

Havia no seu peito alvejante e formoso nodoas negras, como a do tapete.

Tremeu de horror e bradou ao cocheiro:

—Volta para casa... depressa!

Pouco depois, chegando a casa, correu afflictiva para o seu toucador; e, vendo-se ao espelho, gritou consternada:

—Agua! agua! agua!

Tinha os labios completamente pretos.

Amalia de Villares gastou meia hora a banhar a bocca.

Um medico, chamado urgentemente, acudiu apressado; e, depois de ouvir a revelação do atroz attentado, attendendo á informação de que o liquido

não exhalara cheiro algum, que Amalia de Villares sentira um sabor oleoginoso, e observando os effeitos da acção caustica e violenta, reconheceu que o agente quimico empregado pela loucura ou pela malvadez fôra o acido sulfurico concentrado.

Este reconhecimento provou sómente a habilidade do medico; mas não aproveitava a Amalia de Villares, que consternada se desfazia em pranto, chorando a sua belleza perdida.

O barão de Amorotahy vendo-se mistificado vingára-se sceleradamente.

O acido sulfurico tivera tempo de atacar e destruir os tecidos organicos dos labios e do peito.

O medico empenhou-se em consolar a misera Amalia de Villares.

—Não desespere, disse elle;é um caso de queimadura, e as queimaduras curam-se.

—Mas... depois... ah!... depois? perguntou D. Villares, soluçando.

O medico intendeu a pergunta.

Respondeu porém, illudindo-a:

—Hão de cair as escaras, e ficam sãos os labios.

—Oh!... doutor!... diga-me a verdade; ficarão... como eram?

—Assim o espero. Confie em mim. Deus que a fez tão bonita ha de permittir que eu regenere a formosura dos seus labios o feitiço do seu riso.

Mas, feita uma simples applicação sobre as queimaduras, o medico saiu muito apprehensivo e quasi convencido de que inevitaveis cicatrizes afeiariam para sempre os labios de Amalia de Villares.

XI

O ultimo escandalo do barão de Amorotahy

O barão, chegando á Praça da Constituição, apeou-se, despediu o tilbury, e talvez para illudir a curiosidade do cocheiro, entrou no jardim.

Logo depois consultando o seu relogio viu que marcava duas horas e pouco mais da tarde.

Era sem duvida a hora que calculara para execução do ousado e escandaloso projecto, pois que immediatamente seguiu em direcção á rua do Ouvidor.

Aos primeiros passos levou a mão aos bolsos do peito da sobrecasaca e certificou-se de que n'elles tinha os objectos, que premeditadamente tomára.

Estava muito pallido, e mais d'uma vez no seu andar parecera vacillante.

A sua preoccupação era tão grave e dominante que deixou de corresponder ás saudações que lhe dirigiram amigos e conhecidos.

Tendo vencido a curta rua do Teatro e atravessado a praça de S. Francisco de Paula, metteu pela rua do Ouvidor, que n'aquella hora do dia é sempre muito numerosamente frequentada.

Dir-se-ia que escolhera a hora e o lugar para ter na multidão testimunhas do acto que determinára praticar.

Quasi logo deu com os olhos no capitão Avante que casualmente ali estava, tendo-se deixado a conversar com dois officiaes, seus companheiros de gloriosas campanhas.

Salvando a cortezia, devida ao publico, o barão de Amorotahy e o capitão Avante cumprimentaram-se polidamente, mas a distancia de alguns passos, distancia que nem um nem outro procurou vencer.

O barão applaudiu-se em silencio da presença inesperada do capitão Avante, e pouco adiante parou junto da esquina da rua de Uruguayana, ficando a olhar attento, ora para o lado do Teatro Francez, ora para a rua do Ouvidor.

O capitão Avante, que já estava a despedir-se dos camaradas da guerra, vendo que o barão de Amorotahy estacára tão perto d'elle, não quiz retirar-se.

Tendo ido embora os dois officiaes, conservou-se parado no logar onde se achava.

O pundonoroso e irrascivel Avante, não podendo adivinhar as intenções do barão, e lembrando-se do modo arrebatado com que na vespera o provocára, imaginou ou suppôz ver uma ameaça, talvez um mudo insulto na attitude que elle tomára, interrompendo a sua marcha, deixando-se ali immovel, como que a esperar o momento azado para lhe tomar contas.

Imprudente e irritavel como era, bastava-lhe a simples suspeita de uma indicação desafiadora para lhe incendiar o animo.

A persistencia do barão parado e quasi defronte d'elle, inflammou-lhe os brios.

Incapaz de dominar-se, avançou irado para interpellar o supposto offensor.

Mas não teve tempo.

O barão de Amorotahy acabava n'aquelle mesmo momento de fitar os olhos no homem que viera encontrar e tirou rapidamente de um dos bolsos da sobrecasaca um azorrague.

Mario de Villares tinha saido do teatro Francez e vinha acompanhando de perto uma artista do Alcaçar, ostentando fulgurante luxo.

E tão embebido na gentileza e nas artificiosas graças d'aquella dama estava Mario de Villares, que nem viu o barão de Amorotahy, que o esperava de latego em punho.

O capitão Avante refreou o seu inconsiderado movimento.

O barão, com os labios nervosamente dilatados, abertos, convulsos, com os dentes cerrados e alvejantes, olhava furioso.

Quando Mario de Villares se approximou bastante, o barão de Amorotahy exclamou:

—Assassino cobarde!

E cinco vezes, successiva e aceleradamente, azorragou o rosto de Mario.

O offendido, tomado de surpreza, recuou ao violento e inopinado ataque.

O barão atirou-se a elle. Com desmesurada força

lançou-o por terra, calcou-lhe a cara aos pés e levando a mão ao bolso, tirou de dentro o seu revólver.

O capitão Avante correu em soccorro de Mario.

Mas não teve tempo.

O revólver acabava de cair da mão inerte do barão que, soltando involuntario e pungente gemido, titubeou e tombou prostrado, como que sem alento.

Tudo isso se passou n'um momento...

Acudiram dezenas de curiosos.

Mario de Villares, ferido e com o rosto banhado em sangue, ergueu-se desesperado de raiva e de desforço, precipitando-se sobre o misero barão já caído.

Mas o capitão Avante recebeu nas suas mãos de ferro o corpo arrojado de Mario, e sustendo-o agarrado pelos braços, disse:

—Agora é tarde, senhor! O ultraje foi enorme; mas o offensor já não póde defender-se.

Mario de Villares, surdo á razão e cego de ira procurou arrancar-se das mãos do Avante e atirar-se sobre o corpo inerte do barão.

—Contenha-se! exclamou o capitão.

E já colerico acrescentou:

—Defendo o cadaver do barão! Não quero que toque n'elle!

Mario de Villares conseguiu desprender-se das mãos do Avante, deu um passo para traz, en'um furioso impeto lançou-se de novo contra o seu offensor já moribundo, ou ao menos desmaiado.

Perdendo então a paciencia, que aliás era dubia ou muito fraca entre as suas nobres qualidades, o capitão Avante aferrou pelos hombros Mario de Villares, sacudiu-lhe o corpo duas vezes fortemente e com impulso energico atirou-o para diante e longe de si, fazendo-o ir cambaleando cair a dez passos de distancia.

E curvando-se, generoso e commovido, para levantar nos seus braços o barão de Amorotahy que parecia morto, o Avante disse ao numeroso ajunta-

mento de gente que já o cercava, separando-o completamente de Mario de Villares:

—E' favor dizerem áquelle animal, a quem acabei de repellir, que me tem agora ás suas ordens. Sou o capitão Brazilio, ou, como mais conhecido, o capitão Avante.

XII

O segredo da morte

O capitão Avante acabava de defender apenas um corpo quasi cadaver.

Mario de Villares não pôde ou não ousou arrostar de novo a intervenção generosa do Avante, e desappareceu no meio da enchente de curiosos que acudiram e acudiam ao lugar do conflicto.

Apresentaram-se quasi logo alguns amigos do barão de Amorotahy, cujo corpo já descançava nos braços do capitão.

A's primeiras e estereis lamentações que ouvi o Avante disse com um pouco de mau modo:

—Uma padiola valeria muito mais do que tod essas choradeiras!

—Tem mil vezes razão observou um medico qu chegára e que procedera a rapido exame do barã

Em vez de uma padiola trouxeram uma carruagem.

O medico que já tinha conhecimento da molestia, de que o barão escapara contra a espectativa geral, e que acabava de receber do Avante completas informações do que se passára, olhou para a carruagem, e encolhendo os hombros murmurou:

—E' indifferente...

O barão de Amorotahy que respirava apenas foi cuidadosamente accommodado na carruagem, sustido por dois dos seus amigos e pelo capitão Avante, que não se quiz negar á exigencia do seu concurso.

Mas, ou por ignorancia da casa que o barão to-

mára provisóriamente, e por urgencia do caso, ou por explicavel perturbação em circunstancias tão angustiosas, um dos dois amigos indicou ao cocheiro a rua e o numero da casa onde morava a baroneza de Amorotahy, já divorciada.

O capitão Avante não fez observação alguma; emquanto, porém, a carruagem seguia vagarosa elle reflectiu nas delicadezas da sua situação.

Até áquelle momento desde o conflito, em que finalmente tomára parte, o seu procedimento fôra digno e honroso; mas a sua presença na casa da baroneza poderia ser inconveniente.

O barão afigurava-se-lh› proximo da agonia; mas se ainda voltasse á vida e á consciencia, embora por breve tempo, era provavel que, suspeitoso e ciumento ao vêl-o perto de sua esposa, recebesse uma commoção muito nociva.

E, ainda no caso provavel do passamento pouco demorado do barão, o Avante pensou que a calumnia feroz responsabilisaria a baroneza que com a sua presença insultaria a agonia e o cadaver do marido. Chegando á porta da casa da baroneza, o capitão Avante, que se conservára triste e silencioso, apeou-se da carruagem, tomou em seus braços herculeos o corpo do barão, entregou-o com apuro de cuidados para não o magoar aos dois amigos e aos creados, que immediatamente se apresentaram, e disse:

—Praza a Deus que se salve ainda esta vez a vi-
. do senhor barão.

Saudou os dois companheiros do curto e caridoso trajecto, e deixou-os, partindo a pé em retirada.

Uma hora depois, o barão de Amorotahy que fôra conduzido para o seu antigo aposento particular que tão injusta e cruelmente despresara para fugir á esposa, estava prostrado e moribundo no leito.

Em pé, diante do barão, ás vezes a andar inquieto pela sala, em desesperança manifesta, o dr. Leoncio que fôra logo e a toda a pressa chamado, tinha na sua tristeza e no olhar desanimado escripta a sentença fatal.

A' cabeceira do moribundo um padre de respeitavel aspecto murmurava baixinho orações, esperando o começo do transe.

Sentada no leito e amparando em seu colo a cabeça do barão, a esposa divorciada inclinava o rosto banhado em lagrimas para o rosto marmoreo do marido que a repudiára.

Dez a doze amigos do barão uns de pé, outros sentados, conservavam-se a curta distancia, rodeando o leito lugubre.

Era geral e profundo o silencio quebrado apenas pelo susurro muito leve das orações do padre e pelo tique-taque do relogio.

A baroneza de Amorotahy já não era a amante apaixonada do esposo, como havia bem poucas semanas o tinha sido.

O repudio ingratissimo que soffrera e logo depois a separação que o barão lhe impozera, tinham alterado consideravelmente os seus sentimentos para com elle, e arrefecido o seu ardente amor.

Ao vêr, porém, moribundo o marido por quem tanto padecera, esquecido o resentimento, só teve um coração para anciar de dôr que se desafogava em lagrimas.

Os amigos do barão observavam a pobre senhora uns perplexos na sua opinião, outros julgando-a hipocrita.

O barão respirava ainda, mas oppressa e ás vezes irregularmente: não lhe tinham voltado nem a voz, nem o movimento: sómente as palpebras se moviam, abaixando-se e levantando-se morosas e pesadas.

De subito estremeceu todo em convulsão, agitando-se fracamente.

Ao mesmo tempo a baroneza convulsionou tambem, o padre levantou-se, o medico aproximou-se e tomou o pulso ao moribundo, e as outras pessoas presentes avançaram para o leito.

O medico murmurou:

—Vai acabar.

A baroneza exclamou:

—Meu Deus!

O padre disse:

—Uma vela! uma vela! Oremos pelo agonisante!

O barão de Amorotahy abriu os olhos e, arregalando-os medonhamente, rodeou com elles a sala.

Como se a tivesse reconhecido e procurasse alguem, foi olhando em torno.

Fitou um momento o medico; passou a lugubre vista pelos amigos—viu e pareceu considerar o padre que lhe apresentava um crucifixo, e em voz baixa lhe dirigia extremos conselhos de contricção e de fé.

Immediatamente, como tomado por violenta contracção, dobrou a cabeça para traz e fixou os olhos esbugalhados no rosto da esposa que repudiara.

Então a sua face já decomposta pareceu reanimar-se; os musculos labiaes agitaram-se-lhe em convulsivo tremor.

Esforço inutil!

O infeliz queria talvez fallar á baroneza e não podia fazel-o; tinha na alma, na consciencia talvez alguma declaração a fazer-lhe, algum profundo sentimento a revelar, mas essa declaração e esse sentimento estavam condemnados a ser um segredo da morte.

N'esse horrivel tormento, n'essa ancia de fallar sem o conseguir, o barão indicou um perceptivel movimento com as mãos que não pôde levantar.

A sua afflicção pronunciou-se mais viva e patente no rosto desfigurado.

Os seus olhos sempre fixos na misera esposa radiaram a tremer horrivelmente nas orbitas.

A baroneza não resistiu á fixidez apavoradora d'aquelle olhar.

Soltou um gemido e desmaiou, caindo para um lado da cabeceira do leito.

E logo após o gemido da esposa, o barão de Amorotahy, desfazendo a curva em que arqueára a cabeça, cerrou os olhos, e morreu.

. . . . . .

. . . . . .

A maledicencia não poupou a «baroneza de Amor» nem no seu primeiro dia de viuvez.

Não obstante o testimunho do padre, do medico, e de alguns dos amigos, a tormentosa agonia do barão foi referida e commentada aleivosamente.

Propalou-se que pouco antes de expirar fixára no rosto da infiel esposa um demorado olhar fulminador, e que morrera em desespero por não poder fallar, para fazer um extremo voto, que seria sem duvida—o da sua maldição lançada á «baroneza de Amor».

O barão com effeito levára para a sepultura o segredo dos seus ultimos sentimentos que afflictivo quizera e não pudera declarar.

Era o segredo da morte.

Não revelado, ficára sendo misterio.

O dr. Leoncio assegurava que, aggravada por abalos moraes profundos e por grandes esforços e commoções fisicas, a affecção da medulla tinha attingido o cerebro, fazendo caír o barão ao golpe de uma fortissima congestão, e que não podia ter havido o que chamavam «segredo da morte», a quem necessariamente faltava a consciencia no estado de completa perturbação das faculdades intellectuaes.

Mas que não fosse assim, que o medico errasse embora...

A consciencia de grandes e numerosas culpas, a lembrança da traição de Amalia de Villares, o natural arrependimento de injustiças feitas á esposa, e emfim o violento esforço que o barão já na agonia fizera, procurando a baroneza, a cujo collo estava, indiciariam antes um ardente e desesperado empenho de quem moribundo devia naturalmente querer pedir e receber consolador e suave perdão...

O barão, porém, morrera sem poder fallar.

Levára comsigo o segredo da morte.

E, para castigo da esposa que por loucos ciumes durante longos mezes se fingira namoradeira e se exposera á lingua dos maldizentes todos diziam que o «segredo da morte» do barão de Amorotahy era—a maldição da «baroneza de Amor».

FIM DA QUARTA PARTE

Conclusão

I

Os circulos elegantes e aristocraticos da cidade do Rio de Janeiro tinham de uma só vez e ao mesmo tempo perdido duas das suas mais lindas frequentadoras.

A *baroneza de Amor*, viuva, fugira, desapparecera de todo.

Amalia de Villares, que já não era o *demonio do riso*, pois que nos seus labios as queimaduras tinham deixado, embora pouco profunda, uma desengraçadora cicatriz, seguira para a Europa em companhia de seu desamoroso e desamado marido, a quem a lembrança dos golpes de azorrague, e o geral despreso publico levaram a ausentar-se para o estrangeiro.

. . . . . .
. . . . . .

II

Depois de um anno de viuvez passado em longinquo e absoluto retiro, a *baroneza de Amor* mostrou-se inopinadamente n'uma noite de opera lirica italiana em um camarote de primeira ordem do Teatro de D. Pedro II.

Reapparecia linda como fulgira nos seus dias de felicidade e de encanto.

O seu rosto que as afflicções tinham acabado por desbotar, rehouvera o matiz da flor da mocidade, e mais insinuante e enlevador se tornára por uma suave expressão de melancolia.

A toilette de luto dava realce maior á brancura da sua tez, e nos seus modos e no seu parecer havia um brando acento de gravidade serena que embellezava ainda mais a sua graça natural.

Na cidade, onde tanto brilhára e soffrera, estava já tão esquecida, como se tivesse morrido ha dez annos.

Nem os admiradores se lembravam da sua belleza, nem os maldizentes, dos seus erros.

A propria inveja inimiga déra a um anno de ausencia o perdão que se concede á morte.

O effeito que por isso mesmo produziu o reapparecimento da baroneza, foi extraordinario, e nos primeiros momentos produziu quasi que uma commoção electrica.

Centenas de vozes murmuraram baixinho a um só tempo:

—A *baroneza de Amor*!

E todos os olhos se fitavam n'ella a contemplal-a enlevados.

Este grande movimento que era um verdadeiro triunfo, bem facilmente podia despertar a inveja adormecida.

III

Dez dias depois do fallecimento do barão de Amorotahy, a joven viuva retirara-se para Teresopolis com sua tia D. Margarida, deixando apenas a algumas pessoas de particular e distinta amisade bilhetes de despedida, em que nem indicara o lugar do retiro, nem o tempo da ausencia.

N'essa despedida tão simples não disséra, mas parecera dizer:—*adeus para sempre.*

Era com effeito essa a ideia então predominante da

A dôr da viuvez não lhe mirrara o coração.

Os ultimos e desabridos ultrajes com que o esposo a atirara á ceva da calumnia, e a diffamação quasi auctorisada, tinham apagado as chammas do seu amor.

A furia dos seus detractores, por vingança de pretenções repudiadas e o odio das suas rivaes por inveja só lhe mereciam despreso.

Não a abatiam e muito menos a prostravam vencida. Havia, porém, uma implacavel potencia que perseguia e atropelava a baroneza, zombando do seu orgulho e trucidando-a incessantemente.

Era a opinião publica que a fogo vivo lhe imprimia no seio o ferrete da sua condemnação.

Não podendo convencer de injustiça, nem escapar aos tormentos da sentença terrivel d'esse tribunal inflexivel e supremo, a baroneza fugia desesperadamente da sociedade.

IV

A *baroneza de Amor* tinha errado muito nos seus frenesis de ciumes; um dia, porém, o conselho da virtude acendera na sua alma a luz do arrependimento.

Então quiz, tentou rehabilitar-se no conceito publico; mas ninguem acreditou na lealdade da arrependida.

Tinha-se fingido adultera e ostentara-se namoradeira por impetos de ciumenta vingança; nunca, porém, descera a um real rebaixamento infamante.

Julgando-a, porém, pelas apparencias, a opinião geral declarou-a esposa criminosa.

Nunca se ennodoara com nenhuma fraqueza aviltadora; e todavia reputavam-a indigna e repetidamente ennodoada.

Peccára por desatinos do seu amor que era santo e que endoudecera ferido pela ingratidão e pela escandalosa infidelidade do esposo; e todos a accusavam de perversões adulteras.

Na sociedade em que fulgurára, tinha sido rainha pela belleza e pela virtude; e ficára apenas uma bella incensada por turibulos que a faziam córar.

Era horrivel.

Coração despedaçado, orgulho rebatido, descredito e martirio de calumnias, e mais horrivel que tudo—rehabilitação impossivel!

V

A *baroneza de Amor* fugiu desesperada da cidade cruel que a condemnava e jurou a si mesma desapparecer para sempre da sociedade que lhe negava as honras e os cultos devidos á virtude.

Profundamente orgulhosa, tendo perdido a primazia entre as primeiras, só se submetteria a ser igualada ás primeiras; mas negava-se altivamente a vêr-se confundida entre as menos estimadas que são as ultimas.

Fugiu.

Teresopolis deu-lhe a saude, proporcionou-lhe o socego do espirito, a regeneração do viço e do esplendor da juventude, toda a formosura dos seus saudosos dezoito annos de idade.

Passava horas contemplando-se ao espelho; mas era só ella a adorar-se, quando tinham sido tantos a adoral-a poucos annos, poucos mezes antes!

A vaidade e a juventude são na mulher muito avidas e exigentes de cultos.

A *baroneza de Amor* immensamente vaidosa aspirava sempre a adorações, como as que gosára no tempo feliz da sua juventude, em belleza, em elegancia, e em pudicicia.

Mas o sceptro estava quebrado: a rehabilitação, baldadamente reclamada, mostrára-se impossivel.

O orgulho não se abatia.

A *baroneza de Amor* ficou e quiz permanecer em Teresopolis, adorando-se ao espelho.

VI

Um dia veiu um dôce e puro voto de amor procurar na sua solidão a bella e voluntaria desterrada.

O capitão Avante, ardendo na mais viva chamma, desde que já não lhe era defeso amar a baroneza, esperou quatro mezes, respeitando a recente viuvez da querida senhora.

Procedeu depois conforme o seu caracter franco e recto, fogoso e positivo.

Em breve e facilmente descobrira o retiro da baroneza.

N'uma aprazivel manhã estava a linda e joven viuva a rever-se ao espelho, quando lhe apresentaram uma carta do Avante rendendo cultos de amor.

O capitão escrevia-lhe com simplicidade e clareza. Lembrava e repetia a declaração do seu amor: exaltava-se aspirando á gloria de esposo; e pedia com fervorosa exigencia ou animadora esperança a permissão de ir pessoalmente ajoelhar-se a seus pés em Theresopolis, ou um desengano leal que lhe marcasse outro destino.

A carta tinha alguns pontos de nitidez e de energia rude, mas tambem de apaixonado abrazamento. Era a carta do caminho mais curto.

VII

A baroneza nunca tinha amado, não amava o capitão Avante; devia-lhe porém muito, admirava a magnanimidade do seu caracter, e a pureza dos seus sentimentos, e nenhum outro homem subira tanto na grandeza de sua estima.

Não podia acender-lhe a doce luz de esperança de amor; mas tambem não tinha animo para o fulminar com o desengano.

A mulher é ainda nas innocentes illusões que urde, nas negativas que habilmente dissimula nos desenganos que suavisa com a doçura da meiguice

a santa consoladora do homem, a quem estima sem poder amar.

A baroneza respondeu assim ao capitão Avante:

«Meu amigo:—Martir de amor, fiquei a ter medo do sentimento que foi o meu algoz. Não venha, pois, em arroubos de esperança pedir-me aquelle affecto que fez o tormento da minha vida; mas venha com a amizade pura aditar-me o coração agradecido. Venha!—*Baroneza de Amorotahy.*»

VIII

O capitão Avante não tardou em ir ajoelhar-se aos pés da baroneza.

Incapaz de fingir, insistiu nas suas pretenções, pedindo á joven e linda viuva o «sentimento a que ella creára medo».

Receiosa de offender o seu tão dedicado defensor, a baroneza não ousava repellil-o claramente; e, recorrendo a evasivas, animou-o, sem o querer fazer.

Em um mez, o capitão Avante, apaixonado, solicitante e fervoroso, foi quatro vezes em visita de teimoso empenho ao bello retiro de Teresopolis.

A baroneza não o desenganava; elle perseverava.

IX

O capitão Avante, desde a primeira vez em que se apresentou como franco e amoroso pretendente á mão da baroneza, teve por si a mais decidida protectora na boa e virtuosa D. Margarida.

—E's joven e formosa, dizia ella á sobrinha; porque te condemnas ás tristezas da viuvez, e da solidão? — Este mancebo è digno de ti, e ama-te com extremo; é Deus que t'o envia; aceita-o, e volta com elle á sociedade que era o teu encanto e que radiava com a tua belleza.

A rude senhora, sem que o calculasse, fazia vi-

brar a corda mais forte do coração da vaidosa baroneza.

E o amor do capitão era immenso, instinctivamente magnanimo e como providencial para salvar a victima barbaramente condemnada.

O capitão Avante dava á «baroneza de Amor» a plena confiança asseguradora de uma estima baseada no conhecimento da sua innocencia.

Exaltava-a, não lembrando jámais o descredito injusto que a deprimia.

Era escrupulosamente melindroso em pontos de honra e de pundonor, e offerecia-lhe a egide do seu nome.

Era irascivel e bravo; e tão famosamente brioso, altivo, e de impetuosa valentia, que o mais audacioso maldizente não se atreveria a murmurar uma palavra desrespeitosa em allusão a sua esposa.

Tudo isso era muito; o que, porém, sobretudo enchia amplamente a alma da «baroneza de Amor» era o sublime, o perfeito contraste do desconceito, da reprovação implacavel que a desesperavam; era a confiança absoluta, que o capitão Avante depositava na sua virtude; era o magnanimo, angelico despreso, com que elle esquecia as calumnias diffamadoras, que tinham corrido contra a baroneza de Amorotahy.

O capitão Avante adorava-a como uma santa martir.

Embora em furia de odios e de invejas se repetissem os aleives que ultrajavam a baroneza, o capitão Avante não a abateria jámais, dando-lhes importancia, que magoasse de leve o seu orgulho de senhora altiva e de dignidade delicadissima.

O capitão Avante era, por todas as suas qualidades, o homem que a podia reerguer, era o seu elemento providencial da rehabilitação que ella julgara impossivel.

X

A baroneza pouco e pouco se foi abalando pela força d'essas considerações; mas resistiu sempre, sem confessar a natureza dos sentimentos que determinavam a resistencia.

O capitão Avante, como se tivesse adivinhado o segredo da vaidade, que por ultimo animava e mantinha a reluctancia da baroneza, disse-lhe um dia tristemente, no fim de mil protestos de amor:

—Oh, minha senhora. V. ex.ª não m'o diz, mas sente-o, e eu nem ouso protestar: desposando-a, eu poderia tudo para a tornar feliz; ha, porém, duas cousas que eu não posso. Não posso apagar as cicatrizes que afeiam o meu rosto; e não posso conservar-lhe o seu titulo de nobreza.

A baroneza, confundida e enleiada, córou fortemente, e quasi logo respondeu palpitante de commoção:

—Deixarei de ser baroneza... para ser sua esposa.

XI

O capitão Avante, em transportes de amor e de gratidão, submetteu-se reverente ás exigencias decorosas da baroneza que aprazou o seu casamente para o termo de um anno de viuvez.

Eram seis mezes a esperar ainda.

A baroneza passaria esse tempo no seu doce retiro de Teresopolis: o capitão guardaria zeloso o segredo da sua proxima ventura, e, sem amiudar visitas, iria algumas vezes render culto á sua bella amada.

E o tempo foi passando.

Em suavissimas horas de expansões e de enlevos, o capitão Avante revelou-se quasi um homem novo em melindres de sentimento e em formosura de coração e belleza d'alma.

A baroneza applaudiu-se feliz; arrebatou-se em

admiração das qualidades e do caracter do seu noivo; sentiu-se sublimada pelo amor que inspirava, glorificando-se *rehabilitada* pela confiança perfeita e illimitada do homem que ia desposar.

Mas, sempre vaidosa, sonhou, prelibou esplendidos triunfos na sociedade que a maltratára tanto, e que de novo em breve havia de prestar-lhe adorações.

XII

A baroneza mostrára-se louvavel pelo decoro, não querendo passar a segundas nupcias antes de terminar o anno de luto e de viuvez; e dera boa prova de prudencia, impondo a manutenção do segredo do casamento ajustado, e a restricção das visitas do Avante ao seu retiro de Teresopolis.

Chegou, porém, a hora das inspirações da vaidade, e a prudencia falhou.

A baroneza quiz que o seu casamento fosse celebrado brilhantemente na cidade, d'onde aliás tinha fugido magoada e resentida; quiz n'ella reapparecer bella, refulgente nas vesperas de segundas nupcias que davam testimunho do poder de seus encantos e da estima e confiança que merecera de um homem reconhecidamente brioso e de escrupulosa honestidade.

Quiz e foi obedecida.

A sua vontade era a lei do capitão Avante, e a velha D. Margarida era como uma mãi cega, servindo os caprichos da sobrinha.

XIII

A *baroneza de Amor*, a incorrigivel vaidosa exultou, presenceando a commoção triunfal que produzira ao reapparecer inopinada no teatro de Pedro II.

A noticia do seu casamento com o capitão Avante espalhou-se logo; deixára de ser segredo.

Dentro de um mez a baroneza de Amorotahy chamar-se-ia sómente Irene Brazilia.

Os gracejadores mudaram-lhe a dôce alcunha; em vez de *baroneza de Amor,* começaram a chamal-a —a *linda Avante.*

Esperando o casamento, a vaidosa que triunfára, reapparecendo uma noite no teatro aos olhos dos antigos admiradores, quiz e foi tambem reluzir no baile.

Radiava formosura, esplendor, elegancia, felicidade.

Triunfou no baile, como triunfára no teatro.

Mas despertou a inveja adormecida.

A' falta de erros, a inveja diffamadora corria avida ao pasto dos factos passados.

Foi ultrajada com recriminações dos seus antigos namoros audazes.

XIV

Os écos da maledicencia e da detratacção chegaram aos ouvidos da baroneza que, orgulhosa e soberba, os desprezava.

Exaltada com a certeza da estima e da confiança absoluta do capitão Avante, já estava segura de que este confundiria os seus aleivosos diffamadores, ufanando-se de ser seu esposo.

E ella ufanava-se tambem por assoberbar assim a inveja e a maledicencia.

Sem essa ultima segurança e sem aquelle immenso poder de estima com que o capitão Avante, plenamente confiado na sua virtude, havia de rehabilital-a no conceito de todos, impondo-a ao respeito dos seus proprios e indignos abocanhadores, nunca a baroneza teria acceitado a proposta do casamento que ia realisar.

XV

Os écos da maledicencia e da detractação chegaram igualmente aos ouvidos do capitão Avante.

Não houve quem ousasse fazer-lhe ouvir a mais leve insinuação offensiva da honra da senhora que em breve seria sua esposa.

Todos pelo contrario o felicitavam, encarecendo os dotes e merecimentos que altamente a distinguiam.

Mas a maldade cobarde, assassina invisivel, multiplicava cartas anonimas, atassalhando n'ellas a victima, e enxovalhando com infame ridiculo o pundonoroso cavalheiro que ia desposal-a.

O capitão Avante exasperava-se por não poder descobrir o autor, ou algum dos autores das cartas anonimas e perversas.

Reconhecia em todas ellas o veneno da calumnia; por isso mesmo firmava ainda mais a confiança que depositava na baroneza; mas, a pesar seu, a impressão cruel dos aleives e das injurias feria-lhe o coração.

Cada uma das malvadas cartas era queimada; a calumnia, porém, ficava ainda na cinza, a que se reduzia o papel.

A baroneza nem um só dia, nem um só momento pôde conjecturar, ou sentir as furias de leão ferido que ferviam na alma de seu noivo.

Junto d'ella e rendido a seus pés, o capitão Avante era todo amor, arrebatamento de felicidade e de encanto.

XVI

Escondendo mal sepulto no coração o segredo que não podia communicar ao melhor dos amigos, sem grande vexame proprio, e sem expôr ludibriada a senhora que teria em breve o seu nome, o capitão Avante achava-se abandonado ás susceptibilidades e extremos melindres da sua natureza.

Tinha ouvido a confissão ampla e completa dos grandes tormentos e dos erros da baroneza de Amorotahy, em impetos de freneticos ciumes do esposo perfido

Sabia até que ponto ella se deixara comprometter com o seu plano insensato, e admirava-a virtuosa pela continencia, com que ainda no mais vivo incendio da paixão delirante, evitára, nobre e honesta, a queda de que a mulher não póde mais levantar-se.

Nos proprios desatinos a que se lançára ciumenta, a baroneza de Amorotahy dera a extrema prova do poder da sua virtude.

O capitão Avante exultava com a certeza de tudo isso.

Porém, a sua inabalavel confiança não bastava para livrar a baroneza do descredito que a calumnia propalava.

Elle queimava, reduzia a cinzas as cartas anonimas; mas os miseraveis que as escreviam, certamente murmuravam a meia voz, vendo-o passar; e, livres de sua presença, diziam alto horriveis injurias que ultrajavam a baroneza e que o açoutavam no pelourinho de zombaria e de escarneos atrozes.

O capitão Avante começava a ter medo de si.

No teatro, no baile, ou na rua, se alguns fallavam em tom de confidencia, ou de segredo, se alguem se sorria casualmente, estando elle perto, as confidencias e o riso affiguravam-se-lhe insultos, e só á força do immenso tributo pago ao decoro e ao respeito que devia á baroneza continha os impetos de uma provocação.

Reconhecia que, casado com a bella e digna senhora, assim mal julgada e martir de aleives, um simples murmurar que lhe parecesse suspeitoso de offensa cobarde, um riso que indiciasse escarneo, o levariam a excessos de desaffronta, que poderiam impellil-o até o crime.

Mataria o homem que ousasse negar preito e homenagem á virtude de sua esposa.

XVII

E a *baroneza de Amor*, vaidosa da sua belleza, vendo certa a sua rehabilitação no conceito geral pelo seu casamento com o homem brioso que a exaltava pela confiança, pela estima e pelo despreso confundidor dos seus detractores, nem ao menos se lembrava de que durante alguns mezes tinha deixado, por loucas apparencias, de *parecer* honesta.

Não via que a sociedade exige que a mulher não sómente seja, mas *pareça* sempre honesta.

XVIII

Tudo estava disposto e preparado; mais cinco dias de anciosa espera e soaria emfim a suspirada hora da celebração do casamento.

Ao doce declinar da tarde mais bella o capitão Avante chegou a casa da baroneza.

Na manhã d'esse dia elle tinha recebido ainda uma carta anonima, escripta com endemoninhado calculo para ferir, como punhal envenenado.

A carta, cheia de atrozes calumnias denegridoras da *baroneza de Amor* terminava assim:

«*Só a riqueza d'essa mulher indigna explica o ignominioso rebaixamento do homem que a vai desposar, vendendo-lhe o seu nome.*»

O golpe offendeu terrivelmente a fibra mais delicada do coração do capitão.

O Avante tragou horas de fel e de raiva, refervendo concentradamente.

Passou o dia mais triste encerrado no seu quarto; mas, vendo approximar-se a noite, apressou-se a ir inebriar-se de amor e de encantamento, adorando a linda martir de scelerados aleives.

A baroneza estava no jardim reclinada n'um banco de relva, respirando as perfumadas e suaves auras da tarde e em tão delicioso enlevo, que parecia em extasis, ou meio-adormecida.

O capitão Avante approximou-se e ajoelhando-se beijou-lhe a mão.

A baroneza sorriu.

—Dormia no meio das flôres? perguntou o Avante.

—Dormir não dormia; mas com certeza sonhava.

—Ah! Sonhava?

—Com o nosso primeiro baile. O seu amor veio reacender-me a vaidade: de hoje a cinco dias, o casamento que me assegura a felicidade e me dará gloria; e de hoje a um mez, o nosso primeiro baile. Quero que me vejam ufana e muito amada! Quero que o vejam desvanecido de sua esposa!

O capitão Avante ainda de joelhos e beijando a mão da baroneza, disse-lhe:

—Foi o dia dos sonhos.

—Tambem sonhou?... Diga.

—Tambem.

—Com o nosso primeiro baile?

—Confesso que não. Tive um sonho mais terno... e talvez mais sensato.

—Quer saber? Não creio que a sensatez se envolva em sonhos de ternura; mas... que sonho foi esse... terno e ao mesmo tempo sensato?

O Avante respondeu commovido:

—Sonhei com a minha inexcedivel ventura pelo nosso casamento de hoje a cinco dias; e, como na manhã seguinte, larga do porto do Rio de Janeiro um vapor da linha de Liverpool, sonhei-me transportado de amor e de jubilo, seguindo com a minha formosa esposa para a Europa, e adorando-a incessante e apaixonadamente ao longe, livre e sem saudades d'esta cidade... ruim.

A baroneza sentiu invadir-lhe o seio a algidez da morte.

Reprimindo, porém, a impressão dolorosa que recebera, sentou-se no banco onde estava meio-reclinada, e perguntou docemente:

—E' uma proposta, meu querido Avante?

Na voz um pouco tremula da baroneza, o capitão percebeu o mau effeito que produzira a sua ideia de immediata partida para a Europa e logo arrependido e receiando causar a mais ligeira magua á sua bella amada, respondeu-lhe branda e affectuosamente dissimulado:

—Sonhar não é propôr; mas emfim... visto que houve dois sonhos, prefiro realisar o sonho do anjo, o do nosso primeiro baile.

—Obrigada! disse a baroneza sorrindo.

E depois de breves momentos de reflexão, mostrando-se alegre na sua deliciosa expressão fisionomica, a baroneza disse ao capitão Avante, que ainda se conservava ajoelhado junto d'ella:

—E' sempre o mesmo homem, o magnanimo prototipo da generosidade e da abnegação que lhe sublimam o amor!

E estendendo os braços e offerecendo-lhe as mãos para o levantar, acrescentou em tom apaixonado e ardente:

—Capitão Avante! Juro-lhe que agradeço a Deus por o ter encontrado no caminho da minha vida! Devo-lhe muito mais do que amor; devo-lhe a estima que sómente á virtude se tributa! Ainda que a fatalidade ou adversa fortuna nos separasse para sempre, nunca o seu nome se apagaria no meu coração!

E com um rapido movimento, a baroneza beijou tres vezes e fervidamente as mãos do capitão Avante, que ella conservava presas entre as sua

XIX

No outro dia pela manhã o capitão Avante foi afflictivamente surpreendido pela seguinte carta da baroneza:

«Meu amigo:—Errei muito, quando em impetos de louca vingança, fingindo o que não era, comprometti a minha reputação de esposa casta. Errei tanto que não pude mais rehabilitar-me no conceito publico.

«O seu amor veio dar-me alguns mezes de dôces illusões; hontem, porém, reconheci na invenção do seu sonho, que sómente por abnegação e com sacrificio do seu exaltado brio ousaria o capitão Avante arrostar a condemnação do meu passado, vivendo n'esta cidade casado comigo.

«Não me queixo: mas em minha dignidade, ou se o quizer, em meu orgulho, impossivel me é aceitar por marido um homem que se julgue vexado em o ser n'esta cidade ou em qualquer outro logar do mundo.

«Quando receber esta carta, já eu terei partido... para sempre... e nem sei ainda para onde.

«Adeus, meu dedicado e optimo amigo! Adeus!

«Perde-me e eu perco-o; juro-lhe, porém, q[illegible] morrerei viuva... e honesta.

«E' enorme e horrivel o meu infortunio; mas si[illegible]va elle ao menos de lição e de exemplo *ás minha[illegible] tristes irmãs*, as esposas amorosas, castas e infelizes que, pobres martires, se deixam possuir e arrebatar pelo demonio do ciume.—*Baroneza de Amorotahy.*»

XX

O capitão Avante correu afflictivamente a casa da baroneza e encontrou fechadas todas as portas e janellas.

Os visinhos informaram-o da partida, que se lhes affigurára precipitada, de toda a familia, ao romper do dia.

O Avante seguiu immediatamente para Teresopolis, mas ali nem ao menos recolheu noticias da bella fugitiva.

Gastou mezes em pesquizas estereis; esperou dois annos, mas debalde.

A *baroneza de Amor* desapparecera, como um meteoro que se extingue no espaço.

Ninguem pôde descobrir o segredo do seu destino: viajando por longes terras, ou escondendo-se

em asilo misterioso no seio da patria, a *baroneza de Amor* que levára comsigo a velha e estremosa tia, fugira, como a ave que vôa espavorida, sem deixar nos ares vestigios de sua passagem.

O desengano apagou emfim as esperanças do capitão Avante.

Um dia abraçou o dr. Olimpio e disse-lhe:

—Doutor, retiro-me ámanhã para a Bahia.

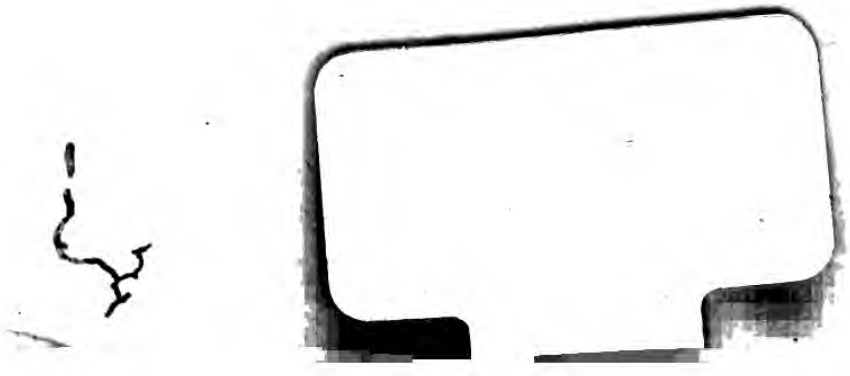
—Oh! e porque partes, meu Avante? perguntou-lhe o amigo.

—Porque esperei viver aqui no céo, e estou vivendo no inferno, respondeu o capitão.

E acrescentou logo, dominando uma vivissima commoção:

—Doutor!... *lá na guerra* era mais facil, era muito melhor.

FIM

Sonia S. Almeida
21.12.84

842496